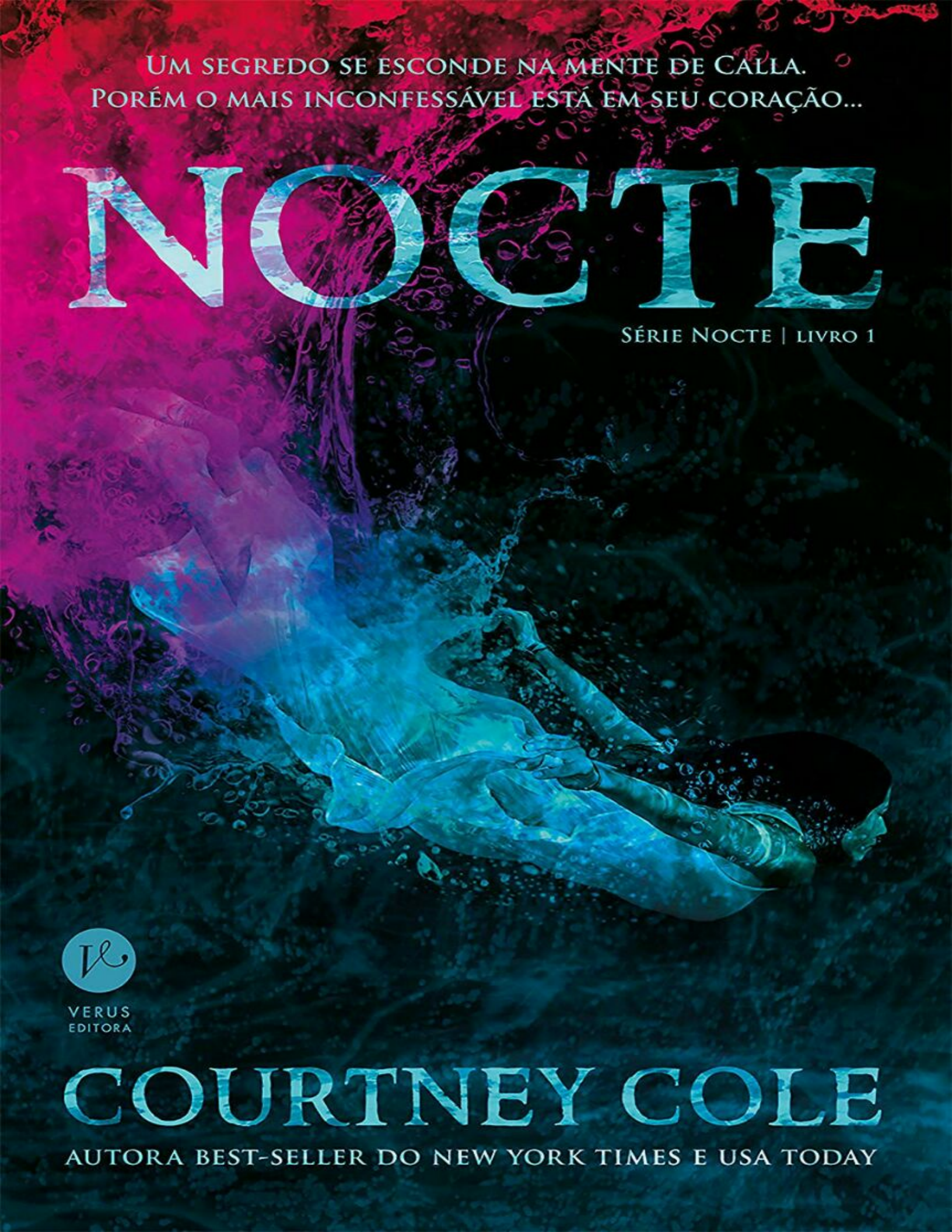
Um segredo se esconde na mente de Calla.
Porém o mais inconfessável está em seu coração...

NOCTE

Série Nocte | livro 1



VERUS
EDITORA

COURTNEY COLE
AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES E USA TODAY

COURTNEY COLE

NOCTE

SÉRIE NOCTE
LIVRO 1

Tradução
Mauricio Tamboni



VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa, projeto gráfico e diagramação
André S. Tavares da Silva

Foto da capa
Anna Om/iStockphoto (mulher)

Título original
Nocte
The Nocte Trilogy, book 1

ISBN: 978-85-7686-370-0

Copyright © Courtney Cole, 2014
Todos os direitos reservados.
Edição publicada mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Edição original publicada por Lakehouse Press, Inc.

Tradução © Verus Editora, 2018
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C655n

Cole, Courtney
Nocte [recurso eletrônico] / Courtney Cole; tradução Mauricio Tamboni. – 1. ed. – Campinas, SP: Verus, 2018.
recurso digital (Nocte; 1)

Tradução de: Nocte: The Nocte Trilogy, book 1
Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-370-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Tamboni, Mauricio. II. Título. III. Série.

18-50496

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Os insones sabem que há algo especial na noite.
Uma escuridão, uma energia, um mistério.
Ela esconde as coisas ao mesmo tempo em que as ilumina.
É essa coisa
que nos permite examinar nossos pensamentos
de maneira que não conseguimos fazer durante o dia.
É *essa coisa* que traz verdade e clareza.

Este livro é para Tristan.
Meu filho, a quem transmiti a insônia.
Sempre confie em sua própria mente.
É você quem melhor a conhece.

À noite, sou livre.
Meus monstros, ninguém os ouve além de mim.
Mas minha liberdade é frágil,
Porque toda manhã,
Repetidas e repetidas vezes,
A noite é interrompida
pelo sol.
É uma boa forma de morrer.

— REGISTRO ANTIGO DO DIÁRIO DE FINN PRICE

Não consigo, não consigo, não consigo
ouvir
Não consigo ver
a luz.
Não mais.
Calla, Calla, CALLA, CALLA
Me salve, se salve.
Me salve
SERVA ME, SERVABO TE
ME SALVE e eu vou te SALVAR.

— REGISTRO MAIS RECENTE DO DIÁRIO DE FINN PRICE

Não existe nada tão assustador quanto a decadência da mente humana a caminho da insanidade.

— CALLA PRICE

Segredos. Todo mundo tem.

— DARE DUBRAY

Sumário

Prefácio

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

PREFÁCIO

Em certo momento, considerei não escrever esta história. Era sombria demais, confusa demais, demais, *demais, demais, demais*.

É claro que mudei de ideia. Porém, antes disso, eu a reescrevi de quatro maneiras, tentando torná-la diferente, mais palatável, mais leve.

Não funcionou.

Então retomei a ideia original, aquela que eu adorava. A ideia com a qual sonhei e vivi e respirei até alcançá-la da forma como eu queria, do jeito que *tinha de ser*.

Sei que vocês são capazes de ler essa ideia. Sei que são capazes de se recuperar quando tudo chegar ao fim. Tenho fé em vocês.

Se esta história é sombria?

Sim.

Se é confusa?

Às vezes.

Se é um tapa na cara?

Sem dúvida.

Se ela vai fazer você virar as páginas, tentando chegar a uma conclusão, tentando chegar ao clímax, tentando respirar?

Deus, espero que sim.

Escrevi esta história da forma como ela tinha de ser escrita. Não podia suavizá-la. Não podia diluí-la. Esta história é assim porque exige

ser assim.

E não me arrependo.

PRÓLOGO

Meu nome é Calla Price. Tenho dezoito anos e sou metade de um todo.

Minha outra metade — meu irmão gêmeo, meu Finn — é louca.

Eu o amo. Mais que a vida, mais que tudo. E, embora eu tenha medo de que ele possa me levar pelo mesmo caminho, ninguém além de mim pode salvá-lo.

Estou fazendo tudo o que posso para não me afogar em um mar de insanidade, mas a cada dia afundo um pouco mais. Então, tento me agarrar a uma tábua de salvação.

Dare DuBray.

Ele é meu salvador e meu anticristo. Em seus braços eu me sinto segura, sinto medo, sinto que pertenço e que estou perdida. Ele vai me curar, me arrasar, me amar e me odiar.

Ele tem o poder de me destruir.

Talvez não tenha problema nisso. Porque aparentemente não posso salvar Finn *e* amar Dare sem que todo mundo saia ferido.

Por quê? Por causa de um segredo.

Um segredo que eu fico tão ocupada tentando desvendar que não enxergo o que está bem diante de mim.

E você também não vai enxergar.

I

CALLA

— Antes —

Lá fora, o céu noturno, sem nenhuma estrela, escancara-se enormemente além da lua cheia, que cria sombras aqui embaixo. Aqui dentro, essas sombras parecem se unir umas às outras, criando mãos que arrastam seus dedos estilhaçados pelas paredes escurecidas do salão.

Minha mãe insiste em chamar a sala de jantar de "salão". Desde que aprendeu o termo, quando esteve na França anos atrás, usá-lo a faz se sentir sofisticada. E, como vivemos em uma funerária no topo de uma montanha isolada no Oregon, meu pai a deixa se sentir sofisticada da forma como ela quiser.

Porém, sofisticada ou não, ela não está aqui nesta noite. Está a caminho do clube do livro para tomar vinho e jogar conversa fora, alheia ao fato de que todo o meu mundo acaba de implodir. E, como meu pai e meu irmão também não estão em casa, estou sozinha.

Sozinha e com o coração partido.

Ainda assim, não *exatamente* sozinha. Estou aqui, em uma funerária escura, com dois corpos na sala de embalsamamento do meu pai.

Normalmente, isso não seria grande coisa. Quando seu pai é agente funerário, você aprende a dormir sob o mesmo teto onde os mortos repousam.

Mas esta noite, com o temporal fazendo as árvores se inclinarem sobre a casa e chiarem e sem eletricidade por causa do vento, a situação é alarmante e sombria e meio assustadora.

Meu pé fica batendo na lateral da cadeira, um sinal claro de que estou agitada. Fico irritada com a minha própria agitação, mas, francamente, mereço estar irritada.

Tudo na minha vida estava de cabeça para baixo.

Dou uma olhada na direção da janela e observo os penhascos. Rochas irregulares tentando alcançar o céu, criando uma imagem assombrosa que só faz lembrar que estou muito isolada aqui, no topo da montanha. E lá fora está mais claro do que aqui dentro, o que é inacreditável.

Não sei por que estou com medo de ficar sozinha, mas o fato é que estou. Um terapeuta diria que é porque Finn e eu somos irmãos e porque eu nunca precisei estar sozinha em toda a minha vida. Afinal, até mesmo o útero eu dividi com alguém.

Foi por isso que, durante o jantar, meus pais disseram que acham que Finn e eu deveríamos estudar em instituições diferentes. E devo dizer que não concordo. Aliás, discordo *fortemente*. Finn precisa de mim porque não é como eu. O simples pensamento de estarmos separados faz meu coração palpitar, e eu sei que preciso tentar conversar sobre isso com a minha mãe.

Agora.

Independentemente do que mais esteja acontecendo comigo ou do que eu venha a descobrir esta noite, Finn sempre virá em primeiro

lugar.

Pego o telefone e digito com força o número da minha mãe, porque ela está sozinha no carro, sem distrações. Não terá nada com que se concentrar além do que eu estou dizendo. Talvez isso signifique que ela finalmente vai me ouvir.

O telefone toca uma vez e ela já atende.

— Oi, Calla. Está tudo bem, meu amor?

Depois do bombardeio que jogou na gente esta noite, ela parece surpreendentemente alegre.

— Tudo. O temporal me deixou sem energia elétrica, mas eu estou bem. Mãe, escuta... *o Finn não pode ficar sozinho*. Ele precisa ir comigo. Estou falando sério. Você não entende como isso é importante. — *Porque eu não posso te explicar por telefone.*

Deslizo o olho pelo diário de Finn, deixado sobre a mesa. Se meus pais soubessem de uma parte das informações ali, as frases esquisitas em latim, as palavras riscadas, a loucura, eles não demonstrariam tanta resistência ao que estou dizendo.

Mas eles não sabem, afinal respeitam a privacidade de Finn, por isso estão firmes em seu anseio de nos forçar a ser independentes.

Agora minha mãe suspira, porque esse é um argumento batido, do qual ela já está cansada.

— Você sabe o que nós pensamos sobre isso — ela insiste. — Eu entendo que você queira proteger o Finn. E eu adoro esse seu lado protetor, mas, Calla, ele precisa viver sem isso, e você também. Você precisa ter a sua própria vida, sem cuidar do seu irmão o tempo todo. Por favor, acredite. Nós sabemos o que é melhor.

— Mas, mãe — tento argumentar. — Depois de tudo o que aconteceu esta noite com... Algo aconteceu esta noite. E, mais do que

nunca, eu não posso deixar o Finn. Eu o conheço melhor do que qualquer um.

— O que foi que aconteceu? — minha mãe logo pergunta, curiosa. — Aconteceu alguma coisa com...

— Nada que eu queira falar pelo telefone — interrompo-a com um tom cansado. — Eu só... Eu quero que você me prometa que vai pensar sobre o Finn e eu ficarmos juntos. Por favor. Eu sou parte dele e ele é parte de mim, e ser gêmeo é isso. Ele pode ser diferente de mim em uma coisa, mas nós somos iguais em milhões de outras. Ninguém o entende como eu. Ele precisa de mim.

Minha mãe suspira outra vez.

— É justamente disso que eu estou falando, meu amor — ela explica com delicadeza. — Sobre *aquela* diferença que há entre vocês. Pense outra vez naquele dia, no dia em que nós descobrimos. E me diga outra vez o que aconteceu.

Agora sou eu quem suspira, porque meu coração está dolorido e não quero falar disso. Talvez ligar para ela tenha sido uma má ideia.

— Você sabe o que aconteceu — digo, desanimada.

— Faça o que eu pedi — ela insiste com firmeza.

— Estávamos brincando de capturar a bandeira no jardim de infância — digo, relutante, como se estivesse recitando as palavras de um livro. Se fechar os olhos, ainda posso sentir o cheiro forte do chão sujo do ginásio. — O Finn estava correndo com a bandeira na mão.

Seus braços e pernas esguios voavam, os cabelos úmidos grudavam na testa.

— E depois?

Meu peito se aperta um pouco.

— Depois ele começou a gritar. E correr em outra direção. Não estava mais brincando. Mas gritava sobre demônios que o perseguiam.

— E o que mais? — a voz da minha mãe expressa compaixão, mas continua muito firme.

— E o meu nome. Ele gritava o meu nome.

Ainda posso ouvi-lo gritando o meu nome com a voz estridente, a voz infantil e penetrante e desesperada.

Caaaaaallllllaaaaaaa!

Porém, naquele dia, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, meu irmão escalou uma corda até o teto para fugir dos demônios.

Os demônios.

Foram necessários quatro professores para fazê-lo descer.

Ele não descia nem por mim.

Depois disso, passou duas semanas internado e foi diagnosticado com transtorno esquizoafetivo, uma terrível combinação de esquizofrenia e bipolaridade. Desde então, vem tomando remédios. E desde então é perseguido por aqueles malditos demônios.

É por isso que ele precisa de mim.

— Mãe — murmuro desesperadamente, porque sei aonde ela quer chegar com isso.

Mesmo assim, ela é inflexível.

— Calla, ele chamou o *seu nome*. Porque ele *sempre* chama por você. Eu sei que é uma coisa de irmãos gêmeos, mas não é justo com nenhum dos dois. Você precisa ir para a faculdade e descobrir quem é além de ser irmã do Finn. Ele tem que fazer a mesma coisa. Eu juro que nós não estamos fazendo isso para punir ninguém. Estamos agindo assim porque é o melhor a fazer. Você confia em mim?

Fico em silêncio, sobretudo porque minha garganta parece quente e contraída e eu não consigo falar por conta de toda a frustração.

— Calla? Você confia em mim?

Como minha mãe é insistente.

— Sim — respondo. — Sim, eu confio em você. Mas, mãe, isso não é problema para mim. Porque, quando o Finn toma os remédios, ele é quase normal. Ele fica bem.

Quase. Houve apenas alguns episódios de surto. E alguns períodos de depressão. E algumas desilusões.

Fora isso, ele fica bem.

— Tirando os momentos quando ele não está bem — minha mãe responde.

— Mas...

— Sem "mas", Calla — ela me interrompe outra vez, rápida e eficiente. — Filha, nós já falamos muito sobre isso. Agora eu preciso desligar. Esqueci os óculos de leitura, então estou voltando para casa para pegá-los. Mas está chovendo muito, então eu preciso me concentrar no trânsito...

Ela se interrompe com um grito.

Um grito estridente, alto, agudo. Que quase perfura meu tímpano e que, antes que eu possa entender, é interrompido. E aí me dou conta de que ouvi outra coisa ao fundo.

O barulho de metal e vidro amassando e estilhaçando.

E depois o silêncio.

— Mãe?

Não ouço resposta, só um silêncio pesado.

Minhas mãos tremem enquanto espero o que parece ser uma eternidade, mas não passa de um segundo.

— Mãe? — insisto, agora com medo.

E nada.

Sinto a espinha gelar, os arrepios se formando nos braços, porque, de alguma forma, eu sei que ela não vai responder.

E estou certa.

Minha mãe morreu enquanto gritava, enquanto o metal se retorcia e o vidro estilhaçava. A equipe do resgate diz que, quando a encontrou na base do desfiladeiro, ela ainda estava com o celular na mão.

2

CALLA

— Depois —

Astoria tem cheiro de morte.

Pelo menos para mim.

Material de embalsamamento. Cravos. Rosas. Lírios. Essas coisas se misturam à brisa marinha e ao cheiro dos pinheiros que entra pelas janelas, formando um coquetel olfativo que, na minha opinião, tem cheiro de velório. É adequado, imagino, considerando que eu moro em uma funerária. E que minha mãe morreu recentemente.

Tudo me lembra um funeral porque estou cercada pela morte.

Ou pela *mortem*, como diria Finn. Nos últimos dois anos ele desenvolveu uma obsessão por aprender latim. Não sei por que, já que se trata de uma língua morta. Ou talvez por aqui isso faça todo o sentido do mundo.

Por outro lado, meu irmão só faz sentido às vezes. Deveríamos estar estudando para entrar na faculdade, mas ele só se interessa por escrever em seu diário, aprender latim e pesquisar informações mórbidas sobre a morte.

Seu diário.

Só de pensar naquele caderno surrado com capa de couro, já sinto a espinha gelar. É uma prova tangível de quão insanos os pensamentos dele podem ser. Por causa disso (e porque prometi a ele que agiria assim), não abro aquele diário para bisbilhotar.

Hoje em dia, não.

Aquelas páginas me dão muito medo.

Com um suspiro, olho pela janela do meu quarto, olho para ele, no gramado da funerária. Daqui, posso ver Finn e meu pai trabalhando no paisagismo, com o corpo inclinado e exposto ao sol matinal do Oregon enquanto arrancam ervas daninhas dos canteiros de flores que cercam a casa.

Os braços de Finn são magros, a pele, pálida. Ele puxa as raízes e joga as ervas em uma pilha de plantinhas murchas. Observo-o por um minuto, não com olhos de irmã, mas com os olhos objetivos de alguém que poderia o estar vendo pela primeira vez.

Meu irmão é esguio e elegante, com os cachos castanho-claros casualmente dispostos como uma auréola. Seus olhos são azul-claros, o sorriso amplo e vivo, e ele tem a beleza de um artista.

Sabe o tipo de artista que se esquece de comer porque é muito apaixonado pelo trabalho... e, como se esquece de comer, é magro, com músculos rígidos, todo ossudo. Mas Finn é bonito, doce e peculiar.

E não estou dizendo isso porque nós somos gêmeos.

Nós não nos parecemos em nada. A única coisa que temos em comum é a cor de pele creme e a forma do nariz, reto, adunco, levemente arrebitado na ponta. Fora isso, eu tenho olhos verdes e cabelo ruivo escuro, como o da nossa mãe.

Nossa mãe.

Ignoro o nó que se forma em minha garganta quando penso nela e tento desesperadamente afastá-la da minha mente. Imediatamente. Porque, sempre que penso nela, só consigo me lembrar do meu papel em seu acidente. Se eu não tivesse ligado... Se ela não tivesse atendido... estaria aqui agora.

Viva e respirando.

Mas não está.

O peso ameaça esmagar meu peito, então, em vez de me concentrar na culpa que me cega, foco em me vestir. Porque focar em algo, me concentrar na monotonia, às vezes me distrai e me afasta da dor.

Às vezes.

Visto minhas roupas, prendo o cabelo em um rabo de cavalo e desço com passos pesados a escada de mogno reluzente que, por acaso, tem a mesma cor do caixão da minha mãe.

Meu Deus, Calla. Por que tudo tem que levar você de volta a isso?

Ranjo os dentes e forço minha mente teimosa a pensar em outras coisas, mas é difícil quando se vive em uma funerária. Especialmente conforme saio da parte privada da casa e entro na área pública.

Tudo o que posso fazer é manter os olhos fixos no que há à minha frente.

Porque, embora ainda não tenha ninguém aqui hoje, há, neste corredor, duas salas onde os defuntos ficam expostos. Há um corpo em cada uma, dispostos da melhor forma para seus conhecidos olharem.

Estão mortos, obviamente, com discos de plástico atrás das pálpebras para mantê-las fechadas, e uma base pesada no rosto para lembrar a cor que tiveram durante a vida. Não funciona, devo dizer.

Pessoas mortas não parecem adormecidas, como todo mundo gosta de dizer. Elas parecem mortas, porque estão mortas. Coitadinhas. Eu me recuso a ficar boquiaberta por elas. A morte decepa a dignidade das pessoas, mas eu não preciso ser aquela que segura a faca.

Doze passos depois, já passei pela porta e estou respirando fundo, deixando para trás os fortes odores da funerária e inalando o ar fresco. Dois passos e estou andando pela grama coberta de orvalho. Meu pai e Finn erguem o olhar, então param o que estão fazendo quando percebem que acordei.

— Bom dia, homens! — grito, com uma alegria falsa.

Porque minha mãe me ensinou a fingir uma coisa até ela se tornar realidade. Se você não está se sentindo bem, finja que está e, em algum momento, você vai ficar bem. Ainda não funcionou comigo, mas mantenho a esperança.

Finn sorri, deixando marcada a covinha em sua bochecha esquerda. Eu sei que ele também está fingindo, pois ultimamente nenhum de nós tem vontade de rir.

— Bom dia, preguiçosa.

Abro um sorriso (falso).

— Dormir até as dez não é fácil, mas alguém precisa fazer isso. Querem que eu vá buscar café?

Meu pai nega com a cabeça.

— Nós, que acordamos no horário normal, já estamos cafeinados.

Reviro os olhos.

— Bem, quer que eu leve o Finn à terapia em grupo para compensar a minha preguiça?

Ele balança a cabeça e sorri, mas o sorriso não transparece em seus olhos. Porque também é falso. Exatamente como o meu. Exatamente como o de Finn. Porque todos nós somos fingidores.

— Na verdade... — Ele me encara, avaliando minha aparência e meu humor. — Seria ótimo. Vou receber uma pessoa hoje, então eu vou ficar preso aqui.

Com "uma pessoa" ele quer dizer um corpo para embalsamar, e com "hoje" deve se referir a algum momento próximo, pois já está se ajeitando e limpando as mãos.

Rapidamente concordo, disposta a fazer qualquer coisa para dar o fora deste lugar.

Anos vendo corpos entrarem e saírem desgastam qualquer um. Já vi de tudo... vítimas de acidentes, idosos, natimortos, crianças. Com as crianças é mais difícil, mas, no fim das contas, é sempre difícil. A morte não é algo em que as pessoas querem pensar, e ninguém quer viver cercado por ela.

Meu pai pode ter escolhido essa profissão, mas eu certamente não escolhi.

E é por isso que eu sempre prefiro levar Finn à terapia.

É algo que minha mãe costumava fazer, pois insistia que era melhor para Finn ter alguém para acompanhá-lo, para o caso de ele querer "conversar" no caminho para casa. Ele nunca quer, então eu acho que ela só ia buscá-lo para ter certeza de que ele realmente ia ao hospital. De qualquer forma, mantivemos a tradição.

Porque as tradições nos acalmam quando todo o resto já foi para o inferno.

— Claro. Posso ir. — Olho para Finn. — Mas eu dirijo.

Finn me lança um sorriso angelical.

— Enquanto você dormia, eu falei que hoje sou eu quem dirijo. É o preço que se paga por ser preguiçosa. Sinto muito.

O sorriso claramente diz "não sinto nada". E, dessa vez, não é falso.

— Tanto faz. Quer tomar um banho antes?

Ele nega com a cabeça.

— Vou me trocar rapidinho. Só um minuto.

Finn sai trotando e eu o observo pela quinquagésima vez, notando como ele se parece com nosso pai. Mesma altura, mesma estrutura corporal, mesma cor de pele. Meu pai parece mais gêmeo dele do que eu.

Nosso pai também o observa antes de olhar para mim.

— Obrigado, filha. Como vai hoje?

Ele não quer saber como eu vou levar meu irmão, mas como estou me sentindo. Ciente disso, dou de ombros.

— Bem, eu acho.

Exceto por este maldito nó que não deixa minha garganta. Exceto pelo fato de que, sempre que me olho no espelho, vejo a minha mãe, então preciso lutar contra a necessidade de arrancá-los das paredes e jogá-los no precipício. Tirando isso, estou bem.

Olho para o meu pai.

— Talvez a gente devesse se tornar judeu para poder sentar Shivá e não ter que se preocupar com mais nada.

Por um instante, meu pai parece chocado. Depois, esboça um leve sorriso.

— Bem, a Shivá só dura uma semana, então não ajudaria muito a esta altura.

Nada vai nos ajudar muito a esta altura. Mas não digo isso.

— Bem, então acho que não vou precisar cobrir os espelhos.

Infelizmente.

Agora meu pai sorri, e me parece um sorriso um pouco verdadeiro.

— É. E também vai ter que tomar banho. — Ele faz uma pausa. — Sabe, tem um grupo de apoio ao luto que também realiza os encontros no hospital. Você deveria ir dar uma olhada enquanto espera o Finn.

Já estou negando com a cabeça. Sem essa. Ele precisa desistir de tentar me fazer ir a uma dessas reuniões. Pior do que afundar na dor, só dividir um barco salva-vidas com outras pessoas que também estão se afogando. Além disso, se tem alguém aqui que precisa de um grupo de apoio ao luto, esse alguém é meu pai.

— Melhor deixar pra lá — digo a ele, pela milésima vez. — Mas, se eu mudar de ideia, procuro o tal grupo.

— Tudo bem. — Ele cede facilmente, como sempre. — Acho que entendo. Você também não quer falar sobre o assunto. Mas talvez um dia desses...

Sua voz fica no ar e eu sei que ele está arquivando a ideia em uma das pastas "um dia desses" existentes em sua cabeça. Pastas que guardam coisas como limpar o armário da minha mãe, tirar suas roupas sujas do banheiro, guardar os sapatos e a jaqueta dela. Coisas desse tipo.

Já se passaram seis semanas desde a morte dela e o meu pai ainda mantém as coisas intocadas, como se esperasse que ela pudesse chegar em casa a qualquer instante. Ele sabe que isso não vai acontecer, afinal ele mesmo embalsamou o corpo e nós a enterramos em um caixão de mogno reluzente, mas é claro que seria insensível da minha parte apontar isso.

Então, dou um abraço nele.

— Te amo, pai.

— Também te amo, Cal.

Por sobre o ombro dele, meu olhar congela em uma pequena construção de alvenaria coberta por hera no caminho até a casa principal. Analiso a estrutura por um instante antes de deixar o abraço de meu pai.

— Você já chegou a alguma conclusão sobre o que fazer com a cocheira?

No ano passado, meus pais reformaram a cocheira e a transformaram em um apartamento para ter uma renda extra, mas ainda estavam tentando encontrar um inquilino quando minha mãe morreu. Nos últimos tempos, Finn e eu viemos nos empenhando em convencer meu pai a deixar um de nós morar lá.

Ele nega com a cabeça.

— Sabe, não é justo ter que escolher um de vocês. Vou colocar para alugar.

Eu o encaro como se ele agora fosse uma criatura com duas cabeças.

— Sério? Mas...

Mas que desperdício de um espaço recém-reformado.

Meu pai continua inabalável.

— Além disso, no outono você e o Finn vão se mudar para a faculdade. Seria um dinheirinho extra. E, de qualquer forma, era o plano desde o começo.

Continuo atordoada.

— Tá, boa sorte para encontrar alguém que queira morar ali.

Bem ao lado de uma funerária e de um crematório.

— Se souber de alguém, por favor, avise — meu pai insiste, ignorando meu pessimismo.

Só consigo zombar:

— Você sabe que eu não conheço ninguém.

Não entro em detalhes sobre a situação deprimente da minha vida social, que não existe e nunca existiu. Isso é algo que sempre preocupou meus pais, embora Finn e eu nunca tenhamos ligado. Sempre tivemos um ao outro.

Com os cabelos molhados, meu irmão desce a escada e interrompe nossa conversa.

— Como eu estava fedendo a chulé, tomei o banho mais rápido do mundo — anuncia, enquanto passa por nós. — De nada.

— Dirija com cuidado — meu pai grita desnecessariamente conforme entra em casa.

Por causa da forma como minha mãe morreu, entre metal retorcido e fumaça de pneu, meu pai não gosta nem de nos *ver* dentro de um carro, mas entende que é uma necessidade da vida.

Mesmo assim, prefere não ver.

Tudo bem. Todos nós temos nossos truques mentais para deixar a vida mais suportável.

Eu me sento no banco do passageiro, aquele que meu irmão e eu dividimos, e olho para Finn.

— Como você dormiu?

Porque, em geral, ele não dorme.

É um insone inveterado. À noite, sua mente é naturalmente mais ativa que a de uma pessoa comum. Ele não consegue encontrar uma forma de desligá-la. E, quando dorme, Finn tem pesadelos terríveis, se levanta e se arrasta para a minha cama.

Porque é a mim que ele procura quando está com medo.

É uma coisa de gêmeos. E as crianças que costumavam nos provocar por sermos esquisitos adorariam saber cada detalhe, tenho certeza. *A Calla e o Finn às vezes dormem na mesma cama. Não é asqueroso?* Elas jamais entenderiam como somos reconfortados simplesmente por estarmos perto um do outro. Não que o que elas pensam tenha alguma importância, não mais. É provável que jamais voltemos a ver aqueles insuportáveis.

— Mal pra caralho. E você?

— Também — murmuro.

Porque é verdade. Não sou insone, mas tenho pesadelos. Pesadelos vívidos, da minha mãe gritando e vidros quebrando e o celular em sua mão. Em todos os sonhos, posso ouvir minha própria voz gritando seu nome, e, em todos eles, ela nunca responde.

Dá pra dizer que sou um pouco torturada por isso.

Finn e eu ficamos em silêncio, então encosto a cabeça no vidro e olho pela janela enquanto ele dirige, observando o cenário pelo qual vivo cercada desde que nasci.

Apesar do meu tormento interior, devo admitir que nossa montanha é linda.

Estamos cercados por verde e vida, por pinheiros e samambaias e floresta exuberante. O verde vibrante se espalha pelos enormes gramados, pelos jardins floridos, indo até a beirada dos penhascos, onde abruptamente se torna vermelho e terroso.

Na verdade, acho um bom simbolismo. Verde significa vida, vermelho é perigo. Vermelho são os penhascos sinuosos, as luzes de aviso, o sangue espirrando. Mas verde... Verdes são as árvores e as maçãs e os trevos.

— Como se diz "verde" em latim? — pergunto, distraída.

— *Viridem* — ele responde. — Por quê?

— Por nada.

Olho pelo retrovisor e vejo uma casa desaparecendo ao longe.

Enorme e vitoriana, ela se sustenta orgulhosa no topo desta montanha, empoleirada no limite do penhasco, com o pináculo cutucando as nuvens. É bonita e graciosa e, ao mesmo tempo, gótica e sombria. Afinal, é uma funerária no fim da estrada em uma montanha. É um filme de terror esperando para acontecer.

Última funerária à esquerda.

Meu pai vai precisar de um verdadeiro milagre para conseguir alugar a pequena cocheira, e eu sinto uma leve pontada de culpa. Talvez ele realmente precise do dinheiro, e eu o fico pressionando para entregar a chave a meu irmão ou a mim.

Desvio o olhar, afastando-o da casa, afastando-o da minha culpa, e admiro o oceano. Vasto e cinza; a água pune as rochas na encosta, espancando-as várias e várias vezes. A bruma se ergue da água, formando uma névoa pela praia. É bonito e misterioso, assustador e pacífico.

Mas também é uma prisão que me mantém aqui, sob estas nuvens baixas.

— Você já desejou poder se mudar para outro lugar? Tipo, *muito* longe? — devaneio em voz alta.

Finn olha para mim.

— Berkeley não é longe o suficiente para você?

Dou de ombros.

— Não sei. Estou falando de um lugar *muito* distante. Como a Itália. Ou a Escócia. Acho que seria legal. Sair daqui, deixar para trás

tudo o que nós conhecemos.

As lembranças.

As pessoas que nos acham esquisitos.

Tudo.

O rosto de Finn fica sem expressão.

— Cal, você não precisa dar a volta ao mundo para se reinventar, se é o que você quer. Pode fazer isso na Califórnia. Mas eu não acho que precise mudar. Está ótima desse jeito.

Claro. Ser conhecida como "a menina da funerária" é ótimo. Mas Finn está certo. Ninguém vai saber disso na Califórnia. Posso recomeçar lá, como começaria em qualquer lugar do mundo. Não vou me ver cercada por mortos, e as pessoas não vão ficar perguntando "como está se sentindo?" o tempo todo.

Ficamos em silêncio e eu continuo olhando pela janela, pensando na faculdade e em como será minha vida nova. Desde que meu pai concordou que Finn e eu devemos permanecer juntos, não há nada que me cause medo. Ir para a faculdade me deixa animada. E eu vou poder ter muitos sapatos caros e pashminas. Não sei o que exatamente são pashminas, mas parecem algo sofisticado, então preciso tê-las.

— E então?

O tom insistente de Finn me afasta dos meus pensamentos. Ele claramente está esperando uma resposta.

— Então o quê?

— O pai decidiu? Sobre a cocheira? A gente poderia dividir, você sabe. Estou cansado de cheirar a formaldeído o tempo todo.

Sério. Eu não saberia dizer quantas vezes ouvi meninas sarcásticas no colégio sussurrando, quando passávamos, piadinhas antigas como "sinto o cheiro de gente morta". Sempre quis dizer a elas para

deixarem de lado os filmes antigos e criarem algo original, mas é claro que nunca fiz isso. Para elas, eu era a menina da funerária. Só que eu nunca lhes dei o prazer de saber que suas palavras me magoavam.

— A gente não cheira a formaldeído — asseguro a Finn.

Cheiramos a flor. Flor de velório. Não é muito melhor.

— Fale por si — ele resmunga. — A gente pode morar lá ou não?

Dou de ombros.

— Parece que o pai vai alugar a cocheira.

Finn me encara por um instante antes de voltar a olhar para a rua.

— Sério? Eu não sabia que a gente estava tão duro assim. Tem o dinheiro do seguro de vida da mãe e o dinheiro da funerária.

— Fazer faculdade custa caro — murmuro.

Porque é a única explicação na qual consigo pensar, além de talvez meu pai querer seguir algum plano que bolou com a minha mãe. Finn assente, afinal é uma resposta aceitável. É claro que mandar dois filhos para a faculdade custa muito.

Ficamos em silêncio outra vez enquanto percorremos o restante do caminho e seguimos assim ao atravessar os corredores estéreis do hospital, nossos tênis rangendo ao se esfregarem no piso encerado.

— A gente se encontra aqui em uma hora — Finn diz casualmente, como se estivesse indo às compras em vez de ir conversar sobre sua doença com outros doentes.

Como sempre, meu irmão carrega sua cruz como um campeão.

Assinto com a cabeça.

— Vou estar aqui.

Porque sempre estou.

Ele segue seu caminho sem olhar para trás, desaparecendo na sala de terapia. Enquanto o observo entrar, não consigo não pensar, pela

milésima vez, que eu também poderia ter nascido com transtorno esquizoafetivo. É um pensamento que me faz sentir pânico e culpa ao mesmo tempo. Pânico porque às vezes ainda me preocupo com a possibilidade de desenvolver a doença do nada. E culpa porque era eu quem deveria ter nascido com isso. Finn é uma pessoa melhor do que eu.

Fui a primeira a nascer, a maior, a mais forte... independentemente disso, Finn é mesmo *melhor*. É divertido, sagaz e inteligente, e sua alma é das mais gentis do mundo. Era ele quem merecia ser saudável.

Ele, não eu. Eu sou sarcástica e grosseira.

Às vezes a Mãe Natureza faz coisas erradas.

Encontro um banco ali perto, no saguão iluminado pelo sol, me ajeito sob a pintura abstrata de um pássaro e pego um livro. Ficar com a cara enfiada em um livro tem dois efeitos.

Primeiro, deixa claro para as pessoas que não estou a fim de bater papo. Francamente, é raro eu estar; e depois afasta o tédio enquanto espero.

Os ruídos do hospital desaparecem e se transformam em um zumbido distante enquanto afundo na agradável ficção. A ficção sempre funcionou bem para mim. Foi com ela que sobrevivi aos anos no colégio, lendo durante o horário de almoço e as aulas desagradáveis, quando ninguém conversava comigo. E é com a ficção que eu sobrevivo esperando Finn passar longas horas na ala psiquiátrica do hospital. É como eu ignoro os gritos agudos que ecoam pelos corredores. Porque, francamente, não quero saber por que estão gritando.

Permaneço alheia em meu mundo de fantasias por sabe Deus quanto tempo, até sentir alguém me encarando.

Quando digo sentir, quero dizer que *literalmente* senti, como se alguém estendesse a mão e tocasse o meu rosto.

Ergo o olhar e respiro fundo quando me deparo com olhos escuros observando os meus, olhos escuros a ponto de serem quase negros, e a energia que emanam é suficiente para me manter congelada onde estou.

Há um garoto preso a esses olhos escuros.

Um homem.

Não deve ter mais do que vinte ou vinte e um anos, mas tudo nele grita "homem". Não há nenhum traço de "garoto" nesse cara. Seu lado adolescente claramente ficou para trás. Vejo em seus olhos, na maneira como se porta, no jeito atento como observa o que há à sua volta antes de me olhar com um foco singular, como se de alguma forma estivéssemos atados por amarras. Ele guarda mil contradições em seu olhar... indiferença, calor, mistério, charme e algo mais que não consigo definir.

É musculoso, alto e usa um moletom preto esfarrapado que estampa, em letras laranja: "Você não entendeu a ironia". O jeans escuro ostenta um cinto de couro preto, e um anel prateado envolve a base de seu dedo médio.

O cabelo escuro cai no rosto, e uma mão com dedos longos empurra impacientemente os fios para trás, tudo isso enquanto seus olhos continuam presos aos meus. O maxilar é forte e masculino, com um leve toque de barba por fazer.

E o olhar continua preso ao meu como se ali houvesse um circuito elétrico ou um relâmpago. Posso sentir a carga correndo pela minha pele como um milhão de dedos minúsculos, fazendo minhas

bochechas ficarem vermelhas. Meus pulmões se agitam, eu engulo em seco.

E aí ele sorri para mim.

Para mim.

Porque eu não sei nada sobre ele e ele não sabe o que está fazendo.

— Cal? Vamos?

A voz de Finn quebra minha concentração e, com isso, o momento. Olho quase confusa para meu irmão e percebo que ele está me esperando. Uma hora já se passou e eu nem percebi. Me esforço para ficar em pé, me sentindo muito agitada, mas sem saber o motivo.

Embora eu saiba.

Enquanto sigo meu caminho com Finn, olho por sobre o ombro.

O estranho bonito com aqueles olhos escuros, tão escuros, desapareceu.

3

FINN

VaiSeFoderVocêNãoPodeFazerNada. MeMachuqueFilhodaPuta. VocêNãoPodeFazerNada. VocêEstáMuitoFodido. MeMachuque. MeMachuque. MeMachuque. NãoPodeFazerNada. MeMateAgora.

Como sempre, eu ignoro... as vozes que sussurram e chiam em minha cabeça. Estão sempre ali, ao fundo, dentro do meu ouvido. São várias, a maioria de mulheres, mas há também algumas masculinas. E as masculinas são as mais difíceis de ignorar porque se parecem com a minha.

É muito difícil ignorar a própria voz.

E, embora eu possa empurrá-las para o fundo da consciência na maior parte do tempo, nunca consigo fazê-las sumir. Os comprimidos coloridos que eu tomava todos os dias não as silenciavam. Nem sempre.

Por causa disso, como os remédios me davam enjoo e não funcionavam, um dia desses acrescentei mais uma tarefa a minha lista de afazeres. Foi fácil riscar essa tarefa.

~~Parar de tomar os remédios.~~

~~Não contar nem a Calla, nem a meu pai.~~

Visualizo claramente uma imagem da minha lista mental, afinal esse nível de concentração tende a abafar as vozes por alguns instantes. Minha lista está em uma folha de caderno branca com

linhas azuis e uma linha rosada correndo verticalmente do lado esquerdo. Depois que concluo uma tarefa, traço um risco mental sobre ela. Isso me faz sentir que ~~*realizei alguma coisa*~~.

Sem a minha lista, não consigo enfrentar o dia. É difícil demais pensar sem ela, difícil demais me concentrar. Sem ela, não consigo nem *parecer* normal. É algo compulsório a esta altura, apenas mais uma coisa que me faz ser doido de pedra.

Ninguém além da Calla e do meu pai sabe quão louco eu sou. E nem mesmo *eles* sabem toda a extensão da minha insanidade.

Não conhecem tudo.

Não sabem que eu acordo no meio da noite e preciso me forçar a ficar na cama porque as vozes falam para eu me jogar do penhasco. Para me impedir, sempre me deito na cama da Calla — porque, por algum motivo, ela silencia as vozes. Mas minha irmã não pode ficar o tempo todo comigo.

Não pode estar comigo durante o dia, quando meus dedos coçam de vontade de arranhar minha própria pele, de arrancar as minhas unhas, de correr até o sopé da montanha e gritar enquanto me lanço no meio do trânsito.

Por que eu me coço por fazer essas coisas?

Por causa das malditas vozes.

Elas não se calam.

Estou chegando a um ponto em que não sei o que é e o que deixa de ser real. E isso me assusta pra caramba. Me assusta sobretudo porque Calla e eu logo estaremos separados. Ela acha que nós vamos frequentar a mesma universidade, que eu estou pensando em estudar em Berkeley com ela. Mas não posso fazer isso. Não posso fazê-la desperdiçar seu tempo comigo. Eu seria a pior pessoa do mundo se a submetesse a uma coisa dessas.

Então, em breve vou estar no MIT e minha irmã em Berkeley. E aí, o que vai acontecer?

Calla vai estar bem, afinal ela é sã. Mas o que vai acontecer *comigo*?

Quando saio da sala de terapia, inclino o corpo e tomo um gole de água do bebedouro. Algumas gotas da água gelada escorrem pelo meu pescoço, e, na mesma hora, as vozes reagem.

Seque isso.

Minhas mãos já estão na garganta antes que eu me dê conta do que estou fazendo. Frustrado, forço as mãos a descansarem na lateral do corpo.

Não vou me ferir.

Jesus.

Preciso manter a sanidade.

Logo encontro Calla em um banco, com o corpo curvado, olhando para o nada. Percorro com longos passos a distância que nos separa.

— Cal? Vamos?

Ela me observa como se eu fosse um estranho antes que seu rosto pareça se dar conta de que sou eu que estou ali e abrir um sorriso.

— Tudo bem com você?

A voz de Calla me envolve como um cobertor.

Ela me mantém são.

Pelo que me lembro, sempre foi assim, talvez desde o útero.

Não conte para ela Não conte para ela Não conte para ela.

~~*Não contar para ela.*~~

Ofereço um sorriso, um sorriso perfeitamente normal.

— *Perfectus.* — *Perfeito.* — Está pronta para ir embora?

— Sim.

Saímos do hospital, andamos sob o sol da tarde e entramos no carro. Dou a partida e manobro com mãos trêmulas para sair do estacionamento.

~~*Agir normalmente.*~~

Calla se vira para mim, seus olhos verdes se fixam nos meus.

— Quer conversar sobre alguma coisa?

Nego com a cabeça.

— E eu alguma vez quero?

Ela sorri.

— Não, mas saiba que pode falar. Se quiser.

— Eu sei. — E sei mesmo.

— Sabia que os egípcios antigos raspavam a sobrancelha para lamentar a morte dos seus gatos?

Mudo de assunto e Calla ri, usando os dedos finos para afastar do rosto os longos cabelos ruivos. É uma coisa nossa falar sobre esses assuntos bobos ligados à morte. Na verdade, é uma coisa *minha*. Não sei por quê. Acho que é fruto de todos esses anos vivendo em uma funerária ridícula. É o meu jeito de mostrar o dedo do meio para a morte. Além disso, quando me concentro em fatos ligados à morte e aprendo latim e faço listas mentais, tenho algo em que focar. Toda vez que me concentro em alguma coisa, consigo repelir as vozes.

Acredite, eu faço qualquer coisa para afastá-las.

— Não sabia. Mas graças a Deus agora eu sei — Calla responde. — O que você rasparia por mim se eu morresse?

Eu mergulharia no fundo do oceano por você. E procuraria conchas e te faria um colar e depois me enforcaria com ele. Porque, se você não estiver aqui, eu também não quero estar.

Não posso deixar Calla perceber o pânico que sinto só de pensar nisso, então dou de ombros.

— Não me dê essa oportunidade.

Ela parece horrorizada ao perceber o que disse e tão perto da morte da nossa mãe.

— Eu não queria... — começa a falar, mas se interrompe. — Desculpa. Foi uma bobagem.

Calla e eu somos irmãos. A profundidade da ligação entre nós não pode ser compreendida por aqueles que não têm algo assim. Eu sei o que ela quer dizer mesmo quando não diz. Seu comentário saiu antes de ela se lembrar de nossa mãe. Parece bobagem, mas às vezes esquecemos nossas perdas por um segundo. Um abençoado segundo.

— Não se preocupe com isso — digo a ela enquanto entro na estrada.

Ela que se dane. Ela não tem esse direito.

As vozes são altas.

Altas demais.

Fecho os olhos e as esmago com força, tentando não ouvi-las.

Mas as vozes continuam ali, continuam persistentes.

Ela não merece você. Mate essa menina, seu covarde, mate essa menina agora. Empurre ela do penhasco. Lamba os ossos dela. Lamba os ossos dela. Lamba os ossos dela.

Tentando afastar as vozes, agarro o volante com tanta força que os nós dos dedos ficam esbranquiçados.

Lamba os ossos dela, sugue a medula, mostre pra ela mostre pra ela mostre pra ela.

Hoje as vozes soam reais, mesmo que não sejam. Não são a minha voz, mas apenas um disfarce, uma máscara assustadora, são impostoras. Não são de verdade.

A *minha* voz é de verdade.

Essas vozes não são.

Mas está cada vez mais difícil distingui-las.

4

CALLA

Uma característica desta montanha é que, no verão, o tempo corre tão lentamente que parece parar e os dias se arrastam uns em direção aos outros. Antes que eu me dê conta, um dia se transformou em dois, depois em três, antes de, sabe-se lá como, eu me pegar outra vez indo levar meu irmão à terapia em grupo.

Dessa vez, porém, sou rápida em reivindicar o direito de dirigir. Ignoro o olhar indignado de Finn quando entramos no carro e lanço um sorriso presunçoso (verdadeiro, não falso) enquanto me posiciono diante do volante.

Quando conduzo o carro pelas curvas da montanha, os pneus cantam contra o cascalho ensopado pela chuva. Finn olha pela janela, perdido em pensamentos, enquanto passamos pelo "lugar". O lugar onde nossa mãe sofreu o acidente e morreu.

Ali, uma árvore abriga fitas coloridas e uma cruz pequena e discreta. É um lugar solitário, tomado por respeito e silêncio. Um lugar que, em geral, eu ignoro, porque, se eu não agir assim, meu coração dói demais.

Inesperadamente, no entanto, Finn ergue a cabeça.

— Você pode parar?

Assustada, piso no freio e encosto o carro.

— O que foi?

Ele balança a cabeça.

— Nada. Só preciso ficar um instante aqui.

Meu irmão sai do carro, a porta rangendo enquanto ele a fecha. Sinto um desconforto ao acompanhá-lo, já que, desde o dia em que amarramos as fitas na árvore e fincamos a cruz no chão, nunca mais paramos aqui. É um lugar sagrado, mas também carregado de emoção. E um lugar cheio de emoção é perigoso para Finn.

— O que você está fazendo? — pergunto, no tom mais casual possível, seguindo-o até a lateral da via íngreme, rumo ao ponto de onde o carro da minha mãe caiu enquanto ela conversava comigo.

Tentando nos equilibrar, com os dedos dos pés já ultrapassando o limite do precipício, ainda conseguimos ver as árvores derrubadas e os danos que o veículo da minha mãe causou ao atingi-las. Sinto uma onda de enjoo.

— Você acha que ela já estava morta quando chegou lá embaixo? — Finn indaga, a voz sem emoção.

Meu coração se aperta.

— Não sei.

Já pensei nisso, é claro, mas não sei a resposta. Nosso pai não disse nada e eu não tenho coragem de perguntar.

— O que você acha que aconteceu com o outro carro? — Finn lança, seu olhar fixo no desfiladeiro, claramente sem me observar.

Inspiro, depois expiro, empurrando a culpa para fora, para longe de mim, pela montanha, pelo penhasco, para dentro da água.

— Não sei — respondo, com sinceridade.

É a verdade, porque, depois do ocorrido, meu pai não quis nos contar o que aconteceu com os ocupantes do outro carro. Quem eram,

quantos eram. Ele achava que eu já vinha sentindo uma culpa injustificada, dor e tormento suficientes. Não falava sobre o assunto e fomos proibidos de ligar a TV por semanas, para evitar nos depararmos com noticiários cobrindo o acidente. Pode parecer loucura, mas, naqueles dias, eu estava tão imersa na dor que quase nem percebi.

O problema é que isso não conteve a culpa.

Porque eu matei pessoas.

Olho para a lateral da montanha, olho para as ranhuras criadas nas árvores pelo metal dos carros acidentados, a destruição da floresta... tudo isso é evidência. Quem quer que tenha sido atingido pelo carro da minha mãe também está morto. É óbvio.

A única pergunta que fica é: quantos estavam no veículo? Seria uma pessoa? Um casal? *Uma família inteira?*

— Você acha que teve alguma criança envolvida? — indago, baixinho.

Porque só de pensar nisso... *Meu Deus.* É insuportável. Vejo criancinhas assustadas, presas pelo cinto de segurança, cobertas de sangue e terror. Estreito os olhos para bloquear a imagem.

— Não sei — Finn responde, a voz tão baixa quanto a minha. — Podemos descobrir, se quiser. Podemos olhar as notícias nos jornais. Se você achar que saber vai te fazer sentir melhor do que *não* saber.

Reflito por um minuto, porque é tentador, *tão* tentador. Então nego com a cabeça.

— Se o nosso pai não quer contar, é porque a coisa é ruim — concluo. — Ou seja, é melhor eu não saber.

Meu irmão assente e olha em silêncio por sobre as árvores.

Por fim, diz:

— Mas o que o outro carro estava fazendo na montanha? Nós somos os únicos que vivem aqui. Ninguém mais tinha motivos para estar neste lugar tão tarde da noite. A funerária estava fechada.

É a pergunta que tenho me feito desde o ocorrido. Minha mãe decidiu cruzar a faixa contínua porque não esperava encontrar ninguém ali.

Mas havia alguém.

E os dois carros colidiram de frente.

— Não sei — respondo, sentindo um gelo no peito, como se meu esterno fosse congelar e se estilhaçar. — Talvez estivessem perdidos.

Finn assente porque é uma possibilidade, a única que faz sentido. Então agarra minha mão com força.

— A culpa não é sua.

Suas palavras são simples; seu tom, solene.

Um nó se forma e gruda bem no meio da minha garganta, em uma área de limbo, onde não pode ser engolido nem desfeito.

— É, sim. — Minhas palavras também são simples. — Por que você não fica nervoso com o que eu fiz?

Quando Finn olha para mim, depois de alguns instantes, seus olhos parecem torturados e tão azuis quanto o céu.

— Porque é impossível desfazer o que aconteceu. Porque você é a pessoa mais importante para mim. Por isso.

Agora que conheço a verdade, concordo com a cabeça. Finn não está bravo comigo porque acha que não é culpa minha. É claro que é. Ele não está nervoso comigo porque sou tudo o que ele tem, porque sou parte dele.

— Precisamos ir. Senão eu vou chegar atrasado.

Concordo com a cabeça e nos afastamos do limite do precipício. Com uma última olhadela pelo triste desfiladeiro, entramos outra vez no carro, nosso corpo umedecido pela garoa e pelas nossas lágrimas, e seguimos em silêncio para o hospital.

Quando chegamos, Finn se vira para mim antes de entrar em sua sala.

— Tem *mesmo* um grupo de apoio ao luto aqui. Você deveria dar uma passada por lá.

— Agora você parece o pai falando — respondo, com impaciência. — Não preciso conversar com eles. Eu tenho você. Ninguém compreende como você.

Ele assente, *porque ninguém compreende como ele*. E aí entra na sala de onde tira sua força, cercado por pessoas que sofrem da mesma forma.

Tento não me sentir menor por eles poderem ajudá-lo de maneiras que eu não consigo.

Em vez disso, me ajeito no banco abaixo da imagem do pássaro abstrato. Coloco fones de ouvido e fecho os olhos. Hoje esqueci o meu livro, então me entregar à música vai ter que funcionar.

Eu me concentro nos sentimentos transmitidos pelos acordes em vez de realmente ouvir com atenção. Sinto a vibração, sinto as palavras. Sinto a batida. Sinto as vozes. Sinto a emoção.

As emoções de outra pessoa, e não as minhas, sempre funcionam bem.

Os minutos passam, um após o outro.

E aí, depois de vinte minutos, *ele* se aproxima.

Ele.

O estranho bonito com os olhos negros feito a noite.

Eu o sinto se aproximando enquanto meus olhos ainda estão fechados. Não me pergunte como eu sei que é ele, porque eu simplesmente sei. Não me pergunte o que ele está fazendo aqui outra vez, porque não dou a mínima para isso.

A única coisa que importa é que ele *está* aqui.

Minhas pálpebras se abrem e eu o encontro me encarando com olhos tão intensos quanto naquele dia. Ainda tão escuros quanto, tão indecifráveis quanto.

Seu olhar encontra o meu, une-se a ele e se prende ali.

Estamos ligados.

Mesmo andando, ele não desvia o olhar.

Está usando o mesmo moletom do outro dia. "Você não entendeu a ironia." E calça jeans escura, botas pretas, o dedo do meio ainda envolto por um anel prateado. Ele curte rock. Ou é artista. Ou escritor. De certa forma, é desesperado em seu estilo, atemporalmente romântico.

E está a cinco metros de distância.

Quatro.

Três.

Dois.

O canto da boca dele repuxa quando ele passa por mim, enquanto continua com a cabeça de lado, me observando. Seus ombros balançam, seu quadril é estreito. E então ele vai embora, cada vez se distanciando mais.

Dois metros.

Três.

Quatro.

E desaparece.

Sinto como se perdesse algo porque ele não parou. Porque eu queria que parasse. Porque tem alguma coisa nele que eu quero descobrir.

Respiro fundo e fecho os olhos, voltando a ouvir minha música.

O estranho dos cabelos escuros não retorna.

5

A chuva pode embelezar o Oregon, mas às vezes deixa o estado cinza e triste. O barulho das gotinhas tamborilando na janela me faz sentir sono e vontade de vestir um moletom e me deitar com um livro ao lado da janela. À noite, quando o temporal chega, eu sonho. Não sei por quê. Talvez seja a eletricidade dos relâmpagos no ar, talvez o barulho dos trovões, alguma coisa sempre leva minha mente a criar.

Hoje, quando finalmente consigo dormir, sonho com *ele*.

O estranho de olhos escuros.

Ele está sentado perto do mar, a brisa bagunçando seus cabelos. O rapaz ergue a mão para afastar os fios que recaem sobre os olhos, o anel prateado brilha contra o sol.

Seus olhos encontram os meus, e a eletricidade, mais forte que mil relâmpagos juntos, nos liga, nos prende um ao outro.

O canto de seus olhos repuxa e ele sorri.

Esse sorriso é para mim, é familiar e sexy. Ele estende a mão na minha direção, os dedos atentos e conhecidos, e sabe onde me tocar para fazer minha pele pegar fogo.

Acordo bruscamente, me sentando, agarrando as cobertas junto ao peito.

A luz da lua que recai sobre a cama é azulada, e eu olho para o relógio.

Três da madrugada.

Não passou de um sonho.

Eu me deito outra vez, pensando no desconhecido, e me condeno por ser tão idiota. É um estranho, pelo amor de Deus. É ridículo ficar tão obcecada por ele.

Mas isso não me impede de sonhar outra vez. Em meus sonhos, o rapaz faz as coisas mais diversas. Navega, nada, toma café. O anel de prata brilha ao sol toda vez, o olhar escuro me perfura até a alma, como se ele me conhecesse. *Como se soubesse tudo a meu respeito*. Toda vez, acordo sem ar.

É meio enervante.

E um pouco estimulante.

Depois de duas noites assim, de sono agitado, chuva e sonhos esquisitos, Finn e eu estamos ajoelhados em frente a uma caixa de plástico, separando as coisas que guardo no armário. Pilhas de roupas dobradas se espalham à nossa volta como montanhas no chão. A chuva bate na janela, o céu matinal está escuro e cinza.

Seguro um suéter branco.

— Acho que não vou precisar de muitos desses na Califórnia, vou?

Finn nega com a cabeça.

— Duvido. Mas leve alguns, só para garantir.

Eu o jogo na pilha de itens para guardar. Enquanto faço isso, percebo que os dedos de Finn estão trêmulos.

— Por que as suas mãos estão tremendo? — Eu o encaro.

Ele dá de ombros.

— Não sei.

Olho para ele, desconfiada, tão acostumada a observar em busca de algum sinal de problema.

— Tem certeza?

Ele confirma com a cabeça.

— Positivo.

Deixo para lá, embora ainda me sinta incomodada. Se eu não proteger Finn das aflições, ele pode acabar tendo um ataque. É claro que não pude protegê-lo da perda da nossa mãe, mas faço meu melhor para preservá-lo de todo o resto. É um fardo pesado, mas, se Finn é capaz de carregar sua cruz, então eu certamente consigo carregar a minha. Desdobro outro suéter e o jogo na pilha de doações para a caridade.

— Depois de arrumarmos as minhas coisas, temos que ver as suas — comento.

Ele concorda.

— Sim. E aí talvez possamos dar um jeito nas coisas da mãe.

Respiro fundo. Embora não haja nada que eu queira mais, só para conseguir seguir a vida, é impossível.

— O pai nos mataria — respondo, dispensando a ideia.

— Verdade — Finn concorda, passando uma camiseta de manga comprida para eu colocar na pilha de itens para guardar. — Mas talvez ele precise de um estímulo. Dois meses já se passaram. Nossa mãe não precisa mais que seus sapatos fiquem perto da porta dos fundos.

Ele está certo. Ela não precisa disso. Assim como não precisa de sua maquiagem disposta da forma como a deixou na pia do banheiro ou de seu último livro virado de modo a marcar a página ao lado de sua cadeira de leitura. Ela nunca vai terminar aquela leitura. Porém, para ser justa com meu pai, acho que também ainda não sou capaz de me livrar das coisas dela.

— De qualquer forma — respondo —, é ele quem tem que decidir quando for a hora. Não a gente. A gente vai se mudar. É ele quem vai ficar aqui com as lembranças. Não a gente.

— É isso que me preocupa — Finn confessa. — Ele vai ficar aqui, sozinho, nesta casa enorme. Bem, não sozinho. Cercado por corpos de mortos e pelas lembranças da nossa mãe. O que é ainda pior.

Ciente do quanto detesto ficar sozinha e do quanto detesto, em especial, ficar sozinha nesta casa enorme, estremeço.

— Talvez seja por isso que ele quer alugar a cocheira — arrisco. — Para não ficar tão sozinho aqui.

— Pode ser.

Finn estende a mão e liga a música. Deixo o baixo pulsante preencher o silêncio enquanto separamos minhas roupas. Em geral, nosso silêncio é agradável e não precisamos preenchê-lo. Mas hoje me sinto agitada. Tensa. Ansiosa.

— Você tem escrito nos últimos tempos? — pergunto, para tentar falar de amenidades.

Finn está sempre escrevendo em seu diário. E, embora tenha sido eu quem lhe deu aquele caderno de presente de Natal alguns anos atrás, ele não me deixa ler. Desde que me mostrou uma vez e eu surtei.

— Claro.

Claro. É basicamente isso que ele faz. Poemas, latim, bobagens... o que você quiser ele escreve.

— Posso ler alguma coisa?

— Não.

A resposta é firme e decidida.

— Tudo bem.

Quando ele fala com esse tom de voz, não retruco. Porque, francamente, fico nervosa só de imaginar o que tem ali dentro. Ele faz uma pausa e se vira para mim.

— Acho que nunca agradeci por você não ter contado para os nossos pais. Quero dizer, quando leu da última vez. É apenas a minha válvula de escape, Cal. Não significa nada.

Seus olhos azuis me perfuram, alcançando direto a alma. Porque eu sei que certamente *devia* ter contado. E provavelmente teria contado se minha mãe não tivesse morrido. Porém, não fiz isso, e mesmo assim está tudo bem.

Bem. Se eu pensar com determinação nessa palavra, ela vai se tornar realidade.

— Sem problemas — digo, com delicadeza, tentando não pensar nas palavras sem nexo que li, nas palavras assustadoras, nos pensamentos assustadores anotados e rabiscados e escritos outra vez. E outra vez, e mais uma. Mas, de tudo aquilo, uma coisa se destacou como a mais problemática. Uma frase. Não eram os rascunhos de pessoas com seus olhos e rostos e bocas riscados, não eram os poemas peculiares e obscuros, mas uma frase.

Me tire do meu tormento.

Escrita várias vezes, preenchendo duas páginas inteiras. Desde então, observo Finn como se eu fosse um falcão. Agora ele sorri, me incentivando esquecer aquilo, como se o diário fosse apenas sua válvula de escape. Agora ele está bem. *Ele está bem.* Se eu tivesse um diário, escreveria *isso* várias e várias vezes, para se tornar realidade.

— Ei, eu vou ao Grupo outra vez hoje. Quer me levar? Se não quiser, posso ir sozinho.

As palavras me assustam. Finn costuma ir duas vezes por semana. Será que aconteceu alguma coisa e eu não percebi? Ele está pior? Está perdendo o equilíbrio? Me esforço para manter a voz tranquila:

— Outra vez? Por quê?

Ele dá de ombros, como se não fosse grande coisa, mas suas mãos continuam trêmulas.

— Não sei. Acho que são todas essas mudanças. Essa situação me deixa inquieto.

E trêmulo? Mas não lanço essa pergunta. Em vez disso, apenas mostro que entendi, como se não estivesse surtando.

— É claro que eu vou com você.

É claro, porque ele precisa de mim.

Uma hora depois, atravessamos os corredores preenchidos pelas fotos da minha mãe, passamos pelo quarto repleto de suas roupas e estamos a caminho da cidade no carro que ela nos deu. Nitidamente evitamos olhar para o lugar onde ela sofreu o acidente e caiu da montanha. Não precisamos vê-lo outra vez.

Nossa mãe ainda está à nossa volta. Em todos os lugares. E, mesmo assim, em lugar nenhum. Em lugar nenhum.

É o suficiente para levar a pessoa mais sã do mundo à loucura. Não é de surpreender que Finn queira fazer uma sessão extra de terapia.

Eu o deixo na frente da sala do Grupo e observo enquanto ele entra.

Hoje, levo meu livro à cantina, porque decido tomar uma xícara de café. Como passei a vida toda em Astoria, já estou acostumada a esta chuva que me deixa sonolenta. Por outro lado, também aprendi que a cafeína é um Band-Aid eficaz.

Pego minha xícara e procuro uma mesa nos fundos. Solto o corpo em um banco estofado, preparada para enterrar a cara no livro. Estou começando a abrir as páginas quando o sinto.

Eu o *sinto*.

Outra vez.

Antes mesmo de erguer o olhar, sei que é *ele*. Reconheço a sensação no ar, essa energia palpável. Senti a mesma coisa nos sonhos, uma atração impossível. Que merda é essa? Por que eu o encontro o tempo todo?

Quando ergo o olhar, descubro que ele também me viu.

Seus olhos estão congelados em mim enquanto ele espera na fila; olhos tão escuros, tão insondáveis. Essa energia entre nós... Não sei o que é. Atração? Química? Só sei que me deixa sem ar e acelera meu coração. O fato de ele invadir meus sonhos me faz desejar ainda mais essa sensação. E me arrasta para fora da minha realidade, em direção a uma coisa nova e estimulante, em direção a algo que traz esperança e vida.

Observo enquanto ele paga o café e o pão doce e cada um de seus passos o guia em direção ao meu assento. Há outras dez mesas, todas vazias, mas ele escolhe justamente a minha.

As botas pretas param ao meu lado e eu corro o olhar pela calça jeans, pelo quadril, até chegar ao rosto assustadoramente bonito. Ele ainda não fez a barba, então os fios estão mais acentuados hoje. Fazendo-o parecer mais maduro, mais masculino mesmo. Como se ele precisasse dessa ajuda.

É impossível não notar a forma como a camisa azul envolve seu peito rígido, como a cintura se estreita antes de ser coberta pela calça, a aparência definida, ágil e forte. Droga. Forço os olhos a encontrarem os dele. Encontro diversão quando chego ali.

— Tem alguém sentado aqui?

Meu Deus. Ele tem sotaque britânico. Não existe nada mais sexy no mundo, e o sotaque me faz perdoar a cantada já tão batida. Com o coração acelerado, sorrio para ele.

— Não.

Ele não se mexe.

— Posso me sentar, então? Eu divido o meu café da manhã com você.

E aponta discretamente o pão coberto com açúcar e noz-pecã.

— Sem problemas — respondo casualmente, escondendo o fato de que meu coração está acelerado a ponto de explodir. — Mas vou rejeitar o café da manhã. Sou alérgica a castanhas.

— Sobra mais para mim, então.

Ele sorri enquanto se senta à minha frente, sempre tão casual, como se se sentar com garotas desconhecidas no hospital fosse um hábito. Só consigo atentar para o fato de que seus olhos são quase negros de tão escuros.

— Você vem sempre aqui? — ele solta, enquanto se ajeita no assento estofado.

Só consigo rir, porque agora ele resolveu recorrer a toda a lista de cantadas clichês, e todas soam incríveis saindo de seus lábios britânicos.

— Com frequência. — E confirmo com a cabeça. — E você?

— É o melhor café da região — responde, se é que *isso* é uma resposta. — Mas não vamos contar para ninguém, senão eles vão começar a dar nomes impronunciáveis aos cafés e as filas vão ficar insuportáveis.

Concordo com a cabeça e não consigo conter um sorriso.

— Tudo bem. Vai ser um segredo nosso.

Ele me observa com seus olhos escuros reluzentes.

— Ótimo. Eu gosto de segredos. Todo mundo tem um.

Quase fico sem ar, pois há algo abertamente fascinante nele. A forma como pronuncia tudo, a maneira como seus olhos brilham, o jeito que parece tão familiar porque ele esteve na intimidade dos meus sonhos.

— Quais são os seus? — pergunto, sem pensar. — Quero dizer, os seus segredos.

Ele sorri.

— Você quer *mesmo* saber?

Sim.

— Meu nome é Calla — digo, rapidamente. O que o faz rir.

— Calla em inglês quer dizer copo-de-leite. Aquele lírio que as pessoas usam nos funerais.

— Exatamente — suspiro. — E eu moro em uma funerária. Está vendo? Eu entendi a ironia.

Ele parece confuso por um instante antes de compreender o que eu quis dizer.

— Você reparou no moletom que eu estava usando ontem — aponta, com a voz suave, o braço estendido para trás.

E parece nem ter se dado conta de que acabei de admitir que moro em uma casa com mortos. Em geral as pessoas se calam quando descobrem, pois na mesma hora acreditam que eu sou esquisita ou mórbida. Mas com ele não é assim.

Mexo levemente a cabeça.

— Não sei por quê. Só me chamou a atenção.

Porque você *me chamou a atenção.*

O canto de sua boca repuxa como se ele fosse sorrir, mas não sorri.

— Meu nome é Adair DuBray — ele se apresenta, como se estivesse me dando um presente ou uma honra. — Mas todo mundo me chama

de Dare.

Dare... Desafio. Nunca vi um nome tão adequado. Tão francês, tão sofisticado, embora o sotaque seja britânico. Ele é um enigma. Um enigma cujos olhos cintilam como se estivessem constantemente dizendo "me desafie". Engulo em seco.

— É um prazer conhecer você — digo, e é verdade. — Por que está aqui no hospital? Certamente não veio só para tomar um café.

— Sabe de qual jogo eu gosto? — Dare pergunta, mudando completamente de assunto.

Sinto minha boca se abrindo um pouco, mas consigo responder:

— Não. Qual?

— Vinte perguntas. Assim, eu sei que no final do jogo não vai ter outras. Outras perguntas, quero dizer.

Só consigo sorrir, embora sua resposta devesse me irritar.

— Então você não gosta de falar de si mesmo.

Ele também sorri.

— É o assunto de que eu menos gosto.

Mas deve ser um assunto tão interessante.

— Então você está me dizendo que eu posso te fazer vinte, e apenas vinte perguntas?

Dare confirma com a cabeça.

— Você entendeu direitinho.

— Tudo bem. Vou usar minha primeira pergunta para descobrir o que você está fazendo aqui.

Ergo o queixo e olho em seus olhos.

Sua boca repuxa outra vez.

— Visitando alguém. Não é isso que as pessoas costumam fazer em hospitais?

Fico vermelha. Não consigo evitar. É óbvio. E é óbvio que eu tenho chance com ele. Esse cara poderia me devorar no café da manhã se quisesse, e, a julgar pelo brilho em seus olhos, não sei se não está a fim.

Tomo um gole de café, sendo cuidadosa para não derrubar na blusa. Com um coração tão acelerado como o meu está, tudo é possível.

— E você? Por que está aqui? — Dare quer saber.

— Essa é a sua primeira pergunta? Porque parece justo a gente se alternar.

O sorriso dele se torna mais acentuado, o de alguém que está realmente se divertindo.

— Claro. Vou usar uma das minhas perguntas.

— Vim trazer o meu irmão. Ele está aqui para fazer... terapia em grupo.

De repente me sinto estranha por falar isso em voz alta, porque, de alguma forma, faz meu irmão parecer *menor*. E ele não é. É *maior*. Melhor do que a maioria das pessoas, mais doce, com o coração mais puro. Mas um desconhecido não tem como saber disso. Um desconhecido simplesmente rotularia meu irmão como *louco* e assim seria. Enfrento a necessidade de explicar e, sabe-se lá como, consigo me conter. Não é da conta de um estranho.

Mas Dare não questiona. Apenas assente, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

E toma um gole de café.

— Deve ser o *kismet*. Quero dizer, você e eu estarmos aqui ao mesmo tempo.

— *Kismet*? — Arqueio uma sobrancelha.

— Destino, Calla — ele explica.

Reviro os olhos.

— Eu sei que *kismet* é destino. Posso ter estudado em escola pública, mas não sou nenhuma idiota.

Ele abre um sorriso tão branco e charmoso que quase molha a minha calcinha.

— Bom saber. Então você é universitária, Calla?

Não quero falar disso. Quero falar sobre o que o leva a pensar que este é um caso de kismet. Mas confirmo com a cabeça.

— Sim. Vou me mudar para Berkeley no outono.

— Boa escolha. — E toma mais um gole da bebida. — Mas talvez o *kismet* tenha entendido tudo errado, então. Quero dizer, se você vai se mudar e tal. Porque parece que eu vou passar um tempo aqui. Quero dizer, depois que eu encontrar um apartamento. É difícil encontrar um apartamento bom por aqui.

Ele é tão confiante, tão direto. Nem parece que é um completo desconhecido me dizendo essas coisas do nada, de modo tão aleatório. Na verdade, sinto como se já o conhecesse.

Eu o encaro.

— Um apartamento?

Ele também me encara.

— Isso. Aquela coisa que você aluga, que tem banheiro e um quarto, sabe?

Fico vermelha.

— Já entendi. É que talvez seja mesmo o *kismet*. Acho que sei de alguma coisa para você. Quero dizer, o meu pai vai alugar a cocheira da nossa casa, eu acho.

Se *eu* não posso morar naquele anexo, ele sem dúvida deveria ficar com alguém como Dare. Só de pensar, já sinto meu coração ter um espasmo.

— Humm. Isso é *mesmo* interessante — ele comenta. — Parece que o *kismet* prevalece. E uma cocheira ao lado de uma funerária. É preciso ter colhões de aço para morar num lugar assim.

Rapidamente puxo uma folha de papel e anoto o celular do meu pai.

— É. Se estiver interessado... digo, se tiver colhões de aço, pode ligar e conversar com ele.

Empurro o papel sobre a mesa, olhando Dare nos olhos, encarando-o em desafio. Esse cara não deve ter ideia de como estou tentando fazer meu coração diminuir o ritmo para não explodir. Ou talvez tenha, porque um sorriso se forma lenta e intencionalmente em seus lábios.

— Ah, eu tenho colhões — ele confirma, os olhos brilhando outra vez.

Me desafie.

Engulo em seco.

— Estou pronta para fazer minha segunda pergunta — digo.

Ele arqueia a sobrancelha.

— Já? É sobre as minhas bolas?

Fico vermelha e nego com a cabeça.

— O que você quis dizer naquela hora? — indago lentamente, sem baixar o olhar. — Por que você acha que isto aqui é o *kismet*?

Seus olhos repuxam um pouquinho e ele volta a sorrir. E, mais uma vez, é o sorriso de quem está mesmo se divertindo. Um sorriso de verdade, não aqueles falsos que estou acostumada a ver em casa.

— É o *kismet* porque você parece alguém que eu gostaria de conhecer. Não é estranho?

Não, porque eu também quero conhecer você.

— Talvez — digo, em vez de revelar meu pensamento. — É estranho eu sentir que, de alguma forma, já te conheço?

Porque eu sinto. Existe alguma coisa familiar em seus olhos tão escuros, tão insondáveis. Também, há dias sonho com eles.

Dare arqueia a sobrancelha.

— Talvez eu tenha um rosto comum.

Seguro a risada. *Não mesmo.*

Ele me encara.

— De qualquer forma, o *kismet* sempre prevalece.

Balanço a cabeça e sorrio. Um sorriso *de verdade*.

— Só o tempo vai dizer.

Dare toma um último gole de café, o olhar ainda congelado junto ao meu, antes de colocar o copo na mesa e se levantar.

— Bem, então me diga o que o tempo disser.

E sai andando.

Fico tão impressionada com sua partida abrupta que preciso de um segundo para me dar conta de uma coisa, porque *o* kismet *sempre prevalece* e *eu sou alguém que ele gostaria de conhecer.*

Dare levou o número de telefone do meu pai.

6

FINN

Nocte liber sum NOCTE LIBER SUM
À NOITE, SOU LIVRE.
Alea iacta est A sorte está lançada. A sorte está lançada.
A sorte está lançada, porra.
Serva me, servabo te. Me salve e eu vou te salvar.
Me salve
ME SALVE
Me salve

— E aí, bro? — Calla entra em meu quarto abruptamente, sem bater, e, no mesmo instante, fecho o diário, escondendo meus pensamentos sob a capa de couro marrom. — O que está rolando?

Sorrio, engolindo meu pânico, engolindo tudo cuidadosa e completamente atrás dos dentes.

— Nada de mais. E com você?

— Também nada. Só estou um pouco agitada.

Ela pula na minha cama e se senta ao meu lado, seus dedos imediatamente percorrendo as letras na frente do diário. Calla sabe que é melhor não abrir.

Dou de ombros.

— O que acha de fazermos alguma coisa?

~~Agir normalmente.~~

Ela assente.

— Legal. Tipo o quê? Quer pegar o carro e ir até a praia de Warrenton?

Para ver os destroços do Iredale*? Já vimos um milhão de vezes, mas tudo bem.*

— Claro — respondo, brevemente.

Porque às vezes dizer menos palavras torna mais fácil esconder a loucura.

Saímos da cama e Calla se vira para mim, segurando meu cotovelo.

— Ei, Finn?

Paro e olho para ela.

— Sim?

— Você parece... meio distante esta semana. Pensei que ir mais uma vez ao Grupo ajudaria, mas você ainda parece estranho. Se tiver alguma coisa errada, me diga, está bem?

VocênãopodeVocênãopodeVocênãopode. Você é loucoloucoloucolouco. NãoConteParaElaSeuSegredoSegredoSegredo.

Engulo as vozes.

~~Agir normalmente.~~

— Eu estou bem — minto.

Uma mentira abençoada para poupá-la da preocupação, para poupar meu orgulho, para me poupar da humilhação de ser arrastado para dentro de um quarto acolchoado, um lugar onde as chaves são descartadas e os loucos são esquecidos, transformando-se em carcaças medicadas.

— Certeza?

Calla está hesitante, seus cabelos ruivos se destacando como fogo contra minha cortina branca. Ela quase sempre aceita minhas palavras, mas, dessa vez, sabe o que está acontecendo. Sabe que estou mentindo.

— *Repromissionem* — asseguro.

Ela revira os olhos.

— Sabe, às vezes o latim só complica as coisas. Você precisou de cinco sílabas para dizer o que poderia ter dito em duas.

Sorrio e dou de ombros.

— É uma língua respeitável. Tem personalidade.

— Se com "respeitável" você quer dizer "morta", então sim.

Ela ri e eu finjo rir, porque, francamente, somos apenas carcaças, medicadas ou não. Não somos as pessoas que fomos no passado. Só temos a mesma aparência externa.

Descemos os degraus rangentes da escada de casa, murmurando um com o outro, fazendo nosso melhor para parecermos normais porque nossa mãe sempre nos disse para fingir as coisas até elas se tornarem realidade. Sem dúvida estamos fazendo a nossa parte.

Quando viramos em um canto para entrar na sala de estar grande e decorada, o barulho nítido de uma moto desfaz a atmosfera serena da funerária. Olhamos um para o outro.

Em geral não recebemos pessoas de luto que nos visitam de moto numa área tão alta da montanha.

Meu pai passa por nós, lançando um olhar curioso para Calla.

— Obrigado por indicar alguém para ver a cocheira. Eu não esperava que você me ajudasse com isso, considerando o quanto você queria morar lá.

Calla fica paralisada, congelada onde está, enquanto encara meu pai.

— Ele ligou?

Ele?

Sua voz está cheia de ansiedade e felicidade e esperança. Olho para ela. Que merda está acontecendo?

Meu pai assente.

— Sim. Hoje de manhã. Deve ser ele. Veio dar uma olhada.

Calla dá meia-volta e olha pela janela enquanto eu olho por sobre seu ombro.

Uma moto preta, agressiva, uma Triumph, está estacionada na rotatória em frente à nossa casa, com um cara alto, de cabelos escuros, parado bem na frente, tirando o capacete também preto.

Calla está tão absorta observando-o que nem sequer percebe quão atentamente eu *a* estou analisando.

Ela abre um sorriso beatífico.

— Já faz dias que falei com ele. Pensei que não tivesse se interessado.

Meu pai arqueia a sobrancelha.

— Talvez acabe não se interessando. Ele só veio dar uma olhada. Uma olhada rápida. Como você o conheceu?

Ela fica parada.

— Foi na cantina do hospital um dia desses. Eu o encontrei algumas outras vezes. Ele estava visitando uma pessoa internada. Parece ser um cara legal.

Que ótimo.

Meu pai não a questiona mais, porque o cara já está na escada da varanda.

— Com licença. Vou mostrar o anexo para ele.

Não me incomodo em perguntar quem diabos é esse cara ou por que ela escolheu convidá-lo para entrar em nossa vida ao alugar o apartamento que tanto ela quanto eu queríamos. Não preciso perguntar. Posso ver a resposta escrita em seu rosto.

Sua feição está iluminada enquanto ela o observa, uma expressão que nunca vi em seu rosto. Calla está interessada nesse cara. *Muito* interessada.

A apreensão cresce em meu estômago quando vejo meu pai oferecer um aperto de mão ao rapaz, enquanto os dois andam lado a lado rumo à cocheira.

O cara parece decente, mas há alguma coisa nele. Alguma coisa perturbadora, além da forma como minha irmã o observa com essa fascinação extasiada.

Livre-seDeleLivre-seDeleLivre-seDele.

Ignoro as vozes e vejo a porta da cocheira se fechar depois que os dois entram.

Um clima pesado se instala à minha volta, uma coisa sombria e opressora, porque, embora eu queira salvar minha irmã de mim mesmo, não sei se estou pronto.

Sorrio para ela.

— Já podemos sair?

Ela para, olha outra vez para o lado de fora da casa, agora hesitante, atenta à porta fechada da cocheira.

— Hum... Vamos ver se está chovendo. Pode ser?

Respiro fundo, assustado com a possibilidade de ela me trocar por esse cara. Eu devia ter imaginado só de ver a reação em seus olhos. O olhar de intoxicação. Mas levar esse tapa na cara pela primeira vez ainda é impressionante.

Ela tem um interesse além de mim. Alguma coisa que surgiu no meio de nós dois, embora estejamos prestes a fazer algo quase insignificante... embora seja só uma ida à praia.

Apesar de eu não querer ser egoísta, não sei se consigo.

Fomos excluídos desde a infância até o colegial. E, embora fosse um saco, ao mesmo tempo era uma bênção, porque, como eu era

tudo o que Calla tinha, ela se dedicava apenas a mim. Sempre fomos tudo um para o outro.

A bile sobe até a garganta enquanto a vejo descendo a escada da varanda e atravessando o gramado, o queixo erguido, as mãos enterradas nos cabelos que ela arruma atrás dos ombros.

Eu preciso dela. Preciso que as coisas continuem como sempre foram. Não posso arriscá-la. Não posso sugá-la. Não posso deixar minha loucura engolir Calla e depois cuspi-la. Mas preciso dela.

Meus pensamentos são contraditórios e confusos e giram em meu cérebro até eu não conseguir mais me concentrar. Então me arrasto até o sofá perto da janela e olho para baixo, pressionando a testa contra o vidro e tentando recuperar o ritmo da respiração.

Serva me, servabo te.

Me salve e eu vou te salvar.

Enquanto me recordo dos passos confiantes do cara de cabelos escuros, tenho a sensação de que ele é alguém de quem não vou conseguir salvá-la.

Mas a sorte está lançada.

Agora eu entendo.

7

CALLA

Ele veio.

Acho que estou em choque enquanto passo um tempo do lado de fora de casa, tentando parecer que estou casualmente sentada à mesa na varanda lateral, tentando *não* deixar transparecer que estou esperando, praticamente sem respirar, os dois saírem da cocheira.

Não consigo acreditar que ele está aqui.

Já passaram dias desde que ele pegou o telefone do meu pai. Esperei durante todos eles, mas ele não ligou. Pensei que não ligaria, que eu só tinha imaginado a química, a conexão entre nós. Talvez eu até tivesse imaginado que ele existia.

Mas esse cara reaparecia em meus sonhos, vezes e mais vezes. Sorrindo para mim, me olhando, *estando comigo*. Meu subconsciente definitivamente está tentando me empurrar em direção a ele, talvez até tentando me forçar a voltar a viver. Eu não sei.

Só sei que hoje, do nada, ele está aqui, com seus olhos escuros e sotaque britânico e com sua moto, nada menos do que isso.

O kismet *prevalece.*

Meus pulmões parecem instáveis, assim como o coração, o estômago e os ovários. Tudo parece agitado, como um tremor ridículo e confuso. Era como se fosse para acontecer, como se eu devesse

continuar me encontrando e sonhando com ele, e agora ele está aqui, na minha vida.

O que quase me deixa sem ar.

A sensação só se torna mais intensa quando a porta da cocheira finalmente se abre e meu pai e Dare saem dali. Eles trocam um aperto de mão, e meu pai imediatamente se volta em direção à nossa casa com um sorrisinho nos lábios. No meio do gramado, ele muda o caminho e vem em minha direção.

Parando diante de mim, ele olha para baixo.

— As últimas semanas foram complicadas. Muito difíceis. Não vou fingir que sei o que você está passando, porque as nossas trajetórias são diferentes e nós sentimos a perda de formas distintas. Só vou dizer uma coisa. Tome cuidado. Você é ingênua e inocente, e a sua mãe saberia o que dizer agora, mas eu não sei. É a primeira vez em semanas que você parece ter algum tipo de interesse. Então, eu só vou pedir para tomar cuidado. Está bem?

Fico totalmente sem palavras, porque a expressão do meu pai é a de quem *sabe* o que está rolando. É como se ele tivesse olhado o que tem dentro da minha cabeça e visto o que sinto por Dare, o interesse, a paixão secreta. Ele está nervoso por mim, e, mesmo assim, disposto a alugar a cocheira para Dare porque precisa do dinheiro. E porque acha que Dare vai me distrair e me afastar da minha dor.

Concordo com a cabeça.

— Tudo bem.

Ele também acena em resposta antes de entrar em casa sem dizer mais nada. Às minhas costas, juro que posso sentir Finn me encarando, seu olhar batendo entre os meus ombros, vindo da janela, mas afasto o pensamento. Não estou fazendo nada errado.

Ou estou?

Porque, quando Dare ergue o rosto e nosso olhar se encontra, ele abre um sorriso malicioso que me faz acreditar que sim.

Me desafie.

A fazer o quê? Essa pergunta me faz formigar.

Ele atravessa lentamente o jardim e aponta para a cadeira à minha frente.

— Está vazia?

Reviro os olhos. Outra vez esse joguinho?

— Está.

Ele não pede, apenas se senta, estica suas pernas longas, cruzando-as na altura dos tornozelos, e me encara, como se aquela cadeira fosse o seu lugar. Arqueio uma sobrancelha, mas ele permanece em silêncio.

— Então você tem esse sotaque inglês, mas o seu sobrenome é DuBray. Como é isso? — enfim questiono, desesperada para fazê-lo parar de me encarar.

Sua boca estremece.

— É a sua terceira pergunta?

A frustração fervilha dentro de mim, independentemente de quão fofas as coisas soem saindo de sua boca.

— Tenho que contabilizar toda pergunta que eu fizer? Só estou tentando manter uma conversa educada.

Ele nega com a cabeça e oferece um leve sorriso.

— Tudo bem. Vou lhe dar essa pergunta em nome da conversa educada. Meu pai morreu quando eu era um bebê, e ele era francês. Minha mãe era inglesa, então nós nos mudamos para lá. Morei a vida toda na Inglaterra, por isso o sotaque.

Seu lindo sotaque. Assinto com a cabeça.

— Sinto muito pelo seu pai.

Ele dá de ombros.

— Era um bom homem, mas isso aconteceu há muito tempo.

Estou morrendo de vontade de saber a sua idade, mas resisto. Não posso usar outra pergunta tão cedo. Além do mais, posso apostar que ele tem vinte e um. Ou algo em torno disso.

— Você fala francês? — arrisco, esperançosa.

Porque, Deus, tenha misericórdia, seria sexy demais.

— *Oui, mademoiselle* — ele responde, com a voz suave. — *Un peu.* Um pouquinho.

Fique quieto, coração maldito. Eu olho encantada para ele.

— Então — ele finalmente continua, mudando de assunto muito casualmente, como se não fosse o cara mais descolado e atraente do mundo. — Como você sobrevive em uma funerária? Já viu algum fantasma?

Ignoro meu coração acelerado e arqueio uma sobrancelha.

— Vou entender a pergunta como um sinal de que você de fato tem colhões de aço e alugou a cocheira.

Ele ri, emitindo um som rouco, grosso, que vibra direto na minha barriga.

— O fato de eu ter colhões de aço agora é incontestável — anuncia, com um sorriso. — E eu nunca fico nervoso. Nem mesmo com fantasmas. Além do mais, como eu lhe dei uma resposta, a alternância é justa, certo? Então... você já viu fantasmas?

Nunca vi, mas o fantasma da minha mãe está aqui... presente em cada fotografia, em cada pilha de roupas e em cada memória desta casa. Mas é claro que não digo isso.

Apenas dou de ombros.

— Nunca. Até onde eu sei, essas coisas não existem.

— Sério? — ele lança, soando incerto. — Que decepcionante.

— Além do mais, você vai ficar na cocheira — esclareço. — Não tem gente morta lá. Quer dizer, estou supondo que você alugou o espaço, certo?

Por favor, que seja verdade.

Ele confirma com a cabeça.

— Sim. Obrigado por ter me avisado sobre a locação. É exatamente o que eu estava procurando. Um espaço agradável, pequeno e com uma vista maravilhosa.

Enquanto pronuncia as palavras "vista maravilhosa", ele olha de propósito na minha direção.

Eu sou a vista maravilhosa dele. De repente não consigo respirar nem para perguntar por que é que ele quer ficar em Astoria.

— *Kismet* — me esforço para falar.

Ele assente.

— *Kismet*.

Dare me encara longa e dura e sombriamente, e eu consigo respirar fundo uma vez, e mais uma.

— A gente se vê, então — ele diz, encerrando abruptamente nossa conversa e se levantando.

— Quando você se muda? — arrisco, de repente entrando em pânico com a ideia de deixá-lo.

Ele carrega consigo um ar de conforto, entusiasmo, de algo saturado e perigoso e novo. Ainda não quero deixar essa sensação ir embora.

Dare sorri.

— Agora. Eu já trouxe a minha bolsa.

Sua bolsa? Sigo seu gesto e vejo a bolsa de lona presa no bagageiro da moto. Uma bolsa.

— É só isso?

— Eu viajo com pouca coisa — ele responde, seguindo para a cocheira. Para sua *casa*, que agora fica a trinta metros da minha.

— Parece que sim — murmuro.

Observo o movimento de seus ombros, seus cabelos voando com a brisa. Ele pega a bolsa e entra em seu novo lar, e eu me dou conta de que me esqueci de perguntar uma coisa.

Quanto tempo ele vai ficar.

Hoje o jantar traz uma sensação diferente, em especial porque eu sei que Dare está a poucos metros daqui.

Sirvo espaguete, o prato mais fácil de preparar do mundo, pão de alho e milho. Meu pai mastiga com gosto enquanto Finn, como de costume, empurra a comida de um lado para o outro no prato. Seus remédios o deixam sem apetite.

Estamos jantando tarde porque meu pai trabalhou até tarde.

Quando penso em seu trabalho, não consigo não olhar para suas mãos. Sei que ele já as lavou várias vezes desde que veio aqui para cima, mas só de pensar no que estava fazendo com elas, o que estava manipulando, já sinto nojo. Sei que há mais ou menos uma hora ele estava enfiando uma agulha no pescoço de um defunto e substituindo o sangue por substâncias químicas.

E agora está comendo com as mesmas mãos.

É nojento e fica difícil engolir o espaguete, cujo molho tem cor de sangue.

— E então, como foi o seu dia? — pergunto a Finn, tentando desesperadamente pensar em outra coisa.

Não o vi durante toda a tarde. Ele dá de ombros.

— Tudo bem, acho. Terminei de separar as coisas no meu armário. Tenho algumas caixas de doações, pai.

Meu pai assente, mas percebo uma coisa no rosto de Finn, algo tremeluzindo, e arregalo os olhos. *Não faça o que estou pensando,* tento dizer telepaticamente. *Não fale das coisas da mãe. Não.*

E ele não fala. Em vez disso, olha para mim.

— Na verdade, tenho uma coisa para dizer a vocês dois.

Nós o encaramos em expectativa. Fico sem ar, porque ele parece muito ansioso.

Que merda é essa?

Eu o vejo engolindo em seco. Não é bom sinal.

— Decidi estudar no MIT.

Meu estômago afunda e o silêncio no ambiente é pesadíssimo. Olho para o meu pai, que me observa, e então nós encaramos Finn enquanto tento lembrar como falar para poder argumentar.

— Não — consigo dizer. — Você não pode ir sozinho, *Finn*.

Ele sente a súplica em meus olhos e desvia o olhar para a parede, pela janela.

— Por favor, não tentem me convencer a não seguir com o plano — ele diz a nós dois, mas, na verdade, sua fala é mais para mim. — Cal, eu quero ir com você. De verdade. Mas vai ser melhor assim. É uma coisa que eu tenho que fazer. Preciso ficar sozinho, descobrir como é ficar sozinho. Como é manter a sanidade sozinho. Entende?

Não. Mil vezes Não. Um milhão de vezes NÃO.

Estou trêmula, mas meu pai inclina o corpo para a frente e pousa a mão em meu ombro. Um aviso para eu permanecer em silêncio. Impotente, olho para ele.

— Eu acho a ideia boa — meu pai elogia. — Sua mãe e eu... — A voz dele falha, como se estivesse sentindo dor, e ele se detém por um instante. — Sua mãe e eu achávamos que seria melhor assim, vocês ficarem um pouco separados para se tornarem independentes. Isso é bom.

Meu pai parece superorgulhoso. Como se Finn estivesse fazendo uma coisa heroica, como se estivesse salvando uma criança de um incêndio ou tirando uma tartaruga do meio da rodovia. Mas não é um gesto heroico, porque meu irmão está sendo autodestrutivo. Posso ver em seus olhos, na forma como ele sustenta os ombros e não olha para mim.

Me tire do meu tormento.

As palavras em seu diário são tudo o que vejo enquanto o observo.

Mas, quando ele volta a me olhar nos olhos, expressa outra coisa. Súplica.

Me deixe fazer isso. Me deixe ir.

Deixá-lo fazer o quê?

Aprender a viver sozinho? Carregar todo o peso sozinho? Respiro de maneira instável, e Finn continua me encarando. E me encarando. E me encarando. Por fim, cedo à pressão.

— Está bem.

As palavras saem como uma expiração.

Finn arqueia uma sobrancelha.

— Está bem? Não vai chutar e gritar?

Nego com a cabeça.

— Não. Se você tem certeza do que quer, não. Briguei com o pai e a mãe por causa disso, mas não vou brigar com *você*.

Eu me sinto resignada e triste e em pânico, e já me vejo sozinha. Mas o que eu posso fazer? A escolha é de Finn. Seu olhar se suaviza agora.

— Você não está brigando comigo — aponta. — Está fazendo o que eu sei que precisa ser feito. E você também sabe, Calla.

Não, não sei. Na verdade, o que eu sei é o oposto.

Porém, mais uma vez, o que eu posso fazer? Ele já se decidiu.

Não digo mais nada porque não posso dizer nada. Apenas confirmo com a cabeça, em silêncio.

Empurro a comida de um lado para o outro do prato porque, quando tento engolir, ela gruda como uma espécie de lodo gelatinoso na garganta. Meu pai e Finn continuam me olhando, esperando me ver protestar ou discutir ou ter um ataque. Mas isso não acontece. Com muito esforço, consigo, de certa forma, me manter calma, tranquila e muito senhora de mim até chegar a hora de pedir licença e tentar escapar.

Corro para fora de casa, ignorando Finn, que me segue e grita meu nome. Avanço pelo quintal, sugando o ar enquanto corro pelo caminho que leva à praia. A trilha se parece com uma fita prateada sob a luz da lua, com suas curvas ladeadas pelo mato molhado e pelas rochas iluminadas.

As árvores formam uma abóbada sobre o caminho, e estar aqui, sozinha na escuridão, é perturbador. As sombras me dão arrepio porque eu não sei o que escondem. Mesmo assim, mesmo com a luz da lua passando por entre a copa das árvores e com o vento gritando

palavras incoerentes por entre as folhas dos pinheiros, sinto gratidão por estar aqui e não na sala de jantar de casa.

Me forço a seguir adiante, a me distanciar do caminho destrutivo que Finn parece insistir em seguir, me forço a seguir na direção do oceano.

Quando chego à praia, meus tornozelos afundam na areia úmida e eu me sinto grata porque a maré está baixa. Não vou molhar as pernas. Em poucos minutos consigo chegar à área de seixos, e, quando me aproximo, uma sombra sai de trás das rochas.

É alta e inesperada, porque ninguém nunca vem aqui.

Ela pausa e eu respiro fundo.

Então, a sombra dá um passo e está sob a luz da lua. E eu vejo quem é.

Dare.

Porque agora ele mora aqui.

— Oi — ele me cumprimenta, sua voz rouca e suave e britânica.

Há um ar de acolhimento em seus olhos e uma apreciação sincera por terem me visto, uma expressão faminta enquanto deslizam por mim. O gesto faz o sangue correr acelerado em minhas bochechas e peito. Ele gosta do que vê.

Engulo em seco.

— Você está bem? — pergunta, com a cabeça inclinada e os olhos brilhando sob a luz da lua. — Acabei vendo você correr montanha abaixo.

Deus. Quero afundar na areia. Eu devo parecer uma louca.

— Estou bem — respondo. — Eu só... o meu irmão me irritou e eu precisava de um minuto para respirar.

— E quando está irritada você corre pela praia no meio da escuridão? Sozinha?

Dare inclina outra vez a cabeça e eu não sei se está me julgando. Desvio o olhar.

— Não. Eu só... Meu lugar preferido é aqui. Venho muito aqui embaixo. Não só quando estou irritada.

— Mostre para mim. — A voz de Dare sai rouca e leve, mas não na forma de um pedido. — Quero dizer, o seu lugar preferido.

Não hesito. Não sei por quê. Talvez pelo fato de ele ter aparecido tantas vezes em meu sonho, é como se eu já o conhecesse.

— Está bem.

Eu o guio por mais uns trinta metros ao longo da praia, passando pelas pedras até chegarmos a uma passagem isolada. Escondida pela noite, uma enseada em forma de ferradura nos espera na escuridão.

— Cuidado onde pisa — aviso, embora seja difícil enxergar. — Esta enseada é cheia de piscinas naturais. Na verdade, espere aqui um instante.

Contra minha vontade, solto seu braço e me distancio para encontrar alguns pedaços pequenos de madeira. Arrasto-os de volta para a enseada e procuro a sacola de lona que guardo aqui para essas ocasiões. Não está debaixo da pedra onde costumo deixá-la, então procuro por mais alguns instantes, até Dare gritar:

— Está procurando isto?

Ele ergue a mão. Confirmo com a cabeça, pegando o que quero.

— Sim, obrigada.

Puxo o isqueiro na bolsa e acendo a madeira.

No mesmo instante, a enseada é tomada por uma luz arroxeada e etérea.

Impressionado, Dare observa.

— É roxa.

— Por causa do sal do mar — explico. — Ele torna as chamas roxas e azuladas. Só não inspire a fumaça. É linda, mas é tóxica.

— Então pode olhar, mas não pode inalar? — Dare parece se divertir.

Confirmo com a cabeça.

— Exatamente. Em vez de inspirar a fumaça, por que você não dá meia-volta e observa a enseada?

Ele faz o que pedi e eu posso perceber em seu rosto que está impressionado. Pequenas piscinas naturais se espalham à nossa volta, todas guardando a vida marinha, plantas e conchas, caranguejos e algas. Tudo parece mágico em meio à noite violeta.

— Na maré alta, elas ficam encobertas. Aliás, é impossível chegar à parte de trás da enseada. Por outro lado, quando a maré está baixa, a água é empurrada para fora e você consegue andar e ver tudo o que ela esconde.

— Incrível — Dare elogia, andando e examinando tudo. — Não é de espantar que aqui seja o seu lugar preferido.

Ele se movimenta despreocupadamente, casualmente. Tranquilamente.

Aliás, estar com ele é tranquilo. Com o passar de cada momento, sinto menos pânico e menos terror por Finn e fico mais à vontade com Dare.

Embora ele claramente seja sofisticado, ainda parece tão confortável quanto minha calça jeans preferida. É como se... se ele não me julgasse. Como se não zombasse de mim. Como se simplesmente aceitasse o que ofereço e não me forçasse a entregar mais.

Enquanto ele se ajoelha para analisar uma das piscinas naturais, eu o examino. Esta noite Dare está usando roupas escuras, jeans escuro e uma blusa preta com capuz. A forma graciosa como se movimenta faz até a blusa com capuz parecer elegante. Dare é gracioso e refinado, bem diferente dos garotos do colégio.

É revigorante. E capaz de fazer meus joelhos cederem.

Ele se vira para mim com o olhar sombrio e curioso.

— O que o seu irmão fez para te chatear?

O pânico volta em um golpe forte, e, por um minuto, olho atrás de Dare, para o mar.

— Nós somos gêmeos. Ele quer estudar em uma faculdade diferente da minha, mas eu não concordo com isso. O meu irmão precisa de mim ao lado dele.

Dare me encara, tentando entender o que se passa em minha cabeça. Vejo sua mente articulando. Ele abre a boca, mas eu o interrompo antes que possa dizer qualquer coisa.

— Você não entende — digo, na defensiva. — O meu irmão tem um problema. Um problema mental. Ele toma remédios, mesmo assim precisa de mim.

Se eu queria assustá-lo, e não sei se queria ou não, não funcionou. Porque ele apenas assente, inabalável.

— É louvável — ele elogia. — Digo, você se importar tanto.

Minha cabeça responde sem pensar:

— É claro que sim. Por que eu não me importaria? Ele é meu irmão.

Dare sorri e ergue a mão.

— Calma — diz, com a voz tranquilizadora. — Eu só estava fazendo uma observação. Nem todo mundo se importa assim, seja a

outra pessoa parte da família ou não.

Eu observo.

— Isso é triste. Mas por que você está aqui? No escuro? Sozinho?

Jogo as palavras ditas mais cedo de volta para ele em um esforço para mudar de assunto. Ele sorri, apreciando minha tentativa.

— Porque eu estava entediado. E pensei que, daqui, podia ver melhor as estrelas.

Dare está certo. Sem dúvida é melhor daqui. Lá em cima, as árvores bloqueiam a vista das estrelas.

E ele gosta de estrelas? Será que consegue ser mais perfeito?

E aponta para cima.

— Ali está o cinturão de Órion. E bem ali... ali é Andrômeda. Acho que não dá para ver Perseu hoje. — Ele faz uma pausa e me encara. — Você conhece os mitos?

Sua voz é calma e tranquilizadora, e, enquanto a ouço, deixo minha mente se distanciar dos problemas e seguir em direção a ele, em direção a seus olhos escuros e lábios cheios e mãos longas.

Concordo com a cabeça, lembrando o que aprendi sobre Andrômeda nas aulas de astronomia do ano passado.

— Sim. A mãe da Andrômeda insultou Poseidon e foi condenada à morte por um monstro do mar, mas Perseu a salvou e depois se casou com ela.

Ele assente, satisfeito com minha resposta.

— Sim, e agora eles estão no céu para lembrar aos jovens amantes do mundo inteiro os méritos do amor eterno.

Só consigo bufar.

— Isso. E aí fizeram um filme supercafona para eles, um filme que destruiu várias histórias da mitologia grega em uma só tacada.

Os lábios de Dare repuxam.

— Talvez. Mas quem sabe a gente possa ignorar isso e se concentrar na mensagem subliminar do amor imortal.

Sua expressão é curiosa, e não sei se ele está falando sério ou só tentando ser irônico. Talvez *eu não tenha entendido a ironia*.

— Isso é bobagem, sabe? — digo, metaforicamente jogando o dado. — Quero dizer, amor imortal. Nada é imortal. As pessoas se amam e depois deixam de se amar, ou então a química entre elas morre ou até elas mesmas morrem. Independentemente da sua forma de ver as coisas, o amor sempre morre em algum momento.

Eu que o diga. Sou a "menina da funerária". Vejo isso acontecer o tempo todo.

Dare me encara, incrédulo.

— Se você acredita mesmo nisso, então acredita que a morte, ou mesmo as circunstâncias, nos controlam. Que deprimente, Calla. Nós nos controlamos.

Ele parece realmente incomodado. Eu o encaro, nervosa por tê-lo desapontado e, ao mesmo tempo, sentindo que estou certa.

Sou *eu* quem vive cercada por isso o tempo todo, afinal... Pela morte e pelas circunstâncias ruins. Sou *eu* quem acabou de perder a mãe, e sei que o mundo continua girando como se nada tivesse acontecido.

— Não acredito que a morte necessariamente nos controle — corrijo, cuidadosa. — Mas é inegável que ela vença no longo prazo. Toda vez. Porque todos morremos, Dare. Então é a morte, e não o amor, que vence.

Ele bufa.

— Diga isso ao Perseu e à Andrômeda. Eles são imortais no céu.

Também bufo em resposta.

— Eles não existem de verdade.

Dare me observa, me incentivando a entender seu ponto de vista. E, de repente, fico confusa quando me dou conta de que começamos falando de amor e agora estamos falando da morte. Fui eu quem levou o assunto para esse lado.

— Desculpe — lamento. — Acho que é parte de morar onde eu moro. A morte está sempre presente.

— A morte é algo grandioso — ele reconhece. — Mas existem coisas maiores. Se não, tudo isto aqui não vale nada. A vida não vale nada. Enfiar a cara no mundo e se arriscar e todas essas coisas que nós fazemos. Tudo é uma enorme bobagem se simplesmente vamos desaparecer no fim.

Dou de ombros e desvio o olhar.

— Desculpe. Só acredito no aqui e no agora. O aqui e o agora são o que a gente conhece e aquilo com que a gente pode contar. E eu não gosto de pensar no fim.

Ainda refletindo, Dare olha outra vez para o céu.

— Você parece bem pessimista hoje, Calla Copo-de-Leite.

Engulo em seco porque de fato falei como uma megera. Como uma pessoa cansada, horrível, amarga.

— A minha mãe faleceu há poucas semanas — explico e sinto as palavras rasparem meu coração. — Ainda é difícil falar sobre o assunto.

Ele para e assente, como se agora tudo fizesse sentido, como se *sentisse muito*, afinal todo mundo sempre sente muito.

— Ah, entendi. Sinto muito. Eu não queria abrir a ferida.

Nego com a cabeça e desvio o olhar porque meus olhos já estão marejados, e isso é constrangedor. Porque, Deus, será que vou chegar ao ponto em que consigo falar sobre isso sem chorar?

— Tudo bem. Você não sabia — respondo. — E está certo. Eu devo estar cansada. De viver cercada o tempo todo pela morte... Bem, acho que foi isso que me tornou uma pessoa horrível.

Dare me estuda atentamente, a fogueira arroxeada refletindo em seus olhos escuros e insondáveis.

— Você não é horrível — diz, com sua voz tão linda. — De jeito nenhum.

Suas palavras me fazem perder a linha de raciocínio. Porque o jeito como ele me olha agora... *como se eu fosse linda*, como se ele me conhecesse, quando, na verdade, sou apenas Calla e ele não me conhece.

— Desculpe. Estou muito emotiva hoje — explico. — Em geral, não costumo ser assim. É só que... tem muita coisa acontecendo.

— Eu percebi — responde, discretamente. — Posso fazer alguma coisa por você?

Pode me chamar outra vez de Calla Copo-de-Leite. Porque parece íntimo e familiar e me faz sentir bem. Mas nego com a cabeça enquanto digo:

— Bem que eu queria. Mas não.

Ele sorri.

— Tudo bem. Posso pelo menos te acompanhar até a sua casa?

Meu coração saltita por um segundo, mas a ideia de encarar Finn agora não me parece nada boa. Então, nego outra vez com a cabeça.

— Ainda não estou pronta para ir embora — explico, com pesar.

Porque é verdade.

Ele dá de ombros.

— Tudo bem. Eu espero.

Meu coração bate forte nos ouvidos e eu finjo que suas palavras não me deram um frio na barriga. Nós nos sentamos na areia, tão próximos a ponto de eu conseguir sentir o calor que emana de seu corpo, tão próximos que, sempre que ele se mexe, seu ombro roça no meu. Eu não deveria sentir tanto prazer com isso, com os toques acidentais, com o calor de Dare.

Mas sinto.

Ficamos uma hora sentados assim.

Em silêncio.

Olhando para o mar e o céu e as estrelas.

Ninguém me deixou tão à vontade assim até hoje, com um silêncio que não é constrangedor. Ninguém além de Finn. Até hoje.

— Sabia que a assassina em série italiana Leonarda Cianciulli transformava as vítimas em bolo e oferecia aos convidados? — pergunto distraidamente, ainda olhando para a água.

Dare logo responde:

— Não. Porque é estranho saber disso.

Sinto o riso borbulhar dentro de mim, ameaçando sair.

— Concordo. É verdade.

É uma informação que meu irmão dividiu comigo ontem.

Dare sorri.

— Pode ter certeza de que eu vou usar isso na próxima festa.

Agora não consigo mais segurar o sorriso.

— Tenho certeza de que vai ajudar muito.

Ele ri.

— Bem, sem dúvida é uma boa forma de puxar conversa.

Não me mexo porque quero ficar aqui para sempre, embora a umidade da areia já tenha atravessado o jeans e agora meu traseiro esteja molhado.

Porém, mesmo que eu não queira que este momento chegue ao fim, a escuridão agora é tão densa que chega a nos engolir. Está ficando tarde.

Suspiro.

— Preciso voltar.

— Certo — Dare responde, com uma voz baixa que se perde na noite.

Se eu não soubesse o que está acontecendo, pensaria ter percebido um tom de pesar em sua voz. *Talvez ele também queira ficar mais tempo aqui*.

Dare me ajuda a levantar e mantém a mão em meu cotovelo enquanto passamos ao lado da fogueira e pelas piscinas naturais, até chegarmos à trilha. É uma coisa que homens de verdade fazem, guiar a mulher. É um gesto próprio de um cavalheiro e é nobre e deixa meus ovários prestes a explodir, porque é íntimo e familiar e sexy.

Quando chegamos em casa, ele afasta a mão, e eu imediatamente sinto a falta de seu calor.

Dare me olha. Há mil coisas em seu olhar que sou incapaz de definir, mas desejo.

— Boa noite, Calla. Espero que esteja se sentindo melhor.

— Estou, sim — murmuro.

Conforme subo a escada, me dou conta de que realmente me sinto melhor.

Pela primeira vez em seis semanas.

8

FINN

PulePulePulePulePulePulePulePuleSeuCovardeDeMerda.

— Oi — a voz de Calla é suave, vindo da porta.

Eu me afasto violentamente da janela aberta, como se o parapeito estivesse em chamas. Vi Calla na trilha com *ele*, mas não tinha me dado conta de que ela já estava em casa.

— Oi — quase gaguejo enquanto continuo me afastando da janela e tento abafar as vozes infernais que me desafiam. — Você está brava?

Calla afunda em minha cama, se sentando sobre as mãos. E me encara hesitante.

— Não. Só estou preocupada. Você sabe o motivo.

Eu sei. Meu diário. Também sei que ela ainda não me entregou para o meu pai. Porque Calla conhece meu medo mais profundo... de ser trancafiado em um hospício.

VocêMereceCorrentesCorrentesCorrentesCorrentes.

Ranjo os dentes.

— Não se preocupe, Cal. Eu sei o que estou fazendo.

Ela inspira tão tremulamente que consigo ouvir daqui.

— Eu vou ser direta. Não contei para o papai as coisas que eu li porque estou assumindo a responsabilidade de garantir que você fique bem. Que esteja seguro. Que se sinta melhor. Se eu não estiver

com você para fazer o meu trabalho e tudo der errado, aí o peso vai cair em cima de mim. E eu não quero viver com a culpa de uma coisa dessas. Eu já carrego uma quantidade mais do que suficiente de culpa.

Meu coração parece um bloco de concreto enquanto observo sua vulnerabilidade.

— Calla, o acidente da nossa mãe não foi culpa sua. Você sabe disso.

Ela me olha apaticamente.

— Sei?

— Nós já dissemos mil vezes, Cal. Você ligou. Ela não precisava atender. Estava chovendo muito. Ela poderia ter deixado a ligação cair na caixa postal. A escolha foi dela, e não sua. Ela ultrapassou o limite, e não você.

Calla fecha os olhos.

— De qualquer forma, eu não conseguiria suportar se alguma coisa acontecesse com você. Entende?

Engulo em seco.

— Sim, mas eu prometo que vou ficar bem.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Promete?

— *Repromissionem* — asseguro, forçando todo o meu ser a mentir.

A palavra sai como uma verdade, e tudo bem, porque francamente não sei a resposta para essa pergunta.

~~Parecer normal.~~

Calla revira os olhos.

— Eu vou repetir: com duas sílabas é mais fácil.

Ofereço um sorriso.

— O que você queria?

Seus olhos se arregalam antes de se estreitarem.

— Só queria ver se você estava bem. Detesto quando você parece distante. Fico nervosa.

— Não fique. Quero dizer, não fique nervosa — peço. — Está tudo bem.

Ela assente.

— Certo.

Mas minha irmã não está convencida, e não há nada que eu possa fazer para convencê-la. Eu a conheço como a palma da minha mão, então sei como ela se sente.

— Eu só queria desejar boa noite — ela enfim afirma. — E dizer que te amo. E que, se você mudar de ideia, mesmo se for no último minuto, tudo bem. Detesto a ideia de estarmos separados, Finn. Só que, mais do que isso, eu quero que você fique bem. Então, se é disso que você precisa, eu vou tentar aceitar.

Seus olhos são tomados por lágrimas e ela desvia o olhar, mas eu estendo a mão e a apoio sobre a dela. Com o queixo tremendo, Calla me observa.

— Vai ficar tudo bem — minha voz assegura. Confiante. — *Eu vou* ficar bem.

Ela assente.

— *Repromissionem?* — sua voz continua trêmula.

— Prometo.

~~*Mentir.*~~

9

CALLA

A brisa do mar sopra seu cabelo para trás e Dare sorri sob o sol. Seus dentes brilham e eu rio de algo que ele disse.

Estendo a mão e ele me agarra, me abraçando apertado.

— Você vai ser a minha morte — anuncia contra meu pescoço, seus lábios se esfregando na minha pele.

— Por quê? — eu me esforço para arfar, as mãos abertas contra seu peito.

Ele tem o cheiro da floresta.

— Porque você é muito mais do que eu mereço.

Acordo maravilhada porque, *oi?*, eu realmente não estou muito além do que ele merece. Meu subconsciente deve ter usado drogas, mesmo assim meus sonhos são o paraíso.

Tomo banho e desço a escada para tomar um café da manhã que é quase um almoço. As opções na despensa são escassas.

— Não temos limão para fazer limonada — digo ao meu pai enquanto mastigamos o cereal. — Também não temos carne para sanduíche, molho para macarrão, pão, leite... Basicamente, não temos nada que possamos usar para preparar o jantar.

Ele assente, despreocupado, e eu suspiro.

Sinto que ele está se entregando. Como se se importasse cada dia menos com os problemas da vida real e mais com o luto pela minha mãe. Meu pai se importa com o trabalho, é claro. Mas isso não é novidade. Sempre foi viciado em trabalho. Aliás, na noite em que minha mãe morreu, ele estava fazendo exatamente isso. Tinha ido buscar um corpo na cidade.

Forço minha atenção para longe desse pensamento, para qualquer coisa menos esse pensamento.

— Eu vou ao mercado hoje — comunico, me levantando e me alongando. — Sabe onde está o Finn?

Meu pai continua com o rosto enterrado no jornal, mas puxa e me entrega a carteira.

— Não.

Suspiro outra vez.

— Certo. Se o encontrar, diga que volto mais tarde.

Pego a carteira e passo pela porta, agradecendo pela chance de não mais ver sua expressão apática. Sei que cada um enfrenta os problemas de uma forma, mas, meu Deus!

O sol do meio-dia reluz na via molhada conforme dirijo montanha abaixo. Os pássaros cantam nas árvores e eu baixo o vidro para deixar o ar fresco entrar. Respiro fundo, depois danço no banco quando uma canção alegre começa a tocar no rádio.

Obrigada, meu Deus, sussurro mentalmente. Alegria, qualquer forma de alegria, é difícil de encontrar por estes dias, então eu a aceito de onde vier. Estendo a mão e aumento o volume do rádio, deixando a música ecoar, preencher o carro até que só seja possível ouvir e sentir a alegria.

Só desvio o olhar da estrada por um segundo.

Um breve segundo.

Quando volto a olhar para a pista, um animal minúsculo está sentado no meio da via. É tão rápido que só consigo ver dois olhos verdes me observando e a pelagem cinza. Giro o volante com toda a força para não atingir a criatura.

O carro ruge ao sair da estrada e eu piso no freio. Os pneus derrapam na pista de terra do acostamento.

Derrapo até parar a alguns centímetros do penhasco. Estou horrorizada, petrificada. Não consigo respirar enquanto estou ali, olhando o contorno da montanha. E, de repente, tudo me parece familiar. Eu despencando dali, como aconteceu com a minha mãe.

Minha respiração sai em lufadas pesadas, meu coração palpita enquanto eu a ouço gritando, vejo a chuva daquela noite, a fumaça saindo do asfalto, o som dos pneus chiando em meus ouvidos. Tudo gira como imagens confusas de um filme que ganha vida de formas que sou incapaz de controlar. Levo a mão aos ouvidos para bloquear os gritos e sinto meu peito se contrair cada vez mais.

Estou tendo um ataque cardíaco.

Mas não estou.

Deve ser um ataque de pânico.

Estou tendo um ataque de pânico.

Não consigo respirar.

Abro com violência a porta do carro, que ruge fortemente. Me arrasto para fora e inclino o corpo, tentando desesperadamente respirar, mas sem sucesso, mantendo as mãos nos joelhos e a boca aberta, arfando impotente.

— Fique de pé — uma voz anuncia calmamente. — Se não consegue respirar, se levante.

Faço isso, arqueando as costas com as mãos no quadril, virando o rosto na direção do sol.

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

No cinco, consigo respirar um pouquinho.

No seis, um pouco melhor.

No sete, sou capaz de virar a cabeça para ver quem está aqui comigo.

Dare está à minha frente, a preocupação estampada nos olhos escuros, o corpo flexível pairando ao lado do carro. Parece que está com medo de se aproximar, como se eu fosse um animal selvagem pronto para atacar.

— Desculpe — digo, meus pulmões ainda instáveis. — Não sei o que aconteceu.

Com olhos atentos e preocupados, ele dá um passo.

— Você está bem?

Estou?

Olho para o carro, para a porta aberta, para o fato de ter acabado de ter um colapso na rua. Mas assinto com a cabeça, porque não há nada mais que eu possa fazer.

— Sim. Eu só... Tinha uma coisa na estrada. Eu quase a atingi. Devia ser um gato, talvez eu até o tenha atropelado. Aconteceu tão rápido, não sei.

Volto a inclinar o corpo e Dare me puxa para cima.

— Fique de pé — me lembra. — Abra o diafragma.

Certo. Porque eu estou em surto e não consigo respirar. Por um instante, penso que Finn deve se sentir desse jeito o tempo todo. Tão louco, tão desamparado.

— Sinto muito — sussurro, enquanto minha mão tenta alcançar a lateral do carro para me dar apoio.

Dare inclina a cabeça, calmo diante do meu pânico.

— Por quê?

— Por ter desmoronado — sussurro. — Não sei o que acontece comigo.

Ele permanece inabalável.

— Explique o que aconteceu — sugere, com um tom delicado, agora com a mão em minhas costas, massageando de leve a área entre as omoplatas, me lembrando de respirar.

— Foi o que eu acabei de falar... Eu estava descendo de carro e desviei de um gato. Eu... não sei por que entrei em pânico.

— Talvez porque a sua mãe faleceu recentemente em um acidente de carro? — ele sugere com delicadeza, mais do que eu achava que ele seria capaz. — Talvez isso tenha assustado você?

— Não sei — admito. — Eu ouvi a minha mãe gritar. Ela... estava ao telefone comigo quando morreu.

Sussurro as palavras como uma confissão, pois sei que sou o motivo pelo qual ela morreu. Dare não desvia o olhar e, mais uma vez, não me julga.

— Que terrível.

Confirmo com a cabeça.

— Sim.

De repente, percebo que o rugido que ouvi há um minuto não vinha obviamente da porta do meu carro. Era a moto de Dare.

— Você estava indo para a cidade? — pergunto, meio que por educação, meio que por curiosidade, mas, acima de tudo, para mudar de assunto.

Dare nega com a cabeça.

— Não. Eu estava voltando. Fui devolver um livro na biblioteca.

Não sei se estou mais concentrada no fato de ele ler ou no fato de estar subindo a montanha enquanto eu descia, exatamente como na noite quando a minha mãe morreu.

Ela estava subindo, alguém estava descendo.

— Nós podíamos ter batido — eu me dou conta, enquanto um arrepio percorre minha espinha.

Dare parece confuso. Seus lábios cheios se separam.

— Como?

Balanço a cabeça.

— Desculpe. Eu só estava... Estou feliz por ter desviado para o lado e não para o meio da estrada. Ou você poderia ter me atingido.

É um pensamento mórbido. Que raio está acontecendo comigo?

Dare me encara, provavelmente preocupado com a possibilidade de estar ao lado de uma psicopata, mas esconde educadamente essa preocupação.

— Mas não aconteceu — ele afirma. — Nós dois estamos bem.

Estamos?

— Você está tremendo — ele comenta. E, com isso, esfrega os dedos em meu braço, e, sabe-se lá como, eu o abraço. Parece certo, natural, parece tão bom, é como se eu estivesse em um dos meus sonhos.

A princípio Dare parece assustado, mas me deixa ali, com a testa pressionada contra a sua camisa, enquanto continua massageando

minhas costas. Seu cheiro me acalma... tão amadeirado e masculino e perfeito. Ele tem o mesmo cheiro dos meus sonhos. Inspiro e fungo, e é neste momento que percebo que estou chorando.

Estou um caos completo hoje.

Dare deve pensar que sou uma lunática.

— Desculpe — por fim, me afasto dele. — Não sei o que deu em mim.

— Você teve que passar por muita coisa — ele diz, compreensivo. — Qualquer um no seu lugar estaria no limite.

Qualquer um teria um ataque de pânico no meio da estrada e choraria na frente de um cara lindo que acabou de conhecer?

Olho para ele.

— Você deve me achar maluca.

Ele nega solenemente com a cabeça.

— Não.

— Mas eu não sou — insisto.

Sua boca repuxa.

— Jamais.

Agora só consigo rir de como essa situação é ridícula.

Olho para Dare, que, de alguma forma, parece tão deslocado aqui, no meio da natureza, com seu corpo elegante, refinado, com seus olhos negros.

— Você viu o gatinho? — mudo de assunto.

Ele nega com a cabeça.

— Só vi a poeira que o pneu levantou no acostamento.

Agora me pego preocupada porque não quero, além de tudo, ser uma assassina de filhotes de gato. Dare observa minha expressão e se

apressa em tentar me acalmar, provavelmente porque não quer me ver abraçando-o para chorar outra vez.

— Vou procurar — anuncia, rapidamente. — Por que você não volta para casa para não ficar aqui, na beira da estrada?

Hesito.

— Eu vou te esperar. Quero dizer, é o mínimo depois de tudo o que você está fazendo por mim.

Ele abre um sorriso enorme, iluminado.

— Pode me pagar outro dia. Por agora, é melhor você sair da estrada.

— Mas tem as compras — murmuro, já a caminho do carro.

— Nós vamos fazer compras mais tarde.

Nós.

Um pouco atordoada, dou a partida no carro, faço o retorno e volto para casa. Continuo atordoada enquanto atravesso o quintal e, para esperar, me sento em uma cadeira na varanda.

Vinte minutos depois, a moto de Dare estaciona na entrada.

Ele está de mãos vazias.

— Não consegui achar nada — grita, enquanto desce da moto e vem na minha direção. — Você deve ter visto um guaxinim ou algo assim.

Hesito enquanto tento recriar uma imagem do animal que vi.

— Parecia pequeno demais para ser um guaxinim — respondo.

— Talvez fosse um filhote — sugere.

Ou talvez eu tenha ficado louca e simplesmente não fosse nada. Mas é claro que não digo isso.

— Obrigada por procurar — digo, enfim, meu olhar deslizando na direção de seus pés.

As botas estão cobertas de orvalho e pedaços de folhas. Ele realmente andou pela montanha para procurar.

— Quer ir fazer as compras agora?

Relutante, concordo com a cabeça. Por algum motivo, tenho receio de dirigir outra vez pela montanha.

Dare olha para mim.

— Quer que eu dirija?

No mesmo instante, ergo a cabeça.

— Você quer ir comigo?

Ele sorri.

— Preciso comprar xampu. Vou ficar feliz em dirigir, se você quiser.

— Você não ia ler ou coisa parecida?

Ele revira os olhos.

— Eu leio à noite, enquanto tento dormir. Agora eu estou totalmente livre. Aliás, vou estar livre também hoje à noite.

A simples imagem de Dare na cama, com o corpo à vontade, nu, os músculos iluminados pela luz da lua, faz o calor se espalhar pelas minhas bochechas, então concentro meu olhar no dele, focando na realidade, e não em Dare na minha cama.

Ele sorri. *Me desafie.*

— Talvez a gente devesse se concentrar no *agora* — sugere, com a voz leve, como se soubesse que estava nu na minha mente.

Sofro uma combustão interna e então concordo com a cabeça.

— Isso. É melhor nós irmos fazer compras.

Jogo a chave para ele e seguimos montanha abaixo.

Nós.

Dare e eu.

É um pensamento divertido, uma ideia que por um instante me distrai da tristeza.

Um milagre por si só.

10

FINN

VocêÉUmaDesculpaInfelizInfelizInfeliz, as vozes chiam e eu ranjo os dentes e desenho, esboçando rostos e rabiscando-os toda vez que uma voz diz alguma coisa. Não demora para a página estar coberta de rabiscos.

Calla saiu e eu não sei onde ela está, e, pela primeira vez em semanas, estou sozinho.

Não gosto disso.

Não gosto disso.

Um motor ruge na frente de casa e eu vou até a janela. Olho lá embaixo. O cara novo está parado na beirada do gramado. Calla o encara, a mão dela muito próxima do peito dele.

FiqueLongeDela.

FiqueLonge.

Observo fascinado, horrorizado, enquanto minha irmã sorri.

É como se ela o conhecesse. Como se ela pertencesse àquele lugar, sorrindo com ele.

Eu estou sozinho e ela está lá.

Isso é errado.

Isso é errado.

Ranjo os dentes outra vez, porque não é errado. Minha irmã é adulta e pode fazer o que quiser, e claramente é normal ela sorrir

para um cara.

Mas não para ele, as vozes protestam, e são tantas que não consigo distingui-las. Há alguma coisa nesse cara, alguma coisa errada, alguma coisa que ele esconde.

Ele se esconde.

VocêNãoPodeContarElaNãoVaiAcreditarEmVocê. Pela primeira vez, concordo com as vozes. Calla jamais acreditaria se eu verbalizasse essa ressalva, afinal não tenho nenhuma prova.

Só tenho uma sensação.

E todos sabemos que eu sou louco.

11

CALLA

Vejo os milhões de diferentes tipos de molho para macarrão e escolho um antes de encontrar Dare na parte dos xampus.

Estou no meio do corredor quando meu olhar recai sobre uma prateleira de Dove, a marca de xampu que minha mãe usava. Quase posso sentir o cheiro de seus cabelos quando ela me abraçava. Minha garganta se aperta e eu olho decidida para a frente, porque é isso que tenho que fazer quando alguma coisa traz a lembrança. Preciso ignorá-la e deixá-la para mais tarde. Porque simplesmente não consigo lidar com isso agora.

— Terminou? — pergunto a Dare.

Ele assente antes de observar meu carrinho lotado.

— Que bom que viemos com o seu carro e não com a minha moto — observa.

Tenho que rir, pois não quero explicar que meu pai está se entregando, que em casa estamos precisando de todos os produtos de que se possa imaginar. Então, não explico.

Em vez disso, passamos pelo caixa e colocamos nossos itens no porta-malas antes de voltar para casa.

Quando já estamos a caminho, Dare se vira para mim.

— Pensei em passar em algum lugar para beber alguma coisa. O que acha?

Fico boba por ele acreditar que tenho idade para isso, mas nego com a cabeça.

— Ainda não completei vinte e um — respondo, tímida.

Francamente, por que estou constrangida? Minha idade não é culpa minha.

Dare sorri, inabalado.

— Eu quis dizer um refrigerante, jovenzinha.

— Ah. Bem, eu conheço uma cafeteria. E eles têm refrigerante.

— Que assim seja, então — anuncia teatralmente, como se estivesse pilotando a *Enterprise*.

— Você não é Trekkie, é? — indago, enquanto manobro por uma rua estreita, temendo finalmente encontrar um defeito nesse cara que parece perfeito.

Ele me olha de soslaio.

— O que é isso?

— Você é da Inglaterra ou de Marte? — lanço. — Trekkie, aquelas pessoas que fazem maratonas de *Jornada nas estrelas* e vão a encontros de fãs vestidas de ewok. Você não é um deles. Espero.

— Você está me ofendendo — ele rebate, sério. — Em primeiro lugar, os ewoks são de *Guerra nas estrelas*, não de *Jornada nas estrelas*. Qualquer Trekkie saberia disso.

Dare faz uma pausa e eu fico chocada, porque, bem, não pode ser. Então ele prossegue:

— E também está me ofendendo por pensar tão pouco de mim. Eu não sou um Trekkie, sou um Whovian fanático. Acho que não posso ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Doctor Who. Inglaterra, claro. Abro um sorrisinho amarelo e encontro uma vaga no estacionamento.

— Acabo de confessar um prazer secreto — ele diz, com a mão no freio. — Sua vez. Qual é o seu?

Francamente, não tenho pensado em prazer *nenhum* nas últimas seis semanas.

— Humm. — *Sonhar acordada com você.* — Gosto do Arctic Monkeys.

Ele solta uma risada feroz quando cito a banda britânica. E sai do carro, dando a volta para abrir minha porta enquanto ainda tento soltar o cinto de segurança. Olho para Dare, impressionada com seus modos.

— Vou tentar fingir que não ouvi isso — diz, solene, enquanto passo por ele, inalando sua colônia pelo caminho.

Ele também abre a porta da cafeteria para mim, e nós esperamos na fila cheia de gente descolada até chegar a nossa vez. Dare me encara.

— É justamente isto que eu tenho medo de a cantina do hospital virar — sussurra, como se estivesse dividindo um segredo.

Completamente séria, concordo com a cabeça.

— É... Eu entendo que haja mesmo motivo para se preocupar.

Imagino o ambiente estéril do hospital, tomado pelos gritos da ala psiquiátrica, e dou risada.

— Muitos motivos para se preocupar — reforço.

Dare arqueia a sobrancelha.

— Que bom que concordamos.

Pegamos nosso refrigerante, mas, em vez de voltarmos ao carro, Dare segue na direção de uma mesa.

— Você se importaria de passar um tempinho aqui? Tenho certeza que a comida que deixamos no carro não vai estragar.

— Tudo bem.

Eu me sento à sua frente, brinco com o canudo e nós nos encaramos. Depois de um instante, ele sorri e eu chego à conclusão de que o sorriso de Dare deve ser minha mais nova coisa preferida.

No mesmo instante, me sinto culpada por ter uma nova coisa preferida.

Minha mãe está morta e fui eu quem a matou. Não posso mais desfrutar as coisas.

Olho para ele o mais apaticamente possível, ignorando o fato de parecer que há dedos agitados em meu estômago, me forçando a me aproximar enquanto Dare me encara e seu anel de prata brilha com a luz do sol.

O que há nesse pequeno movimento, nessa simples coisa, para fazê-lo sempre invadir minha cabeça? Eu sou tão idiota. É um gesto tão besta e capaz de chamar tanta atenção.

— Me pergunta alguma coisa — Dare finalmente diz, rompendo o silêncio. — Eu quero que você pergunte.

— Não quero perguntar nada — respondo tranquilamente.

— Mentira.

Suspiro.

— Talvez.

Ele abre um sorriso tão imoral que faz um arrepio nervoso percorrer meu corpo.

— Então pergunte.

— Humm, vejamos. Quanto tempo você vai ficar aqui? — lanço casualmente, como se não estivesse morrendo de vontade de saber a

resposta.

Dare dá de ombros.

— Ainda não sei.

Eu o encaro.

— Isso não é resposta.

— É a única que tenho, porque é verdade.

— Mas às vezes a verdade engana — rebato, deixando-o pensativo.

— O que você quer dizer com isso? — ele questiona, meio que na defensiva.

Hum. Reação interessante.

— Eu só quis dizer que às vezes a verdade é tão louca que não parece verdade. Tipo quando você diz que não sabe quanto tempo vai ficar aqui. Com certeza você sabe.

Ele me olha, agora como quem está se divertindo.

— Mas eu não sei.

— Você é frustrante — digo. Ele sorri. — Então chuta.

— Tudo bem — ele responde, parecendo satisfeito. — Se você está tão preocupada com a possibilidade de eu ir embora, eu chuto... Vou ficar aqui o tempo que for necessário.

— O tempo que for necessário? — indago.

Ele dá de ombros.

Quero acertar um soco na garganta desse cara.

— Você é *mesmo* frustrante — prossigo.

Ele ri.

— Já ouvi isso antes — admite.

— Aposto que sim — resmungo.

Ele está rindo, e o som dessa risada faz minhas costelas vibrarem, preenchendo minha barriga com calor. É um calor que não mereço

sentir. Tento afastar o pensamento, mas a culpa volta, está presente em tudo o que faço.

Em tudo.

Eu não devia estar aqui me divertindo, não resta dúvida.

Não devia estar tendo fantasias com esse cara lindo, sonhando com ele, desejando poder estar com ele. Não mereço isso. Aperto os olhos com força e, quando os abro, percebo uma coisa na bota de Dare, uma coisa misturada à grama da montanha.

Sangue.

— Hum, o que é isso? — me forço a perguntar, porque já sei a resposta.

Ele olha para onde meu dedo está apontando antes de voltar os olhos para mim.

— É sangue. Eu não tinha notado.

— De onde é? — Minhas palavras saem calmas, muito mais do que os batimentos do meu coração.

— De um guaxinim — ele responde, suspirando.

Nossos olhares se encontram.

— Eu o atingi, não foi?

Ele assente lentamente.

— E o matei?

Ele concorda com a cabeça outra vez.

— Ele morreu.

— Por que você não me contou antes? — Agora minha voz sai trêmula e eu me esforço para manter o controle.

Seus olhos escuros não vacilam.

— Porque não tinha nada que você pudesse fazer. O animal morreu e eu tenho certeza de que foi na hora. Ele não sofreu, e eu não

queria que você se sentisse mal por isso. Desculpe. Eu devia ter contado.

Ah, meu Deus. Eu sou uma ameaça à sociedade. E sei que era só um guaxinim, mas era uma vida, e ele se aproximou de mim e agora está morto.

— É melhor nós irmos embora — sussurro, me afastando da mesa e seguindo em direção à porta sem esperar Dare responder.

Ele me segue, e, quando chegamos ao carro, se vira para mim com o rosto confuso.

— Eu fiz alguma coisa?

— Claro que não — respondo, soando cansada. — Nada, mesmo. Só acho que está na hora de nós voltarmos. Tenho certeza de que o meu irmão está se perguntando onde eu estou.

Há muito tempo eu não o deixo sozinho por tantas horas.

Dessa vez eu dirijo, porque preciso ser normal. Preciso tirar da cabeça o que aconteceu de manhã. Quando você cai do cavalo, sobe outra vez. Se a sua mãe morre em um acidente, você precisa voltar a dirigir.

Quando estamos na frente da funerária, desligo o carro e Dare sai do veículo. Pega oito sacolas de compras enquanto eu carrego quatro.

— Não precisa levar para dentro — digo, enquanto passamos cambaleando pela porta dos fundos.

Ele não responde, apenas segue direto para a cozinha, como se fosse a casa dele, como se já tivesse estado aqui antes.

Curiosa, eu o sigo, observando-o enquanto começa a tirar os itens dos pacotes e guardar o leite na geladeira e o açúcar exatamente no lugar certo.

— Como você sabe onde as coisas ficam? — pergunto, bem imbecil, enquanto ele guarda o pão. — Você parece ser o tipo de cara

que não tem a menor ideia de onde ficam as coisas na cozinha, menos ainda na minha cozinha.

Ele para e arqueia a sobrancelha.

— Aqui está escrito "pão" — aponta.

Fico vermelha.

— E o resto é senso comum — ele continua, abrindo o armário acima do fogão para guardar o sal.

Mesmo assim. Ele se movimenta com tanta familiaridade.

Eu estou... imaginando coisas, concluo. *É claro que estou.*

Quando termina, Dare inclina o corpo sobre o balcão.

— Eu me diverti hoje — anuncia, os olhos brilhando, o corpo alongado.

Concordo com a cabeça.

— Obrigada por me levar à cidade.

Ele sorri.

— Quando quiser, é só dizer. — E segue em direção à porta antes de parar e se virar para acrescentar: — É sério. Eu gostaria de repetir a dose. Quer dizer, tomar um refrigerante com você.

Ele está tão bonito ali parado, banhado pela luz do sol na passagem da porta. Engulo em seco, tentando desfazer o nó de culpa que se formou em minha garganta. Quero concordar, quero dizer sim com todas as minhas forças.

Mas não posso.

— Eu... é... — *Eu não mereço.* — Não sei se vou poder. O meu irmão precisa de mim.

Dou meia-volta porque meus olhos estão marejados e queimando, porque sou ridícula e não quero que Dare me veja chorando outra vez.

Sua voz agora vem de trás. Quinze centímetros nos separam.

— Calla, olhe para mim.

Olho fixo para o armário de nogueira enquanto tento evitar que as lágrimas escorram, porque, por mais que eu tente contê-las, elas ameaçam cair.

Uma escapa e desliza por minha bochecha.

Dare me puxa, me fazendo virar, depois solta a mão e me olha nos olhos. Está tão decidido, tão sério. E usa o polegar para secar a lágrima.

— Você também merece viver — aconselha, com a voz equilibrada. — Você pode tomar conta do Finn e de si mesma.

Eu não mereço.

— Você não entende — começo a dizer, mas logo concluo que eu pareceria uma louca se tentasse explicar. Então continuo, com a voz dura e forçada: — Você não pode saber disso, porque não me conhece.

Dare desliza a mão pelo cabelo enquanto seus olhos brilham feito obsidianas.

— Acho que não.

Então, se vira abruptamente e vai embora. Com seus ombros largos, atravessa o gramado, ficando cada vez mais distante.

Alguma coisa me incomoda enquanto passo um pano no balcão da cozinha. E só quando apago a luz e vou para a sala de estar é que me dou conta.

Ele agiu como se eu o tivesse decepcionado.

Não sei por quê.

12

Não vejo Dare há dias, o que é estranho, considerando que agora ele mora aqui. Mas não é tão estranho assim, já que, de alguma forma, eu o decepcionei.

Ouço sua moto dando partida pelas manhãs, depois o escuto voltar tarde da noite, mas não o vejo há longas setenta e duas horas.

— Eu me pergunto aonde é que ele vai todos os dias — Finn devaneia durante o café da manhã, enquanto escutamos a moto acelerar, descendo a montanha.

Meu pai dá de ombros.

— Não sei. Para mim, não importa. Ele pagou três meses adiantado, então até setembro não é problema meu.

Três meses adiantado? Interessante. Mastigo meu biscoito enquanto penso no assunto. É esse o período que ele vai ficar por aqui?

Sinto Finn me observando, esperando uma reação, mas não reajo. Por algum motivo, não quero que meu irmão saiba quanto tempo tenho passado tendo devaneios com Dare DuBray, que passei três noites na cama obcecada pela voz dele e como ela soaria sussurrada em meu ouvido no escuro.

— Quer fazer alguma coisa hoje? — Finn indaga antes de tomar um gole de suco de laranja.

Dou de ombros.

— Claro. Tipo o quê?

Ele me olha por sobre o copo.

— Talvez a gente possa ir ao cemitério.

E, simples assim, é como se Finn tivesse pisado no meu plexo solar, arrancando até o último vestígio de oxigênio.

— Por que a gente faria isso hoje? — me esforço para perguntar, mesmo com os músculos apertados.

Nosso pai se entrega a um silêncio incomum enquanto observa nossa interação.

Finn ergue o olhar na minha direção.

— Porque ainda não fomos. Não quero que a mamãe pense que nós a esquecemos.

Meu pai emite um barulho como se estivesse se afogando enquanto mexe no prato (que, por acaso, é parte de um conjunto de dezesseis peças de porcelana que eles ganharam no casamento) antes de se apressar para a cozinha. Lanço um olhar penetrante para meu irmão.

— A mamãe está morta. Ela não *pensa* nada.

Finn não desvia o olhar.

— Você não tem como saber. Não sabe o que ela vê ou deixa de ver. E então, quer ir visitá-la hoje?

Percebo o tom firme de sua voz, um ar firme e cheio de julgamento. Engulo em seco, porque certamente não estou pronta para ir ao cemitério.

— Não consigo... ainda — finalmente respondo, num sussurro.

Seus olhos azuis se suavizam; mesmo assim, ele não desvia o olhar.

— Eu acho que não vai ficar mais fácil com o passar do tempo — rebate.

Nego com a cabeça.

— Eu não espero que isso aconteça. É só que... *Eu* não estou pronta. Ainda não.

— Certo — Finn cede. — Que outra coisa você quer fazer hoje?

Observo pela janela e meu olhar é instantaneamente atraído pela água.

— Estou morrendo de vontade de comer patas de caranguejo.

Finn abre um sorriso, aquele preguiçoso que tanto amo.

— Então vamos pescar caranguejos.

Deixo a louça na pia e me apresso para o andar de cima a fim de vestir roupas surradas e um chapéu confortável para proteger a pele do sol. Encontro Finn no hall de entrada.

— Tem protetor solar no meio dessas coisas aí? — ele pergunta, olhando para minha bolsa de praia gigante.

Confirmo com a cabeça.

— Claro que tem.

Vamos até a trilha que leva à praia, depois subimos nas pedras e desviamos das algas para chegar ao frágil píer. Nosso barquinho balança na água; as laterais acinzentadas desgastadas pelo sol.

Quando subimos a bordo, corro a língua pelos lábios, saboreando o ar salgado enquanto a brisa afasta o cabelo do meu rosto. Já temos armadilhas para caranguejos preparadas no compartimento de cargas, então Finn libera a âncora para seguirmos rumo à baía.

O sol atravessa o tecido fino das mangas da minha blusa, e eu imagino que neste momento mais sardas estão se formando, mas não

me importo. Tudo o que me importa é continuar seguindo pela água, chegar ao mar.

Finn inclina o corpo, pega uma armadilha e a joga na lateral do barco. A boia alaranjada cai com uma pancada na água para marcar o lugar enquanto vamos para outro local e lançamos outra armadilha. Soltamos um total de cinco antes de irmos mais adiante no mar e nos deitarmos para tomar sol no barco.

Olho para o céu, para a imensidão azul, e vejo as nuvens brancas brincarem umas com as outras, se apertando e se alongando e existindo no ar. O que me leva a questionar onde fica o paraíso. Ou se existe um paraíso. É claro que estou pensando nisso por causa da minha mãe. Porque ela sempre está no fundo da minha mente. E porque ainda esta manhã Finn arrancou o band-aid que cobria essa ferida.

— Talvez o paraíso seja outra dimensão — devaneio em voz alta. — Talvez as pessoas que estão lá existam agora, se movimentando e conversando ao nosso lado, e nós simplesmente não conseguimos vê-las. E talvez elas também não consigam ver a gente.

Finn relaxa o corpo, mantendo os braços atrás da cabeça e os olhos fechados.

— Eu acho que eles conseguem ver a gente.

— Então você acredita mesmo que o paraíso existe? — pergunto, duvidando. — Como pode ter certeza?

— Não tenho — ele responde. — Mas eu acredito nisso. E a nossa mãe também acreditava

Sua fala atrai minha atenção e eu o encaro.

— Como você sabe?

Finn não parece preocupado com meu tom de voz ansioso.

— Porque ela me disse uma vez. A mãe adorava aquela coleção Histórias para Aquecer o Coração, lembra?

Claro que sim.

— Ela comprou *Histórias para aquecer o coração dos adolescentes* para mim no ano passado. E colocou na minha meia de Natal.

Na verdade, eu queria um cartão-presente do iTunes.

Finn sorri sem abrir os olhos.

— Bem, ela deixou *Histórias para aquecer o coração em luto* no hall de entrada. Um dia eu estava entediado, peguei o livro para ler e ela viu.

Dou risada, porque só consigo imaginar como ela deve ter ficado feliz... ao pensar que finalmente estava influenciando Finn a gostar do mesmo gênero literário. Minha mãe adorava esses livros.

— Uma das histórias era sobre vida após a morte. Tipo isso. Era a preferida dela.

Finn fica em silêncio e eu espero.

E espero.

— E aí? — eu o induzo a falar.

Ele abre um olho.

— E aí? Ah, você quer ouvir a história?

Reviro os olhos.

— Óbvio que sim.

— Está bem. — Finn claramente acha o pedido um saco, mas mesmo assim o atende. — Era uma vez uma colônia de larvas aquáticas. Formavam uma colônia próxima, uma família. Aonde um ia, todos os outros iam. Mas, com certa frequência, um deles acabava se afastando e seguindo o próprio caminho, se arrastava para dentro de uma vitória-régia e nunca mais voltava. Era um grande mistério

para a comunidade de larvas. Eles não conseguiam entender o que estava acontecendo com os membros da família nem por que eles desapareciam. Conversavam sempre sobre o assunto e ficavam preocupados, mas nunca conseguiam realmente entender o que acontecia.

Finn então abre os olhos e observa o horizonte. Fixa o olhar no farol vermelho ao longe, nos pelicanos que fazem seus voos rasantes em busca da próxima refeição, nas ondas quebrando contra as pedras.

— Bem, um dia, outra larva subiu em uma vitória-régia, atraída por forças invisíveis que existiam dentro dela, forças que ela não entendia e não conseguia controlar. Enquanto estava ali, parada embaixo do sol, se transformou em uma linda libélula. Ela se desfez da sua pele de larva e criou asas iridescentes que brilhavam contra o sol. Asas tão grandes e fortes que lhe permitiam voar e fazer manobras no ar. A libélula ficou impressionada com o seu corpo novo e pensou: "Preciso voltar e contar para os outros. Eles precisam saber que é isso que acontece, para deixarem de ter medo". Então, ela foi voando pelo ar, na direção da água. Mas, infelizmente, não pôde mergulhar para chegar aonde as larvas nadavam. Na sua nova forma, a libélula não conseguia mais se comunicar com a família. Mesmo assim, ela se sentia em paz, porque sabia que um dia a sua família também ia se transformar e todos iam ficar juntos.

Finn faz uma pausa e olha para mim.

— E é assim também com o paraíso. Quando as pessoas morrem, vão para outro lugar, um lugar melhor, e não conseguem se comunicar com a gente porque agora elas têm uma forma diferente. Mas isso não quer dizer que não sejam de verdade. Nem que um dia nós não vamos ver com nossos próprios olhos como as coisas são.

Sinto a garganta apertar, então tento limpá-la.

— A mãe acreditava nisso?

Finn confirma:

— Sim. Ela me contou.

A história é bonita e me faz querer chorar, além de me deixar um pouco ressentida porque Finn dividiu esse momento com a nossa mãe, e eu não. Mas afasto esse pensamento irracional. O que ouvi já é o suficiente.

Ficamos em silêncio por um tempo e eu corro os dedos pela água.

Pelo menos mais uma hora se passa antes de Finn voltar a falar:

— Sabe, a gente precisa ir ao cemitério.

Concordo com a cabeça.

— Certo.

Ele arqueia a sobrancelha.

— Certo?

Eu assinto outra vez.

— Sim. Em breve.

Meu irmão abre um sorriso sincero e nós seguimos navegando aleatoriamente por mais uma hora antes de ele finalmente girar o timão rumo à primeira armadilha de caranguejos. Quando nos aproximamos, estendo a mão e a puxo, trazendo a corrente molhada para dentro do barco. A armadilha está vazia. Mas a próxima não, nem a outra. No fim, temos cinco caranguejos, o que faz a pescaria de hoje ter sido boa.

Meu estômago ronca só de pensar em afundar as patinhas dos caranguejos em manteiga e devorá-las.

Voltamos à terra firme, e Finn manobra o barco enquanto deixo meu chapéu sobre um banco e transfiro os caranguejos para um balde.

As patas fazem barulho ao rasparem no plástico, e, por um breve instante, me permito sentir culpa porque vou jogá-las na água fervente mais tarde.

— O que é que está acontecendo ali? — Finn murmura, olhando à nossa frente, depois da trilha, para além das árvores, em uma clareira atrás da cocheira.

Acompanho seu olhar e, quando vejo Dare, quase arfo ao ficar boquiaberta.

Ele já voltou da cidade e está usando roupa de ginástica: short e uma camiseta surrada. E soca repetidamente a lateral do depósito de lenha.

Repetidas e repetidas e repetidas vezes.

Pow. Pow. Pow. Pow.

Como um facão ou uma debulhadora ou um pistão.

O suor escorre pelo seu rosto e gotas de sangue pela mão enquanto ele agride a madeira, socando-a como uma máquina.

— Mas o que é isso? — faço eco ao sentimento de Finn antes de entregar o balde com os caranguejos para ele e seguir o caminho para encontrar Dare.

Finn protesta atrás de mim, mas não paro nem diminuo a velocidade.

Chego ao lado de Dare e puxo seu cotovelo. Ele cheira a suor, então não posso imaginar há quanto tempo está aqui, ferindo a si mesmo.

— Dare, pare com isso — ordeno. — Você está sangrando.

Ele se livra da minha mão, não olha para mim e dá mais um soco.

O sangue respinga no chão e em meu pé descalço.

— Dare.

Pow.

— Dare. — Agora minha voz é mais firme, feito gelo, e ele finalmente para, soltando o braço na lateral do corpo. Não olha para mim, mas sua respiração está ofegante. Espero até o ofegar se transformar em uma respiração rasa, quase normal.

— Qual é o problema? — pergunto. — Por que você está... Qual é o problema?

Espero a resposta.

Ele fica em silêncio. Finalmente solta o corpo e cai de joelhos.

— Problema nenhum — enfim declara, a voz dura feito madeira.

— Nenhum? — É difícil acreditar. — Então por que você está acabando com as próprias mãos?

Eu me ajoelho à sua frente, erguendo as mãos para examiná-las. Os nós dos dedos, além de arranhados, estão de cortados. Destruídos. Uma polpa ensanguentada, para dizer a verdade.

— Acho que você pode ter quebrado os dedos.

Ele puxa a mão.

— Não quebrei.

— Certo.

Eu o observo com cautela. Se tem uma coisa na qual me tornei especialista, é passar por situações malucas.

— Posso ajudar a limpar?

Prendo a respiração até ele ficar de pé.

— Eu cuido disso. — Sua voz é brusca e carregada de desdém, e ele dá meia-volta para ir embora.

Mas o que é que está acontecendo? Onde foi parar aquele cara tão envolvente? Tão charmoso? Parece que foi substituído por um estranho superfrio que gosta de se machucar.

Agarro seu cotovelo. De canto de olho, noto Finn nos observando ao longe. Esperando.

— Está tudo bem — grito para meu irmão. — Não precisa esperar.

Finn nega com a cabeça, e eu também.

— Pode ir — grito. — Eu já vou.

Relutante, ele vai para casa, levando os caranguejos. Dare me olha.

— Não precisa ficar. Eu não preciso de ajuda.

— Precisa, sim — rebato. — Só não se deu conta disso.

— E você se deu conta?

— Sim.

Dare me analisa com olhos gelados.

— Não, não. Porque, como você tão claramente apontou, você não me conhece. Pode soltar meu cotovelo agora.

Meus dedos deslizam para longe de seu braço, confusos com a frieza, com as palavras, mas Dare me segue até a cozinha dentro da cocheira.

Enquanto nos dirigimos para lá, não consigo não notar como ele mantém a casa organizada. A cama está arrumada, o balcão, limpo, não há nenhuma pilha de roupa suja no chão. Impressionante para um cara solteiro.

Abro a torneira e espero a água correr até esquentar antes de segurar suas mãos sob o jato. Ele prende a respiração, mas não diz nada. Pego uma folha de papel-toalha e envolvo sua mão, e ele se apoia no balcão. Quando Dare faz isso, sua camiseta sobe de leve, deixando à mostra o abdome definido.

A pele parece suave feito veludo ao mesmo tempo que os músculos parecem de aço. Sinto meus dedos formigarem com o desejo de deslizar ali, de tocar, de explorar.

Mas é claro que não faço isso. Não seria socialmente aceitável.

— Por que você está tão irritado? — indago enquanto abro a geladeira, pego algumas pedras de gelo e as jogo em duas sacolas, uma para cada mão.

Dare não abre os olhos.

— Não estou.

— Mentira.

É uma afirmação, não uma pergunta.

Ele suspira.

— Talvez.

Eu o faço sentar em uma cadeira e seguro o gelo contra suas mãos.

— Sem dúvida.

Dare enfim abre os olhos.

— Você tem ideia do que é não conseguir mudar uma coisa?

Olho com ternura para ele. Sério?

— Meu irmão é louco e minha mãe morreu em um acidente de carro — relembro. — É claro que eu sei o que é isso.

Dare suspira e desvia o olhar, como se eu tivesse dito uma coisa trivial e ele simplesmente não tivesse entendido.

— Seu irmão não parece louco — responde. — Quero dizer, não como você disse.

— É verdade — respondo, com cuidado. — Mas só porque a gente não vê uma coisa, não quer dizer que ela não esteja lá.

Dare me encara com seus olhos escuros feito a noite.

— É verdade.

Ele se levanta e tira a camisa, estremecendo ligeiramente ao movimentar as mãos. Joga a peça suja de sangue na pia, e aquele abdome quase me deixa sem ar. Definido como um tanquinho, está

bem à minha frente. Quero deslizar meus dedos naquelas marcas, seguir o "caminho da felicidade" fino e escuro para descobrir aonde ele me leva.

Mas eu sei aonde leva.

E isso faz minhas bochechas pegarem fogo.

— Como você consegue morar aqui? — ele pergunta num sussurro.

Ergo o olhar para acompanhar o dele. Dare agora olha pela janela, para a fumaça escura que sai do crematório. E é a minha vez de estremecer, afinal ele reconhece a fumaça pelo que ela é. *Corpos sendo cremados*.

Dou de ombros.

— Estou acostumada. Existem lugares mais assustadores.

Sem se convencer, ele me encara.

— Ah, existem?

Confirmo balançando a cabeça.

— Sim. Eu conheço pelo menos um para citar.

— Quero visitar esse lugar um dia — diz. — Senão, não vou acreditar.

Sorrio.

— Combinado. *Se* você me disser o que aconteceu. Por que está castigando as suas mãos? O que elas fizeram para você?

— De verdade, não quero falar sobre isso agora — Dare afirma, inclinando o corpo outra vez sobre o balcão de um modo tão casual que chega a parecer doloroso. — A não ser que você esteja usando uma daquelas perguntas que eu sou obrigado a responder.

Não hesito por um instante sequer:

— Estou.

Ele suspira porque sabia que eu diria isso. Quase caio na escuridão daqueles olhos, que são como poços sem fundo.

— Estou bravo comigo mesmo — admite, como se isso fosse resposta.

— Isso é óbvio — rebato, secamente. — Mas a pergunta é... por quê?

Agora ele me encara com um olhar dolorido, uma imagem tão infeliz e horrível que faz meu estômago dar um nó.

— Porque eu não consigo mudar uma coisa. E porque estou deixando isso me afetar — enfim responde. — Uma coisa que não consigo controlar. É ridículo. Então me irrita.

— As emoções te deixam irritado? — indago, arqueando as sobrancelhas.

Ele dá um risinho sem jeito e o clima pesado se desfaz.

— Elas irritam quando são idiotas.

Dare dá meia-volta para sair da cozinha e eu respiro com dificuldade.

Há uma tatuagem estampada na parte superior de suas costas, espalhada entre as omoplatas.

VIVA LIVRE.

Nunca vi uma tatuagem tão adequada para um cara com um nome tão adequado. Se tem alguém que *vive livre,* esse alguém é Dare.

— Adorei a tatuagem — grito para ele, que deixou a cozinha e está no quarto, onde não consigo vê-lo.

— A liberdade é uma ilusão — ele grita em resposta.

Quero saber por que, mas não quero usar mais uma pergunta, então deixo quieto. Por enquanto.

Um minuto depois, ele volta, segurando uma camiseta limpa.

— Temos gaze e esparadrapo em casa — digo. — Venha comigo para eu fazer um curativo. O Finn e eu pescamos caranguejos hoje. Fique para o jantar.

Não estou pedindo. É uma ordem. E Dare surpreendentemente concorda.

— Está bem.

Arqueio uma sobrancelha.

— Está bem?

Ele sorri, e o Dare que eu conheço está de volta, aquele Dare charmoso e amigável.

— Sim. Eu quero ver se os caranguejos realmente gritam quando você os joga na panela. — Tenho que me segurar quando ele ri. E prossegue: — Estou brincando. Isso é mito, não é?

Confirmo com a cabeça.

— Os caranguejos não têm cordas vocais. Mas, quando as bolhas de ar saem do estômago, parece que eles estão gritando.

— Que pensamento mais agradável — Dare lança, sarcástico.

— Eu simplesmente não penso nisso. — Dou de ombros. — Porque eles são deliciosos.

— Sádica, mas prática — ele observa, enquanto segura a porta aberta para mim.

Ofereço um sorriso.

— É a minha hamartia.

Dare balança a cabeça.

— Não acredito em defeitos fatais.

Eu paro e o encaro.

— Sério? Então me diga: qual vai ser o motivo da sua ruína?

Dare também para, deixando os braços soltos na lateral do corpo.

— Tem uma boa chance de ser você.

13

— Como você pode dizer isso? — balbucio. — Você acabou de me conhecer.

Os lábios de Dare repuxam e ele se põe em direção à minha casa.

— Eu sou um cara muito intuitivo, Calla Copo-de-Leite. Acho que é aquilo que as pessoas chamam de *feeling*.

Sinto como se estivesse andando em uma nuvem de confusão enquanto percorremos o caminho até minha casa. Mal cumprimento Finn quando entramos, e ele imediatamente percebe que tem alguma coisa rolando, embora não peça detalhes. Em vez disso, me avalia calmamente.

— Está tudo bem? — Sua voz é lenta e constante.

Confirmo com a cabeça.

— Sim.

Ele assente.

— Que bom. Não estou me sentindo bem, então vou comer no quarto.

Ele se vira e desaparece no corredor antes que eu possa dizer qualquer coisa. Suspeito que sua ausência tenha mais a ver com a presença de Dare e menos com não estar se sentindo bem.

Suspiro enquanto meu pai passa pela porta da cozinha.

E olha para Dare.

— Quer beber alguma coisa?

— Por favor. Pode ser o mesmo que o senhor está bebendo — Dare responde.

Meu pai sai por um instante e volta com uma cerveja.

— A julgar pela sua aparência, acho que algo mais forte do que limonada funcionaria melhor.

Dare parece quase aliviado e toma um demorado gole.

— Obrigado.

Enquanto Dare seca a boca com uma das mãos feridas, meu pai analisa o machucado, mas não diz nada.

É estranho como tudo é socialmente aceitável e tranquilo, apesar de as mãos do cara estarem mutiladas. Todos ignoram esse fato.

— Vamos achar o kit de primeiros socorros — proponho.

Dare assente e coloca a cerveja sobre o balcão enquanto meu pai entra outra vez na cozinha.

— O caranguejo vai estar pronto em cinco minutos — grita, olhando para trás.

— É melhor a gente se apressar — murmuro para Dare enquanto o acompanho pelo corredor.

Passamos pelas salas onde os mortos ficam expostos e pela sala de estar. Em nenhum momento Dare comenta sobre o cheiro da funerária.

Depois que atravessamos em silêncio os corredores que levam ao porão, eu o convido a se sentar em uma cadeira na frente da sala de embalsamamento do meu pai.

— Já volto — digo.

Abro a porta e ignoro a mudança instantânea de temperatura, que faz arrepios se espalharem pelos meus braços e pernas. Também ignoro o motivo que leva este espaço a ser tão frio. Frio = Morte. É

uma equação que há muito tempo foi impressa em minha cabeça. É o motivo pelo qual eu quero me mudar para um lugar tropical. Porque Calor = Vida.

No armário, procuro gaze e esparadrapo. Faço tanto barulho que não ouço Dare entrar no cômodo. Quando ouço sua voz atrás de mim, dou um salto.

— Então, aqui não tem uma aparência assustadora — observa, com uma voz baixa que se torna alta ao ecoar pelo silêncio.

Eu me viro, coração acelerado.

— Desculpe — ele diz, rápido, erguendo a mão. — Não queria te assustar.

— Tudo bem — respondo. — Só não estava esperando ouvir uma voz.

Ele assente, repuxando o lábio.

— É. Acho que, em condições normais, seria ruim ouvir uma voz aqui.

Concordo, ainda tentando fazer meu coração diminuir o ritmo, enquanto pego o que preciso.

Dare se vira lentamente, observando a parede com refrigeradores, as mesas de metal com bandejas no centro da sala, as paredes estéreis, o cheiro de produtos hospitalares.

— Esta sala é medonha — anuncia, olhando para as bandejas. — Não sei como o seu pai consegue fazer o que faz.

— Eu também não — admito, enquanto o conduzo para fora da sala. — Detesto ficar neste lugar. A última vez que estive aqui foi quando trouxeram a minha mãe.

O corpo dela estava em um saco, totalmente envolto em lona preta. Pensei que ela precisasse de mim ao seu lado, para segurar a sua

mão, para não se sentir sozinha. Mas isso só durou até o momento em que abriram o zíper na altura do peito e eu vi a blusa amarela se transformar em vermelha por causa do sangue. Aí eu saí correndo daqui.

Passo um cotonete com iodo nas articulações dos dedos de Dare, e ele nem estremece.

— O seu pai com certeza não... a sua mãe... — A voz falha quando ele se dá conta de quão delicado é o assunto.

Engulo em seco.

— Na verdade, ele fez, sim. Não tenho a menor ideia de como conseguiu. Mas ele disse que não confiava em ninguém para cuidar dela. Não sei por que ele fez isso, já que o caixão estava lacrado.

Meu peito se aperta e eu cutuco, cutuco, cutuco os cortes de Dare antes de envolver suas mãos em gaze e esparadrapo.

Ele me oferece um olhar demorado nos olhos.

— Sinto muito. Foi insensível da minha parte perguntar. Não costumo ser tão desajeitado com as palavras.

Faço uma negação com a cabeça.

— Não tem problema.

Ele examina minhas mãos, que se movimentam habilmente fazendo os curativos.

— Não vou perguntar onde você aprendeu a fazer isso tão bem.

Não consigo conter o sorriso.

— Espertinho. Mas devo dizer que é bom trabalhar com uma pessoa viva.

Bufo quando Dare parece surpreso.

— Estou brincando — vou logo dizendo. — Eu nunca trabalhei com os defuntos. Jamais.

Ele expira e eu dou risada enquanto guardo os itens que acabamos de usar. Quando dou meia-volta, Dare está deslizando o dedo pela porta de aço de um dos refrigeradores.

— Tem alguma coisa... Quer dizer, tem alguém aqui? — questiona, sem nem parecer nervoso.

Afirmo com um gesto.

— Sim. Acho que tem alguém aí.

Dare arqueia a sobrancelha.

— E você não se incomoda mesmo de dormir na mesma casa?

Dou de ombros.

— Sempre foi assim. O meu pai trabalha como agente funerário desde que eu nasci. As crianças me zoavam na escola. "Menina da funerária." Era assim que me chamavam.

Não sei por que falei isso, e parece que Dare também não entende, pois agora está me estudando.

— Por que eles faziam isso? A profissão do seu pai não é uma escolha sua.

— Eu sei. Vai entender o que as crianças são capazes de fazer. Elas podem ser cruéis. Mas eu sobrevivi. O Finn também. Eles provocavam o meu irmão e o chamavam de louco.

Os olhos de Dare escurecem enquanto ele olha nos meus.

— Então, quando eram crianças, vocês basicamente só tinham um ao outro? — diz, lentamente. — Não é de espantar que sejam tão próximos.

Concordo.

— Sim. Basicamente isso.

— E era por isso que você estava tão triste aquela noite na praia. Porque não quer se separar do Finn. — A voz de Dare é muito calma,

muito lenta, muito estável.

Afirmo com a cabeça, sugada por esse turbilhão de conforto.

— Isso mesmo.

Ele assente.

— Eu entendo. O que tem de errado com o seu irmão? Você disse que ele é...

— Louco — interrompo. — Eu não devia falar assim. Ele não é. Só tem um problema mental. Mas ele toma remédios.

Percebo que minhas palavras são condensadas e estremeço. Meu irmão é *mais,* não *menos*.

— Ele é inofensivo — acrescento. — Pode confiar.

— Sim — Dare responde, os olhos brilhando. — Quer dizer, eu confio em você.

A resposta faz meu coração afundar. Não sei por quê. Não é que as outras pessoas não confiem em mim. Meu pai, Finn. Minha mãe confiava. Mas ouvir Dare dizer que confia em mim traz certa intimidade. As palavras que saem de seus lábios são dirigidas somente a mim. Gosto disso.

— Vamos comer? — consigo perguntar, em tom casual.

Dare sinaliza que sim e nós fazemos o caminho de volta, subindo a escada e chegando à sala de jantar. Quando ele puxa a cadeira para mim, me esforço para não desfalecer.

O estalar das patas de caranguejo preenche o ar, acompanhado pelo cheiro da carne macia. E faz meu estômago roncar, mais ou menos

como uma reação pavloviana a manteiga derretida. À minha frente, Dare come com uma habilidade impressionante.

Obviamente já comeu esse prato antes. Observo enquanto ele parte a pata de caranguejo e puxa a carne com um movimento hábil. A maioria das pessoas se sujaria para comer.

— Então, onde você mora, Dare?

A pergunta do meu pai vem em tom nada casual. Eu o conheço, Finn o conhece, mas, por sorte, Dare não o conhece o suficiente para notar que, no fundo, meu pai está tentando pescar informações.

— A minha família mora nos arredores de Kent, no interior de Sussex, na Inglaterra — Dare responde com tranquilidade.

Posso estar imaginando coisas, mas seus olhos parecem na defensiva.

— Ah, é? — Meu pai arqueia as sobrancelhas. — Não me diga. Você está bem longe de casa, então, rapaz. O que trouxe você para a costa do Pacífico?

É claro que estou atenta, contente por meu pai fazer todas essas perguntas, assim não vou ter que fazê-las eu mesma. Minhas perguntas são contadas e valiosas.

Dare sorri educadamente.

— Só estou visitando. Os Estados Unidos são um país lindo, em especial esta região.

Claramente percebemos que ele está se esquivando, com toda a educação do mundo. No entanto, seria impossível esperar uma resposta mais educada.

Crack. Meu pai parte mais uma pata de caranguejo.

— Acho que você está acostumado com a chuva, então, se é de Sussex. A minha esposa foi criada na Inglaterra. Por isso a chuva aqui

nunca a incomodou.

Dare assente.

— Estou bem acostumado.

Todos ficamos em silêncio e continuamos comendo. Posso praticamente ver meu pai querendo fazer mais perguntas.

— E você tem *mesmo* vinte e um anos, certo? — ele questiona, quando Dare toma um gole de cerveja. — Não quero contribuir para criar um menor delinquente — diz, em tom de brincadeira, mas sabemos que está falando sério.

Dare sorri.

— Exatamente vinte e um.

Eu sabia. Ele definitivamente tem mais de homem que de menino. Parece ser até mais homem do que a idade sugere. Tem os olhos de um cara com mais de vinte e um. Olhos que já viram muita coisa. Eu sei disso. A pergunta que fica é: quanto esses olhos já viram?

Enquanto jantamos, eu o vejo manipular com facilidade a pata de caranguejo e comer sem fazer sujeira. E come quatro enquanto eu só consigo comer duas.

— Você também gosta de lagosta? — indago, alguns minutos depois. — De caranguejo você parece gostar.

Dare abre um sorriso ofuscantemente branco.

— Eu adoro lagosta. Gosto de praticamente todos os frutos do mar.

— Eu também — respondo.

Continuamos cercados pelos sons da comida estalando, sendo mergulhada em molho, sendo mastigada.

Por fim, olho para meu pai.

— Está tudo bem com o Finn?

Ele assente lentamente.

— Sim, sem dúvida.

De repente, o silêncio desta casa, que é praticamente um mausoléu, a tensão do meu pai, a ausência estranha de Finn... tudo isso me sufoca e eu tenho que respirar fundo.

Dare me encara com olhos impressionantemente escuros.

— Você está bem?

Faço que sim.

— Estou. Só estou me sentindo... inquieta. Lembra que você não acreditou quando eu disse que conhecia um lugar mais assustador do que aqui?

Ele assente devagar, interessado, os olhos brilhando.

— Lembro.

Ofereço um sorriso.

— Quer ir ver hoje à noite?

Meu pai quase engasga.

— Calla, não sei se é a melhor noite para isso. Está muito escuro. Vocês podem acabar se machucando.

Reviro os olhos.

— Pai, o Finn e eu já estivemos lá milhares de vezes nos últimos anos. Não tem problema. — Olho para Dare e arrisco: — Está a fim?

Ele abre um sorriso.

— Nunca digo não para uma aventura.

14

FINN

Da janela, eu os vejo sair, e a escuridão lá fora parece sangrar para dentro do meu quarto, do meu coração, do meu sangue.

DeixeElaIrDeixeElaIrDeixeElaIr.

Engulo as palavras detestáveis enquanto vejo minha irmã entrar com ele no carro. A bile sobe até a garganta porque minha irmã é minha e me distrair é a última coisa que eu quero fazer, mas, ao mesmo tempo, é a única coisa que posso fazer.

FaçaOQueÉCerto.

Essa é a minha voz. Finalmente. Mais forte que a loucura, que as vozes, que as palavras.

Tenho que fazer o que é certo.

O que é certo.

O que é certo.

ProtejaSeuSegredo.

As outras vozes retornam, chiando, relembrando.

Meu segredo.

É disso que estamos falando agora.

Sempre.

Independentemente de qualquer coisa.

15

CALLA

Dare se espalha no banco do passageiro, tomando todo o espaço, enquanto eu dirijo com cuidado pela montanha. Não olho para a cruz no lugar onde minha mãe morreu quando passamos por ali. Embora tenha certeza de que Dare a viu e ficou curioso, ele não diz nada.

— Então, aonde exatamente estamos indo? — ele pergunta, com seu sotaque de tirar o fôlego, quando pegamos a estrada no sopé da montanha.

Olho para ele e sorrio.

— Está com medo?

Ele nega com a cabeça, virando seus olhos escuros.

— Nem um pouco. Eu tenho você para me proteger.

Dou risada, porque a ideia de que eu, pequena assim, possa proteger um homem tão grande é engraçada. Então, aceno uma negação com a cabeça.

— Você vai ter que esperar.

E ele espera. Em meio à noite, seguimos pela estrada silenciosa até fazermos uma curva e continuarmos rumo a uma parte vazia da cidade, depois até uma área escura, de onde podemos ver apenas algumas luzes urbanas brilhando ao longe.

Passamos pela placa surrada com as palavras que formam um arco frágil de neon roxo desgastado, feito na época em que neon era tecnologia de ponta. As lâmpadas estão há muito tempo quebradas, um lembrete claro de que este lugar é triste e abandonado.

"JOYLAND", dizem as letras.

E até mesmo elas são assustadoras, escurecidas e irregulares. Hoje em dia não há alegria nenhuma nesse lugar, nada além das memórias que ele guarda, memórias de andar no trenzinho com Finn, rir com ele no bate-bate, correr pela casa mal-assombrada. Mas é claro que tudo isso foi antes de fecharem o lugar. Depois, Finn e eu passamos a vir aqui para ficar sozinhos, para ficar juntos e conversar em meio às estruturas horripilantes, porque achávamos divertido sentir medo. Porém não voltamos aqui depois que minha mãe morreu. Acho que a vida real já é assustadora o bastante.

Paro no estacionamento abandonado, entre as linhas alaranjadas desgastadas, em um mar de vagas vazias.

— Os meus pais me traziam aqui com o Finn quando a gente era pequeno — explico. — Mas parece que o dono teve problemas com a Receita Federal e, do dia para a noite, o parque fechou as portas e ficou abandonado.

Dare olha em volta, analisa o estacionamento escuro, os portões pretejados e a roda-gigante surrada no horizonte, suas barras finas assustadoramente brancas contra o céu negro.

— Então você vem aqui para ficar no estacionamento ou o quê? — especula, com cara de quem não está entendendo nada.

Dou risada.

— Não. Há muito tempo nós descobrimos uma forma de entrar.

Agora Dare sorri, percebendo que vai entrar.

— Ahhhh. Arrombar e invadir. Sempre a diversão preferida.

Rio outra vez.

— Por algum motivo, eu acho que tudo vai ser novidade para você.

Abro a porta e o ranger ecoa pela noite, já que não há outros barulhos para mascarar. Parece que estamos no limite do mundo, totalmente sozinhos, e que, se dermos um passo em falso, cairemos do outro lado.

— Pode ficar tranquilo — grito, olhando para trás, enquanto sigo na direção do parque. — O dono desapareceu há muito tempo. Dizem que foi para o exterior, então certamente ninguém vai xeretar. Nós não somos os primeiros nem vamos ser os últimos a fazer isso.

Enquanto o guio ao longo da grade, sinto Dare atrás de mim, tão perto a ponto de sentir o cheiro de sua colônia. Por fim, encontro o que estava procurando... o buraco que alguém fez anos atrás. Seu tamanho permite que apenas uma pessoa passe de cada vez.

Faço exatamente isso, e Dare não hesita em me seguir. A ideia de que ele confia em mim o suficiente para me acompanhar sem fazer perguntas deixa meu peito aquecido. Esse cara mal me conhece.

Porém, quando me viro e fico parada, olhando seu rosto lindo, seus olhos fazem meu interior derreter. Porque ele *quer* me conhecer. Isso está muito claro.

Engulo em seco e volto a me virar, analisando a imagem à minha frente.

O parque está vazio, completamente abandonado e escuro, como se tivesse saído de um filme de terror. Os brinquedos nos quais as pessoas tentavam ganhar prêmios se espalham pelas duas laterais, com a pintura já descascada de carros e rostos grotescos de palhaços.

O lixo é levado pela brisa feito bolas de feno e há pichações em algumas estruturas, prova de que com certeza não somos os primeiros a vir aqui. "VOLTE", está escrito com fonte trabalhada vermelha e preta. "MORRA" aparece pichado logo abaixo em laranja forte. E, quase no chão, escrito em branco mórbido: "A MORTE CHEGA PARA TODOS NÓS". Não perco tempo explicando que essas últimas palavras são obra do meu irmão.

— Interessante — Dare comenta, enquanto gira para olhar tudo. — Mas eu não diria que é mais assustador do que uma funerária.

— Porque ainda não chegamos ao que eu quero te mostrar — digo, maliciosa.

E ele me encara.

— Bem, estou pronto — anuncia. — Me leve.

Rio de seu tom formal, tão atraente quando pronunciado com aquele sotaque. E, sem pensar, estendo o braço e seguro sua mão. Quase fico assustada quando acontece o contato, com a sensação de seus dedos calorosos e suas mãos fortes. Dare fica surpreso, mas não se esquiva. Em vez disso, agarra minha mão com firmeza, mas ao mesmo tempo suavemente, e eu o puxo comigo, desfrutando da sensação do toque.

Estou de mãos dadas com Dare DuBray.

Andamos pelo centro abandonado do parque e passamos pelo brinquedo chamado Old Mill, com os barquinhos enferrujados parados no fosso escuro. Deixamos para trás os balanços, cujas correntes rangem ao se movimentarem com o vento, e o bate-bate, com os carros abandonados todos reunidos no centro.

Paro na frente do Nocte, a versão do Joyland de uma casa mal-assombrada.

Dare lê a placa escura, as letras pretas que parecem respingar sangue.

— Nocte, hein?

Confirmo com a cabeça.

— Quer dizer "à noite" em latim. O Finn adorava este lugar. E acho que foi aqui que nasceu o amor dele por essa língua.

Não menciono minha teoria de que Finn adorava este lugar porque o terror grotesco o fazia se sentir são. É por isso que ainda visitamos o Nocte: porque ainda gera um efeito, talvez até mais forte que antes. O clima de abandono o torna ainda mais horrível, fazendo-o, de certa forma, parecer real. Então, quando Finn anda por aqui, ele é a coisa mais sã neste espaço, com exceção de mim.

Dare e eu observamos a passarela sinuosa rumo à mansão, que parece nos observar lá de cima, com algumas de suas janelas quebradas, como se piscassem para nós. Há plantas no contorno da via, e as árvores formam um dossel que escurece a passarela.

Dare olha para mim.

— Eu admito. É assustador.

Sorrio mesmo enquanto calafrios percorrem minha espinha.

— Você ainda não viu nada.

Puxo sua mão e começamos a andar.

— Quando este brinquedo funcionava, havia fantasmas e zumbis pulando pelo caminho, assustando a gente, nos mandando embora. — Paro e o encaro. — Quer ir embora, Dare?

Minha voz está tomada por um tom de desafio, de flerte, e ele percebe. Sorrindo, se vira para mim.

— Nem morto.

A luz da lua o ilumina, expondo a barba por fazer que contorna seu maxilar e fazendo brilhar a ponta de seus cabelos. Ele todo parece brilhar por um instante, e sinto uma vontade enorme de tocar seu rosto.

Mas não toco.

Em vez disso, ofereço um sorriso.

— Vamos em frente, então.

Subimos a escada barulhenta, passamos pelas tábuas rangentes e viramos a maçaneta de bronze. Dare olha sem medo para ver o que há lá dentro.

— Para qual lado? — pergunta, se virando pra mim.

Puxo minha lanterna e a aponto para a entrada familiar. Veludo vermelho encobre as paredes, lembrando sangue. O cheiro aqui dentro é de bolor e coisa velha. Falta oxigênio. Só há poeira.

— Por ali — aponto para a direita, na direção do corredor que eu sei que leva aos quartos.

Porque, de repente, eu preciso estar perto dele. É uma necessidade, não uma vontade. Uma força inconsciente me empurrando, um chamado que desejo desesperadamente atender.

Seguimos lentamente pelo corredor, ouvindo o chão ranger a cada passo, e pego Dare olhando várias vezes para trás.

— Está com medo? — questiono, descaradamente.

— De forma alguma — ele responde, calmo, passando por um manequim deitado no fundo de uma piscina de sangue falso.

O manequim parece me encarar com seus olhos sem vida, olhos que dão a impressão de estarem atentos demais para serem de vidro, reais demais para serem falsos. É parte do que nos atrai para este lugar.

É assustadoramente real. E agora, abandonado e escuro, é mais assustador do que planejavam que fosse.

Enquanto andamos, eu sei, sem precisar olhar, onde Dare está. É como se eu fosse um planeta e ele o meu eixo... ou o meu sol. Sinto seu calor, sinto sua presença e morro de desejo de ter meu corpo junto ao dele, de abraçá-lo, de absorver sua força.

É uma necessidade repentina e que me assusta pela intensidade.

Fico assustada porque nunca senti isso antes. Não assim. É suficiente para me fazer sentir culpada, porque me distrai dos outros sentimentos que me esmagam nos últimos tempos... da dor ofuscante.

Engulo em seco e o acompanho para dentro do primeiro quarto.

Quando entramos, deslizo a luz da lanterna pelo cômodo, na direção do manequim deitado na cama, com uma corda em volta do pescoço e uma faca no peito. A mulher me encara com ares acusatórios, o cabelo loiro emaranhado, como se quisesse saber por que estamos nos intrometendo.

Não sei o que estou fazendo.

Essa é a verdade. Só sei que estou gostando da forma como Dare me faz sentir. Gosto de ser distraída da dor. Gosto da forma como meu coração palpita e meu estômago revira quando ele está por perto. É disso que eu sei.

Desvio a atenção do manequim e me concentro no que há em volta dele. Os lençóis estão manchados de "sangue", e, na parede, as palavras "OS BONS MORREM AQUI" respingam com gotas vermelhas, supostamente escritas pelo assassino com o dedo sujo do sangue da vítima.

— Tudo bem? — pergunto a Dare, com um riso cínico. — Você está bem?

Ele lança um olhar afiado na minha direção antes de sua boca repuxar em um sorriso.

— Não tenho do que reclamar.

Nego com a cabeça, porque obviamente não é disso que estou falando, mas acho graça, então dou risada mesmo assim.

— Humm. Então pode ser que a gente esteja em perigo. Quero dizer, se você está se sentindo bem.

Eu me aproximo dele e, de repente, estou invadindo seu espaço pessoal. Vejo meu corpo pressionado ao seu, e a solidez me surpreende. Dare é esguio e esbelto, então não esperava que fosse tão... rígido, tão musculoso e duro.

Respiro fundo, sentindo seu cheiro masculino, e olho para ele.

E ele está olhando para mim, nossos olhares juntos, exatamente como no primeiro dia em que o vi. Mas, dessa vez, há naquelas íris uma coisa que não havia antes, uma expressão que só vi em meus sonhos. Desejo. *Por mim*. Que me faz tremer, que faz minha respiração se prender em meus lábios.

Estendo a mão para tocar seu rosto, acarinho seu maxilar, a barba por fazer acariciando as pontas dos meus dedos.

— Eu quero fazer a minha quarta pergunta — anuncio, com a voz ligeiramente trêmula.

Tê-lo tão perto me deixa com vertigem.

— Vá em frente, então — responde, naquele tom sempre calmo.

— Você tem alguma namorada na sua cidade?

Minhas palavras soam quase infantis. Porque o termo "namorada" é tão juvenil. Porque meus sentimentos parecem enormes e adultos.

Dare respira fundo e estende a mão para entrelaçar nossos dedos, segurando-os enquanto me impede de explorar o restante de seu

rosto. Ele me olha nos olhos e agora eu não consigo ler seu semblante.

— Não.

Quando ele segura minha mão contra seu peito, sinto seu coração bater em minha palma.

Tum. Tum. Tum.

É alto em meio ao silêncio.

A química entre nós é tão palpável que pode ser tocada, nos envolvendo, nos puxando um para perto do outro enquanto o ar estala com a eletricidade.

Mas ele não se mexe.

Eu também não.

Quero que ele me beije. Imagino a sensação de ter seus lábios cheios, firmes e suaves contra os meus. Imagino suas mãos tocando minhas costas, me puxando para perto, e mais para perto, e mais para perto.

Mas ele não se mexe e eu também não.

E, de repente, solta minha mão e dá um passo para trás.

— Então é só isso que você tem para mostrar? — pergunta, me provocando.

A tensão sexual de repente se desfaz.

Não consigo segurar um sorriso. Pelo simples motivo de que ele já estava em meus lábios antes.

— Sim. Acho que as suas bolas de aço te salvaram — brinco.

Ele sorri outra vez e nós seguimos em direção ao hall. Mas, quando atravessamos a sala de estar, percebo uma coisa interessante e paro perto do batente da porta.

Vejo as letras DD e CP escritas dentro de um coração. Brega e doce. Deslizo o dedo sobre as letras.

— Que coincidência — murmuro, sentindo meu interior queimar, ardendo de vontade de ser *aquela* CP e Dare ser *aquele* DD.

Porque, brega ou não, é algo tão íntimo, tão devastadoramente pessoal. Tem cara de primeiro amor, de namoradinhos do colégio, de coisas normais.

Solto a mão na lateral do corpo e sigo andando... porque aquelas iniciais não somos nós e minha vida não é *normal*.

Quando saímos, tomo uma lufada de ar fresco, inspirando a lua e as estrelas e os pinheiros.

— Tinha mais coisas para vermos lá dentro — explico com delicadeza, já chegando à área asfaltada.

Dare franze o canto da boca.

— Vamos deixar para outro dia — ele sugere, enquanto andamos.

Concordo. Porque o nosso momento no Nocte não foi coisa da minha imaginação. Talvez eu o tenha assustado, assim como ele me assustou, e é por isso que nós estamos fugindo agora.

Porque foi repentino, sexy e ofuscante... como uma estrela cadente.

Depois, quando estamos no carro, fazendo o caminho de volta para casa, eu o encaro.

— O que acha de me levar para dar uma volta na sua moto um dia desses? Nunca andei de moto.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Talvez.

E olha pela janela, com todo o cuidado para se manter estritamente em seu banco. Penso naquilo por um segundo, mas me recuso a pensar demais. Cinco minutos depois, ainda estou tão ocupada com essa ideia que o que Dare diz parece ter surgido de forma totalmente inesperada.

— Eu quero te fazer uma pergunta — diz, com a voz tranquila, rouca, infiltrada pela noite.

Arqueio uma sobrancelha.

— Tudo bem. Pode fazer.

Espero que ele pergunte se eu tenho namorado, ou sobre meu histórico de relacionamentos, ou mesmo quantos anos eu tenho. Mas isso não acontece. Sua pergunta me acerta como um trem de carga, me empurrando de volta à minha realidade.

— Pode me contar mais sobre a sua mãe?

Preciso de um bom instante antes de conseguir falar.

— Por quê? — consigo balbuciar, ainda em choque.

Dare dá de ombros, mas mantém a expressão suave, a sinceridade estampada nos olhos escuros.

— Não sei. Parece ser uma forma de te conhecer melhor.

Essa resposta, obviamente, faz meus ovários derreterem. Então relaxo, encostando a lombar no banco do carro.

Respiro fundo e agarro o volante com força suficiente para deixar as articulações dos dedos esbranquiçadas.

— O que você quer saber?

Ele me olha por um segundo antes de estender a mão e me fazer segurar o volante com menos força. Seus dedos estão secos e calorosos, enquanto os meus estão frios e suados.

— O que quiser me contar. Por exemplo... você é parecida com ela? Tinham a mesma aparência?

Ofereço um sorriso.

— Bem que eu queria ser como ela. Minha mãe tinha dom para as artes e era incrível. Eu... não sou. Mas fisicamente nós somos parecidas. Eu sou exatamente igual a ela, para dizer a verdade, o que

provavelmente só cria mais uma dificuldade para o meu pai a esta altura. O Finn é mais parecido com ele.

— E ela nasceu na Inglaterra? Por que veio para os Estados Unidos?

É a minha vez de dar de ombros.

— Nasceu, mas não sei por que se mudou. Dizia que não se dava bem com os pais dela. Não falava com eles fazia anos, e eu nem cheguei a conhecê-los.

— Hum. Interessante — ele murmura. — Acho que é um bom sinal você conseguir falar sobre ela. Quando a minha mãe morreu, passei um ano sem conseguir falar dela.

Fico boquiaberta.

— A sua mãe também faleceu? Você só tinha comentado sobre a morte do seu pai. Sinto muito. O que aconteceu?

Dare olha através do para-brisa, em direção à noite. Dá para ver que realmente não está prestando atenção à paisagem.

— Ela morreu em um acidente.

Meu estômago se comprime, formando um nó. Porque, Deus, eu conheço o sofrimento, a dor súbita, sufocante, aniquilante.

— Sinto muito — digo, inerte.

Ele assente.

— É, é uma droga. Mas pelo menos eu sei o que você está sentindo agora. Depois que a minha mãe morreu, eu percebi que estar com alguém que entende o que a gente está enfrentando sempre ajuda.

Ele está certo. É muito reconfortante.

— É difícil — admito. — E é particularmente difícil porque foi culpa minha. Eu liguei para ela à noite, quando estava chovendo. Se eu não tivesse feito isso, a minha mãe ainda estaria aqui.

Dare olha firmemente para mim.

— Você não pode acreditar nisso. Quero dizer, não pode acreditar que é culpa sua.

Desvio o olhar.

— É claro que posso. Porque é verdade.

— Não é — ele argumenta. — Eu acredito que, quando chega a sua hora, chega a sua hora. É claro que, depois de passar a vida inteira em uma funerária, você também acredita nisso. Às vezes as coisas não têm explicação.

— E às vezes elas têm. Nesse caso, a explicação é um telefonema.

Dare nega com a cabeça.

— Vou precisar me esforçar um pouco para te convencer de que está errada. Já percebi.

— Pode tentar — digo decidida. — Mas, se o Finn e o meu pai não conseguiram, duvido que você consiga.

— Desafio aceito — ele afirma com seriedade.

E o brilho em seus olhos me deixa sem ar.

— Por que você se importa com isso? — pergunto subitamente. — Você mal me conhece.

Ele fica em silêncio por um instante, girando o anel de prata no dedo do meio. Quando ergue o olhar outra vez, vejo ali mil coisas que eu seria incapaz de definir.

— Porque eu sinto que me importo. Porque nós somos iguais em várias coisas. Porque eu sei como foi horrível perder a minha mãe. Só posso imaginar como é difícil acreditar que a culpa é sua.

Sim, penso em silêncio. *É um peso enorme demais para carregar*.

— É difícil *mesmo* — admito. — Mas, às vezes, quando você menos espera, alguém te joga uma tábua de salvação.

Seus olhos encontram os meus, e eu percebo que ele sabe exatamente do que estou falando. *Que talvez ele seja a minha tábua de salvação.* Mas não há nenhuma reação, apenas uma aceitação silenciosa e talvez uma faísca de salvação.

Ficamos em silêncio, como colegas nesse clube frequentado exclusivamente por aqueles que perderam suas mães. Não é um clube do qual as pessoas querem participar, mas posso dizer que me sinto mais próxima dele agora.

Depois de alguns minutos, não consigo mais suportar o silêncio.

— É melhor tomar cuidado com as suas perguntas — digo, fingindo um sorriso. — Você só tem mais dezoito.

16

FINN

Meu segredo está me devorando por dentro, arranhando minha pele, tentando sair. Mas não posso, não posso, não posso deixar.

VocêÉLoucoLoucoLoucoETodoMundoSabe.

Olho para meu diário, para a capa de couro marrom, e o agarro. Eu o arremesso do outro lado do quarto. Ele bate na parede, depois cai incólume no chão. Corro para pegá-lo, para agarrá-lo junto ao peito e o embalar sentado no chão.

Depois de um minuto, algo me ocorre.

É claro.

Não posso contar para Calla, mas posso contar para o meu diário, da mesma forma como contei quase todos os detalhes da minha vida nessas páginas.

Pego uma caneta e a aperto com tanta força que quase rasgo a página, como se meu segredo estivesse explodindo de vontade de sair neste diário, nas palavras esboçadas com tinta.

Quando ele está lá, me sinto melhor, mais calmo, como se tivesse feito uma confissão a um velho amigo. Fecho o diário e o deixo no peitoril da janela. Quando apago a luz e passo pela porta, quase consigo ignorar o chiado em minha mente... a voz feminina aguda da qual simplesmente não consigo me livrar.

Covarde.

17

CALLA

Invisto em uma respiração purificadora e estendo a mão na direção do céu enquanto faço minha ioga matinal no limite do penhasco. Daqui, posso ver o horizonte até onde água e céu se encontram.

— Por que você faz ioga aqui? — A voz de Finn surge da estrada, suave no ar da manhã. — Sabe que é perigoso.

Seguro um sorriso.

— Você sabe que eu não estou tão perto da beirada assim.

Apoio as palmas da mão no chão durante a flexão para a frente. Empurro o corpo na direção dos pés e sinto cada tendão, músculo e ligamento se alongar enquanto tento alcançar os dedos dos pés.

— Por que está acordado tão cedo? — questiono, sem abrir os olhos.

E conto enquanto me alongo.

Cinco.

Seis.

Sete.

Finn suspira.

— Não sei. Não consigo dormir.

Oito.

Nove.

Dez.

Finalmente me viro e percebo que o rosto do meu irmão está pálido e cansado. O que me deixa alarmada.

— Ainda não está se sentindo melhor?

Ele nega com a cabeça.

— Não.

Tento evitar, mas um golpe de pânico se espalha por mim. Pelo amor de Deus, deve ser só insônia. Não se trata de uma bandeira vermelha de emergência.

— Você está tomando os remédios, não está?

Ele parece hesitar antes de responder:

— Sim.

Arqueio a sobrancelha.

— Sim?

Ele mexe a cabeça, confirmando.

— Preciso te levar ao Grupo hoje?

Meu irmão hesita mais uma vez.

— Talvez. Mas antes eu vou me deitar um pouco. Pode ser que eu vá na sessão da tarde.

— Tudo bem. — Tento desesperadamente esconder a preocupação, pois sei que ele não quer que eu fique espionando. Finn quer encontrar sua autonomia, e não ficar ainda mais amarrado a mim. Isso machuca. *Muito*. Mas ele não sabe. — Me avise quando quiser ir.

Ele assente e segue em direção à nossa casa, parando quando chega à beirada da estrada. Fico preocupada porque ele está começando se isolar em seu quarto. *Muito*.

Percebo como seus ombros estão magros quando ele grita:

— Calla?

— Oi.

Finn me oferece um sorriso amarelo.

— Sabia que a rainha Vitória amava tanto o Albert que insistiu em ser enterrada com o roupão dele e segurando uma escultura de gesso com o formato da mão dele?

Nego com a cabeça, revirando os olhos.

— Você é tão esquisito e aleatório, bro.

Finn sorri como se tudo estivesse bem, como se tivesse voltado ao normal.

— Eu sei.

E desaparece pelo caminho.

Eu me sento na terra avermelhada e deslizo o dedo por ela. Sem me dar conta do que estou fazendo, escrevo o nome de Dare com um "e" decorado. Na forma de um coração.

— Um centavo pelos seus pensamentos.

A voz bem-humorada de Dare vem de trás e me faz estremecer. Hoje a estrada que passa por esta montanha está parecendo tão movimentada quanto a Grand Central Station de Nova York. E eu me sinto humilhada porque *obviamente* estava pensando nele. Enrubesço conforme o calor se espalha do meu peito até o rosto, e não quero me virar.

Mas me viro.

O belo rosto de Dare está estampado com bom humor e um toque de arrogância. Ele está usando roupa de corrida, mas não está suado, portanto ainda não correu muito.

— Os meus pensamentos valem mais do que isso — anuncio.

O sorriso dele se expande ainda mais.

— Sem dúvida. A propósito, nós ainda temos que conversar sobre aquela história dos segredos.

As palavras me deixam confusa.

— Segredos?

Seus olhos, ébano reluzente, encontram os meus.

— Sim. Segredos. Todo mundo tem um, lembra?

Ah, sim. Foi exatamente o que ele disse quando nos conhecemos.

— Talvez. Mas eu não.

Dare vira os olhos.

— Por algum motivo, tenho lá minhas dúvidas. Você estava guardando o Nocte na manga, lembra?

O comentário me faz sorrir.

— Sim. E a gente não ficou lá tempo suficiente para conseguir ver tudo.

— Fica para a próxima — Dare rebate rapidamente.

Concordo com um movimento da cabeça.

— Sem dúvida.

Mas ele não parece animado, e isso me incomoda. Dare parecia animado na noite anterior. Ele é um enigma, uma contradição. Suas emoções mudam a toda hora. Hoje, está tranquilo e imparcial. Quase reservado ou hesitante. Que estranho.

— A gente se vê mais tarde, Calla — diz, calmamente, antes de acelerar e começar a correr com passos largos.

E é neste momento que meu coração quase para, porque seus passos são tão longos, e mais dois passos desses vão colocá-lo em território arriscado.

— Pare! — grito, minha voz cortando o ar como uma faca.

Dare fica paralisado e me encara confuso, com olhos arregalados.

Já estou em pé, o coração batendo acelerado na garganta.

— Dê alguns passos para o lado com cuidado — instruo. — Agora mesmo.

Quando pedrinhas e terra começam a ceder sob seus pés, ele se dá conta do que está acontecendo. Rapidamente avança na minha direção, afundando no chão antes de um enorme naco de terra se soltar e cair trinta metros, afundando no oceano lá embaixo.

Dare está caído aos meus pés; meu coração acelera quando olho para ele.

— Você não pode ficar tão perto assim da beirada — murmuro desnecessariamente, ainda sentindo a garganta quente e apertada.

Ele olha por sobre o ombro para a borda da montanha, depois para a pequena placa amarela à nossa direita. Uma placa que deveria ser maior e vermelha, de um vermelho ofuscante, forte o suficiente para todos conseguirem ver.

Dare olha para mim e balança a cabeça.

— Eu devia ter imaginado.

Concordo.

— Mas não tinha como você saber. A beirada é muito fina. Não aguenta peso. Eu devia ter avisado logo que você chegou, mas nem me passou pela cabeça.

Porque não estou acostumada a ter outras pessoas além da minha família aqui em cima.

Porque ele me deixa perturbada com aquela tatuagem que diz "VIVA LIVRE" e com suas contradições.

Dare abre um sorriso preguiçoso, que não é um sorriso sincero. É forçado, falso. É aquele sorriso cotidiano, o que quer dizer que todos

temos sorrisos falsos para usar no cotidiano. O mundo todo é um palco em cima do qual todos distribuímos sorrisos falsos.

— Bem, eu diria que você compensou o seu esquecimento quando salvou a minha vida.

Mas, francamente, ele não parece estar feliz com isso. Seus olhos transmitem tristeza. Agora fechados, tão cintilantes.

Você não se sente feliz por estar vivo?

Quero perguntar isso. E me pego tentada, tentada demais. Ele tem tudo aquilo que a maioria das pessoas quer. Boa aparência, inteligência, charme. E ainda assim não parece feliz. Porque é órfão, será?

— Por que você está com essa cara tão triste? — lanço, incapaz de me conter.

Dare me encara, me estuda, reflete sobre minhas palavras. E arqueia uma sobrancelha.

— Pergunta oficial?

Em silêncio, confirmo com a cabeça. *Sim. Pergunta oficial.*

Ele suspira e parece perdido aqui, enquanto se afasta do limite do precipício para olhar o mar.

— Porque eu perdi tudo.

Agora é a minha vez de ficar em silêncio, porque é difícil digerir a ferida aberta em sua voz, a emoção que ele não consegue esconder. Dare me surpreende quando acrescenta algo tão assustadoramente pessoal que me deixa sem ar:

— E não sei se posso ser encontrado.

E olha para mim com olhos tão negros, mais negros do que o negro, mais negros do que a noite.

— Isso dá a entender que *você* está perdido. Não que perdeu tudo — aponto com cuidado, para não parecer que estou fazendo uma pergunta.

Ele assente brevemente.

— Talvez eu esteja. — Sua voz corta como um bisturi.

Ele está perdido.

— E, se eu estou perdido — continua —, como posso encontrar outra pessoa?

As palavras vagas me deixam confusa.

— Você está procurando alguém?

— Não estamos todos?

Seu olhar me perfura, e meu coração se aperta com seu semblante vulnerável e abatido.

Mas logo esse semblante desaparece de forma tão repentina quanto apareceu. Dare olha outra vez para mim, agora com olhos mais limpos, brilhantes. E mais uma vez parece pretensioso e arrogante e lança aquele sorriso cotidiano.

— Sinto muito. Isso foi meio dramático. A culpa é da minha experiência de quase morte.

Ofereço um sorriso severo e silencioso.

— Eu também já tive uma experiência de quase morte. Na verdade, tive uma experiência de *morte*, quando comi castanhas no quarto ano. Morri por um minuto e meio.

Dare me observa.

— E como foi?

Que pergunta estranha.

— Monótono — admito.

— Bem, que decepcionante — ele lança.

O fato de Dare ser tão blasé com relação à morte me faz rir, e logo nós dois estamos parados na beirada do precipício e rindo diante da morte.

Parece certo.

Quando ficamos outra vez em silêncio, ele me encara.

— Por que você está sentada aqui, na beirada do nada?

Ergo uma sobrancelha.

— Pergunta oficial?

Ele ri e revira os olhos.

— Meu Deus, não. Só pensei que você pudesse me responder essa de bônus.

Também reviro os olhos.

— Não se anime. Falar sobre mim mesma é a coisa de que eu menos gosto.

Ele sorri por um instante, porque estou jogando suas próprias palavras na sua cara, mas logo se acalma e olha profundamente nos meus olhos, examinando minha alma.

— Eu pensei que você gostasse — diz, baixinho. — É um assunto tão interessante.

E assim, de um instante para o outro, meu coração começa a bater violentamente e meu estômago a girar, girar, girar. Existe alguma coisa muito estimulante na voz de Dare, uma coisa muito atraente e real.

Viva, Calla, o Universo sussurra.

— Que bom que você pensa assim — enfim respondo, soando perfeitamente casual enquanto tento voltar ao normal.

Ele assente devagar.

— Penso, sim. Não que o que eu penso signifique muita coisa.

Significa tudo.

Mas é claro que não digo isso. Apenas começo a andar, e Dare me acompanha em vez de continuar sua corrida. Em certo momento, segura meu cotovelo e me ajuda a subir em um toco de madeira apodrecida. Quando tira a mão, sinto sua ausência imediatamente. Seu toque marca como ferro quente.

Ou então eu imaginei.

Fazemos o caminho de volta em silêncio, mas o ar está carregado.

Paramos em frente à cocheira.

— Obrigado mais uma vez — ele agradece, com a voz rouca e baixa.

Faço um gesto de afirmação com a cabeça.

— Não foi nada.

Ele sorri, e dessa vez é um sorriso sincero. Pego esse sorriso e o enfio no bolso da jaqueta, guardando-o para mais tarde.

Então, entramos. Seus ombros balançam, e seu brilho é tamanho que parece fazer a luz do sol desaparecer.

Solto o corpo em uma cadeira na varanda lateral, pensando em Dare, em sua complexidade, em seu mistério, em suas infinitas contradições. Tiro o sorriso do bolso e o examino, porque é belo e real e eu quero segurá-lo para sempre.

Não volto a ver Dare pelo resto do dia, mas, quando me recolho em meu quarto à noite, há um buquê de copos-de-leite sobre minha cama.

O cartão está escrito com uma caligrafia desajeitada e escura, e diz apenas "Obrigado mais uma vez".

A mera ideia de Dare de alguma forma ter conseguido entrar no meu quarto e ficar tão próximo assim da cama me dá um frio na

barriga. Um frio que gira e gira e alcança minha caixa torácica enquanto caio na cama.

Durmo com as flores na mão e os pensamentos em Dare.

O sorriso dele é a última coisa em que penso antes de me entregar ao sono, e esse sorriso reaparece, repetidas e repetidas vezes, em meus sonhos.

18

FINN

Acordo assustado com os pesadelos envolvendo vidro quebrado e metal queimando.

ÉRealRealRealReal. Ela está moooooorta. Os sussurros assobiam e riem.

Ofegante, tento respirar, agarrando o lençol com força enquanto luto contra as nuvens de confusão e pânico e medo.

Sem pensar duas vezes, cruzo o corredor na direção do quarto de Calla e ocupo o lado vazio de sua cama. Sinto alguma coisa se esfregando em minhas costas e puxo um buquê de flores. Confuso, observo-o por um instante. E aí me dou conta... Dare deve ter dado essas flores para ela. De repente, totalmente irritado, saio da cama e as amasso com o pé.

Quero que minha irmã seja feliz.

Quero mesmo.

Mas... não agora. Ainda não posso ficar sem ela.

Calla silencia as vozes.

Só ela consegue fazer isso.

Eu me arrasto ao lado dela, curvo o corpo e luto para dormir, desejo dormir, rezo para dormir. E finalmente, finalmente, finalmente a escuridão chega, me cobrindo como um manto e escondendo minha loucura.

Por enquanto.

19

CALLA

Acordo assustada.

Tive sonhos estranhos esta noite.

Dare estava neles, obviamente, mas, no lugar das imagens doces com as quais costumo sonhar, dessa vez tudo mais parecia um pesadelo. Ele me dizia alguma coisa terrível, algo que eu não conseguia ouvir, mas que meu coração sentia. Algo sombrio. Eu via seus lábios se mexerem, mas nenhum som saía. Até ele me dizer que iria embora se eu quisesse.

E isso foi tudo.

Agora estou acordada e suando frio porque, sonho ou não, não quero que Dare vá embora.

Parece que agora tenho um medo verdadeiro.

Eu me mexo e me reviro, tentando pegar no sono outra vez, mas, como Finn está em minha cama e meus pensamentos são confusos, eu não consigo.

Então, desço a escada e sigo até a varanda lateral. Me ajeito em uma cadeira e olho para a montanha, para as árvores farfalhando e o horizonte negro.

O ar é fresco e limpo, quase frio. Estremeço com a brisa e, nesse meio-tempo, olho para a cocheira.

Uma luz brilha ali, pela janela, aquecida e leve.

Dare está acordado. Estamos no meio da noite e ele acordado.

Sem nem pensar, me levanto e sigo naquela direção. Então me pego parada perto da janela na frente de sua casa, espiando, alheia ao fato de que só estou usando uma camisola.

Dare está sentado à escrivaninha na sala, contemplando, totalmente concentrado, uma folha de papel. Inclina-se sobre ela, trabalhando diligentemente, e só consigo me perguntar o que ele estaria fazendo.

A luz lá dentro é calorosa e acolhedora, mas, é claro, não posso bater à porta. São três da manhã. Então, no escuro, observo mais um pouco, e, justamente quando estou pronta para dar meia-volta e voltar para dentro de casa, Dare se levanta e vai à cozinha.

A curiosidade está me matando, por isso dou a volta em um canto da casa e chego à janela do outro lado da sala. Desse ângulo, tenho uma boa visão de sua mesa de trabalho. Ao observar o que há ali, fico boquiaberta.

Eu estava certa desde a primeira vez em que vi esse cara. Ele *tem* um dom artístico. É um artista.

E está criando um desenho incrivelmente lindo com a minha imagem.

Fico sem ar enquanto olho mais de perto e, inclinando a cabeça na direção do vidro da janela, estudo a imagem.

Dare é incrivelmente habilidoso. E a forma como me desenha é impressionante.

Na imagem, estou fugindo dele, completamente nua, exceto pelos sapatos de salto alto.

Sem fôlego, continuo estudando o desenho... encantada com a forma como ele me imagina. Sou esguia e pálida, mas pálida de uma forma bonita, etérea. Meu cabelo é longo e exuberante, meus músculos, definidos e perfeitos. Em seus olhos, sou feminina e delicada e perfeita.

Corro o olho por toda a imagem, e minhas bochechas se aquecem só de pensar que ele me imagina assim... que me imagina nua.

E aí o meu coração palpita e para no peito quando noto uma coisa.

Uma marca de nascença na lateral do corpo.

Do tamanho de uma moeda, da cor de café com creme.

Assustados, meus dedos inconscientemente deslizam pelo meu flanco, para tocar aquela marca tão verdadeira, tão íntima, que estampa minha pele.

Como é que Dare sabe?

É impossível que ele tenha visto essa marca, a não ser que tenha me espiado tomando banho ou trocando de roupa.

Ele deve estar me espionando.

Que merda é essa?

O pensamento queima minha mente com tanta intensidade que me esqueço de me afastar da janela, e Dare me dá um puta susto quando aparece bem à minha frente, com o rosto surpreso diante do meu.

Dou um salto para trás, e ele também. Então, estreita os olhos e olha para a escuridão.

Para mim.

Me afasto e avanço pelo caminho em direção à minha casa, por mil motivos. Porque estou constrangida por ele ter me pegado

espiando, porque estou nervosa e confusa com o desenho e porque, apesar de tudo, me sinto lisonjeada e animada por ele estar me desenhando.

Não percorri nem vinte metros e Dare já está puxando meu cotovelo.

— Calla, o que está fazendo aqui fora tão tarde?

Suas sobrancelhas escuras estão franzidas quando ele me olha no rosto.

Paro e o encaro, observando seus olhos escuros. E, sem pedir licença, a imagem do belo retrato que ele estava desenhando com as próprias mãos brota em minha cabeça. A imagem era tão adorável, tão perfeitamente traçada.

— Você estava me desenhando — é tudo o que digo enquanto minhas mãos caem na lateral do corpo.

Não sei o que sinto. Só estou confusa.

Dare parece perturbado.

— Sim, eu... É um hobby.

— Você é muito bom — elogio. — Tão bom que conseguiu desenhar uma marca de nascença que nunca viu.

Longa pausa. Por fim, ele suspira.

— O que você quer dizer com isso?

Também suspiro em resposta.

— A marca na lateral do meu corpo. Você nunca viu; como pôde desenhar? Andou me espionando? Por quê?

Mais uma pausa demorada.

— Hum, eu não estou perseguindo nem espionando você, se é isso que está insinuando — Dare enfim responde. — Às vezes eu me sento aqui fora, e você sai muito de casa. Quando voltou outro dia, depois

de andar de barco, estava com a parte de cima do biquíni, sem nada por cima. E aí eu vi a marca.

Ah. *Claro.*

— Eu sou uma idiota — arfo. — Desculpe.

Ele acena uma negação com a cabeça.

— Não se preocupe. Eu entendo por que você chegou a essa conclusão.

Sim, porque sou uma louca.

Dare me encara outra vez.

— Eu é que devo pedir desculpa. Por te desenhar de forma tão... tão íntima. Desculpe. Espero que não tenha te deixado constrangida.

Se com "constrangida" ele quer dizer "lisonjeada", então, sim. Ele me deixou.

— Não tem problema — falo, baixinho. — Você me fez parecer linda. Quem poderia ficar brava com isso?

— Você *é* linda — ele diz tranquilamente, seus olhos transmitindo um milhão de coisas diferentes.

O ar entre nós está pesado, carregado com alguma coisa excitante, e sinto vontade de ficar na ponta dos pés para beijá-lo.

— Você ainda não me disse o que está fazendo aqui fora tão tarde — Dare me lembra, interrompendo meus pensamentos tentadores.

Olho em volta, procurando uma resposta verossímil, mas o silêncio da floresta não me oferece nada.

— Eu estava sem sono. Vi a luz acesa...

— Eu também estava sem sono — Dare confessa. — Quando isso acontece, eu desenho.

— Você *me* desenhou — digo, lentamente. — Por que eu?

De todas as pessoas que existem neste mundo, por que justamente eu?

Ele abre um sorriso preguiçoso, opressor, que chega a fazer meus dedos dos pés se curvarem.

— Eu não desenho só você, Calla Copo-de-Leite. Desenho tudo o que acho interessante.

Ele me acha interessante. Meu coração martela e eu esqueço que, há poucos minutos, pensei que Dare estivesse me perseguindo.

— Desenha?

Ele assente.

— Desenho.

Agora estrou tremendo com a brisa da noite, e Dare percebe.

— É melhor ir para a cama, Calla — ele sugere. — Está frio aqui fora.

Não digo nada, apenas concordo com a cabeça.

— Tem razão. Boa noite, Dare.

— Boa noite.

Corro pelo meu caminho, e, durante todo o trajeto, Dare me observa. Posso sentir. Mesmo assim, quando chego ao topo da escada da varanda e olho para trás, ele não está mais ali.

Eu me sinto flutuando e incrível e linda até voltar para o quarto e lembrar que Finn está ali. Ao lado da cama, minhas flores estão pisoteadas — presumidamente pelo meu irmão.

Todos aqueles sentimentos incríveis se esfarelam quando me dou conta de que não posso me sentir tão bem com relação a Dare. Não posso me sentir tão bem com relação a nada enquanto houver algo tão seriamente errado com meu irmão.

Caio no sono com nuvens escuras pairando sobre mim, esgotando minha alegria.

20

O oceano bate na encosta, a névoa de gotículas me atinge enquanto estou recostada a uma das rochas da enseada. A maré está baixa, então posso descansar aqui por algumas horas antes de ela voltar a subir e cobrir todas as piscinas naturais agora expostas.

Só quero sonhar acordada com Dare. Pensar no fato de que ele tem fantasias comigo nua.

Mas não posso. Não agora. Porque, no bolso da jaqueta, meus dedos tocam a capa de couro surrado do diário de Finn. Depois de perceber, ontem à noite, que meu irmão vem enfrentando ainda mais problemas do que eu imaginava, sei que preciso descobrir o que está acontecendo.

Então, quando ele e meu pai saíram para consertar uma cerca, peguei seu diário. Tive que fazer isso, porque Finn obviamente não vai me contar nada. Vai pensar que perdeu o diário e... e eu vou ter que usar essa hipótese. O que me faz sentir inescrupulosa e horrível, porque estou mentindo para ele, porque sei o quanto sua escrita significa para ele.

Mas meu irmão vai ter que escrever em outro lugar.

Preciso fazer o que for necessário para protegê-lo de si mesmo.

Prendo a respiração enquanto puxo o diário. Porque, quando o li pela última vez, passei semanas amedrontada.

Os pensamentos escondidos de Finn me aterrorizaram naquela ocasião e vão fazer o mesmo agora.

Mesmo assim, abro o caderno com as mãos trêmulas.

E fico completamente paralisada.

Absolutamente, completamente paralisada.

Há um papel dobrado entre a capa e a primeira folha, e já sei o que é.

O desenho de Dare.

Quando foi que Finn pegou isso? No meio da noite?

Sem conseguir respirar, sem conseguir sentir nada, abro cuidadosamente o papel e sinto meu coração parar.

A palavra "MINHA" está escrita por todo o belo desenho. Por todos os lugares. Letras grandes, pequenas, médias. Traços fortes.

MINHA MINHA minha MINHA MINHA MINHA.

Não consigo respirar.

Não consigo pensar.

Só sei que meus dedos estão tremendo e meu coração está tendo espasmos, e que merda está acontecendo?

Finn saiu da minha cama, foi à casa de Dare e roubou o desenho no meio da noite. Droga, talvez estivesse me espiando o tempo todo, e foi assim que descobriu que o desenho existia.

Um calafrio percorre minha espinha, me fazendo estremecer e estremecer e estremecer.

Por quê?

O que há de errado com meu irmão?

Me forçando a manter o foco, deslizo o olhar pelas páginas de seu diário, porque é ali que vou encontrar as respostas. Há uma carta de tarô escondida entre as páginas, o que me parece estranho, mas eu a coloco de volta no lugar e sigo percorrendo as páginas até chegar ao ponto onde parei de ler da outra vez. A caligrafia é forte e pesada, o que é curioso, considerando que os dedos e braços de Finn são leves como uma pluma, ossudos e magros.

Meu coração se aperta conforme leio suas palavras. Elas aparecem escritas em tamanhos diferentes, com rabiscos e arranhões, a escrita dos loucos.

Nocte liber sum NOCTE LIBER SUM
À NOITE, SOU LIVRE.
Alea iacta est A sorte está lançada. A SORTE ESTÁ LANÇADA.
A SORTE ESTÁ LANÇADA, PORRA.
SERVA ME, SERVABO *te*. Me salve e eu vou te salvar.
Me salve.
ME SALVE.
Me salve.

Toda a página é mais do mesmo, frases desesperadas em latim e palavras aleatórias. E, é claro, o símbolo estranho. Nem perco tempo tentando interpretá-lo. Meu irmão adora esses símbolos ocultos e os desenha por todo canto. Nem pisco até chegar à base da página, onde vejo colagens de pessoas com os rostos rabiscados. Duas pessoas: um homem e uma mulher. A mulher tem cabelos ruivos.

Eu.

Engulo em seco e fecho o caderno, olho para o mar, deixo minha mente esquecer o que acabei de ler.

Do que ele precisa ser salvo?

Da insanidade?

Me salve e eu vou te salvar. Do quê?

Eu também preciso ser salva? Foi por isso que ele rabiscou meus olhos?

Um nó pesado e quente e picante se forma em minha garganta.

Não posso continuar com isso. Eu sabia que encontraria loucuras nesse diário, mas não sabia quanta loucura. E não posso... enfrentar isso hoje. Preciso de um tempo longe dessa insanidade.

Porque meu irmão está subindo na minha cama e escrevendo "minha" em cima de um desenho no qual eu apareço nua. Se outra pessoa visse isso, acharia que meu irmão é um doente ou até mesmo um depravado. Não é o caso. Sei disso porque somos duas metades de um todo. Estamos ligados, por isso ele se sente meu dono. Como eu sou dona dele. Como ele é meu.

Meus pensamentos giram e nada faz sentido e não sei o que fazer.

Não posso pensar nisso agora.

É demais.

É demais.

Pego a bolsa com o isqueiro e queimo o desenho. Porque ninguém pode vê-lo. Se alguém vir, vai acabar trancafiando Finn porque não vai entender.

Não posso permitir que isso aconteça.

Vejo o papel queimando, as bordas se curvando e ficando escuras, a chama ganhando força, as cinzas sendo levadas na direção do mar.

E aí enfio o diário no bolso e ando pela chuva *(quando foi que começou a chover?)* em direção à minha casa. Pelo caminho, as pedras estão molhadas e eu chego a escorregar algumas vezes, ralando as mãos; mesmo assim, não me apresso.

A chuva é purificadora.

Talvez ela leve consigo a loucura.

Porque não sei mais o que fazer.

Talvez Finn tenha chegado a um ponto em que não posso mais ajudá-lo.

O pensamento me aterroriza, me deixa paralisada, e eu percebo que estou grudada ao chão na frente da cocheira, meus pés presos, incapazes de se mover, incapazes de me levar mais um passo sequer adiante.

A chuva me deixa ensopada, os cabelos respingando. Meus dentes começam a ranger, mas ainda não consigo me movimentar. O pânico, o desejo de fugir de casa, tudo isso é um cimento colando meus pés ao chão. É uma loucura, mas ainda não consigo me mexer. Meus pés são pedras pesadas demais para serem erguidos.

A porta da frente da cocheira de repente se abre e Dare sai de casa, avançando pelo caminho pavimentado.

Sem dizer uma palavra, ele cobre minha cabeça com uma jaqueta enquanto me leva para dentro de sua casa. Camiseta preta, short preto, olhos pretos. Esfrega uma toalha em meu braço e me faz sentar em uma poltrona.

— O que você está fazendo na chuva, Calla? — pergunta, as mãos massageando o tecido felpudo em meus braços.

Eu me inclino na direção dele, pressiono a testa em seus músculos, em sua solidez.

Amo sua solidez.

Ele é forte e real, inabalável.

— Não sei — murmuro. — Eu só... acho que eu só não queria ir para casa.

Dare para, olha para mim, mil coisas se passam naqueles olhos.

— Algum motivo para isso?

Dou de ombros.

— Não sei. Só uma sensação.

De repente, sinto uma coisa avassaladora. A funerária parece intimidante e enorme e não posso ir para lá, não com os problemas de Finn pairando em minha mente, não com a agora eterna ausência de minha mãe.

— A gente estava procurando você — ele continua, me encarando, afastando o frio da minha pele.

— Estavam? — Estou confusa. — Mas não faz tanto tempo assim que eu saí. Dare fica parado e eu acho que vejo preocupação em seus olhos, mas ele rapidamente a esconde.

— Você saiu de manhã — ele lança calmamente.

Mas ainda não é de manhã?

Olho o relógio em sua parede.

Seis da tarde.

Meu coração dispara, alto e pesado, enquanto olho outra vez.

São seis da tarde.

Como é possível? Fiquei tão imersa em minha preocupação com Finn que perdi a noção do tempo?

— Acho que estou ficando mais louca que o meu irmão — constato, enquanto minhas mãos frias seguram as calorosas de Dare.

Seus olhos se suavizam e ele fica paralisado, as mãos tão aquecidas, secas e fortes.

— Não está, não — ele assegura. — Você só anda tendo de lidar com muita coisa. Qualquer um teria dificuldade. Pode acreditar.

Qualquer um perderia várias horas do seu dia sem nem perceber?

— Aconteceu com você? — quero saber. — Quando os seus pais morreram, *você* teve dificuldade?

— É claro — Dare garante, segurando minhas mãos, envolvendo-as com as suas. — Todo mundo tem. E você está enfrentando mais coisas do que uma pessoa comum. Calla, você está cercada pela morte aqui. A funerária, sua mãe... É complicado. Digamos que é muito complicado.

Ele se senta ao meu lado e eu inalo seu cheiro, me entregando à essência de homem e chuva e segurança e desejo.

Eu o desejo.

Disso eu sei.

Quanto mais fico perto de Dare, mais eu o desejo. Desejo sua segurança, sua sensualidade, seus ombros, seu quadril. Desejo seu conforto, sua voz, ele todo.

Mais do que já desejei qualquer coisa.

Ergo uma das mãos frias e a deslizo mais uma vez por seu maxilar, assim como fiz algumas noites atrás. Porém, dessa vez ele não me detém. Não impede que meus dedos percorram seus lábios e tateiem a suavidade deles.

A eletricidade parece prestes a estalar e me eletrocutar com sua intensidade, mas isso não acontece. Ela apenas cria uma corrente que desliza de mim para Dare e outra vez para mim, me acendendo, me

fazendo formigar em lugares onde nunca senti nenhum formigamento.

Engulo em seco.

— Me beija — sussurro, olhando faminta em seus olhos.

Dare pisca e depois me encara, comprimindo os lábios.

— Não posso — ele responde, com a voz baixa e rouca.

— Beija mesmo assim — rebato com esperança, implorando e segurando a respiração.

Então ele me beija.

Baixa seu lindo rosto, e seus lábios suaves, firmes e reais tocam os meus. Meu suspiro segue em direção à sua boca, rumo ao hálito mentolado que absorve o meu, rumo àquilo que espero há semanas.

Ele me é tão reconfortante, excitante, natural. Beijá-lo é como respirar. Beijá-lo me dá vida.

Mas Dare se afasta bruscamente, deixando meu coração acelerado e partido, e se levanta.

— Você não devia ter feito isso — ele murmura, levando a toalha para a cozinha.

Eu me levanto em um salto e vou atrás dele.

— Por que não? — exijo saber. — Tenho dezoito anos e sei exatamente o que quero.

Eu quero você.

Mas ele já está negando com a cabeça.

— Você não sabe o que quer — ele diz com pesar. — Porque está abalada e enfrentando mais coisas do que muitas pessoas enfrentariam em toda a vida. Não é hora para isso. Não seria justo da minha parte tirar vantagem de você agora.

— Você não está... — começo a dizer, mas ele pousa um dedo longo em meus lábios.

— Estou — ele rebate firmemente. — Não posso fazer isso. Não hoje.

Mas ele não diz *nunca*.

Fico paralisada, com a respiração dura e irregular. Depois, me viro e me distancio, humilhada com a rejeição, mas, de certa forma, tranquilizada por ela.

Porque ele não disse nunca.

Não disse nunca porque me desenha à noite e eu sei que também pensa em mim.

Saio pela porta, na chuva, ignorando-o gritar meu nome. Sigo direto para casa, direto para o meu quarto, e, depois de jogar minhas roupas e o diário de Finn no chão, vou tomar um banho.

A água quente inunda meus pensamentos, afastando a memória do cheiro de Dare.

Visualizo suas mãos segurando as minhas e aperto os olhos.

Dare acha que não é dele que eu preciso, mas ele é *exatamente* o que eu preciso.

Ele me distrai da dor. Da preocupação. Do medo.

Mas, no mesmo momento em que penso isso, a verdade do que ele falou me invade.

Não é hora para isso.

Não é hora porque ele não quer ser uma *distração*.

Ele merece ser o *foco*.

E, no meu estado atual, não consigo focar em nada, exceto, talvez, em salvar meu irmão da insanidade. Dare merece mais do que isso. Mas meu lado egoísta quer tê-lo mesmo assim.

Corro o olhar pelo chão e fecho os olhos, deixando a água lavar minhas lágrimas.

Não sei quanto tempo passei no banho ou há quanto tempo estou sentada diante da janela do meu quarto. Só sei que meu pai e Finn chegaram e Finn correu para seu quarto. Eu o ouvi fazendo uma busca por lá.

Eu o ouvi implorando enquanto descia a escada, gritando por mim, gritando por meu pai.

E agora está voltando, com passos pesados e furiosos, e entra violentamente pela porta do meu quarto.

— Onde está o meu diário? — ele exige saber, seus olhos azuis pálidos como pingentes de gelo, os punhos cerrados na lateral do corpo.

Pela primeira vez, minto para meu irmão.

Bem na sua cara.

— Não sei — respondo, direta, olhando para ele sem piscar.

Não desvio o olhar porque não quero fitar acidentalmente a última gaveta da minha escrivaninha, onde guardei o diário.

— Sabe sim — ele retruca, furioso. — Estava no meu quarto e agora não está mais.

— Não está comigo, Finn — eu insisto. — Por que tanta irritação? O diário vai acabar aparecendo.

Depois que eu tiver a oportunidade de ler.

O rosto do meu irmão está endurecido e ansioso, e sinto culpa por deixá-lo tão angustiado. Sei o que acontece quando ele fica assim, mas

é um risco que tenho de correr. Não posso ajudá-lo se não souber o que realmente o está incomodando. E essa é a única forma de descobrir.

— Se você encontrar — ele diz, desanimado, se virando para sair do quarto. — Não leia, Calla.

Não respondo, então ele fica parado, me encarando até seu olhar desesperado encontrar o meu.

— Você não pode ler, Cal — insiste.

Só consigo olhá-lo nos olhos, impressionada com a total desolação que encontro ali. O nível de seu desespero por um simples caderno é atordoante.

— Por que é tão incisivo quanto a isso, Finn?

Minha pergunta é simples.

Mas sua resposta não é. Finn se vira outra vez para mim, seu rosto se aperta e ele começa a chorar.

— Porque as coisas precisam acontecer na ordem certa, Calla. Tem que ser assim. Na. Ordem. Você não entende? Não consegue entender?

Seus ombros magros sacodem e eu o puxo para meus braços e uso as mãos para acariciar suas costas enquanto ele respira duramente contra mim, o peito subindo e se contraindo junto ao meu.

— Eu entendo — respondo, mas é mentira, porque não, eu não entendo.

Minutos se passam antes de ele se afastar, antes de conseguir se controlar o suficiente para sair do meu quarto. Mas a expressão em seu rosto é assombrosa quando ele sai, quando fecha a porta, e a última coisa que vejo é o desespero.

Meu Deus, isso dói.

Mas sou sua protetora. Se eu não fizer isso, ninguém vai fazer.

E às vezes temos que fazer coisas das quais não nos orgulhamos para proteger aqueles que amamos.

Então fecho a porta e pego seu diário, me ajeitando outra vez na poltrona perto da janela para invadir a privacidade do meu irmão.

Lá embaixo, vejo Finn saindo e pegando um machado. Ele desconta a raiva agredindo a madeira, cortando pedaços e mais pedaços, embora ainda estejamos no verão e não precisemos de lenha em meses. Aliás, nem vamos estar mais aqui quando o frio chegar. Mas meu pai vai estar.

Então Finn corta lenha para o nosso pai enquanto volto minha atenção ao seu diário.

A loucura contida ali gira e salta da página, e eu me pego prendendo a respiração enquanto leio:

Estou me afogando. Afogando. Afogando.
IMMERSUM immersum
IMMERSUM
Calla vai me salvar. Ou eu vou morrer. Ou eu vou morrer.
Ou eu vou morrer.
Serva me, servabo te. Me salve e eu vou te salvar.
Me salve.
Me salve.
Me salve.
CALLA Calla CALLA CALLA Calla Calla Calla CALLA
EU vou te SALVAR, CALLA. Calla CALLA CALLA.

Afasto violentamente os olhos das palavras dolorosas, me distanciando delas, porque, mais uma vez, como de costume, Finn pede minha ajuda quando está com medo.

Mesmo que seja por meio das palavras escritas nas páginas de seu diário.

Ele acha que eu sou a única que pode salvá-lo, e tenho que concordar.

Mas ele também acha que tem que *me* salvar, o que é meio ridículo.

Eu sou a única que entende. A única que sabe. E não posso contar a ninguém porque, se eu fizer isso, meu pai não vai ter escolha senão mandar Finn para um sanatório, e eu sei que meu irmão nunca mais vai sair de lá. Eles o trancariam no hospício para sempre.

Portanto, preciso salvá-lo sem contar a ninguém.

E a única maneira de fazer isso é lendo seus pensamentos mais íntimos. Todos eles.

Deslizo o olhar pelo lado de fora da janela, pela chuva, e me assusto ao perceber que Finn não está mais ali, mas Dare está em seu lugar. Correndo pela trilha, em direção à praia, ele dá passos confiantes, sem se abalar com a chuva.

E, quando chega à borda gramada, em frente à minha janela, para abruptamente.

E aí ele ergue seu belo rosto e nossos olhares se encontram.

Paro de respirar.

Paro de pensar.

Apenas ergo a mão até tocar o vidro, pressiono-a ali, como se a mão de Dare estivesse repousando contra a minha. A chuva desliza como pequenos riachos pelo vidro, como se fossem lágrimas contra

meus dedos, e os olhos de Dare se suavizam. Sem dizer uma palavra, ele ergue a mão.

E a mantém ali, como se estivesse me tocando. Como se me reconfortasse e me protegesse das coisas que desconhece.

Mas o que *eu* sei é que ele *está* me reconfortando.

Sua *presença* me reconforta.

Ele sabe. E é por isso que passa outros tantos minutos parado na chuva, tanto tempo, até estar todo ensopado e finalmente, finalmente, soltar as mãos na lateral do corpo e seguir seu caminho sob a chuva.

E sumir em meio à copa das árvores, longe.

Longe de mim.

E me dou conta de uma coisa enquanto os pensamentos loucos de Finn estão depositados em meu colo.

Nunca antes me senti tão sozinha.

21

De algum modo, consigo me recompor ao amanhecer, após horas perdidas de sono, revirando e me debatendo e em pânico. Quando amanhece, estou calma.

Tenho de estar.

Não posso me esfacelar porque tenho que encaixar as peças da vida de Finn.

Todavia, no café da manhã, ele parece totalmente normal e sorri para mim enquanto come seu cereal.

— Desculpe por ter perdido o controle ontem à noite — diz, casualmente, baixando a colher para abocanhar um pedaço de pão.

Finn está com apetite. Bom sinal.

Sorrio, hesitante.

— Tudo bem. Vou ficar de olho para ver se encontro o seu diário, Finn. E aí eu entrego para você, prometo.

Ele abre um sorriso angelical.

— Eu sei.

Seu comportamento tranquilo quase me deixa alarmada. É como se Finn soubesse que o diário está comigo. Mas isso não pode ser verdade. Se ele realmente soubesse, ficaria louco e destruiria meu quarto procurando.

— Quer fazer alguma coisa hoje? — pergunto, enquanto pego um copo de suco de laranja.

— Não posso — murmura, com a boca encostada no pão. — Vou procurar nas minhas coisas e relaxar um pouco.

— Quer ajuda?

Sinto minhas sobrancelhas se apertando. Finn está tão indiferente.

Ele nega com a cabeça.

— Não. Ainda não estou me sentindo tão bem assim. Você devia ir fazer alguma coisa com o Dare.

As palavras me fazem levantar a cabeça. Ele quer que eu faça alguma coisa com Dare? Como assim?

Finn dá de ombros e ri, porque ficou claro que estou surpresa.

— O que foi? Você vai embora no fim do verão. Tem que viver uma aventura de verão. Está naquela lista de coisas que toda garota tem que fazer antes de morrer, não está?

Reviro os olhos, mas, por dentro, sinto meu corpo palpitar. Ele não vai me fazer sentir culpa por passar tempo com Dare? É como se os céus estivessem se abrindo e Deus sorrindo para mim.

— Não sei — respondo. — Sou nova demais para me preocupar com uma lista de coisas para fazer antes de morrer.

— Vai — ele insiste, saindo da mesa. — Ontem à noite o Dare estava perguntando ao papai como chegar em Warrenton. Você pode levá-lo.

O fato de eu ter estado lá um milhão de vezes antes não importa, porque nunca estive lá com Dare.

— Eu volto para jantar com você — grito para ele.

Finn acena para trás, sem olhar.

Fui dispensada.

De repente, tenho a sensação de que fui libertada da cadeia, como se estivesse livre e precisasse me apressar para concluir minha fuga.

Sem correr, sigo para a cocheira; mesmo assim, estou sem ar quando bato à porta.

E fico ainda mais sem ar quando Dare atende.

Porque está sem camisa.

Aliás, ele parece ter acabado de sair do banho, porque o cabelo está molhado. E o peito, nu. Não consigo não olhar para a pele exposta, o abdome definido, o torso flexível e o "V" perfeitamente esculpido que desaparece na calça jeans. A fivela do cinto, em formato de caveira, está perfeitamente posicionada a poucos centímetros do umbigo.

Engulo em seco, para em seguida engolir outra vez.

O canto da boca de Dare se retorce.

— Pois não? — diz, o canto dos lábios ainda retorcidos.

Ele deve saber o efeito que isso tem sobre mim. E provavelmente sobre todo mundo.

Juro por Deus que minha intenção é convidá-lo para ir à praia de Warrenton. Mas minha língua ganha vida própria.

— Me desenhe — arfo, surpreendendo a ele e a mim mesma.

Seus olhos se arregalam.

— Desenhar você — ele repete, lenta e hesitantemente, sem em momento algum afastar os olhos dos meus.

Confirmo fazendo um gesto com a cabeça.

— Você me desenhou com base em uma imagem mental, mas não seria melhor desenhar com uma modelo de verdade?

Sem esperar resposta e antes de pensar duas vezes, passo por ele e entro na pequena casa. Ele me encara, seus olhos como lava negra, e percebo que Dare está tentando encontrar uma forma de me controlar.

Então, antes que ele possa dizer qualquer coisa, eu me viro, forçando um sorriso confiante.

— Onde quer que eu fique?

Não me rejeite. Só consigo pensar nisso enquanto analiso seu rosto lindo. E devo estar louca, pois ele certamente não vai fazer o que tenho em mente.

— Calla — diz, rouco, a língua saindo da boca para deslizar por aqueles lábios cheios.

— Não — eu o interrompo antes que ele possa me evitar. — Me desenhe, Dare. Quero que você me desenhe.

Ele fica parado feito uma estátua, me estudando, seu corpo tão alto e definido.

Conto as batidas do meu coração enquanto ele me encara, enquanto me analisa.

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

Cin…

— Só um minuto — ele responde por fim, interrompendo minha contagem silenciosa com seus olhos negros feito a noite.

Ele atravessa a sala e ajeita uma espreguiçadeira no meio do cômodo.

— Pode se sentar aí.

E parece tão profissional. Faço o que ele pede e me empoleiro no canto da espreguiçadeira enquanto meus nervos dançam contra a pele e a incredulidade pulsa dentro de mim.

Ele vai fazer. Ele vai fazer.

— Feche as persianas — peço suavemente, conforme desabotoo a camisa.

Não acredito que estou fazendo isso.

Não acredito que ele está me deixando fazer isso.

Eu o vejo engolir em seco, seu pomo-de-adão se mexendo na garganta enquanto ele faz o que pedi. Quando a sala está escura, Dare puxa uma cadeira à minha frente e segura seu caderno de desenho.

— Está pronta? — pergunta, com a voz tranquila, mantendo os olhos em meu rosto.

Nego com a cabeça.

E aí tiro o sutiã.

Dare raspa a garganta e abre o caderno. Continua com a aparência de um profissional. E juro que sinto dez mil chamas consumindo meu corpo enquanto cada centímetro de pele enrubesce.

Me levanto e baixo o short até o chão.

Dare não se mexe. Parece nem estar respirando.

Suas pupilas estão congeladas na minha direção, a apreciação cintilando ali, e então ele me contempla com olhos profundos e sombrios.

— Calla — começa a dizer outra vez enquanto se levanta.

— Não — rebato duramente. — Por favor, eu preciso disso. Quero ser... distraída.

Seus olhos parecem estar na defensiva enquanto ele me estuda, mas mesmo assim Dare se levanta. Vai até o armário e volta com uma camisa social na mão. Uma camisa branca. E me entrega.

— Vista — instrui. — Deixe-a desabotoada.

Meu coração acelera enquanto faço o que ele diz.

Dare espera, depois ajusta a abertura da camisa de modo que ela caia contra minha pele, de modo que apenas as curvas dos meus seios fiquem à mostra. Ele fecha um botão e abre a camisa, de modo que meu umbigo e quadril fiquem expostos.

E se senta outra vez.

— Então eu sou uma distração? — pergunta, diretamente, encostando o lápis no papel e desenhando uma linha fluida. O começo do meu quadril.

Fico vermelha.

— Você é muito mais que uma distração. Mas hoje... eu preciso ser distraída.

Engulo em seco, e nossos olhos se encontram por um instante antes de ele desviar o olhar.

— Solte o corpo — diz, bruscamente.

Dare se levanta e se aproxima de mim, se inclinando e ajeitando meu cabelo sobre os ombros. Suas mãos roçam em minha pele e espalham chamas, calor, uma lava fervilhante que arde em minha barriga quando me pego incinerando de vontade de tê-lo deitado aqui comigo, de senti-lo a meu lado.

Mas Dare não faz isso. Ele me encara, me estuda.

— Arqueie um pouquinho as costas — instrui.

Eu obedeço. Ele então ajeita uma pequena almofada atrás de mim.

— Morda o lábio — diz. — Não com muita força, só o suficiente para parecer que está pensando em alguma coisa. Em uma fantasia, talvez.

Ah, meu Deus. Isso eu sou totalmente capaz de fazer.

Dare abre um leve sorriso e volta à sua cadeira.

Suas mãos deslizam rapida, e então lentamente pela folha de papel. Ele me observa com olhos tão, tão escuros, depois volta a atenção para a página.

A energia na sala está pesada. É real. É asfixiante. É emocionante. Não consigo respirar.

Dare me olha nos olhos.

— Você está bem?

Confirmo com a cabeça.

— Agora sim.

Agora que estou aqui. Agora que você não me rejeitou. *Agora que está me vendo*.

O canto de sua boca repuxa e ele faz um movimento brusco com a mão antes de inclinar a cabeça, concentrado.

— Mas o que fez surgir essa cena digna de *Titanic*? — Dare me pergunta, tranquilo, me olhando por sobre o papel.

Sinto o calor se espalhar da testa até o peito e desvio o olhar.

— Eu não... Não é — praticamente gaguejo.

O ar frio bate em meu corpo, me arrepiando em todos os lugares.

Dare fica parado.

— Não?

Nego com a cabeça.

— Não. Eu só queria... sentir outra coisa.

— Outra coisa que não...? — Ele espera a resposta.

— O que venho sentindo — esclareço. — Loucura. Tristeza. Eu só quero ser outra pessoa por um minuto.

Dare examina a imagem antes de se ajeitar de novo na cadeira.

— Por que você poderia querer ser outra pessoa? — pergunta, com a voz calma. — Calla Price é incrível.

E se levanta e se aproxima, me encarando de cima. Seu semblante é cauteloso e intenso, pairando sobre mim. Seus olhos escuros percorrem a lateral do meu quadril nu, a curva da minha coxa, e de repente ele continua o olhar com o dedo. Desliza lentamente a ponta escaldante de seu indicador do meu joelho até o quadril.

— Você me quer, não quer? — sussurro, as palavras hesitantes e carregadas de medo, esperançosas e ansiosas.

Seus olhos estão flamejantes quando ele responde:

— Eu sempre quis.

Qualquer resposta que eu pudesse oferecer congela em minha garganta, presa na língua, e eu só consigo me movimentar. Eu me viro para que ele possa ver melhor, para que possa me tocar, para que seus dedos possam deslizar e me agarrar e que sua língua possa roçar em minha garganta e... e aí ele afasta o dedo e me oferece a mão.

Olho confusa para aquela mão estendida, mas o deixo me ajudar a levantar.

Os dedos de nossos pés se tocam, meu peito nu quase pressionado ao seu. Se eu for um pouquinho para frente, seu quadril vai estar junto ao meu e...

Dare franze a sobrancelha.

— Quer ver?

Ver. O desenho. Tinha esquecido.

Engolindo em seco, faço que sim com a cabeça.

Ele me passa a imagem, que é linda.

Pareço uma modelo em um sofá, casualmente envolta por uma peça de roupa. Dare criou cortinas esvoaçantes atrás de mim e a vista do mar pela janela. A luz brilha à minha volta, me fazendo parecer uma criatura etérea, de outro mundo.

— Lindo — elogio.

— Você que é — ele responde.

Dare me entrega minha blusa e eu hesito.

Não quero vesti-la. Eu quero... quero... quero... *Dare.*

Mas sua expressão é decidida e profissional, e ele não está mais me tocando.

Agora não é hora.

Visto a roupa e abraço o desenho junto ao peito.

— Posso ficar com ele?

— Claro.

Ele se vira para devolver a espreguiçadeira ao seu lugar de origem e eu fico paralisada.

— Estive pensando... — começo. — Que seria legal dar uma volta na praia de Warrenton hoje. Quer ir?

Dare estreita os olhos, mas há bom humor ali.

— Por acaso você estaria tentando ganhar um passeio de moto, além do retrato?

Também estreito os olhos.

— Você por acaso estaria me oferecendo esse passeio?

Ele hesita e algo em seus olhos parece confuso, incerto, mas Dare finalmente dá de ombros.

— Não vejo por que não seria boa ideia. Parece que não vai chover.

Ele segue para o quarto.

— Vou pegar uma camiseta.

Se você acha tão necessário.

E grita para mim:

— Se você der uma olhada no armário perto da porta, vai encontrar um capacete.

Faço o que ele diz, e, como era de esperar, encontro o capacete.

— Por que você tem um capacete extra? — pergunto, fechando a viseira.

— Porque você disse que talvez quisesse dar uma volta — ele responde, saindo do quarto com uma camiseta na mão. — Segurança em primeiro lugar e tal.

Dare enfia a camiseta na cabeça, e não sei o que me deixa mais encantada: o abdome sarado ou ele ter comprado um capacete para mim.

Especificamente para mim.

É o bastante para fazer meu estômago virar de ponta-cabeça.

— Obrigada — murmuro.

Ele lança um olhar na minha direção, um olhar que só consigo classificar como escaldante. Seus olhos quase negros brilham com este calor, o que é o suficiente para deixar minhas terminações nervosas em chamas.

Engulo em seco.

— Está pronta? — Dare indaga. — Pode deixar o seu desenho aqui.

Dou de ombros, tentando parecer casual.

— É uma hora tão boa quanto qualquer outra para irmos.

Ele sorri.

— Isso é verdade, Calla Copo-de-Leite.

22

Quando estamos parados na frente da moto de Dare, uma Triumph preta e reluzente, ela parece agressiva e intimidadora, e, de repente, me pego nervosa.

Dare olha para mim.

— Estão faltando as bolas?

Jogo o cabelo para trás e dou risada.

— Acho que acabamos de deixar claro que eu não tenho bolas. Certo?

Juro que ele ficou vermelho enquanto balançava a cabeça.

— É verdade. Acabei de ver com meus próprios olhos.

E agora é minha vez de ficar vermelha, quando percebo meu reflexo em seus olhos escuros, quando lembro que há pouco eu estava deitada seminua na frente dele.

Dare acena para que eu suba atrás dele na moto, e eu obedeço.

— Segure firme, Calla Copo-de-Leite.

Não tenha dúvida.

Minutos depois, estamos descendo pela estrada da montanha enquanto meus braços apertam a cintura dele e o nervosismo desaparece.

Porque eu pertenço a este lugar, com Dare.

Eu pertenço a este lugar atrás dele, com meu peito pressionado em suas costas. Essa ideia faz faíscas se espalharem por todas as minhas

terminações nervosas. Seu calor se espalha por mim, sua força, e tenho vontade de sugar tudo isso.

Descanso a bochecha em seu ombro e preguiçosamente observo o cenário passar enquanto cruzamos a cidade antes de atravessarmos a Ponte Youngs-Bay. A pesada moto vibra em meio às minhas pernas, e de repente posso entender o que há de interessante na ligação entre motos e a estrada aberta. Não é de surpreender que Dare tenha tatuado "VIVA LIVRE" nas costas.

Não há nada mais livre do que isso.

Então, com o vento batendo no rosto, nós nos entregamos à estrada e, mais rápido do que eu gostaria, o passeio chega ao fim.

Dare para no estacionamento e nós descemos da moto. Preciso de um segundo para recuperar o equilíbrio e Dare sorri enquanto segura meu ombro. Seu toque é eletricidade, uma eletricidade que eu desejo. E agora não consigo raciocinar, porque ter me deitado seminua diante dele confundiu todos os meus pensamentos.

— E aí?

Demoro um instante para me dar conta de que Dare está falando do passeio de moto.

— Adorei — anuncio. — Precisamos fazer mais vezes.

Ele pisca um olho para mim.

— Bem, acho que, de alguma forma, vamos ter que voltar para casa. Mas primeiro vamos dar uma olhada nos restos desse naufrágio, pode ser?

Eu sorrio e o guio na direção da praia, onde os restos do antigo navio se erguem sobre a bruma.

Minuto a minuto, sou empurrada para fora da atmosfera sexualmente carregada da cocheira e rumo ao ar vivo do mar.

— O *Iredale* encalhou em 1906 — explico enquanto andamos. — Por sorte, ninguém morreu. Esperaram semanas até o tempo melhorar para poderem levar o navio de volta ao mar, mas ele encalhou de um jeito que tornou essa tarefa impossível. E desde então está aqui.

Agora estamos diante do navio, os mastros e barras saindo da areia e tentando alcançar o céu. Dare estende a mão e a passa por uma das barras, a mesma mão que há pouco deslizou pelo meu quadril nu, o exato mesmo movimento, calmo e reverente.

Engulo em seco.

— É um rito de passagem na cidade — conto. — Matar aula e vir aqui com os amigos.

Apesar de eu nunca ter tido amigos além de Finn.

— Então você e o Finn vinham muito aqui? — Dare questiona, como se estivesse lendo minha mente, e a pergunta não vem com condescendência, mas com curiosidade.

Confirmo com a cabeça.

— Sim. A gente gosta de passar em algum lugar, pegar um café e sentar aqui. É uma boa maneira de passar o tempo.

— Me mostre, então — Dare diz, baixinho, segurando minha mão e me levando para dentro do casco vazio.

A gente se senta na areia úmida e olha para o cadáver do navio, na direção do mar, onde as ondas sobem e descem e as gaivotas voam em círculos.

— Deve ter sido bom crescer aqui — Dare divaga enquanto absorve a imagem no horizonte.

Concordo.

— Verdade. Não tenho de que reclamar. Ar fresco, o mar aberto... Só acho que poderia ter sido melhor se eu não morasse em uma

funerária.

Dou risada dessa ideia, mas Dare olha duramente para mim.

— Era mesmo complicado? — pergunta, meio preocupado, meio confuso.

Faço uma pausa. Porque, bem, será que era? Era o fato de eu morar em uma funerária que tornava a vida difícil ou era o fato de o meu irmão ser louco e nós dois sermos excluídos?

Dou de ombros.

— Não sei. Acho que era uma combinação de tudo o que rolava.

Dare assente, aceitando as palavras, porque às vezes a vida é assim. Um quebra-cabeça feito com milhões de peças, e, quando uma delas não se encaixa, acaba bagunçando todo o resto.

Por exemplo, agora mesmo. Eu estava deitada nua diante dele há poucos minutos, e agora aqui estamos, agindo como se nada tivesse acontecido.

— Você já chegou a pensar em se mudar? — questiona, depois de alguns minutos. — Digo, especialmente agora, acho que talvez passar um tempo longe da... morte poderia fazer bem.

Engulo em seco porque, obviamente, ao longo dos anos, essa tem sido uma fantasia minha. Viver em outro lugar, longe da funerária. Mas tem a questão do Finn e, é claro, eu jamais deixaria este lugar. E agora tem a faculdade e meu irmão querendo ir morar sozinho.

— Vou me mudar para fazer faculdade no outono — lembro, sem dizer mais nada.

— Ah, é verdade — diz, soltando o corpo na areia e se recostando em uma das barras estilhaçadas do navio. — E está animada com a ideia? Quer dizer, depois de tudo o que aconteceu.

Depois que sua mãe morreu, ele quer dizer.

— Eu tenho que estar animada — respondo. — A vida não para só porque alguém morreu. Isso é uma coisa que eu aprendi morando em uma funerária.

E vendo minha mãe morrer e o mundo continuar girando.

Ele assente outra vez.

— É, acho que é verdade. Mas às vezes a gente gostaria de poder parar a vida. Quero dizer, eu mesmo quis. Não parecia justo a minha mãe ter morrido e todo mundo agir como se nada tivesse mudado. As lojas continuavam com as portas abertas e vendendo coisas triviais, os aviões continuavam voando, os navios ainda navegavam... Era como se eu fosse o único a perceber que o mundo tinha perdido uma pessoa incrível.

Sua vulnerabilidade é aparente e me toca fundo, em lugares que eu nem sabia que existiam.

Eu me viro para ele, também disposta a dividir algumas coisas. Parece justo. *Você me mostrou o seu, agora eu mostro o meu.*

— Passei um tempo furiosa com pessoas mais velhas — admito timidamente. — Sei que é bobagem, mas, sempre que via uma pessoa idosa por aí com andador e tanque de oxigênio, ficava furiosa pelo fato de a Morte não ter decidido levá-la em vez de levar a minha mãe.

Dare abre um sorriso que ilumina toda a praia.

— Eu entendo a ideia por trás disso — garante. — Não é bobagem. A sua mãe era jovem. Além disso, dizem que a raiva é um dos estágios do luto.

— Mas ter raiva de pessoas aleatórias, isso não — aponto, com uma risada quase tossida.

Dare também ri, e isso me faz sentir bem, porque ele não está rindo *de mim*, está rindo *comigo*, e existe uma diferença aí.

— Eu me sinto bem — enfim admito, brincando com a areia à minha frente. Dare me encara.

— Acho que você precisa sair mais da montanha — comenta. — É sério. Ficar isolada em uma funerária? Não é saudável, Calla.

De repente, me pego na defensiva.

— Eu não fico isolada — rebato. — Tenho o Finn e o meu pai. E agora você também está lá.

Dare oferece uma piscadela.

— Sim, acho que estou.

— E não estamos na funerária agora — também aponto.

Paramos de falar por um instante e olhamos para o oceano vasto e infinito, porque seu tom acinzentado é inspirador e, ao mesmo tempo, me faz sentir muito pequena.

— Você está certa — Dare admite. — Não estamos. — Então arrasta os dedos pela areia, desenhando uma linha e a entrecortando com outra. — Deveríamos fazer mais isso.

As últimas palavras penetram em mim, me deixando congelada.

Ele está dizendo o que eu acho que está dizendo?

— Você quer vir mais vezes à praia? — pergunto, hesitante.

Dare sorri.

— Não, estou dizendo que deveríamos sair mais. Juntos.

Era isso que eu achava que ele estava dizendo.

Meu coração acelera e eu aceno com a cabeça.

— Claro. Seria legal. Você se importa se o Finn às vezes for com a gente?

Porque me sinto culpada de deixá-lo para trás toda vez.

Dare assente.

— Claro que não. Quero ficar com você, independentemente de como você quiser que seja.

Dare abre um sorriso para mim, aquele sorriso de "me desafie", e sei que estou liquidada. Estou me apaixonando por ele, mais e mais a cada dia, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Aliás, não há nada que eu *queira* fazer quanto a isso. Porque a sensação é maravilhosa.

O *Iredale* é só a casca de um navio, então o vento nos chicoteia e Dare empurra o cabelo para fora do rosto. Nesse momento, seu anel brilha com a luz abafada do sol. Uma sensação súbita de déjà vu me oprime, como se eu já tivesse visto esse anel brilhar ao sol antes, enquanto estávamos juntos neste navio.

Nós já estivemos juntos aqui, neste exato lugar.

É só nisso que consigo pensar enquanto o encaro, enquanto vejo seu anel brilhar com a luz, enquanto observo seu cabelo batendo com o vento.

Dare solta as mãos na lateral do corpo e a sensação desaparece, mas os restos dela ainda perduram como os resquícios de uma memória ou de um sonho.

Olho para ele com incerteza, porque a sensação é muito avassaladora.

Dare se afasta e me analisa.

— Está tudo bem?

Confirmo com a cabeça, porque, *Deus, é só um déjà vu, Calla.* Acontece.

Mas pareceu tão real. Balanço a cabeça para tentar me livrar da estranheza. Não posso perder a realidade de vista, não posso ser como Finn. *Meu Deus.*

A mão de Dare se une à minha e, juntos, passamos mais alguns minutos olhando para o mar.

Sua mão é calorosa e forte e eu desfruto da sensação. Desfruto da forma como ele a descansa em minhas costas enquanto andamos pela praia, em direção à moto. E desfruto de poder abraçá-lo no caminho para casa. Independentemente do que mais possa estar acontecendo, *isso é* incrível.

Sinto como se estivesse flutuando quando desço da moto e paro diante dele.

Ficamos ali, pois nenhum de nós quer colocar um ponto-final neste dia.

Por fim, Dare abre um sorriso lento, um sorriso de verdade, que repuxa os cantos de seus olhos desafiadores. Ele estende a mão e ajeita um fio de cabelo rebelde atrás da minha orelha, e juro por Deus que tenho que me esforçar para não me entregar àquela mão.

— Espere aqui — diz, antes de entrar em sua casa e voltar segurando o desenho.

E me entregá-lo.

— A gente se vê logo, logo, Calla Copo-de-Leite — promete, com a voz rouca.

Confirmo com a cabeça e o vejo dando meia-volta e se distanciando.

Deus, ele fica lindo quando está se distanciando.

E aí subo a escada a caminho do meu quarto.

E, quando me aproximo da janela e avisto Finn, saio correndo para o andar de baixo.

Ele está parado perto das árvores.

E está coberto de sangue.

23

Em minha cabeça, só consigo ver sangue enquanto corro pela escada e em direção ao meu irmão.

O que ele fez?

Acelero do lado de fora de casa, mas, quando chego aonde Finn estava, ele não está mais lá. Dou uma volta completa, procurando, mas nem sinal dele.

Até avistar, de canto de olho, um lampejar verde, exatamente da cor da blusa do meu irmão.

Viridem.

Ele foi para a praia, então avanço feito um foguete, pisoteando e tropeçando nas plantas pelo caminho. Deslizo por pedras, barro e terra, e quando chego lá embaixo encontro Finn.

Simplesmente parado na beira da água, esperando minha chegada, como se estivesse ali o tempo todo.

Ele está de pé, as mãos na lateral do corpo, o sangue escorrendo dos cotovelos até as mãos.

— O que foi isso? — grito enquanto avanço em sua direção, antes de agarrar seus braços e examiná-los. — O que você fez?

Os longos cortes se estendem por todo o antebraço, profundos o suficiente para sangrar, talvez profundos o bastante para deixar cicatrizes. Mas não profundos a ponto de requerer uma sutura ou causar danos permanentes.

Obrigada, Deus.

Ergo freneticamente o olhar, e Finn me encara com olhos azuis pálidos e assustadoramente calmos.

— Por que você fez isso? — pergunto com a voz trêmula. — Ficou triste porque eu saí com o Dare? Você me disse para sair com ele.

— Não fiz de propósito — ele responde, inerte. — Eu estava na floresta. Os arbustos... — Sua voz falha e ele quer realmente que eu acredite que os arbustos cortaram seus braços.

Eu o encaro, descrente.

— Estou estressado — murmura. — Talvez tenha sido um acidente.

Chego a abrir a boca, mas ele ergue a mão.

— Calla, eu não quero brigar. E não, é claro que não estou triste porque você saiu com o Dare. Eu quero que você saia com ele. Quero que você seja independente. Não consegue ver? *Eu estou tentando te mostrar*.

Seu rosto agora parece pesaroso, mas continua belo e calmo. Ainda é o meu Finn.

— Eu não sei o que você quer — admito com a voz suave. — Não quero sentir culpa quando faço alguma coisa sem você, mas, quando faço, tenho medo de você reagir... *assim*.

Propositalmente, evito olhar para seu braço, para o sangue que escorre e respinga na areia, tingindo-a de carmesim.

— O que nós vamos fazer, Finn? — pergunto baixinho. — Precisamos cuidar disso.

Ele oferece um sorriso gracioso, os dentes perfeitamente brancos e regulares.

— Você diz "nós" como se fosse problema seu, Cal. Acho que é justamente *esse* o problema. Você sempre encarou os meus problemas

como se fossem seus. E não são. Nesse sentido, nós somos diferentes. Você é sã, Cal. Aja como alguém que tem sanidade. Já está na hora.

Sua voz é firme, vem em um tom assertivo que ele raramente usa ao falar comigo, e isso me deixa em choque, impressionada por ver esse seu lado.

— Não estou entendendo — digo, com calma. — O que você quer?

Começo a fazer uma negação com a cabeça porque o desespero incha em meu peito e ameaça me esmagar. Ele ergue uma mão.

— Não vamos brigar — propõe. — Vou limpar esses ferimentos.

E eu o sigo pelo caminho até nossa casa, onde ele limpa os machucados e faz curativos nos braços. Nem sequer estremece quando passo um spray antisséptico, que eu sei que faz queimar. Nem sequer estremece quando digo que ele tem que ser mais cuidadoso. Apenas continua calmo.

E isso é o suficiente para me aterrorizar.

Porque, se tem uma coisa que eu conheço em meu irmão, é que ele nunca fica calmo. Não é típico dele.

Mas hoje é.

Nos ajeitamos no meu quarto para ouvir música, os álbuns antigos que minha mãe adorava... Beatles, The Cure, U2. Começa a chover, e a água desliza como pequenos riachos pelo vidro quando Finn finalmente se vira para mim:

— Eu não fiz de propósito.

— Tudo bem.

— Estou cansado, Cal.

E ele de fato parece muito, muito cansado. Tão pálido, tão magro. Respiro fundo porque é como se meu irmão estivesse se deteriorando

bem diante dos meus olhos. Meu pai está tão perdido no luto pela minha mãe que nem percebe o que está acontecendo.

Eu sou a única.

Como sempre.

— Você precisa se alimentar melhor — aconselho.

— Eu sei.

— Vamos dormir um pouco, Finn — sugiro.

Ele concorda com a cabeça e sobe na cama. Eu o cubro com uma colcha antes de me ajeitar ao seu lado. Finn logo está dormindo, e nem se mexe.

Abaixo dele, sob o meu colchão, descansa seu diário. Tenho que me forçar a ler mais páginas, independentemente do quanto elas me assustem, porque preciso descobrir a verdade.

Alguma coisa o está incomodando, alguma coisa o está consumindo, e, pouco a pouco, vai deixá-lo completamente louco... se eu não conseguir detê-la.

24

FINN

Não consigo dormir. Esse é o problema. Nos últimos tempos, raramente consigo dormir, e a vermelhidão em meus olhos está me levando ao limite. Eles queimam e queimam e o sono não vem.

Neste momento, sinto Calla me observando, esperando que eu seja normal, esperando que eu esteja dormindo, então finjo dormir. Finjo sonhar.

Mas sou um fingidor.

Em vez de sonhar, fico aqui, deitado, ouvindo a merda dessas vozes.

ElaNãoMereceVocêElaNãoMereceNãoMereceNão. NãoEstáVendo? NãoVÊ? NãoVÊ? ElaNãoSabe Elanãosabe. Não sabe.

Elas chiam e sussurram e gritam e berram e eu luto contra a necessidade de me acovardar, de me arranhar, de berrar. Mesmo com tudo isso, continuo deitado aqui como um cadáver, silencioso feito um fantasma.

Serva me, servabo te. Serva me. Serva me. Serva me.

Me salve e eu vou te salvar.

Eu vou salvá-la. Vou vou vou.

Agora é a minha voz, se erguendo acima das outras, ecoando alta e clara e imponente. Posso afastá-las por um tempo, tempo suficiente para me ouvir. Tempo suficiente para salvá-la.

Meu segredo vai ser revelado. Mas, antes disso, eu vou salvá-la.
Eu vou.

25

CALLA

Só acordo ao amanhecer, e, quando desperto, Finn não está mais aqui. É a primeira coisa que percebo.

Abro os olhos e minha mão desliza pelo tecido frio e suave do lençol no lado vazio da cama.

A segunda coisa que percebo é a música que vem do piano.

Como sei que não há funeral hoje, essa música é estranha. Minha mãe era a única da família que sabia tocar.

Eu me arrasto para fora da cama e desço a escada, indo na direção da capela, sem saber o que espero encontrar. Mas nada que eu esperasse poderia me preparar para o que é.

Dare está sentado ao piano, o sol entra pelas janelas acima dele e reflete em seu cabelo escuro como se ele fosse o Escolhido de Deus. Com os olhos fechados, concentrado, ele toca como se a música fluísse pelo seu corpo feito sangue ou ar, como se precisasse tocar para viver.

Inclino o corpo contra a porta e vejo suas mãos deslizando pelas teclas, extraindo a música delas com toda a graça de um pianista virtuoso. Não reconheço a música, mas é linda e impressionante e triste.

Perfeita para este lugar.

Usando calça jeans escura, uma camisa branca larga e aquele anel de prata da última moda no dedo do meio, Dare também parece perfeito para este lugar.

Porque está tocando piano como se deve tocar.

Com reverência.

Aqui, nesta capela, é simplesmente correto reverenciar o que há à nossa volta, a tranquilidade de um espaço usado para homenagear os mortos.

Fecho os olhos por um instante, sem conseguir evitar o pensamento de como seria se suas mãos venerassem meu corpo da mesma forma como veneram as teclas. Meus sonhos têm sido como preliminares, porque toda noite ele me toca. E toma meu corpo como se fosse seu, e toda noite eu desfruto dessa sensação. Neste momento, eu me lembro desses sonhos, e minhas bochechas ardem enquanto o imagino deslizando os dedos pelo meu quadril, abdome, parando nos seios. Meus lábios formigam com a vontade de beijá-lo. Minha respiração se torna pesada, minha língua desliza pelos lábios para lambê-los, meu rosto parece ligeiramente febril.

E só então percebo que a música parou.

Abro os olhos e encontro Dare virado para mim, me observando. Em seus olhos há um ar de quem está se divertindo, como se soubesse exatamente com o que estou sonhando acordada.

Se já houve um momento em que desejei que o chão se abrisse e me engolisse, esse momento é agora.

— Oi — ele me cumprimenta. — Espero não ter acordado você. O seu pai disse que eu podia entrar para pegar um suco de laranja. Vi o piano e, bem... e me intrometi aqui. Desculpe.

Seu sotaque faz tudo ficar bem. E o fato de ele tocar piano. Aliás, essa combinação faz tudo ficar mais do que bem. Ela o transforma no cara mais lindo do mundo.

— Você não está se intrometendo — digo. Ou, se estiver, é um intruso bem-vindo. — E toca maravilhosamente.

Ele dá de ombros.

— Era uma das regras do meu padrasto. Todo mundo na família tinha que aprender, porque pessoas refinadas sabem tocar piano.

Dare parece chateado com esse sentimento, então fecha os olhos.

Ergo uma sobrancelha.

— E você é? Digo, refinado?

A sua tatuagem "VIVA LIVRE" me faz pensar o contrário.

Ele sorri.

— Receio que eu seja um rebelde.

Eu não. Quero dizer, eu não receio.

— Seu pai pediu para avisar que precisou dar um pulinho na cidade — ele anuncia, enquanto se levanta e se movimenta flexivelmente na minha direção.

Não consigo não estabelecer um paralelo... entre Dare e um gracioso gato selvagem. Corpo longo, ágil, definido, forte. Ele e eu estamos ligados por uma espécie de faixa invisível, e ele arqueia essa faixa enquanto atravessa o corredor da capela, antes de parar como uma pantera diante de mim.

Eu sou sua presa?

Meu Deus, espero que sim.

Sob a luz, seus olhos ficam dourados e eu não consigo desviar o olhar.

— Obrigada — digo. — Aposto que o meu irmão foi com ele.

Não comento que meu irmão dormiu na minha cama ontem à noite, porque isso poderia parecer esquisito. Como sempre, tenho que esconder algumas coisas para manter as aparências.

— Não sei se ele foi — Dare responde. — Não vi o Finn hoje.

— Deve ter ido — murmuro.

Aliás, meu pai deve ter levado Finn à terapia. Estou livre para me concentrar no que está diante de mim.

Dare DuBray.

Seu sorriso brilha.

— Tenho outra pergunta para você — ele lança, com um ar de presunção se espalhando pelos lábios.

Arqueio uma sobrancelha.

— Mas já? Você fez uma há poucos dias.

Ele dá risada.

— Sim. Mas não aqui. Eu quero perguntar em outro lugar.

Espero.

E espero.

— E seria... onde? — por fim arrisco.

Ele sorri.

— Lá no mar.

Fico paralisada.

— No mar? Tipo, no barco?

Ele assente.

— Pode ser?

É claro que pode.

— É só um barquinho simples — aviso. — Nada chique.

— Perfeito — vem a resposta. — Porque eu também não sou nada chique.

Au contraire. Mas é claro que não digo isso. E foi bom eu ter dormido de roupa, porque assim nós podemos ir logo. Mas é claro que também não digo isso.

Eu me limito a guiá-lo pelo caminho até a praia, sem hesitar por causa da chuva.

— Podemos ir mesmo assim — digo. — É só uma chuvinha, as ondas não estão fortes.

— Não estou preocupado — rebate, sorrindo. — Estou acostumado com a chuva.

— É verdade — respondo enquanto sinalizo para ele subir a bordo. — Eu tinha esquecido.

Dare sobe na pequena embarcação enquanto eu a solto da doca, antes de jogar a corda. Dou um salto para dentro do barco antes que ele saia navegando e pouso sem cerimônia ao lado de Dare.

Ele relaxa enquanto eu manobro pela baía e logo a chuva para de forma tão repentina quanto começou. As nuvens se desfazem, o sol brilha sobre nós e eu ergo o rosto na direção do calor.

Eu vivo por momentos assim, quando meu sofrimento dá um tempo para que eu consiga desfrutar de alguma coisa.

E devo admitir que tenho desfrutado mais e mais de momentos assim desde que Dare chegou à minha montanha.

— Você me faz sentir culpada — confesso, baixinho, abrindo os olhos.

Ele está com o corpo espalhado no chão, as pernas apoiadas em uma cadeira. Olha para mim com o cenho franzido.

— Por que isso, Calla Copo-de-Leite?

Ouvi-lo me chamar assim me faz sorrir.

— Porque você me faz esquecer que eu sou uma pessoa triste — declaro, direta.

A suavidade aparece estampada em seus olhos por um instante antes de eles ficarem outra vez negros como obsidianas.

— Isso não deveria te fazer se sentir culpada — diz. — Aliás, isso me deixa feliz. Não gosto da ideia de você ser triste. Venha se sentar aqui comigo.

Dare abre os braços e eu me sento ao lado dele, soltando o corpo em seu peito sólido e contra seu coração palpitante. Seus braços me envolvem, e, pela primeira vez na vida, estou relaxando no abraço de um cara. E não é qualquer um. É Dare Dubray, que acredito que possa ter a garota que ele quiser.

E agora, neste momento, ele me quer.

É incompreensível.

O ar está na temperatura perfeita enquanto navegamos sob o sol, enquanto o calor satura minha blusa e banha minha pele. Levo uma mão à lateral, deixando-a flutuar na superfície da água enquanto ouço o coração de Dare.

Forte e alto contra meu ouvido.

Tum. Tum. Tum.

O som rítmico me faz lembrar o dia em que ele estava socando o galpão.

Olho para ele, reluto para abordar o assunto, mas quero saber a resposta.

— Aquele dia lá fora — começo. — Quando você estava socando o galpão. O que exatamente te chateou?

Ele quase recua, mas não se mexe. Mantém o braço em volta dos meus ombros e os olhos fechados.

— Por que nós temos que falar sobre isso? — Sua voz é rouca, mas tranquila. — Pensei que você quisesse ouvir a minha pergunta.

— Eu quero — afirmo rapidamente. — Mas primeiro quero ouvir uma resposta. Você me disse que estava nervoso consigo mesmo, que estava deixando alguma coisa te afetar. O que era?

Porque eu preciso saber.

Ele suspira antes de abrir seus lindos olhos.

— Você — responde em tom suave, as palavras roçando a borda do meu coração. — Estou deixando você me afetar.

Inspiro e me afasto, tentando enxergar melhor seu rosto, tentando entender sua resposta.

— Por que isso te deixaria irritado? — indago, hesitante. — Eu sou uma menina, você é um cara, acho que é completamente normal.

Ele fecha os olhos outra vez, mas continua me abraçando. Graças a Deus.

— É, sim. Mas você não está em uma situação boa, e acho que me irritei por tudo isso estar acontecendo em um momento ruim.

Fico em silêncio, porque não sei o que dizer, e Dare abre um olho antes de prosseguir:

— Na minha cidade, as garotas querem sair comigo por causa da família do meu padrasto, porque eles têm muito dinheiro. Eu detesto isso, mas odeio em especial o fato de nunca saber quando alguém está sendo sincero e quer ficar perto de mim simplesmente por quem eu sou. — Faz uma pausa. — Você não tem ideia de quem eu sou e mesmo assim gosta de mim.

Agora estou desesperadamente confusa.

— E isso é ruim?

Ele nega com a cabeça e abre os olhos e observa a água.

— Não, só aconteceu em um momento ruim. Você não está pronta para alguém como eu. Não está em uma situação legal.

As palavras me deixam um pouco irritada e eu me afasto de seus braços.

— Não estou em uma situação legal? A minha mãe morreu há pouco tempo. Mas não é como se eu estivesse me equilibrando no limite de um precipício. As pessoas morrem, infelizmente, mas isso não quer dizer que eu seja uma florzinha delicada.

Seu olhar se fixa no meu, olhos tão negros quanto a noite.

— Seja como for — responde. — Ainda assim, você está sofrendo. E nós não podemos começar uma relação bonita quando existe tanta feiura à nossa volta.

Fico impressionada e triste e silenciosa enquanto desvio o olhar para o lado oposto do barco. Então ele gosta de mim, mas não pode ficar comigo. Que droga de situação é essa?

Depois de um minuto, ele usa o polegar para virar meu queixo, me fazendo olhar em sua direção.

Não quero, mas olho mesmo assim. Porque, mesmo quando está furioso, ele é lindo.

— Pergunte qual é a minha pergunta — instrui.

Ergo o queixo.

Não.

— Vamos — insiste. — Pergunte.

Eu quero saber. Quero saber por que ele teve essa vontade de me trazer aqui, na água, para fazer uma pergunta. Quero saber o que é. Quero saber o que poderia ser. Então, arrisco:

— Qual é a sua pergunta?

Ele sorri, e juro que é um sorriso mais iluminado do que o sol.

— Calla, eu quero você.

As palavras me deixam sem ar. E espero e espero e espero a pergunta, mas, durante todo esse tempo, seus olhos penetram minha alma.

— Eu acordo no meio da noite querendo você. Sonho com você. Mas agora você está presa em meio a muitas coisas dolorosas e complicadas. Preciso que você tenha certeza de que não está comigo porque se sente confusa. Quero ter certeza de que você *realmente* me quer. Estou disposto a ser paciente e descobrir. Então, a minha pergunta é: você também pode ser paciente e esperar?

Ele quer ficar comigo? Só consigo pensar nisso e não ligo por ele querer esperar até minha cabeça estar limpa.

Começo a assentir e penso em perguntar até quando, mas ele prossegue:

— Você pode esperar, independentemente do que acontecer nesse meio-tempo?

Fico paralisada, porque isso é uma coisa muito estranha de dizer. Devo aparentar estar tão confusa quanto realmente estou, porque Dare estende a mão e toca um dedo em meus lábios.

— Não pergunte, porque eu não posso responder agora. Todo mundo tem segredos, Calla, inclusive eu. Mas você pode esperar até nós termos uma oportunidade justa, independentemente dos segredos?

Deus, estou tão cansada de segredos.

Mas Deus, acima de qualquer coisa, quero estar com Dare.

— Com uma condição — eu me pego dizendo.

Surpreso, Dare levanta a cabeça.

— E qual seria?

— Não tenho muita experiência com caras como você — esclareço. *Ou com qualquer tipo de cara, ponto-final.* — Mas quero ficar com você. Eu só penso em você.

Os lábios de Dare se curvam.

— Eu sinto a mesma coisa.

— Então eu não sei como você pode me pedir para esperar. Só tenho mais este verão, Dare. E depois vou me mudar para estudar. — Faço uma pausa e meu coração palpita. — Mas, se for importante para você, vou esperar um pouquinho. Um pouquinho *bem pequenininho*. Só que você precisa fazer uma coisa por mim.

Ele espera com o olhar pensativo.

— Me dar um motivo. — As palavras saem antes que eu possa pensar duas vezes e engoli-las.

A percepção do que acabei de dizer turva seus olhos, e, antes que eu consiga piscar, estou outra vez em seus braços, junto ao seu peito, com sua boca assolando a minha. Seus lábios, fortes, mas suaves, tão próximos, roubando, ferindo, acariciando os meus.

Beijá-lo é tudo o que eu imaginava.

Suspiro em sua boca e ele inala, e me inala. Suas mãos deslizam pelo contorno das minhas omoplatas antes de descerem rumo ao meu quadril. E a sensação é como eu esperava, forte e ao mesmo tempo suave.

Ele me puxa para perto e meu quadril encontra uma rigidez inesperada, seu tão evidente desejo por mim. Fico surpresa com essa solidez. Mas ela só alimenta meu arder, o arder que corre pelas minhas veias, bombeado pelo meu coração. Queimo porque ele está ereto por mim.

Ele me deseja.

Minha língua desliza em volta da dele antes de eu mordiscar seus lábios. Dare geme e eu pressiono meu corpo ainda mais junto ao seu. Ele ergue as mãos na direção dos meus seios, usando o polegar para acariciar meus mamilos intumescidos. E desfruta dessa sensação por um instante, transformando meus mamilos em rochas enquanto, com o nariz, explora a pele suave do meu pescoço, seus lábios queimando por onde passam.

Por fim, Dare se afasta, a respiração ofegante como se ele tivesse sido queimado. E suponho que tenha sido. Eu também. A química entre nós é escaldante.

Ele me mantém a um braço de distância enquanto se recompõe.

Depois, olha para mim e abre o mais perverso dos sorrisos.

— Isso serve?

A pergunta vem em um tom leve e lúdico, mas seu significado não é nada disso.

Porque o que ele está realmente perguntando é... isso é suficiente por enquanto? Suficiente para me prender? Suficiente para me fazer esperar?

E a resposta é... Não sei.

Não sei, porque, se ele for esperar até o meu pior sofrimento chegar ao fim, então vai ter que esperar muito tempo. O luto é uma coisa imprevisível, e, francamente, não sei se chega ao fim. Acho que só aprendemos a lidar com ele.

E talvez seja isso que ele esteja esperando. Que eu aprenda a manejar... minha dor, minha vida, Finn. Tenho muito a enfrentar. Muitos obstáculos.

Mas, enquanto o observo, enquanto observo a forma como a luz faz seus olhos escuros assumirem uma tonalidade âmbar, a forma

como o sol o banha com um brilho dourado, a forma como a ligação entre nós é ardente e perigosa, chego a uma conclusão.

Ele vale a espera.

Apesar dos nossos segredos.

Ou talvez por causa deles.

26

FINN

Estou deitado no chão do meu quarto, onde a poeira baixou nos cantos e a chuva mais uma vez encharca o peitoril. Deveria me levantar e fechar a janela, mas não faço isso.

VocêNãoConsegueVocêNãoConsegueVocêNãoConsegue.

A voz é um grito agudo em meu ouvido, me fazendo tapá-los com as mãos, apertá-los com força, tentando abafá-las, o que, é claro, não funciona. Porque as vozes vêm de dentro.

Ouço Calla entrando em casa, ouço-a cantando no banho, feliz com coisas que não sei o que são, mas sei o que são.

Eu sei que é Dare que a está fazendo feliz.

Ele oferece esperança a ela, ao passo que tudo o que eu ofereço é desespero.

Solto a cabeça nas mãos.

Só mais um pouquinho.

Sóumpouquinhopouquinhopouquinho.

ElaNãoValeADorNãoValeNãoVale.

As vozes são insistentes, mas eu sei que elas mentem. Ela *vale* a pena. Posso fazer isso por ela. Tenho que fazer, porque ela merece.

~~Agir normalmente.~~

Eu me sento, afastando o cabelo úmido do rosto.

Só mais um pouquinho.

Eu posso fazer isso. Posso fingir.

Só

Mais

Um

Pouquinho

Vejo os ciscos de poeira girando sob a luz fraca e os golpeio antes de me curvar em posição fetal.

Por Calla.

27

CALLA

Eu me sento curvada em uma cadeira na varanda. Daqui, tenho a visão panorâmica perfeita do oceano, dos penhascos e das montanhas.

Avisto Finn cortando mais lenha, sua pele pálida brilhando de suor sob o sol da manhã. Ele não dormiu comigo ontem à noite, então parece que não teve pesadelos. Mesmo assim, estava cortando lenha quando me levantei, então claramente está incomodado com alguma coisa. Em certo momento, comentou que fazer isso acalma seus nervos e, nos últimos tempos, já cortou pilhas e pilhas de madeira. Portanto, seus nervos devem estar realmente agitados.

Mexo meu café, tomo um gole e respiro profundamente o ar puro da montanha. O crematório do meu pai não está em funcionamento hoje, então não temos aquela fumaça lúgubre poluindo o ar.

— Quer companhia?

A voz baixa de Dare alcança o limite da varanda e eu o vejo parado no último degrau da escadinha. Meu coração dá um leve sobressalto, como acontece toda vez que o vejo. Com um sorriso e fazendo um gesto com a cabeça, digo que sim.

— É claro. — Uso o pé para empurrar a outra cadeira, perto da mesa. — A manhã está perfeita.

Ele concorda ao se sentar, segurando uma xícara de café.

Enquanto ele desliza o olhar pela montanha, empurro o diário de Finn ainda mais para o fundo do bolso. Eu queria ler mais hoje de manhã, já que é raro eu conseguir passar tempo sozinha em casa. Mas posso fazer isso mais tarde. Eu jamais recusaria passar tempo sozinha com Dare, especialmente agora que ele acha que devemos *esperar*.

Droga.

Forço um sorriso porque esse pensamento me deixa mal-humorada.

— Você levantou cedo — comento.

Ainda sonolento, ele oferece um sorriso.

— Não dormi direito — confessa. — Então levantei cedo para correr. Ainda estou meio grogue, aí vim tomar um café. Seu pai me convidou abertamente para atacar a cozinha.

Penso nisso por um instante. Normalmente, meu pai não é tão sociável, apesar de precisar agir socialmente em seu trabalho. Ele se tornou profissional em lidar com pessoas sofrendo, em agir da forma adequada, ser gentil. Mas, quando está de folga, não costuma interagir muito.

— Ele deve gostar de você — concluo.

— Você parece surpresa — Dare comenta, com um sorriso. — Sabe, as pessoas gostam de mim.

— Você tinha dito que elas gostavam por causa do dinheiro do seu padrasto — lembro. — O meu pai não sabe de nada disso.

Seus lábios repuxam.

— Bem, talvez as pessoas também gostem de verdade de mim. Não sei. Mas acho que é possível gostar de mim.

Possível.

Eu me lembro da sensação do seu quadril se apertando contra o meu e enrubesço.

— Você fica linda assim, corada — Dare elogia com o tom de quem está simplesmente declarando um fato enquanto me encara por sobre a xícara de café. Enrubesço ainda mais e ele sorri. — Mas é linda o tempo todo — corrige, o que, obviamente, faz minhas bochechas pegarem fogo.

— Você está tentando me fazer corar agora — acuso.

Ele sorri outra vez, sem o menor remorso.

— Estou? — pergunta, sem pesar.

Assinto distraidamente e olho Finn por sobre o ombro. Meu irmão está atacando a madeira como quem busca vingança.

— Ei — Dare chama, atraindo minha concentração para ele. — Quero fazer outra pergunta.

Espero.

Ele sorri.

— Me conte por que você não tem um namorado de verdade.

É uma instrução, não uma pergunta. E, é claro, me faz enrubescer mais uma vez, o carmesim selvagem se espalhando como fogo em meu peito. Dare balança a cabeça e prossegue:

— Não fique tímida. Na verdade, eu gosto disso. Só estou curioso para saber por que você ainda é um tesouro escondido.

Deus, eu amo seu jeito de falar, tão britânico e refinado.

Encolho o ombro.

— Sempre fui a menina da funerária, lembra? Ninguém nunca quis se aproximar muito de mim. O simples fato de eu viver em um lugar assim e de o meu irmão ser louco já é suficiente para assustar todo mundo.

— Não pode ser verdade — ele argumenta. — Você é linda. Os adolescentes nunca pensam com a lógica. Sempre pensam com as áreas íntimas, e as áreas íntimas deles reagiriam a você. Acredite.

Ah, eu acredito. Especialmente quando me lembro de como a sua área íntima reagiu à minha presença ontem. Uma enxurrada de poder feminino e luxúria de repente se espalha como uma onda por mim, e eu quero surfar nela para sempre. Mas não faço isso. Volto minha atenção a Dare e dou de ombros outra vez.

— Então acho que eles sabiam esconder bem, porque sempre fui ignorada. Mas não tem problema. Não se preocupe comigo. Eu vou embora daqui, lembra? Nem eu nem meu irmão vamos ter que voltar a vê-los.

Meu irmão.

Olho para o galpão onde guardamos lenha e fico surpresa ao perceber que Finn não está mais ali. Analiso o caminho até a praia e também não o vejo. Talvez tenha ido tomar banho.

Olho para Dare.

— E você? Já teve alguma namorada séria?

É claro que já.

Ele dá de ombros, minimizando o papel que elas possam ter exercido em sua vida.

— Ah, já tive algumas garotas na vida — admite.

Arqueio uma sobrancelha.

— Então você é um pegador?

Ele ri.

— Eu apelo à Quinta Emenda da Constituição.

Eu o encaro.

— Você não é americano. Não sei se a nossa constituição se aplica a você.

Dare ri outra vez.

— Qual é a sua cor preferida? — ele pergunta, em vez de responder.

— *Viridem* — respondo prontamente. — Verde. Significa vida. Gosto disso.

Dare assente.

— Também gosto. E gosto do fato de você saber latim.

Ofereço um sorriso ao perceber que há um clima de competição entre nós.

— É o Finn que sabe latim — corrijo. — Eu só aprendi algumas coisas com ele.

— Por que ele gosta tanto de latim?

Balanço a cabeça, buscando outra vez algum sinal de meu irmão, mas ele não está por aqui.

— O Finn quer partir para a área da saúde. Na verdade, ele quer ser psicólogo. O latim é a base da terminologia da área médica, então ele imagina que saber latim pode ser uma vantagem.

— Esperto — Dare assente.

Tenho que concordar.

— O Finn é brilhante — digo. — De verdade.

— Não está dizendo isso só porque vocês são gêmeos? — Dare brinca.

Nego com a cabeça.

— Não, não. Ele é muito mais inteligente do que eu.

— Duvido — provoca. — Você parece muito brilhante.

— Não o suficiente a ponto de ficar longe de você — respondo, sem pensar.

Dare quase joga a cabeça para trás.

— De onde veio essa ideia? — E me observa com olhos arregalados.

Francamente, não sei.

— Acho que só estou frustrada com essa sua mentalidade de "espere para ver" — murmuro.

Dare inclina a cabeça.

— A paciência não é uma das suas virtudes?

Mexendo a cabeça em negação, respondo:

— Infelizmente não.

— Mas coisas boas acontecem para aqueles que esperam — aponta Dare.

— Eu não sou ketchup — rebato.

Ele me olha confuso. Então explico:

— Isso era o antigo slogan de uma marca de ketchup.

Ele balança a cabeça.

— Americanos. Vocês adoram mesmo os condimentos.

Ouço um carro esmagar os seixos na pista e olho atrás de Dare, onde vejo meu pai estacionando o carro fúnebre.

— Droga. Vai ter funeral hoje. Talvez seja melhor você dar o fora deste lugar, se não quiser se ver cercado por lágrimas.

Dare parece despreocupado enquanto toma um demorado gole de café.

— Quer me acompanhar em um passeio por Astoria? — pergunta, casualmente, levantando-se para se alongar. Fico mais uma vez distraída com seu abdome, que aparece quando a camiseta levanta.

Ele me pega olhando e sorri. E acrescenta, com arrogância: — A minha barriga também vai.

Reviro os olhos.

— Está tentando me subornar?

Seus olhos escuros encontram os meus.

— Faço o que for necessário. Se quiser, eu posso ir sem camisa.

Meu coração não suportaria.

De repente, fica difícil engolir e eu preciso de uma distração. E preciso me livrar do funeral iminente.

— Está bem — concordo. — Vamos. Mas só se você dirigir. E de camisa.

— Feito — diz, triunfante.

Mas eu sou a triunfante alguns minutos depois, passando meus braços em volta de sua cintura enquanto descemos pela montanha. A parte frontal do meu corpo está pressionada em suas costas, e nós nos encaixamos tão perfeitamente quanto duas peças de um quebra-cabeça.

Eu o levo primeiro à minha cafeteria favorita, onde nos sentamos do lado de fora e passamos um tempo tomando um espresso. Estamos sentados à sombra, e a brisa da manhã sopra fria. Quando Dare percebe que estou tremendo, passa o braço por trás da minha cadeira, e eu me aconchego em seu abraço.

Quero ficar assim pelo resto do dia, talvez ainda mais, mas depois de vinte minutos ele me encara.

— Qual é a próxima parada, guia turística?

Suspiro.

— Você é um mandão que quer me punir.

Mas estar atrás dele na moto, com os braços o envolvendo outra vez, não poderia ser exatamente chamado de punição.

— Quero conhecer o lugar onde você estudou — grita para mim por sobre o vento.

Então eu o guio até a Escola de Ensino Médio de Astoria. Ele estaciona na frente do prédio e eu sinto uma vontade enorme de que meus antigos colegas de classe estivessem aqui para testemunhar Calla Price na garupa da moto de Dare DuBray. A vitória seria minha, porque ele é muito mais lindo do que qualquer um aqui poderia imaginar.

Mas estamos no verão, então não tem ninguém aqui para ver.

Dare se afasta da moto e tira o capacete; a brisa faz seu cabelo escuro balançar. Ele é absurdamente lindo enquanto analisa o colégio, usando a mão para proteger os olhos do sol.

— Então este é o tal lugar dos tormentos?

Confirmo com a cabeça.

— Infelizmente.

Ele me encara.

— É só um prédio, Calla. Não pode te magoar.

— As pessoas aí dentro podem — aponto, sentindo as cicatrizes das palavras gravadas em minha memória. — Palavras podem ferir tanto quanto armas.

Ele assente.

— Eu sei. Mas, quando você fica mais velho, percebe que as pessoas do colégio não eram tão importantes. Eram só crianças idiotas que não sabiam de nada. Você vai seguir a vida e fazer coisas grandiosas e eles vão continuar aqui nesta cidadezinha e não vão fazer nada. É você que vai sair vencedora.

Eu o encaro.

— E como exatamente você sabe disso?

Dare dá de ombros.

— É pura matemática. Eu li um estudo que dizia que mais da metade da população nunca se muda para mais de trinta quilômetros longe da sua cidade natal. E me parece que não existem muitas oportunidades grandiosas por aqui. Então, os seus colegas de sala que ficarem na cidade nunca vão conseguir salvar o mundo nem nada assim.

— E eu vou? — Minha voz sai afiada.

Dare não se move.

— Você vai mudar o mundo *de alguém*. Eu tenho certeza disso.

A região mais baixa do meu corpo é inundada por um calor, porque eu sei que ele está falando de si mesmo. Mas, assim que me dou conta de uma coisa, meu sangue gela. Se eu mudar o mundo de alguém, vai ser o de Finn, então duvido que vou ter tempo para também mudar o de Dare. Não tenho tanto talento assim para fazer as duas coisas.

Ainda estou abatida com esse pensamento quando dou meia-volta e avisto os tijolos vermelhos desgastados do meu colégio, as portas pelas quais tanto temi passar todas as manhãs durante quatro anos.

E fico assustada quando vejo o diretor passar por elas.

Ele também se espanta ao me ver.

— Srta. Price — diz, rapidamente, vindo em minha direção.

Não estou acostumada a vê-lo usando roupas casuais, então a bermuda e a camisa polo me deixam impressionada.

— Olá, sr. Payne.

Não deixo de perceber a ironia de seu nome, pronunciado “pain”, dor.

— Como você está? — indaga, com uma voz ao mesmo tempo calorosa e nervosa. Eu entendo. Ninguém sabe o que dizer a alguém que perdeu um ente querido. É uma situação complicada. — Tenho pensado muito em você, Calla. A minha esposa perguntou várias vezes se eu sabia como você estava.

— Estou bem — minto. — Estamos levando a vida.

— E o seu pai? — questiona.

— Está tão bem quanto poderia estar diante da situação — explico. — Vou dizer para ele que o senhor perguntou.

— Bem, nós vivemos em uma comunidade pequena, Calla. Todo mundo ficou triste com a sua perda. Se precisar de alguma coisa, seja para a faculdade ou para qualquer outro fim, me avise.

Assinto e ele se apressa em direção a seu carro, como se não pudesse se afastar de mim rápido o suficiente.

— Afff. — Sacudo a cabeça. — Agora ele se faz de quem quer ajudar, mas nunca levantou um dedo quando o Finn era arrastado para dentro dos armários pela turma do futebol no segundo ano. Nem quando arrancaram a calça do meu irmão no primeiro ano. Ou em todas as vezes que coisas desse tipo aconteceram. E nem consegue perguntar sobre o Finn. Eles acham que o meu irmão é louco e não vale a pena. Isso me dá nojo. Esta cidade inteira me dá nojo.

Eu me viro na direção da moto e Dare agarra meu braço, me forçando a parar.

— Entendo a sua raiva, Calla. Mas me faça um favor, pode ser? Uma das coisas mais bonitas em você é o seu espírito. Ele... me faz

sentir renovado, assim como a qualquer um que consiga vê-lo. Então não deixe nada nem ninguém te tornar uma pessoa amarga, está bem?

Suas palavras são tão sinceras que me fazem congelar, que me fazem perceber uma coisa. Não posso deixar essas pessoas me tornarem tão amarga quanto elas mesmas são. Concordo lentamente com a cabeça.

— Acho que você está certo. Não posso corrigir essa mentalidade limitada das pessoas. Então, não posso deixar que ela me afete.

Dare assente.

— Exatamente. Quer dar o fora?

— Sim. — A resposta é imediata.

Subimos outra vez na moto e caímos na estrada. Faço o meu melhor para deixar a amargura para trás, no colégio, o lugar dela.

Seguindo pela estrada à beira-mar, vamos até a praia de Cannon. Descemos a pedra de Haystack e, encostados às rochas, ficamos olhando o mar, impressionados por perceber como o oceano é grande e nós somos tão pequenos.

No horizonte, um barco desliza pela água, a vela branca se movimentando como uma nuvem no céu.

Passamos algum tempo olhando, até ele desaparecer. Por fim, Dare se vira para mim.

— Depois que minha mãe morreu, alguém me deu um poema para ler, e esse poema me ajudou.

Sem me convencer, eu o encaro.

— Um poema?

Ele repuxa o lábio em um sorriso.

— Pois é. Mas é verdade, ajudou. Era sobre um navio que não perde seu valor ou utilidade ou sua *essência* simplesmente porque, ao

navegar, desaparece no horizonte. Ele continua sendo grande e valioso e continua existindo, embora não possamos vê-lo. Então, de certa forma, a morte é como o navio que navega para outro destino.

Eu o observo e percebo algo grandioso entre nós, uma coisa não verbalizada, mas mesmo assim grandiosa.

— Eu já li esse poema — afirmo. Como moramos em uma funerária, já devo ter lido todos os poemas sobre a morte. — É muito bom Provavelmente melhor do que a história da libélula que o Finn me contou.

Dare oferece um sorriso, mas não pede para ouvir a história. No caminho de volta à moto, agarra minha mão e continua a segurá-la. Não me afasto, mas apenas desfruto da sensação de seus longos dedos entrelaçados aos meus.

Percorremos o caminho de quarenta minutos de volta a Astoria com o sabor do sal nos lábios e a sensação do peito de Dare abaixo dos meus dedos. Foi um bom passeio, e detesto vê-lo chegar ao fim enquanto passamos pelas ruas de Astoria.

Detesto em especial quando nos aproximamos do cemitério Ocean's View.

Desvio o olhar dos portões de ferro forjado e das colunas de tijolos, das árvores que choram suas sombras sobre as passagens ali dentro. Porque eu sei que no final da fila perfeita de túmulos há um grande anjo branco sobre uma pedra de mármore. LAURA PRICE descansa ali embaixo, dormindo o sono eterno, tirada para sempre de mim.

Aperto os olhos e devo ter apertado Dare, porque ele se vira ligeiramente.

— Tudo bem com você?

Assinto com a cabeça atrás dele.

— Sim.

Mentira.

Ele avista o cemitério e eu me pego um pouco tensa.

— Você está cercada por ela aqui — ele me diz, com a voz tão leve e baixa quanto poderia ser sobre a moto. — Para mudar, precisa mudar de cidade.

Concordo com um gesto, porque sei que é verdade.

Enquanto movimento a cabeça, abro os olhos e, então, percebo uma coisa.

Finn.

Parado no portão do cemitério, observando enquanto Dare e eu passamos.

Ele não grita, não corre atrás de mim, nem mesmo parece bravo. Mas aquela expressão continua em seu rosto... a expressão que deixa claro que eu o decepcionei. Falei que visitaria nossa mãe com ele e não fui. E, como não fui, ele foi sozinho.

Fecho os olhos.

28

FINN

ChegouAHora.

As vozes são insistentes, mais que de costume, mais do que nunca.

ChegouAHoraAHoraAHora.

A hora de quê?

Sigo pela rua do cemitério, subo a montanha rumo à minha casa, onde paro em meio às árvores para ver minha irmã se despedir de Dare e me esperar. Sei que está me esperando porque sempre me espera.

E, a não ser que eu aja, isso é o que ela sempre vai fazer.

AjaAjaAja.

De repente, sei o que devo fazer e sigo a caminho do píer. Não importa que ela não tenha ido comigo ao cemitério, porque eu sei que ela tentaria se eu tivesse forçado o assunto. Ela teria tentado e se sentiria arrasada porque não está pronta para ir. Não posso forçá-la a estar pronta. As coisas precisam acontecer na ordem.

Precisam acontecer na ordem.

Existe uma ordem.

Precisam

Acontecer

Na

Ordem.

Saia navegando e não volte mais, uma voz chia. *FaçaElaVerAOrdem.*

Não faça isso, outra argumenta. *ACulpaÉDelaÉDelaÉDela.*

As vozes discutem e eu as deixo debatendo enquanto sigo caminhando contra a brisa do mar, em direção ao barco. Subo nele e puxo a âncora.

29

CALLA

Quando chegamos, acompanho Dare até sua casa.

— Obrigada — digo, em tom suave. — Eu precisava sair daqui.

— Precisava mesmo — ele concorda. — E continua precisando.

Engulo em seco, porque Dare está certo. Eu preciso sair, ficar longe da morte e de Astoria e deste lugar. Porém, cada vez mais sinto que não posso fazer isso. Nunca vou conseguir realmente sair daqui porque não posso deixar Finn. Mesmo que eu o acompanhe e vá estudar no MIT, ainda vou estar para sempre cercada por essa realidade.

Mas é claro que não digo isso, pois é deprimente e Dare simplesmente apresentaria seus argumentos contrários.

Então, apenas inclino o corpo e beijo sua bochecha perfeitamente esculpida, desejando com todas as forças poder me entregar a seus braços e que ele pudesse me reconfortar e me beijar e me abraçar para sempre.

Mas não posso. Estamos *esperando*.

Me esperando enfrentar algo que não pode ser enfrentado.

Dare entra em sua casa e eu espero meu irmão na varanda.

Meu traseiro está reto depois de passar tanto tempo sentado, e já matei cem mosquitos quando meu pai finalmente sai e me entrega um copo de limonada.

— O que está fazendo aqui? — pergunta, enquanto tomo um gole do suco azedo.

— Esperando o Finn — respondo. — Eu o vi no cemitério. Ele foi sozinho. E vai precisar conversar quando chegar.

Meu pai parece angustiado, e eu sei que é porque ele também ainda não foi ao cemitério.

— Não se sinta mal, pai — eu me apresso em acrescentar. — Para dizer a verdade, eu também não entrei lá. Só passei na frente. Não consegui me forçar a entrar.

Ele assente devagar.

— Um dia — começa a dizer, mas sua voz falha.

Eu sei que ele arquivou a tarefa naquela pasta de "um dia" que ele tem na cabeça.

Sorrio e finjo acreditar que um dia ele vai mesmo ao cemitério.

Meu pai volta para dentro de casa, e, por um instante, desejo que não tivesse feito isso, já que me sinto sozinha e ter uma companhia enquanto espero me faria bem. De tempos em tempos, penso ver as cortinas de Dare se mexendo, como se ele estivesse de olho em mim, mas devo estar imaginando coisas.

A limonada finalmente percorre seu caminho em meu corpo e eu entro em casa para usar o banheiro. Enquanto estou lavando as mãos, um brilho prateado na bancada atrai minha atenção.

A medalha de Finn.

É um pequeno pingente circular de prata homenageando são Miguel que nossa mãe comprou para o meu irmão no Natal do ano passado. Não somos católicos, mas ela adorava a ideia de que essa medalha em tese daria ânimo e manteria o perigo distante. Minha

mãe sabia que Finn certamente precisava de proteção. Ele nunca tira essa medalha. Nem mesmo para dormir.

Mas agora ela está aqui, sobre a bancada do banheiro.

Eu a seguro com dedos trêmulos.

Onde ele está?

Corro outra vez para fora de casa, planejando pedir a Dare para me levar outra vez à cidade para procurar Finn, quando olho para a praia e percebo que nosso barco não está ali.

Como meu pai está em nossa casa e Dare em sua casa, só uma pessoa poderia ter pegado o barco.

Finn.

Faço correndo o caminho até a praia e me sento com as pernas soltas no píer. Porque é a única coisa a fazer.

Esperar.

Espero até meu corpo estar rígido, até o sol afundar no horizonte, e nada de Finn voltar. Começo a ficar irritada, porque ele sem dúvida sabia que me deixaria preocupada.

Ele está fazendo de propósito, concluo. Para me dar uma lição.

A raiva faz meu sangue borbulhar, e eu sigo com passos pesados para casa, onde, revoltada, pego algumas coisas na cozinha para fazer um sanduíche para meu pai.

Ele me encara, surpreso.

— O que tem de errado com você?

— O Finn saiu sozinho de barco — esbravejo. — Claramente está nervoso comigo.

Meu pai dá um tapinha em meu ombro.

— Ele navega há tanto tempo quanto você. O Finn está bem — é tudo o que diz.

Quero segurar sua mão e arrancá-la do corpo. Porque meu pai está tão envolvido com sua própria tristeza que não consegue enxergar a tristeza de mais ninguém.

— Você não pode ter certeza — rebato.

— Eu tenho — garante. — Ele vai ficar bem.

Não suporto continuar aqui e comer com ele, então saio e bato a porta, mas, no caminho, tenho uma ideia, algo que nunca pensei em fazer antes.

Paro diante do bar do meu pai.

E pego uma garrafa de gim, sua bebida preferida.

Ele certamente vem bebendo muito nas últimas semanas, tentando esquecer a dor e os problemas. Eu também posso fazer isso. Se funciona para ele, deve funcionar para mim. Pego a garrafa fria e desço a escada até a varanda.

Acho que avisto as cortinas da cocheira se mexendo e acredito que vi Dare me espreitando pelo vidro, mas não paro. E não baixo a garrafa. Podem me julgar. Não estou nem aí.

Eu mereço uma pausa da realidade.

Sigo a estradinha, pisando na areia molhada, e me sento no píer com meu gim. Depois de alguns minutos, abro a garrafa e tomo um gole.

Quase imediatamente cuspo o líquido horrível, tossindo enquanto aquela coisa desce queimando minha garganta até a barriga. Posso sentir o calor descamando o tecido do esôfago e sinto vontade de jogar a garrafa no mar.

É nojento. Como alguém pode ter vontade de beber isso?

Mas, depois de passar minutos esperando, depois uma hora, depois duas horas, pego outra vez a garrafa.

Observo o horizonte vazio e tomo outro gole, forçando-o a descer. Observo as estrelas, a maldita constelação de Andrômeda e sua história ridícula de amor e tomo um gole. Pouco depois, após quinze goles, minha barriga está aquecida e minha memória, confusa.

Uma sensação deliciosa, como se houvesse uma bruma à minha volta, me envolve, e já não sinto a garganta em carne viva ou o sabor do líquido horrível. Bebo mais e mais, até cair de costas no píer e ficar olhando o céu, apreciando o movimento das estrelas, que giram à minha volta como se eu estivesse em um carrossel e elas refletidas em espelhos.

Fecho os olhos por um minuto e minhas pálpebras também giram em círculos e círculos até eu começar a sentir a vertigem.

Abro os olhos e Dare paira sobre mim, inclinado no limite da minha visão periférica.

Abro um sorriso. Acho.

Ele sorri de volta.

— Quanto você tomou? — pergunta, pesarosamente, segurando a garrafa e a examinando.

Restam apenas alguns goles ali, e, com elegância, eu os dispenso com um aceno.

— Pode ficar com o resto — digo, como se estivesse lhe entregando um presente.

Minhas palavras saem arrastadas, minha língua parece pesada e eu percebo que minha fala saiu em sons inarticulados. Tento mais uma vez.

E outra vez emito sons inarticulados.

Olho impotente para Dare, fazendo-o rir.

— Tudo isso, então?

Ele inclina o corpo para baixo e me oferece a mão. Nego com a cabeça.

— Tenho que esperar o meu irmão.

Minhas palavras soam mais como "tenho que esperar um sermão".

Dare balança a cabeça.

— Não vim aqui dar um sermão. A gente precisa voltar para casa antes que você apague.

Eu sei que deveria ficar bem aqui, no píer, à espera de Finn. Sei que deveria estar mais preocupada com meu irmão, pois já está escuro e ele continua sozinho e nunca fica sozinho até tão tarde assim, mas, além de deixar impotentes os músculos da minha língua, o gim fez outra coisa.

O gim me deixou despreocupada.

Neste momento, não ligo para nada no mundo, o que é um deleite, uma maravilha. Não me surpreendo ao perceber por que meu pai gosta tanto dessa bebida.

Deixo Dare me levantar, e, no mesmo instante, minhas pernas cedem e caio contra seu corpo.

— Oi — digo, diante do seu peito.

Seu peito deliciosamente sexy.

— Oi — ele responde. — Vamos, Cal.

As mãos de Dare me içam por debaixo do braço, e de repente estou em seu colo, embalada como um bebê enquanto ele me leva caminho acima.

— Sou muito pesada — murmuro contra sua camisa.

— Não é — a camisa me responde.

Ele não tropeça, não vacila, simplesmente me segura com força e sobe pela estrada. Sua respiração quase não está afetada quando

chegamos ao topo.

Abro os olhos e vejo o contorno embaçado da funerária acima de mim, a borda irregular do telhado cutucando o céu escuro. Tudo se transforma em uma mistura, depois se separa, depois se junta outra vez. Fecho os olhos para me proteger dessa confusão.

— Não quero entrar — consigo dizer com clareza.

Dare olha para baixo, em minha direção, e juro que percebo um ar de comiseração em seus olhos.

— Não lamente por mim — esbravejo.

Ele não responde. Apenas me leva pelo caminho até a cocheira.

E me ajeita cuidadosamente no sofá, onde me deixa por um instante antes de voltar com um copo enorme de água e uma aspirina.

— Tome isso — instrui com firmeza. — E depois beba toda a água. Acredite, você vai me agradecer amanhã de manhã.

Faço o que ele diz e seco a boca com o dorso da mão antes de puxá-lo ao meu lado.

— Aonde você acha que o meu irmão foi? — pergunto, ansiosa, embora o gim tenha afastado grande parte de minhas preocupações.

Dare me encara.

— Ele vai ficar bem. Você, por outro lado, vai ter uma ressaca terrível amanhã. Já tinha bebido antes?

Nego com a cabeça, fazendo-o suspirar.

— Bem, certamente escolheu começar com uma pancada. O gim é capaz de fazer nascer pelos no peito.

— Eu gosto do meu peito como ele é — tento dizer.

E devo ter conseguido, já que os olhos de Dare brilham.

— Eu também gosto — admite, com a voz leve.

Seguro sua mão e a puxo para perto, deslizando-a pelo meu flanco, onde ele afunda os dedos.

— Quer me beijar? — pergunto. — Eu gostei quando você me beijou.

Ele suspira outra vez.

— Eu também gostei. Mas você está bêbada.

— Estou bêbada mas não estou morta — rebato.

É um sentimento que faz pouco sentido, mas não hesito. Apenas seguro o rosto de Dare e puxo para perto, trazendo seus lábios junto aos meus. Ele tem sabor de hortelã; eu, de gim. De alguma forma, a combinação se torna inebriante e, com dedos anestesiados, acaricio a lateral de seu maxilar salpicado pela barba por fazer.

Por um tempo ele aceita, mas depois se afasta.

— Você está bêbada — repete.

— Correto.

Deslizo em direção a ele, meu rosto em seu ombro.

Seguro sua mão e a apoio em minha lombar.

— Eu gosto de estar aqui, com você — admito. — Gosto do seu cheiro. Gosto do seu beijo. Gosto da sua beleza.

Dare me encara com olhos que brilham como os de quem está gostando da situação.

— Então eu sou bonito?

— Pare de tentar ganhar elogios — murmuro. — Você não precisa disso.

Dare sorri.

— Não?

— Quero que você me beije outra vez — anuncio, sentando-me e ajeitando o corpo. Acho.

— Não posso — responde, firmemente. — Você está bêbada.

— Estou — confirmo. — Já não concordamos quanto a isso?

A sala gira levemente, mas logo se ajeita, e eu decido assumir o controle da situação. Eu me lanço contra ele, meu peito amassando o seu, e o beijo.

Basicamente, eu o consumo.

Eu o beijo desesperadamente, minha necessidade esmagando todo o resto. Sua boca é quente, e, num primeiro instante, ele hesita, depois retribui meu beijo, sua língua mergulhando em minha boca.

Canhestramente, corro a mão pelo seu peito, quadril, e paro onde sua ereção salta. Meus dedos se esfregam ali e ele fica sem ar, absorvendo minha respiração. E logo se afasta.

— Jesus, Calla — cospe, a voz dura, a respiração irregular. E me mantém distante enquanto tento me aproximar. — Sério, eu vou jogar água gelada em você.

Fico congelada com o medo repentino de alguma coisa.

— Você não me quer, não é?

Dare olha para o teto, aparentemente fazendo de tudo para ser paciente.

Ergue minha mão e a coloca direto em seu colo, empurrando-a contra a calça jeans, onde a ereção é latejante.

— Parece que eu não quero você? — pergunta calmamente, afastando minha mão, apesar de eu querer desesperadamente mantê-la ali. — Eu estou cuidando de você, mesmo que você não queira.

— Não quero que você faça isso. Só quero você.

Dare olha outra vez para o teto, mas posso ver um levíssimo enrubescer na curva de sua maçã do rosto. Está tentando manter o

controle, percebo. Essa ideia me faz sorrir, mas logo a sala gira outra vez, agora mais rápido.

Caio bruscamente contra Dare. Ele me mantém em pé, mas imediatamente caio outra vez.

— Eu gosto de estar bêbada — afirmo, murmurando diante de sua camisa. — Não consigo sentir nada.

— Você vai sentir de manhã — garante.

De certa forma, eu sei que ele está certo, pois a sala gira e gira e minha boca de repente se enche de saliva.

— Eu vou vomitar — percebo.

Dare me segura e corre comigo para o banheiro. Eu me ajoelho diante do vaso e tenho ânsia, ânsia, ânsia.

O gosto do gim é ainda pior saindo, se é que isso é possível.

O que quer dizer muito.

Mãos frias afastam meu cabelo do rosto enquanto eu vomito, segurando as mechas pra trás, e eu o afasto com a mão.

— Vá embora — murmuro, entre um jato e outro.

— Está tudo bem — ele afirma, com uma voz reconfortante, dando tapinhas em minhas costas com uma mão enquanto segura meu cabelo com a outra. — Você está bem.

Eu não estou bem. Estou morrendo. Estou vomitando até o último vestígio de comida que consumi nos últimos quatro anos. Disso estou certa. E continuo vomitando. E, quando não tenho mais o que pôr para fora, vomito mais um pouco.

Por fim, curvo o corpo no chão, meu rosto pressionado contra o piso frio.

Nunca senti nada melhor do que isso, concluo, adorando cada centímetro da porcelana fria com uma paixão ofuscante e pessoal.

Fecho os olhos e os mantenho assim, embora sinta que estou sendo carregada. Minha calça é arrancada, mas minha blusa continua no corpo, e eu estou tropeçando feito uma boneca de pano. E o melhor de tudo é que não estou nem aí.

Lençóis frios são puxados à minha volta, e eu nem me importo em abrir os olhos. A única coisa que sei é que estes lençóis têm o cheiro de Dare... madeira e homem. Neste momento, isso é tudo o que importa.

Quando volto a abrir os olhos, preciso de um instante para focar, mas logo vejo a luz da lua brilhando na parede. Estamos no meio da noite.

Minha boca está seca, como madeira ou serragem, e engulo em seco.

Estou na cama de Dare.

Cama. De. Dare. DuBray.

É um pensamento que precisa de um minuto para ser processado, e logo eu processo que, infelizmente, Dare DuBray não está na cama.

Deslizo o olhar pelo quarto e ele não está mesmo aqui.

Então me levanto, envolvo o corpo em um lençol e vou até a sala. Dare está com o corpo espalhado no sofá, completamente vestido, dormindo pesado.

Em seu sono, o rosto é vulnerável e banhado pela luz da lua. Eu observo por um bom tempo porque, quando ele está acordado, não posso me dar a esse luxo. Só dou meia-volta quando começo a sentir a vertigem outra vez, quando minha cabeça passa a latejar e latejar e finalmente entendo o que ele quis dizer quando falou que eu sentiria no dia seguinte.

Ainda não é o dia seguinte, mas certamente já estou sentindo.

Atravesso a sala enquanto tenho a sensação de ter uma britadeira atrás da minha cabeça, então procuro mais aspirina no armário sobre o fogão. Encontro os comprimidos, tomo vários e cambaleio de volta até a sala de estar.

Estou parada acima de Dare, fitando-o outra vez, quando ele abre os olhos.

Seus lindos olhos cor de ônix.

— Não quero ficar sozinha — murmuro.

Ele não diz nada, apenas abre os braços.

Deito à sua frente e ele me prende eu seu abraço, me protegendo da noite. E é assim que durmo, embalada em seu peito e ouvindo seu coração bater.

De manhã, a luz do sol me acorda enquanto Dare ainda está dormindo.

Preciso de um segundo para lembrar onde estou, que fiquei bêbada ontem à noite, que me ofereci para Dare e depois vomitei na frente dele.

Estou morrendo de humilhação enquanto olho pela janela, para a porta, e fico congelada.

Finn está de olho no que acontece aqui dentro, e há horror em seu semblante. Está usando as mesmas roupas de ontem, o que me faz crer que acabou de chegar.

Estou espalhada nos braços de Dare, envolta em um lençol, e então me dou conta do que isso deve parecer.

Finn deve ter entendido tudo errado.

Eu me levanto apressadamente para ir falar com ele e abro a porta com violência, mas ele já não está mais ali.

30

Corro até meu quarto, onde Finn me espera calmamente sentado na cama, os sapatos sujos por terem estado na praia recentemente.

— Não era o que parecia — me apresso em dizer, embora ainda esteja com o lençol de Dare envolvendo minha cintura porque meu short está no quarto dele.

Finn sacode a cabeça e olha pela janela.

— Não estou nem aí para o que você estava fazendo com ele, Cal. Não é da minha conta. Sou seu irmão, não seu cuidador.

— Mas eu sou a *sua* cuidadora — esbravejo em resposta. — E você saiu sozinho ontem. Que merda estava fazendo?

— Eu precisava ficar um tempo sozinho — responde, em voz baixa, ainda olhando pela janela. — Quero dizer, depois de ter ido ao cemitério.

As palavras me fazem congelar, o que era a intenção de Finn.

— Desculpe — digo com humildade enquanto minhas mãos continuam agarrando o lençol. — Eu devia ter ido com você. E deixei você ir sozinho. Desculpe, Finn.

Ele encolhe os ombros magros sob o sol da manhã.

— Tudo bem, Calla. Você ainda não está pronta. Eu entendo.

— Mesmo assim, eu devia ter ido por você — argumento. — Desculpe. Quer voltar lá hoje? Porque eu vou. Se você precisar voltar, eu vou com você.

Finn olha entristecido para mim.

— Você precisa ir por *si* mesma, Cal. Mas ainda não está pronta. Vai acontecer aos poucos... na ordem. Eu garanto.

Ele está falando coisas que não fazem sentido, o que me deixa preocupada.

— Você está tomando os remédios, né? — pergunto, apreensiva.

Ele confirma com a cabeça.

— Por favor, pare de se preocupar comigo, Cal. Eu estou bem.

— Não está. — Não consigo não notar suas roupas amarrotadas, a pele pálida, os círculos escuros em volta dos olhos. — Você não está dormindo de novo. As suas mãos estão tremendo. Nós precisamos ir atrás de ajuda. Eu vou falar com o pai.

Antes que eu possa piscar, o braço de Finn dá um impulso e agarra o meu.

— Não. Por favor. A gente cuida disso, só nós dois, Calla. Você e eu, como sempre foi.

E eu quero explicar que isso não é justo comigo, que é um fardo pesado demais, que é muita responsabilidade, mas é claro que não digo nada. Porque somos Calla-e-Finn e sempre foi assim e sempre vai ser assim.

Enfim, concordo.

— Tudo bem. Eu não falo nada.

Olho outra vez para Finn e lembro que ele não está usando a medalha de são Miguel.

— Você tirou a medalha — digo, tentando não soar acusatória.

Ele desvia o olhar e dá de ombros.

— Cheguei à conclusão de que não preciso mais dele. Pode ficar, se quiser.

Boquiaberta, eu o encaro.

— Você não a tirava desde que ganhou, porque a mãe gostava de acreditar que você estava protegido quando a usava.

Seu olhar azul e frio me perfura.

— A mãe não está mais aqui, Calla.

Engulo em seco, e dói.

— Eu sei — respondo, as palavras raspando na garganta.

Finn assente.

— Que bom. Então, pode ficar com a medalha se quiser.

Ele se levanta, exausto, e meu coração explode em uma nuvem de poeira.

— Preciso tomar banho — comenta, baixinho, e sai sem dizer uma palavra.

Fico em silêncio, olhando pela janela, olhando para o mar. Os barcos deslizam no horizonte e eu só consigo desejar ser um deles, flutuando para longe, muito longe daqui.

Mas, se assim fosse, eu também estaria indo para longe de Dare. E não posso fazer isso. Não agora.

Tomo banho e escovo os dentes antes de trancar a porta do quarto e pegar o diário de Finn. Diante da janela, me forço a ler as palavras, porque venho protelando e agora enfim chegou a hora. Puxo a misteriosa carta de tarô e a viro, sem dar muita atenção, várias vezes, passando-a entre os dedos. Olho para os símbolos estranhos de Finn e leio as palavras.

A morte é o começo.
MORS solum INITIUM est.
O começo COMEÇO começo começo

PRECISO COMEÇAR.

Fico espantada ao ler as palavras arranhadas, a tinta esfregada no papel como se Finn tivesse usado toda a sua força. Ele precisa começar o quê?

Um novo começo?

Ou a morte?

Meu coração salta outra vez contra as costelas enquanto marco a página com a carta de tarô. Depois, enfio o diário outra vez debaixo do colchão antes de descer a escada.

— Você viu o Finn? — indago a meu pai quando o encontro nos degraus.

— Não — responde. — Está tudo bem com você?

— Sim — suspiro, porque estou tão cansada de ouvi-lo perguntar isso. — Só preciso encontrar o Finn.

Eu o encontro onde sempre o encontro ultimamente, perto do galpão, cortando madeira. Mais madeira, embora já tenhamos quinze pilhas.

— Por que você faz isso o tempo todo agora? — questiono, hesitante.

E me aproximo lentamente para não assustá-lo, afinal agora Finn tem um machado nas mãos.

Ele me encara, a luz brilhando em seus olhos azul-claros.

— O exercício afasta o estresse.

— Certo — respondo. — Finn, você me contaria se estivesse se sentindo mal, né? Tipo, e não faria nada idiota.

Ele franze o cenho e se apoia no cabo do machado.

— Nada idiota tipo o quê, Cal? Do que você está falando?

Suspiro porque ele sabe do que eu estou falando, só está tentando me forçar a pronunciar as palavras.

— Você não tentaria se ferir, tentaria?

As palavras têm um sabor detestável, horrível, mesmo assim eu as lanço.

Finn me encara sério.

— Calla, se eu quisesse me ferir, eu não tentaria. Simplesmente *me feriria*. — Porém, quando começo a gritar, aterrorizada, ele se apressa em continuar: — Mas não, eu não quero me ferir.

Observo-o, tentando desesperadamente acreditar em suas palavras, mas certa de que está mentindo.

— Acho que você deveria ir ao Grupo hoje — digo lentamente, analisando sua reação.

Finn dá de ombros.

— Tudo bem. Já estava nos meus planos, de qualquer forma.

— Ah, é? — arqueio uma sobrancelha.

— Sim — responde, firmemente. — Me deixe terminar aqui e depois eu vou tomar banho.

Ele parte outro pedaço de madeira e o joga na pilha. Balanço a cabeça enquanto vou para casa. Meu pai vai ter madeira suficiente para cinco invernos.

Hesito na varanda, alimentando a ideia de ir conversar com Dare, mas, enquanto fico ali, tentando decidir, eu o vejo andando de um lado para o outro atrás de sua casa, conversando animadamente ao celular. Ele vai para um lado, mexe a mão, mas mantém o rosto duro como pedra, depois vai para o outro lado, fazendo a mesma coisa.

Então, ergue o rosto e me vê. Seus olhos se mantêm presos aos meus por um instante, negros, negros, negros como a noite. Depois,

Dare se vira de costas e se afasta.

Com quem estaria conversando assim, tão envolvido?

Perguntas giram à minha volta enquanto volto ao quarto para dobrar o lençol de Dare e devolver mais tarde. Com quem ele estava falando? E, já que estou fazendo perguntas, Dare está aqui para visitar quem? Disse que estava visitando alguém no hospital. Nunca disse quem e nunca disse por que queria alugar um apartamento aqui quando, na realidade, vive na Inglaterra. Tenho andado tão envolvida com meus próprios problemas e com minha fascinação por esse cara que acabei não perguntando.

Mas isso vai terminar hoje.

Espero pacientemente trinta minutos passarem, porque é um bom tempo para alguém terminar uma conversa.

Pego o lençol e bato à porta de Dare.

Ele abre imediatamente, e está devastadoramente lindo com uma camisa escura larga que combina com seus olhos.

— Oi — cumprimenta. — Parece que você está melhor hoje.

— Obrigada por ter cuidado de mim ontem à noite — digo, enrubescendo um pouquinho. É constrangedor saber que ele me viu vomitar até o estômago. — Eu estou meio humilhada.

— Não fique — diz, educado, em um tom estranhamente formal, considerando que dormi a noite toda em seus braços.

E não faz qualquer movimento sinalizando um convite para eu entrar. Fica plantado no meio da passagem da porta.

— Bem, eu estou me sentindo assim — respondo, confusa. — Aconteceu alguma coisa? Notei que nós ainda estamos parados na varanda.

Ele nega com a cabeça.

— É claro que não. Só estou um pouco ocupado agora.

Ele parece tão frio e desligado, meio indiferente. Sem saber o que dizer, eu o encaro.

— Você precisa de alguma coisa? — lança, seus olhos brilhando com a luz.

— Eu... Sim — gaguejo. Passo o lençol para ele. — Só vim aqui devolver isto. E pegar o meu short.

— Claro. Espere aí.

E, juro por Deus, ele fecha a porta na minha cara. Ainda estou em choque quando volta, alguns minutos depois, trazendo minha roupa.

— Aqui está. — E me entrega.

Eu o encaro. Nunca na vida me senti tão confusa.

— Tem certeza de que não aconteceu nada?

Seu rosto parece endurecer por um instante, depois se transforma outra vez naquela máscara indecifrável.

— Sim, certeza. Só estou ocupado. Desculpe mesmo.

— Tudo bem — digo, lentamente. — A gente se fala mais tarde.

Eu me viro para sair, mas paro e me volto na direção da calçada.

— Ei, você nunca disse quem veio visitar em Astoria — arrisco, falando devagar, observando seu rosto em busca de uma reação. — Você disse que veio visitar uma pessoa no hospital, mas nunca disse quem era.

Ele não hesita. Apenas assente.

— Não disse, né?

E continua sem dizer.

Espero e nada. Dare entra em sua casa.

— Eu falo com você mais tarde, Calla.

E fecha a porta.

Fico totalmente chocada, paralisada, enquanto olho para a madeira.

Todo mundo tem segredos, Calla. Foi o que ele me disse, e eu acredito que seja uma afirmação mais verdadeira do que eu esperava. A pergunta é: Os segredos de Dare são importantes? Devo me importar com eles? Porque já tenho tanta coisa com que me preocupar.

Mas suas contradições me confundem. Seu desejo e seu desapago me deixam confusa. Seu sangue quente e sua atitude fria me confundem. Ao longo da última semana, ele me manteve ancorada em meio a toda essa loucura. Será que simplesmente deixou de querer ser essa âncora?

Sinto meu peito dormente com esse pensamento porque, de alguma forma, já me tornei dependente dele. Dependo dele para me fazer sorrir, para me tirar desse pântano e me levar a um mundo onde a esperança sobrevive.

Mas ele acabou de fechar a porta na minha cara, e só consigo me perguntar se foi uma metáfora de algo maior.

Tento afastar esse pensamento enquanto espero Finn, depois enquanto o levo ao Grupo. Agora, tudo o que posso fazer é seguir a vida, manter a cabeça acima da água para não me afogar.

Dare não me define.

Esse vai ter que ser o meu novo mantra.

Durmo com esse pensamento em mente, com a melhor das intenções. Mas sou acordada às três da manhã.

O som do piano ecoa pela casa.

Assustada, me sento na cama e olho outra vez para o relógio.

Sim, estamos no meio da noite.

Não, o piano não deveria estar tocando.

Desço a escada em direção à capela. A cada passo, a música se torna um pouco mais alta. Quando chego ao último degrau, ela para. O silêncio parece ecoar em meus ouvidos enquanto avanço pelo corredor e faço uma curva para chegar ao salão.

O banco do piano está vazio.

Impressionada, olho apaticamente para a frente, deslizando o dedo pelo assento.

Sei que ele estava acordado. Sei que foi isso que me acordou. O tampo que protege as teclas está aberto, o que é incomum. Quando ninguém está tocando, costuma ficar fechado.

E aí eu sinto o cheiro.

A mais leve nota da colônia de Dare.

Com o coração na garganta, olho pela janela e vejo um abajur aceso em sua casa.

Ele ainda está acordado. E veio até aqui.

De alguma forma eu sei, sem ninguém precisar me dizer, que ele ainda me quer tanto quanto eu o quero, independentemente da frieza com a qual tenha agido mais cedo. Não conheço seus motivos e não conheço seus segredos.

Mas, enquanto solto o corpo no banco do piano, estou certa de uma coisa.

Mesmo que tentasse, ele não conseguiria ficar distante.

31

Ao amanhecer, tenho vontade de ver Dare. Mas, ao mesmo tempo, não quero ficar desesperada. Não quero me envolver em joguinhos.

A lembrança de sua música ao piano ecoando pela casa me tranquiliza, evitando que eu entre em pânico.

Dare está tentando fazer uma coisa digna. Sinto nos ossos. E, da mesma forma, sinto a ligação com ele, alta e forte, me puxando e puxando e puxando em sua direção. Sei que ele também sente. Por isso não posso me permitir ficar preocupada.

As coisas vão dar certo. Têm que dar.

Então, lançando uma última olhada para trás, eu me afasto de sua porta, certa de que vou vê-lo mais cedo ou mais tarde.

Com o sol batendo em meus ombros, decido caminhar.

Vago pelas trilhas, subindo em direção aos penhascos em vez de descer rumo ao mar.

Quando chego ao topo, fico espantada ao ver Finn sentado tão perto do limite.

Assustada, paro, meu All Star rosa grudado ao chão.

Os de Finn se dependuram enquanto ele balança casualmente os pés, não parecendo nada preocupado com a possibilidade de a borda do precipício se soltar a qualquer momento.

— Finn — digo lentamente, tentando não assustá-lo. — Se afaste da beirada.

Ele olha por sobre o ombro, na minha direção, despreocupado.

— Ei, Cal. Sabia que a noz-moscada é supermortal se for injetada?

As palavras me deixam ainda mais congelada.

— Você não resolveu tirar a prova, não é?

Eu o observo, examinando os braços em busca de sinais de injeção.

Ele revira os olhos.

— Você sabe que eu detesto noz-moscada.

Não consigo respirar.

— Também sei que está sentado perto demais da beirada. Venha mais para trás. Com cuidado.

Ele não se mexe, e eu vejo bolinhas de barro rolando à sua volta, caindo precipício abaixo. Meu coração esmurra meus ouvidos.

— Quer ir ao farol hoje? — pergunta, como se nem estivesse me ouvindo.

Desliza o olhar pela água, na direção do farol, observando as gaivotas que ali voam.

— Sim — respondo, rapidamente. — Vamos agora mesmo.

Dando de ombros outra vez, Finn desajeitadamente se levanta, e um dos seus pés faz um pedaço de terra se soltar. Essa terra cai morro abaixo, mas Finn nem percebe. Apenas vem em minha direção, como se se sentar na beirada do precipício fosse a coisa mais natural do mundo, como se estivesse completamente alheio ao perigo.

Jogo meus braços em volta do meu irmão e o abraço com força.

— O que acontece com você? — sussurro em seu ouvido, sentindo o cheiro de sua pele suada. — Por que fez isso?

— Isso o quê? Eu só queria ver a paisagem de um ângulo legal.

— Você sabe que é perigoso. — Eu me afasto e olho em seus olhos. — Sabe muito bem.

— E você sabe que eu estava longe o suficiente para estar seguro.

Ele me diz a mesma coisa que eu disse outro dia, só que dessa vez não é verdade.

— Você estava no limite — rebato trêmula.

Ao ouvir minhas palavras, ele dá de ombros.

— Ainda estou.

E desce pela trilha, assobiando uma música que faz calafrios percorrerem minha espinha. A música que Dare tocou ao piano ontem à noite.

Ele ouviu. Sabia que Dare estava em casa e ficou chateado. Só pode ser isso.

Desço pela trilha para alcançá-lo.

— Está chateado porque eu me aproximei do Dare? Porque você precisa saber que você é o que existe de importante para mim, Finn. Sempre vai ser o mais importante. Independentemente do que acontecer.

Ele para e olha para mim.

— Calla, você está cismada com isso. Não aconteceu nada comigo. Não estou bravo com você.

E, com isso, segue seu caminho.

Eu o acompanho ao seu lado, tentando me manter calma e conseguindo até percorrermos metade do caminho para a praia. Aí vejo uma coisa prateada brilhando na areia. Corro, me abaixo e pego o medalhão de são Miguel de Finn.

Atônita, deixo a corrente dependurada em meu dedo enquanto Finn se aproxima.

— Por que você jogou isto fora? — exijo saber. — Entendo que não queira usá-la agora, mas foi um presente da nossa mãe. Ela deu isto aqui para você, Finn. Você não pode simplesmente jogar fora.

Ele dá de ombros, e estou me cansando de vê-lo dar de ombros.

— Se quiser, pode ficar com ela — diz, com indiferença, o que me faz querer gritar.

— Eu não quero. Quero que *você* queira. *A nossa falecida mãe deu este pingente para você.* Você deveria querê-lo.

Agora estou praticamente berrando, mas Finn não se abala, não reage de forma alguma. Apenas me observa com seus olhos azul-claros, da mesma cor do céu.

— Mas eu não quero — rebate, tranquilamente.

Fico parada onde estou, com a correntinha presa em minha mão, enquanto Finn vai até uma passagem de pedra e se senta, olhando para a água. Está quieto, pensativo, e certamente tem alguma coisa errada.

Sinto em meus ossos, no coração, naquele lugar escondido e escuro ao qual os gêmeos têm acesso.

Então, faço a única coisa que posso.

Preciso da ajuda de um profissional, de alguém a quem Finn conte as coisas que não conta para mim.

Volto correndo para casa e entro no carro. Desço a montanha e vou ao hospital. Quando chego, enfio a medalha no bolso. Deus sabe que não posso devolvê-la a Finn. Ele provavelmente vai jogá-la fora e eu nunca mais vou encontrá-la.

Entorpecida, atravesso os corredores, passo pela pintura abstrata do pássaro e chego à sala do Grupo. Como estou interrompendo uma sessão, todo mundo se vira para me olhar com curiosidade. Jason, o

terapeuta, fica em pé e atravessa a sala. Ele é baixo e loiro e dá passos largos. E chega rapidamente aonde eu estou.

— Calla — diz, avaliando meu semblante. — Está tudo bem?

Com a mão em meu ombro, ele me guia até o corredor para eu não espalhar o pânico em seus preciosos pacientes.

— Tem alguma coisa errada com o Finn — explico, abruptamente. — Não sei o que é e ele não quer me contar. Você sabe?

Jason me encara, sua mão dando tapinhas em minhas costas enquanto ele tenta encontrar uma forma de acalmar uma mulher frenética. Estou irritada porque, como meu pai faz com seus clientes em luto, Jason deveria saber lidar com pessoas alteradas. Por Deus, esse cara é um terapeuta.

Ele enfim balança a cabeça.

— Não sei, Calla. Ele não me disse nada. E, mesmo se tivesse dito, você sabe que eu não poderia dividir com você. É confidencial.

— Mesmo se ele for um perigo para si mesmo? — exijo saber. — Ele estava na beira do precipício hoje cedo. E me disse que estava no limite, e não era uma metáfora, Jason. O Finn está com algum problema sério. As suas mãos andam tremendo, e eu acredito que tenha parado de tomar os remédios. Ele comentou alguma coisa com você?

Jason hesita antes de olhar seriamente em meus olhos.

— Não posso dizer. Mas o que eu *posso* dizer é que o Finn não vem ao Grupo há semanas.

A informação me acerta com o peso de um trem de carga, e eu me vejo paralisada e apática diante do terapeuta.

— Semanas? — A palavra sai arranhando meus pulmões. — Impossível. Eu mesma tenho trazido o Finn.

Com pesar, Jason acena uma negação.

— Você pode estar trazendo o Finn, mas ele não está entrando nas sessões. Sinto muito, Calla.

Ele sente muito. Meu irmão está perdendo o controle e o terapeuta sente muito.

Meu sangue ferve e eu dou meia-volta.

— Por que você não contou para ninguém? — acuso antes de sair andando. — Por Deus, o seu papel é ajudá-lo.

Não é de espantar que Finn sempre me procure. Sou a única com quem ele pode contar.

Corro pelo hospital e bato a porta do carro com força suficiente para estilhaçar a janela semiaberta do lado do motorista.

Estou coberta de cacos de vidro enquanto curvo o corpo sobre o volante.

Perfectus.

Para piorar ainda mais as coisas, como estamos no Oregon, começa a chover enquanto dirijo. Me afasto da porta assim que a chuva começa a me acertar. Quando chego em casa, estou encharcada.

Bato outra vez a porta do carro com todas as minhas forças.

O barulho ecoa pelo quintal, ou pelo menos é o que parece.

Subo a escada, três degraus de cada vez, e logo me vejo outra vez em frente ao meu pai. Ele fica espantado com minha aparência de rato afogado.

— Acabei de chegar do hospital — digo, duramente. — O Finn não tem ido ao Grupo. Portanto, se você não estava preocupado antes, deveria ficar a partir de agora.

Meu pai me encara com apatia, o que me deixa furiosa.

— Pai, você precisa viver no presente. Eu sei que você está triste. Eu sei que tem gim aí nessa sua xícara de café. — Ele olha para a xícara e depois me encara, culpado. — Já se perguntou por que a garrafa aberta sumiu umas noites atrás? Foi porque eu bebi, e você nem notou. Foi o Dare, e não você, que me ajudou e cuidou de mim.

Meu pai parece em choque, horrorizado, mas não me detenho:

— O Finn precisa de você. E precisa de você agora.

Ele solta a cabeça e olha para as mãos, para a xícara em suas mãos.

— Desculpe, Calla. Desculpe por você achar que eu desisti. Eu não desisti. Eu amo você e amo o Finn.

Meu coração se suaviza quando percebo sua expressão abatida.

— Eu sei — respondo, com delicadeza. — Desculpe por eu ter ficado tão nervosa. Eu só... O Finn. Eu estou preocupada com o Finn.

— Eu sei — ele diz. — Vamos dar um jeito nisso, eu prometo.

— Você sabe onde ele está? — pergunto enquanto subo a escada.

— Não.

Não me viro para voltar atrás, apenas continuo subindo. Finn não está lá. Não está em seu quarto nem no meu nem em lugar nenhum do andar de cima. Volto ao piso inferior e procuro em todos os cômodos, até mesmo na sala de velório. Ele simplesmente não está lá.

Enquanto estou na cozinha, tentando descobrir onde meu irmão pode ter ido, minha atenção é atraída por um bloco de papel sobre o balcão.

Uma palavra aparece rabiscada repetidamente.

NOCTE.

E, com isso, sei aonde tenho que ir.

32

Desço aceleradamente a escada da varanda, bem na hora em que Dare está saindo de casa.

Como de costume, ele está de calça jeans escura e camiseta larga. Segue na direção da moto e parece que vai a algum lugar. Até perceber meu rosto. Seus olhos se estreitam quando ele nota meu estado de angústia. Imediatamente desvia de seu caminho e vem em minha direção.

— Qual é o problema? — ele pergunta, preocupado, sua mão tentando alcançar a minha.

Eu me afasto.

— Ah, agora está preocupado? — Não consigo não dizer. As emoções do dia ameaçam me esmagar.

Ele nega com a cabeça.

— Não aja assim. Eu já expliquei. Tudo está muito complicado.

Engulo em seco.

— O Finn desapareceu. Não consigo encontrá-lo. Acho que foi ao Nocte.

Sem hesitar, Dare inclina a cabeça na direção da moto.

— Então vamos.

Colocamos o capacete e em menos de um minuto estamos a caminho. Meus braços envolvem sua cintura como se pertencessem àquele lugar, e de repente me dou conta de que pertencem. O lugar

dos meus braços é em volta desse homem, independentemente do que possa acontecer. Independentemente de quais segredos ele possa guardar ou do que possa estar acontecendo comigo.

Quando estou chateada, ele me acalma. Quando estou ofegante, ele me dá ar. Quando estou triste, ele me anima. E isso é tudo o que importa, não é?

Concluo que logo vamos nos sentar para conversar e vou contar tudo isso a ele.

Mas não agora. Porque agora preciso encontrar Finn.

Encostamos a moto ao lado do buraco na cerca e passamos por ele.

Corro pelo parque, seguindo direto rumo à casa mal-assombrada. Dare corre comigo, mantendo o ritmo com facilidade.

— Não tem nenhum carro aqui — ele diz enquanto corremos.

Nossos sapatos rangem pelo caminho.

Sei que Dare está sendo racional, mas meu coração me diz que Finn está aqui.

Eu sei como uma irmã sabe, como uma irmã gêmea sabe.

Não desvio do caminho e, alguns minutos depois, estou parada na varanda do Nocte, com o corpo inclinado para recuperar o fôlego.

Dare desliza a mão pelas minhas costas, subindo e descendo, relaxando os músculos enquanto meus pulmões se enchem de ar. Ele é meu ar. Lanço um olhar de agradecimento antes de seguir caminho, passando pela porta e entrando na casa abandonada.

Dessa vez não me lembrei de trazer uma lanterna, mas, por sorte, a luz que entra pelas janelas empoeiradas ainda nos permite ver aonde estamos indo.

— Finn! — grito enquanto corremos, passando sobre fios elétricos e atravessando os cômodos. — Onde você está?

Não há resposta. Mesmo assim, ainda o sinto aqui.

— Ele está aqui — digo, olhando para trás, para Dare. — Eu sei que está. Precisamos encontrá-lo antes que ele se machuque.

Dare assente e nós corremos pelo caminho escuro em direção à parte da casa que não mostrei a ele na outra ocasião.

Paro no meio de um salão empoeirado. O nó de uma forca se dependura no lustre acima enquanto rostos de gárgulas espreitam nas laterais da lareira. Sinto um alívio instantâneo ao perceber que Finn não está pendurado na corda. Tremendo, deslizo o olhar pelo cômodo. No passado, um mordomo deplorável andava por aqui, assustando os visitantes. Agora o salão está vazio.

— Ele não está aqui — Dare me diz, desnecessariamente.

Solto os ombros e a respiração e afundo em um sofá de veludo empoeirado.

— Onde está o Finn? — Minha voz é tão frágil que ameaça se estilhaçar.

Dare se senta a meu lado, seu braço envolvendo minha nuca, e eu me viro na direção do seu peito porque, de repente, estou perdendo o controle. O peso é grande demais.

Todas as emoções que tenho sentido ultimamente resolvem me esmagar. O desespero de querer ajudar meu irmão, a rejeição que sofri de Dare, a raiva que senti por meu pai. Tudo isso gira à minha volta, é demais para aguentar, e eu me pego chorando na camisa de Dare.

Suas mãos enormes me reconfortam. Ele dá tapinhas em minhas costas e acaricia meus ombros.

Eu me sinto reconfortada em seus braços, um consolo diferente de qualquer outro que já conheci.

Ele é meu. Não importa o que aconteça, não posso perdê-lo.

O medo dessa perda, embora seja imaginado, se espalha por mim, me forçando a agarrá-lo.

— Não posso perder você — digo, com a voz ainda apertada. — Desculpe por não estar conseguindo controlar as coisas. Prometo que vou dar conta. Se você prometer que vai ficar. — Faço uma pausa, percebo que há apenas silêncio, e então o encaro. — Me prometa, Dare.

Ele me olha com estranheza e me dá um beijo na testa.

— Prometo.

Sua voz sai muito rouca, e ele acaricia meus cabelos. Mas não é o suficiente. Com mãos trêmulas, eu o agarro e puxo para perto de mim. Sua boca, quente e mentolada, encosta na minha.

Ele me beija com abandono, como se não temesse as consequências, como se existíssemos apenas nós dois e mais nada à nossa volta. Não existe Finn, não existe funerária, não existe dor.

Existem apenas Dare e Calla.

Inalo o ar de nosso beijo, deixo-o passar pela garganta e o guardo dentro do coração.

Dare começa a se afastar, mas, com um sussurro, eu o faço parar.

— Por favor, não. Eu preciso de você. Faça as coisas se acertarem. Por favor. Faça as coisas se acertarem.

Meu sussurro sai partido e desesperado, mas eu não ligo. Porque ele me traz o que eu quero. Dare me puxa para junto de si, suas mãos acariciam todo o meu corpo, passando pelo quadril, braços, costelas, seios.

Meu quadril se levanta para encontrar o dele, minha pélvis esfregando a sua. Mas é uma pressão intensa, algo que cresce e cresce

dentro de mim, implorando por uma erupção, gritando por ser libertada.

— Por favor — sussurro uma vez mais.

Dare geme e me toca outra vez, seus dedos longos e suaves e frios encontrando o caminho na escuridão. Eu me agarro a seus ombros, tentando me aproximar cada vez mais, sabendo que nunca estarei perto o suficiente. Mesmo quando ele finalmente estiver dentro de mim, não será suficiente. Porque eu o quero inteiro.

Agora.

Seguro o botão de sua calça jeans, puxo sua camisa, aperto seus braços.

E ele quase deixa.

Quase.

Mas então, com uma respiração irregular, Dare me afasta.

Tento me agarrar a ele, mas ele afasta meu braço.

— Me dê um minuto, Cal.

Eu me sento, tentando respirar; ele faz a mesma coisa.

Só consigo ouvir nossa respiração áspera enquanto arfamos e arfamos, até Dare finalmente olhar outra vez para mim.

— Desculpe.

Fico incrédula.

— Por quê? Por fazer o que eu quero?

Ele nega com a cabeça.

— Você não entende? Você está completamente abalada por causa do seu irmão. Quer mesmo transar na casa mal-assombrada enquanto está chorando pelo Finn?

— Essa decisão não é minha? — pergunto com a voz trêmula, tentando tocá-lo outra vez, porque *preciso dele*.

Mas Dare não deixa.

— Não — enfim responde. — Hoje não. Você não está pensando com clareza.

— Estou pensando com clareza suficiente — rebato, decidida, mas sem voltar a me aproximar dele.

Seu rosto está duro e decidido.

— Por que você tem que ser tão cavalheiro? É uma característica dos britânicos?

Ele consegue rir.

— Acho que é uma característica do Dare.

Reviro os olhos e afasto um calafrio.

Ele me olha atentamente.

— Calla, quando a gente... quando acontecer, não vai ser na casa mal-assombrada. Vai ser em algum lugar inesquecível.

Irritada, desvio o olhar.

— Essa não deveria ser uma escolha minha?

Ele sorri, me animando.

— Estou tentando te ajudar a fazer a escolha certa, Cal. Me ajude com isso.

Também não consigo segurar o riso, porque ele está tentando me ajudar, mesmo contra a minha vontade.

— A maioria dos caras teria aproveitado a oportunidade, independentemente de qualquer coisa — digo, bem direta, enquanto nos levantamos.

Dare fica parado, os olhos muito escuros.

— Mas esses caras não te amam. Eu te amo.

Fico congelada, completamente paralisada, enquanto absorvo as palavras.

— Ama? — Estou sem ar.

Ele assente.

— Mais a cada dia. Você é diferente de todas as garotas que eu já conheci. Não vamos apressar as coisas, Cal. Coisas boas acontecem para aqueles que esperam, lembra?

Com essas palavras, todos os meus problemas se afastam, se desprendem dos meus ombros, do meu peito. Nem reviro os olhos ao ouvir a referência ao comercial de ketchup.

Dare ama Calla.

É impossível, mas é verdade.

Meus pés e meu coração estão leves quando voltamos à porta e, conforme vamos saindo, vejo uma coisa tremulando no corrimão da varanda.

Um ingresso vermelho.

Curiosa, inclino o corpo para pegá-lo.

Quid Quo Pro.

— É a banda preferida do Finn — conto a Dare. — O meu irmão estava no show deles na noite em que a minha mãe morreu.

Dou meia-volta para encará-lo enquanto a confusão se espalha por mim. Confusão que depois abre espaço para uma constatação.

— Ele esteve aqui, então.

Dare segura meu cotovelo e me guia na direção da escada.

— Mas não está aqui agora.

Não posso discordar.

Enfio o ingresso no bolso e vamos para casa.

33

FINN

A chuva que recai sobre mim perto do mar é fria, e o vento sopra as gotículas em meus olhos.

Ignore-aIgnore-aIgnore-a.

Faço isso. Mas tento também ignorar as vozes. É a história da minha vida.

Elas me acordaram do meu sono, e eu sabia o que tinha que fazer.

EstáChegandoAHoraChegandoAHoraChegandoChegandoChegando.

Sim, tenho que concordar. Está chegando a hora.

Escondi o segredo por tanto tempo que ele está me consumindo, me arranhando em seu desespero por liberdade. E quase não consigo mais mantê-lo guardado.

Seguro firme a medalha de são Miguel e entro na água, seguindo em frente sem parar.

VáEmFrenteVáEmFrenteVÁEMFRENTE.

~~Ir em frente.~~

Mergulho abaixo das ondas e sigo nadando para o fundo. Estou a pelo menos cinco metros de profundidade, e a água se torna turva antes de eu ver a tinta vermelha desbotada do carro. Vou nadando até ele, o oxigênio começa a acabar, e enfio a cabeça pela porta do passageiro.

Estendendo a mão, prendo a correntinha no retrovisor. Ela fica balançando, virando e se torcendo com a água turva.

O rosto de são Miguel parece zombar de mim.

Me proteger? Acho que não.

Meus pulmões parecem quentes e dilatados, então dou um impulso para fora do carro, em direção à superfície. Quando minha cabeça sai da água, estou tossindo; o sol em meu rosto é como se eu nunca tivesse saído daqui.

~~Respirar.~~

Faço isso. Respiro profundamente e me empurro para fora do mar, até a areia úmida da praia. Olho para a água agitada.

Ninguém jamais seria capaz de imaginar o que existe abaixo da superfície.

Não dá para ver.

Mas eu sei.

Eu sei.

Eu sei.

Eu sei.

Mas Calla não sabe.

34

CALLA

Quando chegamos em casa, Finn está na cama. Paro na soleira da porta de seu quarto e passo um instante vendo-o dormir, vendo a forma implacável como se mexe e se vira e geme, vendo a lama em sua bochecha.

O que estaria se passando com ele?

Totalmente trepidante, sei como descobrir.

Em meu quarto, me deito e olho as páginas de seu diário. Por algum motivo, não consigo me forçar a ler muitas páginas de uma só vez. As palavras me pressionam, me sufocam, porque ali há a evidência flagrante daquilo em que a mente de Finn se transformou.

A escrita se torna cada vez mais errática conforme os processos de pensamento do meu irmão seguem para a frente e para trás em uma espiral. Palavras riscadas e rabiscadas contornam as páginas e já não fazem nenhum sentido.

Proteja ela me proteja são Miguel. Nos proteja.
ELA. EU eu EU.
Serva me, servabo te. ME SALVE, salve a ela e a mim.
CALLA calla calla.

Isso está me matando. Me matando matando MATANDO
EUeuEUEUeueuEU.
Me tire da minha desgraça.
FAÇA isso faça isso faça isso.

Engulo em seco, tentando afastar as lágrimas descontroladas enquanto passo por várias páginas de coisas sem sentido. Mas aí vejo uma frase. Uma frase que seca minhas lágrimas e me faz congelar a respiração.

SEGREDOS. Todo mundo tem um.

Posso praticamente ouvir essas palavras saindo da boca de Dare. Mas por que ele teria dito algo assim a Finn?

Se não fosse tão tarde, eu iria agora mesmo à casa dele para perguntar. Mas, como não é uma hora adequada, eu espero.

Espero até dormir, acordar, tomar banho e ter pensado um pouco melhor. Mas ainda não me acalmei. Porque alguma coisa não está certa.

Assim que chega uma hora decente, vou à casinha de Dare. Ele abre a porta sem camisa, e eu preciso me esforçar muito para ignorar essa imagem.

— Você conversou com o Finn ultimamente? — questiono, sem nem cumprimentá-lo, sentindo meus olhos congelados junto aos seus, sem em momento algum descer mais do que a altura de seu queixo.

Ele me observa com estranheza.

— Não. Por quê?

— Porque eu li o diário dele ontem à noite e ele escreveu uma coisa que você disse. Palavra por palavra, Dare.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— E qual frase tão cheia de sabedoria foi?

— Não estou de brincadeira — esbravejo. — Ele escreveu: "Segredos. Todo mundo tem um". Exatamente o que você me falou. Por que você anda conversando com o Finn sobre segredos? Ele comentou sobre o que está enfrentando?

Agora Dare parece totalmente confuso e sinaliza para que eu entre. Hesito.

— Por favor — convida. — Preciso vestir uma camisa.

Eu o acompanho e espero no sofá enquanto ele veste a camisa. Quando volta, se senta ao meu lado, segurando minha mão.

— Respondendo a sua pergunta, não. Não falei nada sobre segredos com o Finn. Será que ele está nos ouvindo escondido? Acho que já falamos sobre segredos aqui, na propriedade do seu pai, uma vez.

Talvez.

Faz sentido. Finn sabe mesmo espiar com toda a discrição.

Relaxo, solto os ombros. Dare me encara.

— Você achou mesmo que o Finn conversaria comigo sobre assuntos tão densos?

Ele me observa com dúvida nos olhos. Dou de ombros.

— Não, acho que não. Só estou... frustrada. O meu irmão está escondendo alguma coisa. Alguma coisa que o deixa cada vez pior e sobre a qual não conversa comigo. Desse jeito, ele nunca vai conseguir ir sozinho para a faculdade.

O que significa que eu também não vou.

Essa ideia me faz me sentir em pânico, culpada e abatida, tudo ao mesmo tempo.

— Pensei que fosse isso que você quisesse — Dare pressiona. — Pensei que quisesse ir com ele.

— Eu quero — digo rapidamente, rápido demais. — Quero dizer. Sim. Eu quero. Mas, ao mesmo tempo, acho que estava aceitando a ideia de que ele quer, de certa forma, se separar um pouco. Pensei que isso me daria a oportunidade de ter uma vida amorosa. Com você, por exemplo.

Agora me sinto tímida, envergonhada, constrangida. Que tipo de irmã eu sou?

Dare usa o dedo para erguer meu queixo.

— Não se sinta culpada por isso — diz. — Você tem o direito de viver a sua própria vida. Isso não a torna uma pessoa ruim.

Mesmo sem acreditar, finjo concordar com a cabeça.

Ele oferece um sorrisinho, e, por um segundo, só um, sinto que está tudo bem.

— Vamos sair hoje.

Concordo imediatamente.

— Sim. Para onde?

Dare olha pela janela, em direção ao mar.

— Lá. Onde não há limitações.

VIVA LIVRE.

— Tudo bem — concordo.

Em menos de cinco minutos, estamos no barco. Eu, com um vestido de verão e filtro solar; Dare, com calça jeans escura e sem filtro.

— Você vai ter câncer de pele — alerto, encarando-o.

— Vou nada — ele responde.

Não discuto porque gosto de ver seu peito nu, os músculos saltando em volta dos ombros quando ele se movimenta. Paro no caminho para o leme durante tempo suficiente para correr os dedos pelas letras de sua tatuagem. Abaixo dos meus dedos, sua pele é quente; a fricção faz meus dentes se apertarem.

— Vou mostrar um lugar para você hoje — digo, guiando o barco para fora da baía, em direção a um pequeno cais de pedras mais ao sul na praia.

Só levamos dez minutos para chegar, então faço o barco dar meia-volta para que possamos sair por terra firme.

Estendo a mão para Dare e ele a segura, saindo do barco logo depois de mim. Vamos até a ponta desse pedaço de terra em forma de dedo, até onde estaria sua unha.

Dare se senta e eu me sento ao seu lado, nossos pés unidos nas pedras à nossa frente.

Estamos cercados por nada além de água e ar, totalmente sozinhos aqui, sem ninguém para nos ouvir ou nos espiar como se fôssemos peixes em um aquário.

A brisa salgada empurra o cabelo de Dare contra o rosto, e eu me viro para ele.

— Estou muito pronta para fazer outra das minhas perguntas — aviso.

Ele sorri.

— Tão rápido assim? Só se passaram alguns dias desde a última.

Ignoro o comentário.

— Por que você é tão cavalheiro?

Ou seja, *por que está tão decidido a manter distância até eu dar um jeito nas merdas que estão acontecendo na minha vida?*

Ele solta o peso do corpo nos braços e cruza os pés na altura do tornozelo.

— Então você notou — diz, sarcástico.

Reviro os olhos.

— É sério. Por que está tentando me forçar a fazer uma coisa para o meu próprio bem, mesmo sendo uma coisa que eu não quero? Tudo isso porque você é um cavalheiro? Talvez todo esse cavalheirismo seja uma coisa superestimada e arcaica.

Ele dá risada, protegendo os olhos do sol com os longos dedos de uma das mãos. Olho para seu anel brilhando com o reflexo da luz.

— Não é, acredite. — A forma como ele diz isso é tão cheia de certeza, tão estranha.

Arqueio uma sobrancelha e ele suspira.

— O meu padrasto, embora fosse refinado e rico, não era um cavalheiro dentro de casa. Desde muito pequeno, eu decidi que seria o oposto dele. A minha mãe sempre me ensinou a agir como um cavalheiro. Ela falava do cavalheirismo com uma... reverência tão grande que eu já sabia o que queria ser. — Dare faz uma pausa. — Você vai me zoar agora?

Ele me encara, o maxilar tão esculpido, os olhos tão cautelosos. Percebo que só quero estender a mão e acariciar seu queixo áspero, a barba por fazer.

— Não — respondo. — De maneira nenhuma.

Porque ele fez arder aquela parte que tenho escondida dentro de mim, o lado maternal, o lugar que quer protegê-lo de tudo, mesmo que isso signifique protegê-lo de mim mesma.

— O que o seu padrasto fazia?

Minha pergunta é discreta em sua simplicidade, levando Dare a suspirar outra vez.

— Você está mesmo querendo acabar com as suas perguntas hoje.

Faço um gesto afirmativo com a cabeça, mas não retiro o que disse.

— Meu padrasto, infelizmente, era muito parecido com a sua mãe. Uma pessoa muito calculista e controladora. Tudo tinha que ser exatamente como ele queria, e as pessoas que não agissem segundo as regras eram severamente punidas.

Engulo em seco com a expressão apertada no rosto lindo de Dare.

— Severamente como?

Ele me encara, os olhos negros perfurando minha alma.

— Severamente.

Meu coração dá pontadas com a dor vulnerável em seus olhos. Ele acha que a está escondendo, mas não está.

— Sendo rebelde como é, eu imagino que você tenha recebido muitas punições.

Ele assente e olha para o mar. Seguro sua mão, dando voltas e mais voltas em seu anel.

— E ninguém fazia nada para interferir? Sua mãe, sua avó...

Agora ele me observa arrasado.

— Ela era a mãe do meu padrasto. E claro que não interferia. Nunca gostou de mim. Achava que eu merecia tudo aquilo e ainda mais. A minha mãe... Ela não conseguia evitar. Não conseguia se posicionar contra os dois, que eram uma força incontrolável.

— Por que a sua mãe não deixou esse homem? Quero dizer, se ele era tão ruim? — pergunto, com cautela.

— Nem sempre é tão fácil — ele responde, abatido. — Aonde ela iria? Não tinha para onde ir.

Essa conversa é sombria e ameaçadora e assustadora. Examino seu rosto, as áreas planas e as angulares, e seguro sua mão com mais força.

— Bem, agora que a sua mãe se foi, você está livre da família do seu padrasto. Ainda bem. E aqui, nos Estados Unidos, eles não podem te fazer mal.

Ele suspira e o ar sai entrecortado, seus dedos esguios se entrelaçando aos meus.

— Não podem?

Começo a responder, mas ele me interrompe:

— Você já usou a maioria das suas perguntas, Cal. Acredito que restem só mais duas.

Concordo com a cabeça, porque ele está certo.

— Tenho mais uma para fazer hoje e então vou guardar a última para depois.

Os nervos fazem meu coração acelerar, a adrenalina correr, correr, correr por minhas veias enquanto o observo, esse Adônis sentado ao meu lado. *Faça isso. Faça.* Tudo nele me toca... sua voz, sua história, essa vulnerabilidade que ele tanto se esforça para esconder. Tudo. Eu o quero. Ele todo.

— Você é tão cavalheiro — começo, antes de perder o controle. — E isso é muito atraente, devo admitir. Você é atraente. E lindo. E eu quero estar perto de você, Dare. Quero mais do que já quis qualquer outra coisa.

Dare engole em seco. Vejo sua garganta se movimentar, vejo-o agarrar a própria perna com aqueles dedos longos.

— E então? — questiona, hesitante. — Qual é a sua pergunta?

Ele engole em seco outra vez.

— Fique comigo — arrisco. — Hoje. Agora. Aqui, onde só estamos nós dois. Por favor.

Dare fecha os olhos, seu rosto banhado pelo sol.

— Isso não foi uma pergunta — declara, com a voz calma.

Mas suas mãos apertam as pernas com tanta força a ponto de os nós dos dedos começarem a se esbranquiçar.

Eu chego mais, mais, mais perto. Até minha coxa estar encostada à dele e eu afastar seus dedos das suas coxas. Me inclinando na direção de nossas mãos dadas, beijo seu pescoço, começando na base, lenta e suavemente subindo em direção à orelha.

— Você vai ficar comigo? *Hoje?* — sussurro em seu ouvido.

Com minhas últimas palavras saindo roucas, solto sua mão e deslizo a minha pela parte interna de sua coxa. Eu o sinto enrijecer sob meus dedos, pulsando contra a calça.

Dare fecha os olhos; eu, os dedos, apertando com mais força.

— Não faça isso — ele sussurra, com a voz rouca e muito sensual.

— Isso não foi uma resposta — digo, acariciando-o por sobre o jeans.

Uma onda de força feminina se espalha por mim, fazendo meu corpo ganhar força, me empurrando para a frente, até meus próprios hormônios explodirem e turvarem meus pensamentos.

— Eu quero você, Dare — digo, acaloradamente, enquanto toda a lógica e a razão me abandonam.

E então eu o beijo, pressionando meu corpo contra o seu, afundando a língua em sua boca ardente. Suas mãos sobem e me levantam, de modo que eu logo estou montada nele, sentindo sua solidez, sua rigidez pressionada entre minhas pernas.

Ele está duro por mim.

Engulo em seco, absorvendo, sugando seu gemido.

— Você não sabe o que quer — diz, rouco, contra meu pescoço.

— Sei, sim — insisto em voz baixa, me mexendo em seu colo, agarrando meu quadril ao seu, criando uma fricção incrível, maravilhosa. — Eu sempre quis você.

Dare se afasta, suas pálpebras pesadas de desejo por mim. O calor invade meu corpo, umedece minha calcinha, e eu me agarro a ele.

— Tem certeza?

— Sim. — Minha resposta é direta.

Com um rugido, ele me carrega até a península, a um lugar onde o chão não é duro. Então me deita e fica de joelhos acima de mim, gloriosamente iluminado por trás.

— Eu não devia fazer isso — vacila.

— Você precisa fazer — insisto, agarrando-o e o puxando sobre mim.

Seu peso é delicioso e perfeito, e nossos corpos se encaixam, fazendo parecer que somos um só enquanto nos contorcemos, tentando desesperadamente estar mais próximos um do outro.

Sua língua encontra a minha enquanto seus dedos exploram meu corpo, cada centímetro, cada pedacinho escondido. Eu me arqueio contra ele, contra sua mão, e ele encontra o ponto onde mais o desejo.

— Por favor — peço suavemente, a respiração me escapando.

Dare sorri contra meus lábios, ciente do efeito que exerce sobre mim. Ciente e adorando.

Ele se inclina para a frente e descansa a testa contra a minha. Agora estamos tão próximos que posso sentir seu hálito se misturando ao meu enquanto suas mãos fazem mágica. O prazer bate em meu corpo

como uma onda acerta a costa, e eu perco toda a capacidade de raciocinar, deixando o instinto assumir o controle.

Puxo, desabotoo e tiro sua calça. De repente ele está nu e na minha mão, longo, espesso e exposto.

Não consigo respirar.

Não consigo pensar.

Só consigo me movimentar.

Deslizo a mão por ele suavemente, gentilmente, depois com mais força e mais força.

Ele faz fricção contra minha pele, seus olhos fechados.

— Esperei tanto por isso — murmura em meu pescoço enquanto esfrega sua rigidez em minhas coxas, mais perto, mais perto. — Esperei tanto.

— Por favor — digo outra vez, com a mão envolvendo sua nuca, puxando sua boca para junto da minha, de modo que eu possa saboreá-lo, inalá-lo.

Ele tira meu vestido e me observa enquanto a luz do sol expõe cada centímetro do meu corpo a seus olhos atentos.

— Você é linda — sussurra, seus olhos brilhando ao sol. — É muito mais do que eu mereço.

Sem dizer mais nada, Dare se afasta por um instante. Eu protesto, mas logo ouço o barulho de um embrulho se abrindo. Então ele volta e desliza sua ereção dentro de mim. E não consigo pensar em mais nada.

Movimentos se tornam manchas, manchas viram cores, e eu só consigo sentir.

Suas mãos, sua boca, sua pele. A forma como ele desliza para dentro e para fora, a fricção fazendo ondas de prazer se espalharem

por mim, seus dedos me levando ao limite mais rápido.

— Eu... você... *Deus* — consigo dizer, porque as palavras que quero não aparecem.

Dare sorri levemente e desliza outra vez em meu interior, gemendo meu nome.

— Eu quero que você me conheça — diz, sua voz mais parecendo um cantar rouco. — Eu quero que me conheça.

Eu o estou *conhecendo* agora como quero conhecer há semanas. Íntimo e próximo, e não consigo acreditar que isso está finalmente acontecendo. Não consigo acreditar que é tão incrível. Não consigo me concentrar, não consigo me concentrar, não consigo me concentrar.

A luz, o sol, o mar, o cheiro de Dare, seus dedos, suas mãos.

Agarro suas costas, onde as palavras "VIVA LIVRE" estão, e nunca me senti mais livre em toda a minha vida.

E então o meu mundo explode em um caleidoscópio de cores e luzes.

Quando me agarro a ele, estou vacilante, e Dare finalmente arqueia o corpo contra o meu, geme e diz meu nome em um sussurro áspero antes de finalmente soltar o corpo contra o meu, a cabeça em meu peito, as lindas mãos me abraçando apertado.

Não consigo sequer responder. Minhas pernas estão trêmulas; minha mente, girando. Mas, enquanto volto a mim, enquanto meus pensamentos se agrupam outra vez de forma lógica, enquanto o sol enorme está estampado no céu, formando tonalidades de laranja e vermelho na água, uma coisa me ocorre. Uma coisa que Dare disse no calor do momento, exatamente as mesmas palavras que já ouvi nos meus sonhos.

Você é muito mais do que eu mereço.

35

Meus lábios inchados ficam entreabertos e eu o encaro, o rosto que tanto amo, os lábios que acabaram de pronunciar as palavras do meu sonho.

É impossível.

Ainda assim, não é.

— Você... tem alguma coisa... — Minha voz falha, e ele me lança um olhar questionador enquanto um sorriso brota em seus lábios, consequência de uma coisa linda.

Uma coisa que agora é maculada pela feiura.

Por confusão.

— Você disse que eu sou mais do que você merece — exponho, com a voz trêmula, sem querer dizer a verdade porque ela soaria como uma loucura. — Por que falou isso?

Ele dá de ombros.

— Porque você é delicada, sincera e linda. É muito mais do que eu mereço.

— Mas por quê? — insisto, recusando sua resposta. — Deve ter um motivo.

Ele nega com a cabeça, ainda me encarando, ainda confuso.

— Não faz sentido — digo.

— A vida nem sempre faz sentido, Cal.

Agora ele afasta a mão, o calor se esvai e, no mesmo instante, meus dedos esfriam com a brisa.

É sua vez de me examinar, de me estudar.

— Você está se sentindo bem? — pergunta, hesitante. — Você está... Você... Você parece diferente.

Nego com a cabeça.

— Eu continuo a mesma. É que... essas palavras me incomodaram, de certa forma. É como se eu já tivesse ouvido isso antes, *como se você tivesse dito isso antes*.

Se eu não desconfiasse de nada, diria que ele empalideceu. Dare nega lentamente com a cabeça enquanto uma expressão estranhíssima invade seu rosto.

— Você sabe por quê? — Ele fala de um jeito esquisito, com um brilho diferente no olho, os lábios repuxados.

— Não. Você sabe?

Ele lança um olhar cômico para mim.

— Por que eu saberia o que se passa na sua cabeça? — questiona, vagamente, mas seu rosto diz algo distinto quando surge uma expressão que conta uma história diferente e leva meus nervos ao limite.

— Nossa, que enigmático — murmuro.

Ele faz uma negação com a cabeça.

— Não estou tentando ser. Mas é que... eu pensei que... ah, deixa pra lá. Você já tem coisas suficientes para se preocupar agora. Eu não preciso criar mais uma.

— Todo mundo tem segredos — digo, apática, com o coração trôpego.

Ele assente.

— Sim. Acho que sim.

Meu sangue congela, meu coração está pesado, meu ser é tomado por terror e agouro apesar de há pouco eu estar me sentindo maravilhosa, parte de alguma coisa. Parte de alguma coisa que foi estilhaçada pela expressão dura no rosto de Dare.

— Quais são os seus? — pergunto, calmamente. — Os seus segredos, quero dizer. Quais são, Dare? Você está escondendo alguma coisa e eu sei muito bem disso. Me conte.

Ele parece triste enquanto desvia o olhar, o que me deixa ainda mais aterrorizada. Meu coração bate forte no peito, ecoando nas têmporas.

Ele está escondendo alguma coisa.

— Não posso dizer. Não agora. Não é um bom momento. — Sua voz é solene, inexpressiva.

— E vai haver um bom momento? — questiono.

Ele dá de ombros.

— Não sei. Espero que sim.

Não gosto nada dessa resposta.

— A gente só... eu... eu confiei em você — digo, desanimada. E eu sei que você está guardando um segredo, e sei que esse segredo me afeta. Eu não posso... não posso.

Eu me arrasto pela pedra escorregadia e ando em silêncio, sem dizer mais uma palavra sequer, até o barco. Ultimamente tenho cada vez mais a sensação de que sou eu a louca, de que estou perdendo a cabeça, de que o mundo inteiro é feito de segredos e eu não tenho a menor ideia de como fazer para interpretá-los.

Dare me acompanha e segura minha mão para me ajudar a subir no barco.

O silêncio entre nós é pesado, não sei por quê. Não sei por que me sinto diante de um precipício, prestes a cair com qualquer movimento.

Quando já atravessamos metade da baía, Dare se senta com a coluna ereta.

— Vamos à sua enseada — sugere, com a voz leve.

Ele se senta no convés, seu peito nu iluminado pela luz fraca do fim do dia, seus olhos vulneráveis e esperançosos e me tornando incapaz de dizer não.

Sem dizer nada, apenas manobro o barco em direção à enseada e o encosto na areia. Sem saber a razão, não quero ficar aqui. Preciso sair deste lugar. Preciso pensar. Preciso tentar manter a sanidade, porque ela parece estar se esvaindo.

Não sei a razão.

Só sei que... de repente me sinto perdida.

Dare segura minha mão enquanto andamos pela água, rumo à enseada que eu tanto adoro. Sem dizer nada, pego a pequena sacola que guarda o isqueiro e ajeito alguns troncos para fazer uma pequena fogueira.

Com a luz violeta nos envolvendo, sentamo-nos um de frente para o outro perto de uma piscina natural. A lua começa a surgir no horizonte, além da água, e este lugar parece etéreo e tranquilo e infinito.

— Você confia em mim? — Dare pergunta, sério, com seus olhos sempre tão escuros. E ajeita um fio de cabelo atrás da minha orelha. — Quero dizer, confia mesmo?

Fico confusa com isso, com sua incerteza.

Tenho medo do que há escondido por trás de suas palavras.

Estendo a mão e traço o contorno de seu rosto, a fenda de seu queixo, o maxilar forte, a testa.

— Por que não confiaria? — enfim rebato. — Há algum motivo para eu não confiar?

— Isso não é resposta.

— Então, sim — me apresso em dizer. — Eu confio em você.

Não confio?

Com as mãos apoiadas em meus joelhos, Dare me olha nos olhos.

— E você ainda confiaria em mim se eu dissesse que tenho vontade de contar tudo? Que quero revelar todos os meus segredos, tudo o que você quer saber... mas não posso?

Percebo uma raiva sincera em sua voz, a dor em seu rosto, mas não consigo entender.

— Você é um assassino em série? — arrisco, tentando melhorar o clima, mas não funciona.

Seu rosto não muda.

— Não. Mas existem coisas... que eu queria poder revelar, e não posso.

Abalada pela expressão em seu rosto, solto as mãos na lateral do corpo.

— Tipo o quê? — pergunto, friamente. — Me conte agora. Conte *tudo*, Dare.

Ele ignora meu apelo.

— Você acredita em mim quando eu digo que te amo? — questiona, em vez de responder, os dedos deslizando pela minha bochecha.

— Não sei por que, mas sim. Eu acredito em você.

Ele parece espantado.

— Por que eu *não* te amaria?

Encolho o ombro. Porque ninguém nunca me amou.

Tirando meus pais e Finn.

Mas não digo isso.

Apenas o encaro.

— Você está me assustando. Se me ama, então não deveria ter medo de me contar a verdade... nenhuma verdade. Conte, Dare.

Ele olha para mim e para.

— Não posso. Tudo tem a ver comigo... com quem eu sou. Você não entenderia.

Olho para ele, minha espinha dura feito uma vara de aço.

— Tente.

Ele nega firmemente com a cabeça.

— Não posso.

Um desespero que eu senti antes se espalha como uma nuvem à minha volta. Pensei que ele fosse minha âncora, mas, se não confia em mim o suficiente para dizer quem é, então não posso confiar meu coração a ele.

Mesmo sabendo que meu coração é frágil demais para isso agora.

— Isso não é bom o suficiente — digo, lentamente, cada palavra deslizando por meus lábios.

Não quero dizê-las, mas preciso. Preciso.

Preciso fazer o que for bom para mim. O que for melhor para mim.

— Eu já tenho que enfrentar tantos segredos... seja lá o que o Finn esteja escondendo. E o drama dele. Não posso aceitar isso de você também, Dare. Simplesmente não posso. Se você não me contar o que está acontecendo, então...

A dor faz minha voz falhar e lágrimas se formarem em meus olhos.

Dare não cede. Se limita a me encarar, me desafiando a dizer o que eu tenho a dizer. *Me desafiando.*

— Se eu não te contar o que está acontecendo, *o quê?* — pressiona.

— Nesse caso eu não posso ficar com você. Não se você não confiar o suficiente para dividir a sua vida comigo.

Dare suspira e segura minha mão, seu polegar acariciando o meu. Mas eu puxo minha mão para longe.

— Estou falando sério.

— Você não entende — ele insiste, com a voz endurecida. — Estou fazendo isso por você. Para te proteger. Existem coisas que você não conhece. Coisas que você não pode saber, não agora. Eu amo você, Calla. Amo mesmo. Mas você precisa confiar em mim.

— Só confio em pessoas que são sinceras comigo — respondo, calma. — E você não está sendo sincero.

Por Deus. Como é que nós fomos de um dia incrível a isso em um piscar de olhos? Dare também parece confuso, em estado de choque e sem saber o que dizer.

— Eu juro que quero ser — responde, sua voz afiada como uma navalha. — A minha posição é complicada, Calla. Você não entende.

— Eu só entendo uma coisa — começo, e meu coração ameaça se partir. — É que eu não posso passar por isso agora. Se em algum momento você decidir que está pronto para nós termos alguma coisa a mais, se chegar à conclusão de que quer crescer e ser sincero, aí me procure. Até lá, me deixe sozinha.

Eu me levanto e vou até a praia, lutando a cada passo para não sofrer um colapso. O que eu acabei de fazer? Estou louca? Sinto Dare

me observando, sinto seu olhar e, contra minha vontade, olho por sobre o ombro.

Ele está me encarando, e a expressão em seus olhos rasga a minha alma. Existe dor ali, uma dor sincera, escancarada, e é só isso que consigo ver. Uma dor que gira e gira, e as estrelas giram e, de repente, o mundo gira.

O peso é grande demais.

Qualquer um poderia desmoronar.

Então eu desmorono.

36

Estou na cama.

A luz do sol passa forte pela janela, inundando meu quarto. Abro os olhos e encontro Finn sentado na beirada do colchão.

— Quanto drama — diz, arqueando a sobrancelha.

Deslizo o olhar pelo quarto e não vejo ninguém além de meu irmão.

— Onde está o Dare? — pergunto, rápida.

Finn desvia o olhar, afastando seus pensamentos.

— Foi embora.

Embora? Sem dizer nada? Sem nenhuma explicação? Sem nada? Eu sei que pedi para ele ir, mas mesmo assim. *Deus.*

Meu estômago se aperta como se estivesse pressionado por um torno.

— O pai está lá embaixo, preparando o seu café.

— Não quero café — rebato, petulante, olhando pela janela.

O céu continua azul, o sol segue brilhando... apesar do fato de Dare não estar mais aqui.

— Você está bem? — meu irmão enfim pergunta. — Porque você apagou na praia. O Dare te trouxe para cá, mas, quando o pai descobriu que você tinha ficado irritada por causa de uma briga, ele mandou o Dare ir embora. O que aconteceu?

— Nada — murmuro. — Eu só estou cercada por segredos e loucuras e não posso aceitar também os segredos dele. Eu quero o Dare aqui, quero ficar com ele, mas vou perder a cabeça se as pessoas na minha vida não começarem a ser francas comigo.

Espantado, Finn me estuda.

— O que você quer dizer com isso?

Nem pisco.

— Acho que você sabe.

Antes que ele possa responder, somos interrompidos pelo meu pai.

Como se fosse um dia comum, ele passa pela porta trazendo torradas e suco.

— Bom dia! — diz, animado, ajeitando a bandeja no criado-mudo. — Fico feliz em ver que você está acordada.

Lanço um olhar gelado para ele.

— Você mandou o Dare embora.

Meu pai me encara, preparando sua defesa.

— Você apagou na praia — responde, conciso. — Numa briga com ele.

— A minha vida amorosa é problema meu, e não seu — lembro. — Sou eu que decido quem deve ir embora. Não você.

Meu pai nega com a cabeça.

— Eu decido quem pode ficar na minha propriedade — rebate. — E você já está sofrendo pressão suficiente, não precisa de mais. O Dare entendeu. Na verdade, ele concordou.

— O Dare concordou que era melhor não ficar comigo? — pergunto, duvidando.

A expressão do meu pai o entrega.

— Não exatamente. Ele só concordou que não devia estar aqui ontem à noite. Eu vou deixar você decidir quando quer voltar a falar com ele. Mas, quando tomar essa decisão, tem que estar pronta. Estar emocionalmente envolvida com alguém é uma coisa importante, filha. Especialmente agora, quando as suas emoções já andam tão frágeis.

Ignoro suas palavras.

— Aonde ele foi?

— Não sei — meu pai responde, com firmeza, passando outra vez pela porta.

Quando ele sai, fico olhando para a parede, lutando contra as lágrimas causticantes que incham meus olhos.

— Eu o mandei embora, e ele era o único além de você e do pai que me amava — comento com Finn, sem olhar para ele.

Meu irmão parece afobado e assustado e triste.

— Tinha a mãe — completa, no mesmo instante.

— Ela está morta. — Minha resposta é fria.

Ele não pode rebater esse argumento.

— Quero ficar sozinha.

Sozinha com meus pensamentos, sozinha com minha dor. Porque eu me entreguei e ele me deixou. Eu o mandei embora e ele aceitou e se foi.

Finn se espanta e me olha surpreso. Porque eu nunca quis ficar sozinha antes.

— Tem certeza?

Confirmo com a cabeça.

— Tudo bem — ele enfim concorda. — Mas, se precisar de mim, estou lá embaixo.

Ele sai relutante, depois de olhar por sobre o ombro, mas não o chamo de volta. Em vez disso, puxo as cobertas e olho para o mar,

para os barcos no horizonte. Queria que um deles pudesse me pegar e me levar aonde Dare está.

Ele pode estar escondendo coisas de mim, mas a dor em seu rosto era real.

Ele me ama.

Independentemente do que acontecer, tenho que acreditar nisso.

É isso o que me mantém ancorada.

Fecho os olhos e durmo.

Quando acordo, encontro a medalha de são Miguel em meu criado-mudo. Finn deve tê-la deixado aqui comigo, porque aparentemente sou *eu* quem precisa dela. Já está anoitecendo. Passei o dia todo dormindo.

Hesitante, lanço as pernas na lateral da cama e me sento na escrivaninha, abrindo o notebook.

Digito "Adair DuBray" em um site de busca.

Fico ligeiramente surpresa porque: 1. Encontro um monte de resultados; 2. Só agora pensei em fazer isso.

Insegura, deslizo o olho pela tela.

Parece que sua família, ou melhor, a família de seu padrasto, é muito influente na Inglaterra. O dinheiro vem de outras gerações, e todos os Savage (esse é o último sobrenome) estudam em Cambridge. O próprio Dare frequentou essa universidade e se formou um ano antes do previsto.

Há muitas fotografias dele na internet... fotos em festas, com mulheres em seus braços. Os artigos dizem que ele é uma decepção para a matriarca dos Savage por causa do jeito rebelde, da incapacidade de se manter calmo, de sua recusa em se conformar. Seu jeito festeiro é comparado ao do príncipe Harry.

Só pode ser brincadeira.

Que espécie de família é essa que desperta o interesse dos sites de fofocas?

Ele vive em uma grande propriedade chamada Whitley com a avó.

Eleanor Savage.

Hoje viúva, ela teve dois filhos, Laura Savage e Richard Savage II, ambos falecidos.

Tem três netos, mas só aparece o nome de um deles. Um neto de criação, Adair DuBray.

Analiso a imagem de Eleanor. Mesmo na foto, seus lábios são ligeiramente franzidos, como se estivesse eternamente descontente, como se nada pudesse satisfazê-la. Não é de surpreender que Dare não goste dela. Não é de surpreender que ele tenha escolhido se rebelar.

Leio uma entrevista que ele deu logo após se formar em Cambridge — antecipadamente e com louvor. Ele diz que vai passar um tempo nos Estados Unidos. Isso foi no começo deste ano, no outono.

Então ele está aqui desde o outono e só agora, quando nos conhecemos, começou a procurar um apartamento?

Que estranho.

Olho outra vez suas fotos. Cercado por mulheres bêbadas e lindas. Todas loiras, com pernas longas e bronzeadas. Em uma foto, Dare envolve uma garota com um braço e, com a outra mão, segura uma taça. Um brinde é oferecido à câmera. Seus olhos encaram a lente... negros, negros, negros como a noite.

Mais negros do que qualquer coisa que já vi.

Mais negros do que minha tristeza.

Engulo as lágrimas, porque já estou com saudade. Porque dei meu corpo a ele. Porque não quero que ele volte a tirar uma foto sequer com outra daquelas loiras, porque *ele é meu*. Porque está escondendo alguma coisa de mim e porque eu o quero mesmo assim. Isso significa que eu sou fraca?

Sufoco o choro e pego o celular.

Envio uma mensagem de texto para ele. Nunca fiz isso antes. Antes eu não precisava: ele vivia a poucos metros da minha casa. Mas agora Dare se foi.

Estou com saudade. Embora você tenha seus segredos.

Coloco o celular na mesa e volto para a cama.

Não sei por quanto tempo durmo. Só sei que já é dia outra vez quando abro os olhos. Finn está sentado na cadeira da escrivaninha, me observando com preocupação. Está pálido, as mãos magras entrelaçadas no colo.

— Você precisa comer alguma coisa — diz.

Viro o rosto.

— Não estou com vontade.

— Você está dormindo há dois dias — ele informa. A constatação me surpreende, mas não deixo a surpresa transparecer. — Pelo menos beba alguma coisa.

Meu irmão empurra um copo de água na minha direção. Eu me sento, tomo dois goles e volto a me deitar.

— Vá embora, Finn.

Ele me analisa, os olhos azuis me avaliando, me estudando.

— Sabe, se você estiver tentando mostrar para o pai que ele tomou a decisão certa, então está agindo direitinho — explica. — Está agindo como uma louca... clinicamente deprimida. É isso que está querendo?

— Só um louco reconhece outro louco — murmuro, mas me sinto culpada quando vejo Finn titubear. Dor e remorso tomam conta de mim. Rapidamente acrescento: — Desculpe. Não foi minha intenção.

Ele dá de ombros, fingindo não ter se ofendido.

— Tudo bem. É só a verdade. Você está agindo como uma louca agora. Se o pai estiver errado e você estiver preparada para namorar, saia da cama e deixe isso claro. Mostre para eles, Calla.

Ele me encara, melancólico, com esse desafio e eu o odeio agora por ser tão lógico.

Por estar tão certo.

— Ainda estou cansada — digo, me sentindo infeliz.

Quero ficar aqui, onde não importa o fato de eu estar sozinha. Quero ficar aqui, onde nada é capaz de me atingir. Nem a morte da minha mãe, nem a loucura de Finn, nem, acima de tudo, a ausência de Dare.

Finn faz uma negação com a cabeça.

— Mais tarde eu venho ver como você está.

Quando o vejo sair, pego meu celular.

Nenhuma mensagem nova.

Dare não respondeu.

Fecho os olhos.

— Levante.

Abro os olhos e está escuro outra vez.

Não tenho ideia de quanto tempo fiquei na cama, mas acredito que já tenha se passado um dia todo. Ou doze horas. Ou doze anos. Quem sabe? E quem se importa?

Olho para Finn.

— Já chega, Calla. Você é mais forte do que isso. Talvez você não se importe, mas eu me importo. Eu preciso de você. Preciso que se levante, que seja forte. Durma à noite se quiser, mas de manhã eu preciso que você arraste o seu rabo pra fora dessa cama e pare de sentir pena de si mesma.

Ele é firme, severo, fraternal.

Meus olhos se enchem de lágrimas, então eu os fecho.

Ouço um suspiro quando ele sai e fecha a porta.



FINN

Eu me sento na cadeira da escrivaninha da minha irmã e a vejo dormindo. Observo as marcas deixadas pelas lágrimas em seu rosto, olho para seu cabelo emaranhado e úmido.

Isso é patético.

Sua dor me faz sentir dor.

DêUmJeitoNissoDêUmJeitoNissoDêUmJeitoNisso, as vozes cantarolam.

Não posso. Esse é o problema. Não tenho como dar um jeito.

Ela está fragilizada e com medo e sozinha, e eu sei que está em desespero.

Ele a deixou desesperada.

Fechando uma carranca, puxo o celular da minha irmã para ter certeza de que ele não mandou outra mensagem. Deletei sua última resposta, aquele lamentável "Também estou com saudade".

Ele que se foda.

Que se fodam todos que querem feri-la.

Não posso salvá-la se ela continuar se ferindo.

Mas o mundo é assim. O mundo é feio e doloroso, e é assim que eu vou dar um jeito nele. A resposta surge clara como o dia. O mundo é doloroso demais. Só existe um jeito de fazer isso parar, de dar um jeito nessa situação.

Dar um jeito.

Eu vou.

Eu vou.

Dar um jeito.

Considere feito.

Digo isso às vozes, e as palavras parecem acalmá-las, pois ficam em silêncio por um minuto enquanto eu inclino o corpo para beijar a testa da minha irmã e me deitar perto dela.

Só tem um jeito. Só um Só um Só um.

~~Dar um jeito.~~

37

CALLA

A luz do sol invade meu quarto e eu acordo me sentindo... viva outra vez.

Não sei por quê.

Talvez tenha sido a indignação de Finn ontem à noite, seu apelo, sua exigência para que eu tirasse o traseiro da cama quando amanhecesse.

Não sei o que foi que deu certo, o que desfez aquela piedade que eu vinha sentindo de mim mesma, mas cá estou, sentada na beirada da cama.

É hora do almoço e eu estou de pé.

Sinto o cheiro da comida se espalhando pela casa, então desço a escada e encontro meu pai e Finn na cozinha.

Eu me sento sem dizer uma palavra. Não penteei o cabelo, não vesti roupas que não sejam as de dormir. Mas os dois fingem não notar.

Meu irmão prepara um prato para mim e o desliza pela mesa.

— Está melhor? — pergunta, atento.

Confirmo com a cabeça, olhando para a comida, dando uma garfada.

— Você passou quatro dias na cama — conta, os olhos fixos em meu rosto.

— Quatro? — Ergo o rosto para olhá-lo nos olhos, depois para encarar meu pai, que assente com o semblante cuidadosamente inexpressivo.

Olho outra vez para baixo.

— Eu estava cansada.

Faço uma pausa ao perceber como minhas mãos estão brancas enquanto seguram o garfo. Pálidas, magras, apáticas. Preciso me levantar. Preciso de um pouco de ar fresco. Preciso deixar de ser patética. Mas primeiro...

— O Dare ligou? — Não consigo evitar a pergunta.

Depois de uma pausa, meu pai assente.

— E? — Ouço a esperança em minha voz e detesto isso.

— E nada — diz, firme. — Ele só queria saber como você estava. Você não está pronta para isso, Calla. Já enfrentou problemas demais nos últimos meses. Precisa se concentrar em si mesma, não no Dare.

A dor se espalha por mim, me fazendo desviar o olhar na direção da janela, na direção da cocheira vazia onde Dare morava.

Eles não entendem. Foi ele quem evitou que eu me afogasse na loucura nestas últimas semanas. Não sei por que estou tão dependente, mas estou. E aí eu o mandei embora porque aparentemente sou uma lunática.

Levo uma segunda garfada à boca.

— Obrigada pelo prato — digo a Finn.

Ele assente.

Mastigo e engulo, tomando cuidado para não olhar para meu pai. Ainda estou brava com ele.

Tão brava que sinto meus pulmões se aquecerem e minha garganta se apertar.

Dou uma terceira garfada. Enquanto mastigo, começo a ter a sensação de que há serragem em minha boca, como se nunca fosse conseguir engolir, porque minha garganta está quente demais, porque não consigo respirar.

O que está acontecendo? Confusa, olho para o prato. Salsicha polonesa, chucrute, maçã... e noz-pecã.

Noz-pecã.

Minhas mãos imediatamente voam em direção à garganta, que, após três garfadas, já começa a se fechar.

Chio enquanto tento respirar. O calor se espalha pelo meu peito quando todos os vasos em meus pulmões começam a se alargar. Posso sentir cada um deles pulsando em minha caixa torácica, se alongando, inchando.

— Pai — consigo dizer, levantando-me da cadeira.

Ele se apressa para me segurar e eu caio em seus braços, tentando respirar com pulmões rígidos.

Forço uma inalação, mas o ar não vem. Não consegue entrar nos tecidos inchados da minha garganta. É como se houvesse um torno apertando, espremendo.

Sou um peixe fora d'água e tudo se transforma em barulho, não consigo distinguir as palavras. As luzes embaçam, se transformando em uma única cor, e acho que isso é a última coisa que eu vejo antes de não ver mais nada.

Alguém me envenenou.

Antes de abrir os olhos, já sei onde estou. E também por que estou aqui.

Alguém me deu castanhas.

Alguém.

Finn.

Essa informação é desorientadora, então tento me concentrar em onde estou.

Reconheço o cheiro estéril, de remédio, do hospital. Ouço com os olhos fechados, notando o ranger dos sapatos das enfermeiras, os aparelhos bipando, os sussurros no corredor.

Tem um tubo no meu nariz. Oxigênio. O quarto gira e eu foco o olhar.

Concentre-se, Calla.

Abro os olhos e o quarto continua girando. Foco o olhar outra vez.

— Calla?

A voz do meu pai é calma e baixa. Olhando em sua direção, mas sem virar a cabeça, eu o vejo em uma cadeira no canto, me observando com atenção.

— Eu não estou morta?

Ele sorri.

— Não. Graças a Deus.

Minha memória está confusa.

— Tinha castanhas — recordo. — Na minha comida.

Meu pai hesita.

— Sim. Sinto muito, Calla. Eu não vi...

— Há quanto tempo eu estou aqui? — pergunto.

Minha voz sai esganiçada; sinto a garganta queimar. Por experiência própria, sei que me entubaram.

— Há umas quatro horas. Nós chamamos uma ambulância. Você passou o tempo todo apagada. Agora vai ficar bem. Amanhã vai estar totalmente recuperada, mas eles querem te manter aqui durante a noite, em observação.

Concordo com a cabeça.

Eu me sinto pesada, grogue, lenta.

— O que aconteceu comigo? — Minha voz sai lentamente.

— Eles deram um remédio para te acalmar— meu pai conta, hesitante.

Seus olhos se concentram em meu rosto como se ele estivesse preocupado com a possibilidade de eu surtar. Eu já surtei antes?

— Onde está o Finn?

Meu pai desvia o olhar.

— O Finn não pôde vir, filha.

— Por quê?

Ele suspira e olha outra vez para mim.

— Você sabe o motivo, Calla.

Fecho os olhos. Porque Finn sabe que sou alérgica a castanhas. Ele sabia, e mesmo assim deu castanhas para eu comer.

Era assim que ele achava que ia me salvar? Aliás, me salvar de quê? Da tristeza? Seu plano era me matar e depois matar a si mesmo?

A dor se espalha por mim como uma onda, primeiro lentamente, depois forte, e então insuportável.

— Preciso ver meu irmão — digo, sentindo as palavras cortarem meus pulmões.

— Não. — A voz do meu pai é firme.

Eu me viro para o lado, desviando o olhar, observando as nuvens sobre o estacionamento.

— Onde ele está? — pergunto, sem encarar meu pai.

Ele não responde, o que faz um arrepio percorrer minha espinha.

— A culpa é minha — digo, agora me virando para olhá-lo nos olhos. — A culpa não é dele. É minha. Eu li o diário dele, eu sabia que ele estava decaindo e devia ter te contado, mas não contei. Ele quer me salvar da dor, pai. Não estava tentando me fazer mal. Não é culpa dele, é minha.

Minha voz se torna irregular, desesperada, e meu pai acaricia meu braço.

— Calma, meu amor. Vai ficar tudo bem.

— As coisas não estão nada bem — insisto, com a voz aguda. — Não castigue o Finn. Não o interne, pai. A culpa é minha. Não é dele. *Não é dele.*

Agora estou praticamente gritando e me contorcendo na cama, tentando me levantar, mas meu pai me segura deitada, implorando para eu ficar ali. Antes que eu perceba, as enfermeiras já chegaram — duas, uma de cada lado. A primeira injeta alguma coisa no meu acesso intravenoso e toda a minha agitação desaparece. A raiva some, a frustração se torna inexistente.

— Por favor, ligue para o Dare — sussurro. — Por favor.

E aí tudo fica escuro.

38

FINN

— Me solta! — grito, me contorcendo para me livrar das enfermeiras. — Eu não fiz mal a ela. Não fiz! Eu só precisava ajudar. Vocês não entendem?

Ninguém vê e ninguém se importa. Elas apenas prendem meus punhos com faixas elásticas à cama.

Choramingo contra o travesseiro antes de mordê-lo. Eu jamais faria mal a Calla.

Jamais.

Estou fazendo tudo isso *por ela*.

— Me deixem ir embora — imploro. — Eu não posso deixar a minha irmã sozinha. Por favor. Eu vou ficar bonzinho. Vou ficar bonzinho!

Mas todo mundo me ignora e, quando ergo o olhar, vejo o rosto do meu pai pressionado contra o vidro.

Grito por ele, mas ele não responde. De fato, seu rosto se afasta e ele não volta.

— Volte aqui! — sussurro.

Mas ele não volta.

As lágrimas escorrem queimando enquanto penso em minha irmã deitada em alguma cama de hospital, sozinha e com medo e pensando que tentei matá-la.

Eu jamais faria isso. *Faria?*

VocêFezVocêFezVocêFez. NãoLembra? As vozes riem de mim, chiando e berrando. *VocêFezVocêFez.*

Não fiz.

Jamais faria.

Mas minhas mãos estão presas à cama e eu não tenho como argumentar.

Eu dei as castanhas para ela. Também não tenho como argumentar.

Fecho os olhos para tentar afastar as vozes em minha cabeça, para tentar abafá-las. *AssassinoDeIrmãAssassinoDeIrmãAssassinoDeIrmã. VocêÉUmMonstro. Monstro. NósControlamosVocê NósControlamosVocê.*

Monstro.

39

CALLA

Quando abro os olhos, imediatamente vejo Dare, sentado ao meu lado.

Está com o corpo espalhado em uma cadeira, os olhos fechados, as mãos agarradas aos apoios para os braços. Ele é grande, esguio, flexível. É lindo e sombrio e *está aqui*.

Ele está aqui.

Respiro fundo e pisco para ter certeza de que não estou imaginando coisas.

Ele ainda está aqui.

— Dare — meu sussurro é gutural e dolorido.

Imagino que ele não vá conseguir me ouvir, mas ele ouve. Seus olhos se abrem rapidamente e encontram os meus.

E aí ele sai da cadeira e se ajoelha ao lado da minha cama, encostando sua testa à minha.

— Cal — diz, os lábios se esfregando em minha pele. — Graças a Deus.

— Como você conseguiu entrar aqui? — pergunto, confusa. — Por acaso o meu pai...

Dare assente.

— Você pediu para ele me ligar e ele ligou.

Que Deus o abençoe. Uma onda de gratidão se espalha por mim.

— Onde ele está? Com o Finn?

— Não sei — responde. — Mas eu disse para o seu pai que ficaria com você até ele voltar.

Fecho os olhos e inspiro seu cheiro, essas notas almiscaradas que me lembram o mundo lá fora.

— Não me deixe — peço. — Por favor. Você prometeu uma vez, lembra?

Dare assente.

— Prometi. E não vou deixar você. Mas não peça mais para te deixar.

Concordo com a cabeça. *Não vou fazer isso*.

Ele acaricia minha mão. O toque de seus dedos é suave.

— Do que você consegue lembrar, Cal?

— O Finn fez o meu prato — relato. — Dei três garfadas e percebi as castanhas. Pecãs.

Dare fecha os olhos.

— Você tem sorte por estar aqui — diz, sem abri-los. — O seu pai falou que uma única castanha poderia te matar. Quase que você não consegue chegar à emergência.

— Mas eu consegui — lembro. — Agora estou aqui. Por favor, não deixe eles internarem o Finn. Ele não queria me fazer mal. Eu sei que não queria. Ele jamais faria isso...

Mas Dare se senta e joga o peso do corpo nos tornozelos.

— Não sei o que eles vão fazer — diz, vagamente. — Não depende de mim.

Fecho os olhos e sinto a dor rasgar meu peito.

— Talvez você estivesse certo. Talvez eu precise mesmo deixar esta cidade. Talvez eu seja uma muleta para ele... ou talvez eu seja mais uma preocupação para ele. O Finn detesta o fato de eu estar triste por causa da nossa mãe. Talvez ele só quisesse acabar com a minha dor. Se eu fosse embora, ele poderia se concentrar em si mesmo... e não em mim.

— E você poderia se concentrar em *si mesma* — Dare acrescenta.

Abro os olhos e percebo como seu rosto parece cansado, arrasado. Estendo a mão para tocá-lo, e a pulseira azul do hospital desliza pelo meu antebraço. Quando foi que eu perdi peso? Meus braços estão tão finos.

— Eu confio em você — lanço, de forma repentina. — Eu confio que você me vai me contar tudo a seu respeito quando estiver pronto.

Agora Dare hesita.

— Não é questão de estar pronto. É só que... eu não posso tornar o seu fardo ainda mais pesado, Cal. Depois *disso*, você entende?

Isso. Meu fardo. Meu irmão tentando me matar.

Será que nunca vai terminar?

— Sinto muito por tudo — digo silenciosamente enquanto olho para seu rosto cansado. — Sinto muito porque a minha vida é louca.

Ele olha em volta e fica arrepiado.

— Você quase morreu, Calla.

— Eu estava cuidando das coisas — digo, em minha defesa e em defesa de meu irmão. — O Finn precisa de mim. Eu estava cuidando.

— Estava? — Dare arqueia a sobrancelha.

Eu desvio o olhar.

— O diário dele está no meu quarto. Assim que eu sair daqui, preciso terminar de ler. Eu sinto que, de alguma forma, o segredo está

lá. Eu tenho que ler o diário inteiro.

Dare me encara com o olhar escuro feito a noite.

— Tem certeza?

Confirmo com a cabeça.

— Positivo. Andei lendo algumas partes de tempos em tempos, mas já passou da hora de terminar. Você sabe quando vão me dar alta?

Dare nega com a cabeça.

— Não sei. Ouvi falarem em amanhã cedo, talvez, dependendo de como você estiver. Você ficou muito nervosa ontem à noite.

— É claro que eu fiquei! — esbravejo. — Eles querem trancar o meu irmão em um hospício.

Dare me lança um olhar compreensivo.

— Faça o que eles mandarem hoje e com certeza você vai ter alta amanhã cedo.

Concordo enquanto ele segura minha mão.

— E se eu chegar à conclusão de que eu quero me mudar para Berkeley antes? — pergunto, antes de voltar a dormir.

Dare aperta meus dedos.

— Eu vou com você.

— E se eu quiser ficar aqui?

— Aí eu fico com você.

— Não importa o que acontecer?

— Não importa o que acontecer.

Isso é tudo o que preciso ouvir. A paz me preenche e eu caio no sono. Ao amanhecer, os médicos me dão alta.

— Quero ir de moto com o Dare — digo ao meu pai.

Ele me encara com olhos entristecidos e resignados.

— Tudo bem.

— E, se o Dare quiser alugar a cocheira de novo, quero que você permita.

Ele assente.

— Algo mais? — Sua voz parece frágil.

— Sim. Eu te amo.

Lanço os braços em volta de seu pescoço porque, mesmo que ele tenha interferido onde não devia, fez isso porque me ama. Quando se afasta, seus olhos estão marejados.

— Vá, então. Eu devo chegar em casa um pouco mais tarde.

— Posso ver o Finn antes de ir?

Ele me encara com pesar.

— Receio que não.

Concordo com a cabeça enquanto um nó se forma em minha garganta.

— Você vai levá-lo para casa?

— Vou tentar — promete.

E isso terá que ser suficiente.

Dare me acompanha até o lado de fora do hospital e me ajuda a subir na moto antes de me entregar o capacete. Seguro em sua cintura e nós seguimos nosso caminho sentindo o vento no rosto.

A liberdade nunca foi tão boa.

"VIVA LIVRE". Agora, mais do que nunca, entendo essas palavras.

Quando chegamos em casa, Dare fica parado.

— Quero estar com você quando for ler o diário. Pode ser?

Ele se mostra hesitante e doce enquanto espera no último degrau da escada da varanda. Fico constrangida por Dare achar que estou tão fragilizada, mas ainda assim concordo com a cabeça.

— Tudo bem.

Ele me acompanha até o quarto e se senta à escrivaninha enquanto eu me ajeito na cama.

— Só finja que eu não estou aqui — aconselha.

Nego com a cabeça, mas faço justamente o que ele disse.

Ignoro o inglês sexy sentado a poucos centímetros e me concentro em salvar meu irmão.

Para isso, mergulho em seu diário. Só falta ler um quarto dele. Começo deslizando o olho pelas páginas, e as informações se alternam entre momentos de lucidez e outros de loucura.

Ignore-a.
Ignore tudo.
Deus adiuva me. Que deus me ajude. Me. AJUDE.
QUE DEUS me ajude.
Nocte liber sum.
À noite, sou livre.
Preciso proteger meu segredo. PRECISO Preciso Preciso.

As informações sem nexo seguem por páginas, com imagens e frases e palavras, até eu chegar a uma página específica. Encontro um desenho de Finn sentado comigo no topo do precipício. Ele está jogando sua medalha de lado.

Ela precisa disso agora. Eu não eu NÃO EU NÃO.
Proteja-a de mim. Proteja-a de mim.
PROTEJA-A de mim.
O amor é mais forte que a morte que a morte que a morte.

O AMOR É MAIS FORTE QUE A MORTE.
Acabe com isso ACABE COM ISSO acabe com isso.
ACABE COM TUDO ISSO.
Por favor, Deus.
Por favor.

— Proteja-a de mim — sussurro, sentindo como se houvesse água gelada sendo bombeada em minhas veias. — O Finn sabia que ia fazer alguma coisa comigo. E estava com medo. Por isso tentava me dar sua medalha de são Miguel, para me proteger. Mas eu a devolvia toda vez.

Eu me sinto vacilante e em choque enquanto olho para Dare.

— Ele sabia que me faria mal. Não conseguiu evitar.

O olhar de Dare parece atormentado.

— Então ele usou as castanhas para te proteger?

Confirmo com a cabeça, e reconhecer isso estilhaça meu coração.

— Ele jamais me faria mal. Só queria me ajudar. No estado em que o meu irmão está, esse foi o único jeito que ele encontrou de me ajudar.

— Você descobriu o segredo dele? — Dare pergunta, solene.

Nego com a cabeça.

— Não. Ele fala disso o tempo todo. Diz: "Tenho que proteger o meu segredo". Mas não diz o que é.

Dare abre a boca para falar, mas a voz de Finn é mais alta, estrondosa, passando pela porta.

— O que você está fazendo com o meu diário? — exige. Sua pele está pálida e seus olhos azuis, ainda mais pálidos. Mesmo assim, sua expressão é tempestuosa, furiosa. — Você disse que não tinha achado

o meu diário, Calla. Mas estava com ele o tempo todo? Escondendo de mim?

Gaguejo, tentando formular uma resposta, mas ele não deixa.

— Mas que droga, Calla — continua esbravejando. — Eu estou me matando de culpa e tentando encontrar um jeito de te ajudar, e você está agindo pelas minhas costas o tempo todo.

Finn permanece parado, tão furioso que está tremendo.

— Você quer saber qual é o meu segredo? — pergunta, agora com uma calma gelada.

Aterrorizada, faço que sim com a cabeça.

— Então venha descobrir — chama.

Ele dá meia-volta e sai correndo, desce a escada e passa pela porta. Por um instante, fico assustada, mas, com um salto, estou de pé. Ouço Dare atrás de mim enquanto corro para seguir meu irmão.

40

FINN

Acelero pela trilha, derrapando pelo caminho, com minha irmã logo atrás de mim. Não paro até chegar ao precipício porque, Deus, preciso acabar com isso. Não posso continuar assim. Não posso esconder. Ela precisa saber Ela precisa saber Ela precisa saber.

Não posso continuar assim.

Ela precisa saber.

— Finn! — Calla grita.

Eu me viro lentamente e quase não consigo suportar seu semblante. Ela sente tanta dor, e sou eu quem está provocando isso.

Sou eu.

Sou eu.

Sou eu.

— Eu não queria te fazer mal, Cal — digo baixinho, cada palavra cortando meu coração. — Não posso continuar com isso. As vozes... são mais altas do que a minha. Elas me mandam fazer coisas e eu não consigo abafá-las. Eu não quero mais te ferir. E não quero ferir a mim mesmo. Você é parte de mim e eu sou parte de você e nós não devemos sentir dor.

Calla fica congelada, com a mão erguida, porque está ouvindo o desespero em minha voz.

— O segredo está me matando, Cal — digo. Estou desesperado, fraco, patético. — Não posso continuar assim. Não é justo nem com você nem comigo.

— Qual é o seu segredo, Finn? — ela pergunta, lentamente, com cuidado para não se aproximar de mim. — Será que você pode sair daí da beirada e me contar?

Dou risada, um som histérico, que mais parece o de uma hiena demente.

Estou desequilibrado desequilibrado desequilibrado.

Virei um desequilibrado.

— Você não está cansada de me mandar sair do limite do precipício? — questiono. — Não está? Não está cansada de se equilibrar nesse penhasco e ficar com medo de a gente cair? Só sei que eu estou. Isso aqui não é vida, Calla. Isso não é vida. O amor é mais forte do que a morte, Cal, e isso aqui não é vida.

A respiração da minha irmã é alta, e eu ouço Dare se aproximando, vindo por trás, mas ele entende o sinal que Calla faz e não diz nada.

— Isso é a vida — ela diz. — É a vida porque eu te amo. Eu faço qualquer coisa por você. Você é parte de mim e eu sou parte de você e as coisas são assim. Por favor, meu Deus, por favor... Não faça isso, Finn. Não faça isso.

Agora ela está chorando, tremendo no vento, tremendo com as lágrimas, mas eu me sinto mais leve do que me sentia há eras. Há semanas. Há meses.

— Vai ficar tudo bem, Calla — digo. — Logo isso vai acabar.

Sorrio e inclino a cabeça na direção do céu.

É boa a sensação do sol batendo no meu rosto.

Calor = Vida.

— Não — Calla grita, avançando na minha direção, mas eu dou um passo para trás.

— Não se mexa — digo a ela. — Ou eu faço agora mesmo o que tenho que fazer.

— Por que você está agindo assim? — pergunta, em meio ao pranto, seu cabelo ruivo resplandecente chicoteando com o vento. — Por quê, Finn?

— Porque as coisas têm que acontecer na ordem — respondo, o mais calmamente que consigo, mas ainda assim parece que estou gritando. — Você não estava acompanhando a ordem, Calla. Eu tive que te fazer acompanhar a ordem. E é assim que eu faço isso. O meu segredo. Eu estou ajudando você, mas você não enxerga.

— *Qual é o seu segredo?* — ela grita, desesperada, com lágrimas descendo pelo nariz, pela boca, caindo na blusa. — Me conte e eu vou te ajudar, Finn. Me salve e eu vou te salvar, lembra? Deixe eu te salvar!

Ela está aos prantos e eu também, e já não reconheço mais a diferença entre nós.

FaçaIssoFaçaIssoFaçaIsso!, as vozes entoam. *PulePulePulePule. Mostre para ela mostre para ela mostre para ela.*

— Calem a boca! — grito, cobrindo os ouvidos. — Eu tentei, Calla. Eu tentei. Mas não posso continuar com isso. Nem mesmo por você.

Vejo minha lista mental, porque ela é a única coisa que abafa as vozes. Uma página limpa, sem marcas ou manchas. Mentalmente, escrevo as palavras com cuidado, depois as risco, afinal estou prestes a concluir minha tarefa. Finalmente.

~~Acabar com isso agora.~~

— Eu te amo — digo a minha irmã.

Dou um passo para trás.

— Nãããão!

O grito severo quebra minha concentração e eu fico parado na beirada, com o vento soprando contra mim, porque a voz não é de Calla. É de Dare.

Confuso, ergo o olhar e encontro Dare parado exatamente onde Calla estava ainda há pouco.

Cabelos ruivos batem nos meus ombros enquanto meu tênis se equilibra na beira.

All Star rosa.

Deviam ser pretos.

— Calla, saia da beirada — Dare implora. — Por favor.

Calla, saia da beirada.

O que está acontecendo?

Me equilibrando precariamente, olho para Dare e tento reunir meus pensamentos loucos e frenéticos para entender o que está acontecendo. As peças do quebra-cabeça se separam e giram e voltam a se unir, formando uma ideia parcialmente coesa. Mas, em meio a tudo isso, uma coisa fica clara.

Finn não está aqui.

Estou parada no limite do precipício, onde meu irmão estava agora há pouco. Pânico e confusão tomam conta de mim enquanto dou uma volta completa, procurando Finn, mas, no fundo, já ciente de uma coisa.

Agora eu conheço o segredo dele.

Ele não está aqui.

Nunca esteve.

41

CALLA

Estou em pânico enquanto olho para Dare, desorientada e aterrorizada conforme o vento faz o cabelo chicotear meu rosto.

Não. Isso não está certo. Não pode ser.

Imagens, lembranças e fotografias invadem minha mente na velocidade da luz, se encaixando, se separando, formando um mosaico, depois mais um e mais um.

Lembranças.

Minha vida.

Toda ela.

Me esforço para encontrar palavras, mas não consigo, então começo a chorar, me afastando da beirada e afundando no chão. Dare passa os braços por baixo dos meus, me puxando para um lugar seguro.

— Eu estou louca. — Ouço meu choro enquanto me agarro a ele.

Sua voz é rouca e calma:

— Não está — insiste. — Não está.

— Cadê o Finn?

Minha voz sai fraca porque, no fundo, eu sei onde Finn está. Em meu coração, em minha alma, eu sei. Apenas venho escondendo de mim mesma o tempo todo.

Dare permanece em silêncio, as mãos enormes acariciando minhas costas, tentando me acalmar.

Eu preciso saber. Eu preciso ver.

Me afastando violentamente dele, fico de pé com um salto e avanço na direção de casa. Abro a porta e atravesso os cômodos escuros, subindo de dois em dois degraus a escada até me ver diante da porta do quarto de Finn.

Olho para a madeira, vejo suas fibras, suas ranhuras, a maçaneta. Não quero abri-la porque sei o que vou encontrar.

Mas preciso abri-la. Preciso ver.

Estendo a mão e viro a maçaneta.

Rangendo, a porta se abre e revela o que meu coração já sabia que eu encontraria.

Um quarto vazio.

A cama continua ali, perfeitamente arrumada. Os pôsteres de Finn, do Quid Quo Pro e do The Cure, continuam dependurados nas paredes. Seu All Star preto está ao lado da cama, como se ele fosse calçá-los a qualquer momento, mas não vai. Sua roupa suja continua no cesto. Seus livros, arrumados nas prateleiras. Seu travesseiro favorito o espera, seus CDs, seu celular. Tudo isso.

Mas ele não vai voltar.

A mão de Dare está em minhas costas, me reconfortando. Não consigo sentir nada.

Entro no quarto e me sento na cama, ouvidos atentos em busca de algum sinal do meu irmão.

Mas não há som algum.

Abraço meus joelhos enquanto ondas e ondas de lembranças ressurgem.

Minha realidade não tem sido real.

— O Finn morreu com a minha mãe — digo em voz alta, a dor arrasando meu coração, meus ossos, minha alma.

Vejo as imagens se encaixando em minha mente, formando as cenas.

Eu o vejo entrando em seu carro vermelho. O carro que nunca dividimos porque cada um tinha o seu.

— Ele estava indo a um show do Quid Pro Quo. Estava no caminho, descendo a montanha, quando eu liguei para a minha mãe. Ela atravessou a faixa da estrada enquanto subia. Estava com pressa porque estava atrasada e colidiu de frente com ele em uma curva.

Não consigo suportar a dor.

Ela me deixa cega, surda, transforma tudo em um rugido.

Não consigo enxergar. Não consigo ouvir.

— Ela dirigia rápido demais — continuo, com a voz sem vida, as lembranças se desenrolando como um filme em minha cabeça. — E estava distraída porque falava comigo ao telefone. Eu matei a minha mãe e o meu irmão. *Finn.* Meu Deus.

Solto a cabeça nas mãos.

A dor é maior do que eu acreditava, mais pesada do que eu achava ser capaz de suportar. Lampejos de Finn invadem minha mente... de quando éramos pequenos. De quando nos divertíamos no mar. De Finn gritando meu nome quando brincávamos de esconde-esconde, de Finn me chamando quando estava com medo. E daquela noite, quando ele passou a cabeça pela porta do salão antes de sair... a última vez que o vi vivo.

A gente se vê mais tarde, Cal. Tem certeza que não quer ir?

— Eu não fui com ele — sussurro, as palavras cortando minha garganta ao passarem por ela. — Ele ia com um amigo do Grupo e eu não fui junto. Porque eu queria... queria... você.

Eu já conhecia Dare na época.

Eu o conheço há meses e meses. *Isso não pode estar acontecendo. O que está acontecendo? Será que estou louca? Será que perdi a sanidade?*

Dare me abraça apertado, me deixa chorar, tenta desesperadamente me proteger dessa dor.

Ele não consegue.

Ele não consegue mais me proteger da dor.

— Eu queria ficar em casa para você vir aqui e nós podermos ficar sozinhos.

Meu coração acelera enquanto tenho vislumbres de Dare em minha mente. Seu sorriso, seu rosto, suas mãos. Olho agora para suas mãos, para o anel de prata.

— Eu dei esse anel para você no Dia dos Namorados — recordo.

Ele assente. E eu prossigo:

— Você... eu... a gente já está junto há um tempo. A gente estava... naquela noite... eu deixei o meu irmão ir sozinho ao show porque queria ficar com você.

Deus, eu sou um monstro.

Deus, eu sou louca.

Olho para ele.

— O que está acontecendo comigo?

Eu me sinto atordoada, confusa, perdida.

Dare engole em seco.

— A sua mente estava tentando se proteger. Você teve que enfrentar uma perda enorme. Sentia que era a culpada quando, na verdade, não

era. E isso foi mais forte do que você conseguiu aguentar. No dia seguinte à morte deles, você acordou e pensou que o Finn ainda estivesse aqui. Aliás, houve vários momentos em que você pensou *que era o Finn*. Os médicos disseram que você precisava se libertar sozinha desse problema, que tentar te trazer de volta à realidade poderia te machucar.

— Então todo mundo acompanhou a minha loucura — percebo, horrorizada. — Eu sou louca. Eu sou louca e nunca soube disso.

Os olhos escuros de Dare se fixam nos meus.

— Não, você não é — diz, com firmeza, decidido. — Você teve um colapso porque a sua realidade era pesada demais. O nome disso é estresse pós-traumático e amnésia dissociativa. Você não é louca.

— Era por isso que você não podia estar comigo. — Aos poucos, encaixo as peças do quebra-cabeça. — Porque eu sou uma lunática e não lembrava de você. Como eu pude esquecer uma parte tão importante da minha vida? Até agora eu não entendi por que você quis ficar comigo. Eu sou louca.

Estou chorando outra vez, ou ainda estou chorando, porque talvez nunca tenha parado. Dare me abraça apertado junto a seu peito.

— Eu te amo, Calla. Você esqueceu de mim porque se sentia culpada demais para lembrar. Porque achava que era culpa sua. Porque achava que não merecia nada de bom.

— Talvez eu não mereça.

Choro desesperadamente, fecho os olhos bem apertados, mas só consigo ver o rosto do meu irmão.

— Merece, sim — Dare rebate, com firmeza. Abro os olhos e o observo. — Você me ama, Calla. E eu te amo.

Eu me lembro da primeira vez que ele me disse essas palavras, meses atrás, mas é difícil visualizar as lembranças. Elas estão obscuras e distantes, é como se eu tentasse arrastá-las por águas turvas em minha direção.

— Não consigo lembrar de tudo — digo, frustrada. — Minhas lembranças com você são... não são muitas.

Dare assente.

— Os médicos disseram que elas vão voltar aos poucos. Primeiro eu... tentei me manter distante, mas era difícil demais e você não estava progredindo. Aí nós decidimos que eu entraria na sua vida como um desconhecido para ver se estimularia as suas lembranças a voltarem.

Eu me sinto tão tola... tão louca.

— Você fingiu que estava me conhecendo? No hospital?

Dare me encara, os olhos cuidadosamente inexpressivos.

— Isso.

— Foi por isso que eu tive a sensação de que já te conhecia — percebo lentamente. — Por isso você parecia familiar, por isso eu me senti atraída por você desde o primeiro momento.

O déjà vu, os sonhos.

— Você não tem ideia de como foi difícil — ele conta. — Fingir que eu não te conhecia.

Engulo em seco porque só consigo imaginar e porque tudo isso foi culpa minha. Então me ocorre uma ideia, uma coisa horrível.

— As pecãs — arfo, com os olhos arregalados, em choque. — O Finn não deu as pecãs para mim. Eu mesma as peguei e comi. O hospital... Eu não estava no hospital para visitar o Finn... Eu estava lá

por mim. Eles estavam me observando... para ver se eu ia tentar me ferir outra vez.

Dare não diz nada, mas seu silêncio deixa tudo claro.

Deslizo o olhar pelo quarto, por este quarto tão, tão vazio.

— O meu irmão está morto.

As palavras têm um gosto amargo.

Dare não diz nada, apenas me abraça mais apertado.

— Você sempre soube.

Minhas palavras são duras.

Ele olha para mim.

— Eu não podia te contar. Os médicos disseram que você tinha que lembrar sozinha.

— Como eu sou idiota. — As lágrimas correm pelas minhas bochechas e eu as enxugo, ignorando meu coração acelerado porque ele está dolorido demais. — Eu sou louca.

— Não é.

— Está tentando convencer a si mesmo ou a mim? — pergunto, dolorosamente.

— A você — ele rebate, decidido.

Olho pela janela, para a chuva, para o penhasco. O vento, a chuva, a lama... tudo isso se mistura às minhas lágrimas e forma uma combinação vermelha. Porque vermelho = perigo.

Minha perda é esmagadora.

Meu irmão.

A dor.

Tudo é vermelho.

— Desde que nós nascemos, éramos Calla e Finn — digo, apática. — Quem eu sou agora?

Ele me abraça, alheio ao tempo, alheio a tudo além de mim. Eu prossigo:

— Eu sou metade de um todo. O Finn é a minha outra metade. O que eu vou fazer sem ele?

Meus soluços raspam as costelas, cortam-nas, fazendo-as sangrar, porque agora eu sou vermelha. Jamais vou voltar a ser verde.

— Não sei — Dare admite, impotente. — Eu quero te dizer que tudo vai ficar bem. Mas prefiro dizer que vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para tudo ficar bem. Eu acho que... só o tempo...

— Não venha me dizer que o tempo cura todas as feridas — interrompo, dura. — Isso é mentira.

— Eu sei. Mas com o tempo você aprende a lidar. É só isso. A dor se torna menor e as suas lembranças te mantêm viva. Isso é o que eu sei.

— Ele queria ser salvo... ou melhor, queria que as pessoas o salvassem de sua própria mente. — Tento deixar meu coração dormente, mas sei que isso é perigoso agora. Não posso mais me esconder dele. Tenho que enfrentar toda a dor dessa situação. — No diário... ele pede várias vezes para ser salvo. Ele me pedia para salvá-lo. — Olho nos olhos de Dare. — Eu não consegui salvá-lo, Dare.

Ele não desvia o olhar.

— Você não tinha como salvá-lo, Calla. Ele não morreu por causa do problema mental. Morreu em um acidente de carro. Você não poderia ter feito absolutamente nada para salvá-lo.

— Mas eu não devia ter ligado para a minha mãe durante o temporal. Isso teria salvado os dois.

Dare agarra meus braços e me força a olhar para ele.

— O que você está dizendo simplesmente não é verdade, e você sabe disso. Quando chega a nossa hora, chega a nossa hora. Decidir está fora do nosso alcance. É Deus que decide.

Percebo um vazio dentro de mim. Ouço as palavras de Dare, mas não consigo senti-las.

— Preciso descansar — afirmo, me virando de lado na cama do meu irmão.

Fecho os olhos para a realidade, buscando conforto na escuridão. Dare não discute; mas apenas se deita atrás de mim e me abraça forte.

— Você não precisa ficar.

— Preciso, sim. — Suas palavras são firmes. — O seu pai não está aqui e eu não vou te deixar sozinha. Não vou te deixar de novo, ponto-final.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e mantenho os olhos fechados.

Eu me viro para Dare, inalando seu cheiro, ouvindo seu coração bater forte e alto e de verdade. Ele está vivo, e eu também estou.

Mas Finn não está.

— Não sei como vou sobreviver a isso — murmuro.

Dare beija o topo da minha cabeça, sua respiração formando um mero sussurro.

— Um dia de cada vez.

Viro o rosto para olhar para ele; meus olhos estão quentes e vermelhos.

— Com você?

Ele assente.

— Comigo.

A dor se espalha por mim, e eu decido fazer a única coisa que sei fazer.

Dormir.

E sonhar.

Porque, durante todo esse tempo, meus sonhos têm sido minhas lembranças.

42

— Ele se foi, meu amor.

Com o celular na mão, olho para a parede. Esperando e esperando Finn ligar, esperando sua voz, esperando que ele esteja bem. Dare passa o braço em meus ombros, me mantendo em pé.

Meu pai me encara, seus olhos azul-claros como os de Finn, em choque.

— Calla?

Viro o rosto para encará-lo, mas observá-lo faz tudo parecer real demais, então apenas fecho os olhos.

Eu não consigo.

— Calla, encontraram o carro dele. Está na baía. Ele caiu do precipício… A sua mãe estava na pista do lado do desfiladeiro, mas o carro do Finn caiu no sentido contrário. Desceu pelas pedras e afundou na água.

Não, não é verdade.

Não pode ser.

— Não — digo claramente, olhando para meu pai, que está atordoado. — Ele estava usando a medalha. Estava protegido.

Meu pai, o homem mais forte que conheço, se vira de costas e seus ombros tremem. Depois de alguns minutos, se vira outra vez para mim.

— Eu quero ver — digo, apática. — Se for verdade, eu preciso ver.

Meu pai já está negando com a cabeça, a mão em meu braço.

— Não.

— Sim.

Não espero até vê-lo concordar; simplesmente deixo a casa, desço a escada, atravesso o atalho, chego à praia. Ouço Dare atrás de mim, mas não paro. Há bombeiros e policiais e fitas de isolamento e paramédicos reunidos, e um deles tenta me deter.

— Senhorita, não — diz, com a voz séria, o rosto horrorizado. — Não pode se aproximar.

Eu me debato para me libertar porque preciso ver Finn.

Vejo seu carro vermelho amassado, que já tiraram da água.

Vejo alguém deitado na areia, coberto por um lençol.

Ando calmamente em direção a essa pessoa porque, embora seja o carro de Finn, não pode ser Finn. Não pode ser, porque ele é meu irmão gêmeo e porque eu não senti nada disso acontecer. Eu saberia, não saberia?

Dare me chama, sua voz atravessa a espessa névoa, mas não respondo.

Dou um passo.

E mais um.

E mais um.

Então estou ajoelhada na areia, ao lado de um lençol.

Meus dedos tremem.

Meu coração estremece.

E eu puxo o tecido branco.

Ele está usando calça jeans e camisa, roupas adequadas para ir a um show. Está pálido, magro, comprido. Está frágil, está frio, está morto.

É Finn.

Fico sem ar quando seguro sua mão molhada, quando me curvo sobre ele e choro e tento respirar e tento falar.

Ele não parece ter se envolvido em um acidente. Há um corte em sua testa, mas só isso. Finn só está muito branco, muito, muito branco.

— Por favor — imploro. — Não. Hoje não. Não.

Meu corpo está balançando e eu sinto mãos me tocando, mas as afasto porque este é Finn. E nós somos Calla e Finn. Ele é parte de mim e eu sou parte dele e isso não pode estar acontecendo.

Choro tanto que meu peito dói, minha garganta parece em carne viva, e tenho que me esforçar para respirar.

— Eu te amo — digo a ele quando consigo respirar outra vez. — Me desculpe por não estar com você. Me desculpe por não poder ter salvado você. Me desculpe. Desculpe.

Ainda estou chorando quando mãos grandes seguram meus ombros e me erguem do chão. Então sou puxada por braços fortes.

— Shhh, Calla — meu pai murmura. — Vai ficar tudo bem. Ele sabia que você o amava.

— Sabia? — pergunto duramente, me afastando para olhar o rosto do meu pai. — Porque ele queria que eu fosse com ele, e eu o fiz ir sozinho. E agora ele está morto. Eu liguei para a minha mãe e os dois estão mortos.

Meu pai me puxa outra vez em seus braços e dá tapinhas em minhas costas, demonstrando uma ternura que eu jamais soube que ele possuía.

— Não é culpa sua — diz, entre os soluços doloridos. — Ele sabia que você o amava, meu amor. Todo mundo sabia. Sua mãe também.

Minha mãe. Engulo mais um soluço.

Isso não pode estar acontecendo.

Não pode estar acontecendo.

Essa não é a minha vida.

Eu me afasto do abraço de meu pai e, totalmente anestesiada, subo o atalho que leva à minha casa, passando por paramédicos, pela polícia, passando por todo mundo que me encara. Vou direto ao quarto de Finn e solto o corpo em sua cama.

De canto de olho, avisto seu diário.

Pego o caderno e leio a caligrafia tão familiar, escrita por mãos que eu tanto amo.

Serva me, servabo te.

Me salve e eu vou te salvar.

Tudo bem.

Tudo bem, Finn.

Fecho os olhos, porque amanhã, quando eu acordar, vou descobrir que tudo isso foi um sonho. Foi um pesadelo. Só pode ser.

O sono logo vai chegar, e, quando eu acordar, vou salvar Finn.

Acordo assustada com as lembranças tão vívidas, tão horríveis, tão paralisantes daquela noite.

A luz do sol banha meu quarto, clareando cada canto, cada canto vazio.

Sinto um arrepio, saio da cama e olho pela janela. Lá embaixo, Dare e meu pai estão sentados, conversando seriamente na varanda.

Visto uma roupa e saio pela porta dos fundos, indo na direção da estrada. Quando começa a chover, ajeito o capuz na cabeça, mas sigo em frente.

Tenho que chegar a um lugar.

Aperto o passo, correndo até chegar à cruz e às fitas.

Engolindo em seco, fico em pé ali, olhando para o desfiladeiro, para as árvores quebradas, para as marcas escuras e os galhos tortos.

Minha mãe morreu aqui.

Mas disso eu sempre soube.

Eu me viro e vou ao outro lado, aquele que dá para o mar.

Também há coisas vivas quebradas deste lado. Samambaias e arbustos e árvores. Estão inclinados e quebrados, mas continuam vivos. Florescem na lateral da montanha, vindos do precipício.

O *viridem*.

O verde.

Ainda está aqui, mas Finn não está mais.

Seu carro caiu pela lateral da montanha e afundou no mar.

Olhando para a superfície da água, seria impossível imaginar que Finn morreu ali. Mas eu sei. Agora sei.

E é um peso grande demais para suportar.

Grande demais.

Eu me agacho e puxo os joelhos para perto do peito. Fecho os olhos e sinto as lágrimas quentes se formarem atrás das pálpebras. Então me concentro e imagino o rosto de Finn. Imagino-o sentado ao meu lado, agora.

— Oi, Cal — ele diria. — Sabia que os garranchos dos médicos matam mais de duas mil pessoas por ano, porque as fazem tomar remédios errados?

Entristecida, nego com a cabeça.

— Não.

Ele assente, presunçoso por saber tantos fatos esquisitos ligados à morte.

— É verdade.

— Mas não foi isso que matou você. — Minha voz sai forte, e percebo que estou falando alto.

E não estou nem aí.

O Finn imaginário dá de ombros.

— Não, mas todo mundo está morto igual, independente da causa.

— Eu não estou pronta, Finn — digo, com a voz fraquinha. — Você não pode ir embora.

Meu corpo é como gelo; meus nervos, como madeira. Ele sorri para mim, aquele sorriso que eu tanto amo, aquele que ilumina seus olhos azul-claros.

— Eu não pude evitar, Cal — responde, sério. — Mas você precisa enfrentar isso. Precisa seguir com a vida.

— Para onde? Não posso ir a lugar nenhum sem você.

A dor em minha voz é aguda como um bisturi, me cortando com precisão.

— Você tem que seguir em frente — Finn continua. — Não há outra escolha, Calla. Você tem que fazer isso.

— Calla?

A voz vem de trás, da lateral da estrada. Em menos de um minuto Dare está sentado ao meu lado, olhando para o mar comigo.

— Com quem você estava falando? — quer saber, tentando esconder a preocupação.

— Com o Finn — respondo, sendo franca. — Mas não se preocupe. Eu sei que ele não é real. É só que... você não entende como é. Ele é parte de mim, Dare. E ele se foi. Não sei como vou viver desse jeito.

Minha voz falha, eu choro e me sinto fraca. Mas não posso fazer nada. As lágrimas simplesmente escorrem e escorrem e escorrem.

Dare me puxa para junto de si, para junto de seu peito, e me embala ali, me protegendo do mundo, da minha própria tristeza.

— Vamos voltar para casa — ele sugere. — Você não precisa ficar aqui.

"Aqui" é onde meu irmão morreu.

Assinto, concordando, obedecendo, porque a verdade é que não sei onde eu deveria estar. Não sei mais.

Deixo Dare me guiar para dentro de casa e preparar o almoço para mim e ficar sentado comigo na varanda até chegar a hora do jantar. E a minha vida segue assim pelos próximos vários dias.

Faço o que tenho que fazer como um robô, e Dare e meu pai esperam me ver voltar à vida.

43

No quarto dia, estou sonhando outra vez.

Sonho que Finn e eu estamos andando pela trilha, fazendo ioga perto do penhasco, nadando no mar, pescando caranguejo. Sempre somos Finn e eu, pois ele não está mais na minha realidade. Finn se foi. Mas, nos meus sonhos, ele está vivo.

Nos meus sonhos, ele está em todos os lugares, em toda a minha volta.

E aí, quando acordo, olho para todos esses lugares onde ele deveria estar, mas não está.

Ele se foi.

Hoje, quando acordo, Dare está me esperando na escrivaninha de Finn. Já é de manhã e ele tem uma aparência incrivelmente casual e elegante em sua roupa justa, perfeita, enquanto o corpo está espalhado sob o sol.

— Acho que não posso ficar aqui — digo, minha voz rouca de sono e endurecida pelas lembranças. — Todo lugar aonde eu vou... me lembra.

Dare assente.

— Eu sei.

— O que eu faço? — sussurro.

Ele nega com a cabeça.

— Não posso decidir por você.

— Eu não quero deixar o Finn — confesso, com a voz trêmula.

Mas Dare nega outra vez com a cabeça.

— O Finn não está aqui, Calla Copo-de-Leite.

Engulo em seco, porque ele realmente não está.

— É tão estranho — devaneio, apática. — O tempo todo eu pensei que Finn estivesse me convencendo a ir ao cemitério para me despedir da minha mãe. Mas era só a minha mente tentando me fazer enxergar a realidade, não era?

Dare me encara com empatia nos olhos.

— Não sei. Talvez sim.

— Preciso me despedir dos dois — admito. — Mas hoje eu não posso. Preciso de um minuto para compreender a situação.

— Use todo o tempo de que precisar — ele responde, sabiamente. — Você não deve apressar as coisas. Vamos fazer tudo no seu tempo.

Ele me puxa para perto e eu fico aqui, com a testa em seu peito, suas mãos acariciando minhas costas.

Sinto minhas mãos queimando e as puxo, examinando-as.

Tenho bolhas nas palmas, vermelhas e descascando porque estão em processo de cicatrização. Até agora eu nem as tinha percebido, embora pareça claro que estão aqui já há algum tempo.

— Você andou cortando madeira — Dare explica, me deixando constrangida.

Constrangida porque sei o motivo disso.

— Esse era o trabalho do Finn — conto, em voz alta. — Eu devo ter... Devo ter pensado que eu era o Finn. E que o meu pai ia precisar de madeira quando a gente se mudasse para fazer faculdade.

Concordando, Dare assente solenemente, e até agora me pergunto por que ele quis ficar comigo. Eu estou uma bagunça.

— É como se a minha mente fosse uma corda se desfazendo, até eu me ver agarrada a um último fiapo.

Dare nega com a cabeça e me puxa outra vez para perto.

— Você precisa de um tempo para processar o que aconteceu. É só isso.

— Ainda não estou pronta. — Minha voz se desfaz quando penso em seguir a vida sem Finn.

— Eu sei.

Mais quatro dias se passam antes de eu voltar a tocar no assunto. Quatro dias durante os quais meu pai e Dare me observam em busca de sinais de que estou ficando louca, quatro dias de chuva e sono e silêncio.

Quatro dias de luto.

Quatro dias com tudo pairando em minha cabeça até que, numa manhã, chego à conclusão de que basta.

— Preciso fazer o que eu tenho que fazer — declaro durante o café da manhã.

Dare se levanta imediatamente.

— Tudo bem.

Subo na garupa da moto e nós fazemos o caminho até o cemitério com meu rosto pressionado contra os músculos fortes de suas costas. Fecho os olhos e inspiro o ar fresco, absorvendo o brilho do sol, sentindo o calor.

Calor = Vida.

Paramos em frente ao portão e Dare desliga o motor, cuidadoso para respeitar o solo sagrado do cemitério.

— É tão estranho — comento enquanto passamos pelo terreno perfeitamente cuidado, desviando das lápides. — Eu lembro do

velório da minha mãe, mas não lembro de nada do de Finn. Nós fizemos um funeral conjunto, mas a minha mente bloqueou tudo o que tinha a ver com o Finn. Agora eu começo a lembrar. Você estava lá. Eu vi o seu rosto. Você estava lá atrás.

E naquele momento eu não me lembrava dele. Meu Deus.

Dare aperta minha mão e nós seguimos andando direto rumo à parte de trás do cemitério, direto para a área onde as lápides de mármore branco pontuam o chão.

Olho primeiro para a de minha mãe, porque, embora seja devastador, é mais fácil.

"LAURA PRICE". Caindo de joelhos, deslizo o dedo pelas letras.

— Sinto muito, mãe — sussurro para ela. — Desculpa por ter ligado. Sinto muito por você ter atendido. Por favor, me perdoa. Eu te amo. Eu te amo.

Dou um beijo em meus dedos e os pressiono na lápide antes de enfrentar a tarefa mais difícil de toda a minha vida.

Eu me viro para me despedir do meu irmão.

Do meu Finn.

A lápide de Finn é branca e brilha sob o sol do fim da tarde. As palavras fazem lágrimas brotar em meus olhos, pois as reconheço imediatamente... Se parecem muito com o que Mark Twain escreveu na lápide da filha.

E essas palavras ficam embaçadas quando meus olhos voltam a se encher, ou continuam se enchendo, de lágrimas.

"Boa noite, doce Finn. Boa noite, boa noite."

Choro por mil motivos, e um deles é o meu pai. No fim das contas, ele deve ter prestado atenção em mim ao longo dos anos, porque certa vez eu disse a ele que achava esse epitáfio triste e lindo. E,

quando chegou a hora de cuidar da lápide de Finn, eu não estava em condições de ajudar.

Mas meu pai lembrou, e isso é perfeito.

É exatamente o que eu teria escolhido para o meu irmão.

Eu me ajoelho no chão à minha frente, sem me preocupar com o fato de a terra estar enlameada, e deslizo os dedos pelas palavras.

"Boa noite, doce Finn."

Ele *era* doce. E gentil e bondoso e divertido. Ele era brilhante e espirituoso e perspicaz. Era meu irmão, meu melhor amigo, a outra metade da minha alma. Era tudo isso e muito mais. Era *mais* do que qualquer um entendia ou poderia vir a entender. Porque eu fui a única sortuda que teve a oportunidade de realmente conhecê-lo.

— Que saudade — sussurro. — Meu Deus, que saudade.

Solto o corpo contra o mármore frio e converso com meu irmão. Converso com ele como se estivesse sentado aqui comigo. Conto a ele sobre o nosso pai, Dare e meu colapso mental.

— Então eu também sou louca — confesso a Finn. — E sempre acreditei que precisasse me preocupar *com você*.

Sinto Dare suspirar atrás de mim, porque sei que ele quer me falar que eu não sou louca; mesmo assim, ele não me interrompe. Apenas fica de lado e me deixa fazer o que tenho que fazer.

— Acho que tenho que ir embora — digo a Finn. — Não quero te deixar, mas você não está aqui de verdade e eu não posso ficar. Não agora. É doloroso demais. Entende?

A lápide fria de mármore não responde. Encosto a bochecha nela, desejando desesperadamente que Finn estivesse aqui.

Mas ele não está.

Estou secando uma lágrima quando vejo.

E fico tensa e assustada. Olho fixamente.

Uma libélula paira perto de mim.

Grandes e reluzentes, suas asas azul-esverdeadas brilham com o sol do fim da tarde. Ela me observa, sem medo, enquanto plana no ar, suas lindas asas batendo rapidamente. Parece estar aqui por mim, porque não vai embora. Simplesmente me espera, me observa.

Meu coração acelera e eu fico congelada, em choque.

— Finn — arfo.

Não sou louca o suficiente para acreditar que o inseto é Finn. Mas *sou* louca o suficiente para acreditar que Finn está aqui, em algum lugar, e que me enviou a libélula como um sinal.

Ele está bem.

De repente, me vejo cercada por uma paz estranha, por uma coisa etérea, de outro mundo, e acho que deve ser real.

Finn está me trazendo conforto, como sempre fez.

— Eu te amo — sussurro. — Eu *sempre* vou te amar.

A luz do sol recai sobre a libélula de tal modo que faz parecer que ela está piscando os olhos para mim. Em meio às lágrimas, esboço um sorriso, e ela sai voando. Eu a vejo seguir seu caminho, e a paz que havia à minha volta agora se espalha em meu interior, chegando ao meu coração.

Ainda sinto a dor, mas, pela primeira vez em mais de uma semana, me pego calma, tranquila, esperançosa.

O ar parece reverente e sagrado, e eu hesito para me movimentar, para me levantar, dar um passo. Mas tenho que fazer isso, porque sei que é importante. Esse é o propósito, foi por isso que Finn esteve aqui.

Para me ajudar a seguir em frente.

Para me mostrar que ele está bem, que eu estou bem e preciso continuar sem ele.

É assustador, porque nunca estive sem ele antes. Mas, ao mesmo tempo, sei que não estou sozinha.

Ergo o olhar na direção de Dare.

— Foi de verdade, não foi?

Ele me observa, confuso.

— A libélula — esclareço. — Você viu?

Ele assente.

— Sim, por quê?

— Por causa da... história.

Conto a ele a história que pensei que Finn tivesse me contado, aquela que, na verdade, eu li em seu diário. A história das libélulas. E do paraíso. E da paz.

Quando termino, os olhos de Dare estão arregalados.

— Você acha que era o Finn? — pergunto, séria.

Dare balança a cabeça.

— Não sei. Mas foi um sinal, seja ele de Deus, do Finn ou da sua mãe. Foi um sinal. Eu acredito nisso, Calla.

Eu não sou louca.

Sorrio e fecho os olhos, absorvendo o calor.

É aqui, debaixo do sol e contra a minha vontade, que me sinto em paz pela primeira vez desde a morte de Finn. É uma sensação incrível, e tenho medo de me movimentar, medo de que, quando eu fizer isso, essa sensação possa desaparecer.

Porém, quando abro os olhos, ela ainda está aqui.

Ainda sinto o calor.

Ainda me sinto viva.

E Dare está comigo. Sorri para mim, segurando minha mão para me ajudar a levantar. Quando estou em pé, observo outra vez o nome do meu irmão.

"Boa noite, doce Finn."

— Eu te amo, Finn — digo a ele enquanto me inclino para a frente e beijo o topo da lápide. — Uma hora a gente se encontra.

Passamos pelos arcos do cemitério, mas, antes de subirmos outra vez na moto, faço uma pausa e olho para o rosto mais lindo do mundo.

— Foi você — digo, suavemente. — Foi você que me trouxe de volta. Você me trouxe para a realidade. E me acorrentou, me ancorou, me amou. Pensei que fosse terminar comigo, mas só porque eu não entendia o que estava acontecendo. Você estava tentando me ajudar durante esse tempo todo.

Ele me puxa para perto e me beija suavemente.

— Eu te amo, Calla.

— Eu sei.

E sei mesmo. Pela primeira vez em meses. Eu vejo. E acredito.

Subo na garupa de Dare e pressiono a bochecha em suas costas.

Sob minhas mãos, seu coração bate vibrante e forte e vivo.

Eu também tenho que viver.

Tenho um motivo para isso, e esse motivo é caloroso e vívido e está sentado à minha frente.

O sol aquece minhas costas conforme subimos a montanha.

44

Estou sentada com o diário do meu irmão no colo, curvada sobre sua cama. É aqui que mais sinto a presença dele, aqui, em meio às suas coisas. Isso me reconforta.

Abro o caderno surrado e passo as páginas até encontrar o que estou procurando: os últimos registros. Meu sangue gela enquanto observo as palavras... coisas loucas, sem sentido, contornando a página.

A caligrafia é minha.

— Pensei que fosse ele — murmuro. — Mas, aqui no final, o diário dele era meu.

Dare está sentado ao meu lado, tomando todo o cuidado possível com o espaço do meu irmão. Ele sabe que este lugar é sagrado para mim, especialmente agora.

— O corpo humano é uma coisa impressionante — diz, em tom de explicação. — A mente sabe se proteger de si mesma quando está diante de muita dor.

Tateio a carta de tarô em minha mão, deslizando os dedos nas bordas esfoladas.

— Queria saber o que significa isso — sussurro. — Não sabia que Finn tinha interesse em tarô.

Dare fica em silêncio porque, é claro, jamais vamos saber a resposta.

Solto o diário e vejo as páginas se debaterem enquanto caem no chão.

Quando elas caem, a capa fecha... uma metáfora da vida de Finn.

A história acabou.

Engulo em seco.

— Ele adorava uma boa metáfora — digo em voz alta.

— Como assim? — Dare se aproxima.

Balanço a cabeça.

— Deixa pra lá.

— Vamos dar uma volta na praia — ele convida, com um leve sorriso. — Vai ser bom tomar um pouco de ar fresco.

Descemos pela trilha e eu hesito quando passamos pela capela, porque agora me lembro dos funerais. Hesito quando passamos pelo depósito de lenha, porque me lembro de Finn cortando madeira. E hesito quando passamos pelo píer, porque Finn e eu passeávamos de barco com muita frequência.

— Aquela noite... quando eu fiquei bêbada. Eu estava esperando e esperando o Finn voltar com o barco. Mas era eu o tempo todo. Era eu quem estava no barco.

Dare olha para a água.

— Eu te procurei. Quando você chegou ao píer, eu logo percebi que estava bêbada.

Aperto os punhos, mas desvio o olhar. Deus, que constrangedor. Tudo isso.

— E o Nocte — murmuro. — Aquelas iniciais eram nossas. Nós tínhamos ido lá várias vezes antes.

— Sim. Você e eu. E também você, o Finn e eu.

Olho para ele, agora de um jeito penetrante, porque andei tão envolvida com minha própria dor que não pensei nisso. Ele e Finn foram amigos a maior parte do ano.

— Você ajudou o Finn no trabalho final de química — recordo, de repente revivendo a memória de Finn e Dare diante da mesa da cozinha, mexendo em tubos de ensaio.

Dare sorri.

— Sim. Se tivesse feito o trabalho sozinho, o seu irmão acabaria explodindo a casa toda.

Não consigo me controlar e acabo rindo.

— Provavelmente.

Lanço um olhar para ele.

— Eu não perguntei como *você* está.

Dare me observa.

— Agora eu estou melhor. Por um tempo, pensei que tivesse perdido vocês dois.

Engulo em seco, me lembrando do dia em que o vi socando o depósito de lenha.

— Deve ter sido tão frustrante.

— Você nem imagina.

Mas, sim, eu imagino.

— Pelo menos você ainda tem as suas lembranças. A minha mente é como um queijo suíço. — Mordisco o lábio por um segundo. — Aquele desenho meu que você fez. Eu estava nua e usando um sapato de salto alto.

Dare me olha nos olhos.

— Você lembra do dia em que serviu de inspiração para eu fazer aquele desenho?

Ah, eu me lembro. Agora definitivamente me lembro. Foi pouco antes do fim das aulas, e foi um dia incrível.

— Lembro, sim. Mas... eu encontrei o desenho no diário do Finn. Ele escreveu "MINHA" por todo lado. Mas não foi o Finn. Acho que fui eu.

Dare suspira.

— Você me pediu a imagem na noite em que me pegou desenhando.

Em choque, olho para ele.

— Eu fiz isso? Não me lembro.

Não me lembro de nada disso. Por que eu escreveria em cima do meu desenho?

Porque eu achava que era Finn. Porque, inconscientemente, eu não conseguia me desprender de Finn.

Balanço a cabeça e desvio o olhar.

— Isso é de enlouquecer. Consigo me lembrar de algumas coisas, mas outras... especialmente ligadas a você... ainda são confusas.

Ele lança um olhar sombrio para mim.

— Talvez a sua mente ainda esteja tentando te proteger.

Isso me faz congelar onde estou, com os pés afundando na areia úmida.

— Do que ela estaria tentando me proteger?

Dare encolhe os ombros. Seu rosto é uma máscara totalmente sem expressão.

— Você sabe que eu não posso dizer.

A frustração me faz querer gritar.

— Os médicos disseram que eu preciso lembrar sozinha — digo, com firmeza. — Não disseram que você não pode me dar pistas.

Ele nega com a cabeça.

— As lembranças vão voltar. Mas saiba que eu jamais te causaria mal. Não de propósito.

— É o seu passado — digo, confiante. — De onde você veio. Eu sei que é isso. Porque é essa parte que continua confusa. Como a gente se conheceu. Mas eu pesquisei o seu nome na internet. E não encontrei nada de excepcional.

Exceto a parte de ele ser podre de rico e ter um milhão de "amiguinhas" loiras. Distraída, enrolo nos dedos uma mecha do meu cabelo longo e ruivo, porque eu não poderia estar mais longe de ser loira.

Enfim, continuamos sentados na praia, olhando para o mar, ouvindo as ondas quebrando contra as pedras.

Descanso a cabeça no ombro de Dare.

— Não pode ser nada tão ruim. Seja lá o que for, eu aceitei antes. Eu sei disso porque a gente ainda estava junto quando... tudo aconteceu.

Quando eu perdi tudo.

Dare segura minha mão, seu polegar brinca com o meu. O único barulho à nossa volta é o da água chegando à encosta e sendo arrastada de volta para o oceano. Para lá e para cá. É um som tranquilizador, calmante.

— Eu vou descobrir — digo, em tom leve, deixando a preocupação para trás.

— Sim, vai. — Parece haver um leve trepidar na voz de Dare.

Por dias, penso nisso.

Por dias, nenhuma lembrança surge.

Dare fica a meu lado como um campeão. Vem à minha casa todos os dias. Fica sentado comigo, vê fotos comigo, toca piano para mim.

Todos os dias, lembro por que o amo.

A cada dia o amo mais.

Então, certa noite, eu me vejo no sofá de Dare, com a cabeça em seu colo enquanto ele está lendo.

— Eu te amo — digo de repente, as palavras cortando o silêncio.

Dare afasta o olhar do livro, seus olhos escuros e fumegantes.

— Tem certeza disso?

Abro um sorriso.

— É claro. Como não amaria?

Ele me puxa para perto, seu livro cai no chão e eu sou apertada junto a seu peito. Suas mãos pressionam, puxam, tateiam.

O calor dessas mãos me penetra, me faz derreter, e, pela primeira vez em dias e dias, queima dentro de mim, me levando a desejar mais.

— Obrigada por ficar comigo — murmuro. — Você não tinha essa obrigação.

Fico parada, depois o beijo.

Seus lábios são calorosos e firmes e acendem uma chama em minha barriga, uma chama da qual eu tinha me esquecido. Ela desfaz minha tristeza por um momento e eu arqueio o corpo em sua direção, puxando-o mais para perto.

Existe tanta intimidade aqui... tanto desejo.

Suas mãos deslizam pela minha clavícula, descem pelos meus braços, incendiando minhas terminações nervosas. Elas são como chamas queimando tudo, exceto meu desejo de estar com ele aqui e agora.

— Você acha que não me merece — sussurro contra seu pescoço. — Mas não é verdade. Sou eu que... eu que não mereço *você*.

Eu o beijo outra vez e ele geme em minha boca, o barulho me levando ao limite da loucura porque eu sei que ele também me deseja.

— Você me quer — digo com urgência, puxando-o para perto. — Eu sei que quer.

— Eu sempre quis você — responde, com a voz rouca.

— Agora somos só você e eu. Você e eu. Só isso importa.

Me faça sentir alguma coisa que não seja dor.

Eu o beijo outra vez, e suas mãos se espalham pelo meu quadril, se posicionando de modo que eu me ajeite contra sua ereção. Respiro fundo e olho em seus olhos, que guardam mil segredos, mas que eu tanto amo.

Eu o amo.

— Independente do que acontecer — sussurro.

Ele para de beijar meu pescoço e lança um olhar questionador enquanto ergue a mão para afastar meu cabelo do rosto. A luz reflete em seu anel e me faz congelar.

Porque fragmentos surgem em minha mente. Fragmentos de lembranças. Imagens dessa mesmíssima expressão, de seu anel brilhando à luz da lua enquanto ele me diz alguma coisa. É uma confissão e ele está alarmado, desconcertado, ansioso.

É a noite do acidente. *Antes* do acidente. Vejo seus lábios se movimentando, mas não consigo ouvir as palavras. É como se ele estivesse em um túnel de vento e as palavras se perdessem em meio ao barulho. É como se eu já tivesse visto essa cena exata antes.

Eu me esforço para ouvir as palavras da minha memória.

— O que foi? — Dare pergunta, baixando a cabeça mais uma vez, deslizando seus lábios calorosos pelo meu pescoço.

Exatamente neste momento inoportuno, enquanto o toque de Dare faz minha pele pegar fogo, os fragmentos enfim se unem. As peças do quebra-cabeça se encaixam. *Finalmente*.

A lembrança se forma e eu inalo, amedrontada, enquanto me afasto violentamente dele.

— Eu lembro — sussurro. Dare fica paralisado, apreensivo, os olhos ônix brilhando, as mãos congeladas em meus braços. — Você... Você esteve o tempo todo aqui por mim. *Você veio aqui por minha causa*.

Seus olhos se fecham como uma cortina, e eu percebo que estou certa.

Sua respiração é instável, e suas mãos tremem enquanto ele me toca, enquanto se recusa a me deixar, mesmo agora.

— Você ainda tem uma pergunta, Calla — ele me lembra, com a voz melancólica. — Faça a sua pergunta.

E, com medo no coração e gelo nas veias, eu a faço.

CONTINUA...

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Nocte

Site da autora
https://www.courtneycolewrites.com/

Facebook da autora
https://www.facebook.com/courtneycolewrites

Instagram da autora
https://www.instagram.com/courtneycolewrites/

Twitter da autora
https://twitter.com/Court_Writes?lang=en

Goodreads da autora
https://www.goodreads.com/author/show/3112212.Courtney_Cole

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/10265-courtney-cole


Rachel Renée Russell
DIÁRIO
de uma garota nada popular
Histórias de um conto de fadas nem um POUCO encantado
Best-seller do New York Times
YEKUS EDITORA

Diário de uma garota nada popular - vol. 8

Russell, Rachel Renée
9788576866008
304 páginas

Compre agora e leia

Oitavo volume das desastradas aventuras de Nikki. Depois de bater com a cabeça na aula de educação física, em 1º de abril, o dia da mentira, Nikki tem um sonho louco em que ela, suas melhores amigas, Chloe e Zoey, seu paquera, Brandon, e a malvada MacKenzie acabam interpretando personagens de contos de fadas clássicos. E é claro que as histórias não terminam como se poderia esperar – porque cada uma delas tem um toque especial do Diário de uma garota nada popular!

Compre agora e leia


NA ESCURIDÃO DA FLORESTA
A família Cresswell mantém seus segredos bem enterrados
Eliza Wass
VERUS EDITORA

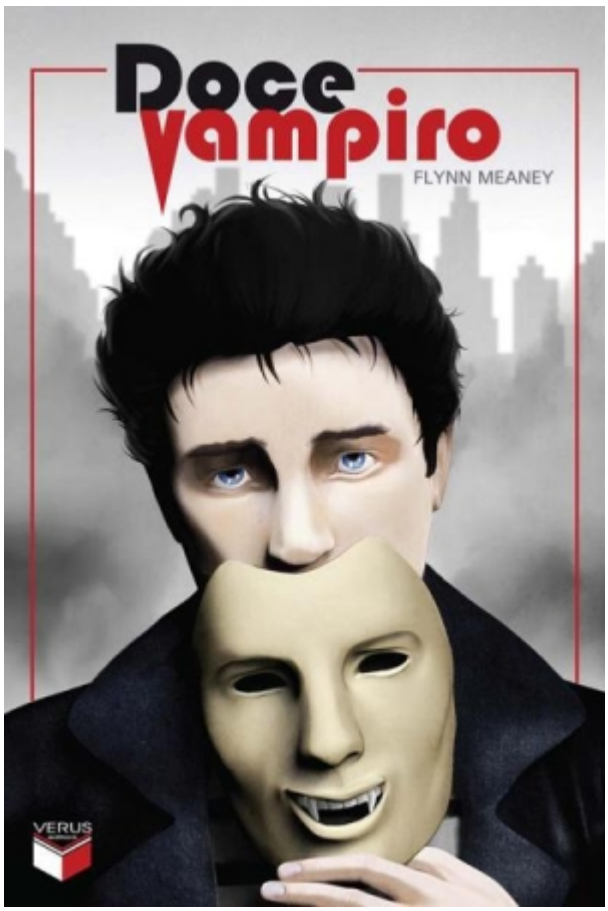
Na escuridão da floresta

Wass, Eliza
9788576865919
210 páginas

Compre agora e leia

A família Cresswell mantém seus segredos bem enterrados. Castella Cresswell e seus cinco irmãos sabem o que é ser diferente. O mundo deles se resume à casa decrépita da família na escuridão da floresta. Os irmãos obedecem estritamente às leis de Deus, cujas mensagens são transmitidas através de seu pai. Na escola, eles ainda são encarados como os esquisitos de sempre, isolados dos colegas. Até Castley ser obrigada a fazer dupla com George Gray, que lhe dá um vislumbre do que é uma vida com liberdade e opções. O mundo de Castley rapidamente se expande para além da floresta e das crenças que um dia ela pensou serem as únicas verdades. Há um futuro esperando por ela se conseguir escapar das garras de seu pai, mas a garota se recusa a deixar os irmãos para trás. E, justo quando ela começa a bolar um plano, seu pai faz um anúncio arrepiante: os Cresswell em breve retornarão para seu lar no paraíso.

Compre agora e leia


Doce
vampiro
FLYNN MEANEY
VERUS

Doce vampiro

Meaney, Flynn
9788576861171
171 páginas

Compre agora e leia

Alguns vampiros são bonzinhos. Outros são maus. E outros apenas fingem para arrumar namorada. Tímido e desajeitado, Finbar Frame, de 16 anos, é daquele tipo que nunca consegue ficar com nenhuma menina. Alto, magro, pálido e alérgico ao sol, infelizmente as garotas do colégio não apreciam sua pele nem sua alma sensível. Mas, quando ele percebe que elas são obcecadas por vampiros, decide adotar medidas extremas – ele vai se tornar um vampiro! Ou pelo menos fingir... para ser mais popular entre a ala feminina do colégio. Com sua natureza introspectiva e a pele incrivelmente pálida, é surpreendentemente fácil para Finbar fingir ser um vampiro. Mas, quando conhece uma menina que talvez goste dele de verdade, descobre que a vida como falso vampiro é mais complicada do que ele pensava. Este hilário romance de estreia foi escrito para todos aqueles que acreditam que às vezes até os caras bonzinhos – sem dentes afiados ou pele brilhante – podem conquistar a garota dos seus sonhos.

Compre agora e leia


BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
UMA TOCHA NA ESCURIDÃO
SABAA TAHIR

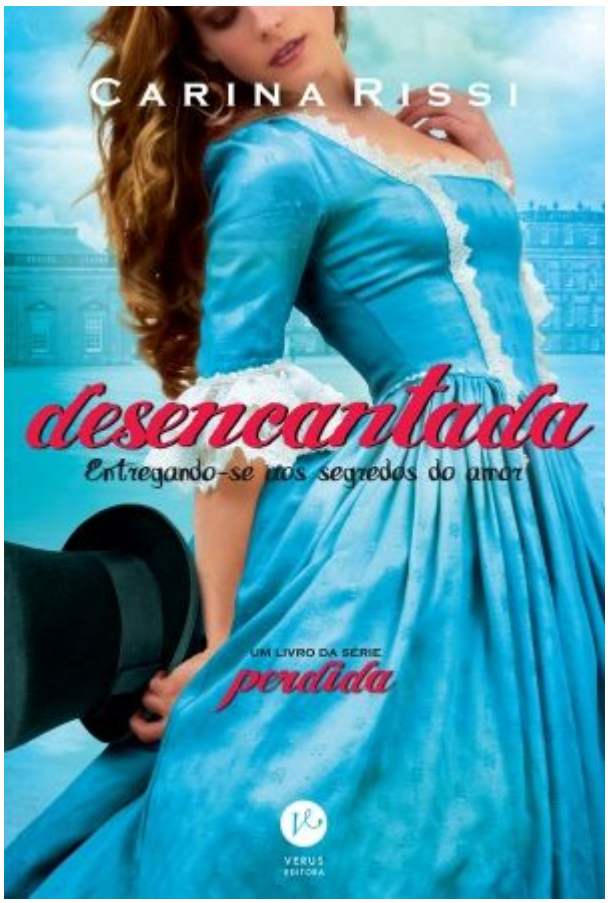
Uma tocha na escuridão

Tahir, Sabaa
9788576865957
434 páginas

Compre agora e leia

O segundo livro da história épica e eletrizante sobre liberdade, coragem e esperança. Na continuação de Uma chama entre as cinzas, Laia e Elias estão em fuga, lutando pela vida. Após os eventos da quarta Eliminatória, os soldados marciais saem à caça dos dois enquanto eles escapam de Serra e partem em uma arriscada jornada pelo coração do Império. Laia está determinada a invadir Kauf, a prisão mais segura e perigosa do Império, para salvar seu irmão. E Elias está determinado a ficar ao lado dela — mesmo que isso signifique abrir mão da própria liberdade. Eles terão de lutar a cada passo do caminho se quiserem derrotar seus inimigos: o sanguinário imperador Marcus, a cruel comandante, o sádico diretor de Kauf e, o mais doloroso de todos, Helene — a ex-melhor amiga de Elias e nova Águia de Sangue do Império. A missão de Helene é terrível, porém clara: encontrar Elias Veturius e a escrava erudita que o ajudou a escapar... E acabar com os dois. Mas como matar alguém que você ama desesperadamente?

Compre agora e leia


CARINA RISSI
desencantada
Entregando-se aos segredos do amor
UM LIVRO DA SÉRIE
perdida
VERUS
EDITORA

Desencantada – Perdida – vol. 5

Rissi, Carina
9788576866787
476 páginas

Compre agora e leia

Quinto volume da série best-seller Perdida. Valentina descobriu muito cedo que não é nenhuma princesa encantada. Em vez de bailes e romance, tudo o que a jovem deseja é viver com dignidade longe do pai e da madrasta, que faz da vida dela um inferno. A oportunidade surge com uma proposta de casamento. Seu coração não se alvoroça com o pretendente, mas ela não está à procura do amor. Seria um bom arranjo, mas outro homem, o capitão Leon, umespanhol misterioso, porém mal-educado, irritante, atrevido — além de lindo —, surge em sua vida e, após um equívoco embaraçoso, ela fica noiva desse homem detestável. Então, Valentina sofre um terrívelacidente. Assustada, porém disposta a provar que não foi um simples acaso, ela vai atrás do responsável. Entre suspeitas, disfarces, segredos e contratempos, a moça acaba sucumbindo à irresistível e devastadora paixão, sem se dar conta de que o perigo ainda está à espreita. Poderá uma garota nem um pouco encantada viver um conto de fadas e conseguir o seu final feliz?

Compre agora e leia